

S É R I E

INTERPRETANDO
O NOVO TESTAMENTO

T i a g o



Augustus Nicodemus Lopes

Interpretando a Carta de Tiago, de Augustus Nicodemus Lopes © 2006 Editora Cultura Cristã. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 2006
3.000 exemplares

Revisão

Davi Miguel Manço
Denise Ceron

Editoração

Ailton de Assis Dutra

Capa

Lela Design

Conselho Editorial

Cláudio Marra (Presidente), Alex Barbosa Vieira, André Luis Ramos, Francisco Baptista de Mello, Mauro Fernando Meister, Otávio Henrique de Souza, Ricardo Agreste, Sebastião Bueno Olinto, Valdeci da Silva Santos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lopes, Augustus Nicodemus

L864i Interpretando a Carta de Tiago [Novo Testamento Interpretado] /
Augustus Nicodemus Lopes. – São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

192p. ; 16x23 cm.

ISBN 85-7622-155-1

1. Bíblia – Comentário. 2. Novo Testamento – Tiago. I. Lopes, A.N. II. Título.

CDD – 227.91



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
C. Postal 15.136 – CEP 01599-970 – São Paulo – SP
Fone (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
Ligue grátis: 0800-0141963 – www.cep.org.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Apresentação	7
Introdução à Carta de Tiago	9

Comentário

Como enfrentar as provas da vida (1.1-20)	19
Como ouvir sermões de forma salvadora (1.21-27)	47
Discriminação dos pobres nas igrejas (2.1-13)	59
Fé e obras (2.14-26)	79
O dever dos mestres em refrear a língua (3.1-12)	95
Como os mestres mostram sua sabedoria (3.13-18)	111
Advertência contra o mundanismo (4.1-10)	119
Maledicência e arrogância (4.11-17)	139
A condenação dos ricos opressores (5.1-6)	149
Instruções aos oprimidos (5.7-11)	161
Sobre juramentos, oração e desviados (5.12-20)	169
 Bibliografia	 189

Apresentação

Por vários anos tenho pregado na carta de Tiago. Por vezes, tenho tido o privilégio de expô-la por inteiro. Contudo, o que o leitor tem em mãos não é um comentário devocional-homilético baseado nessas exposições, como foi o caso do comentário da Primeira Epístola de João, inaugural desta série e que antecedeu o da Epístola de Tiago. O presente comentário é mais uma análise exegética verso a verso da epístola geral de Tiago. Aqueles familiarizados com meu comentário de 1 João perceberão claramente a diferença.

Apesar do sucesso do comentário de 1 João, especialmente como livro-texto para a Escola Dominical e pequenos grupos, resolvi mudar o formato ao escrever o presente comentário. Senti necessidade de explorar mais profundamente as questões interpretativas, textuais e teológicas de Tiago, mesmo que sacrificando um pouco a finalidade prática que sempre procurei dar às minhas publicações.

Para a análise do original, usei os textos gregos da terceira versão da *United Bible Society* (UBS 3), a vigésima sétima edição do texto *Nestle & Aland* (NA 27) e o Texto Majoritário de *Robinson-Pierpoint* de 1995 (Byz). Eles servem de base para a exegese e serão comparados nos pontos em que isso for necessário. Utilizei, como base para o comentário em português, a segunda edição da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA). As principais diferenças entre ela e as outras traduções populares no Brasil, a Almeida Corrigida (ARC) e a Nova Versão Internacional (NVI), foram comentadas nas notas de rodapé. Eventualmente, a tradução da Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH) é mencionada quando a paráfrase ajuda a entender o sentido. As questões mais ligadas à tradução do texto grego e às nuances da gramática e da sintaxe são tratadas, quando apropriadas, nas notas de rodapé.

Apesar da ênfase na exegese verso a verso, procurei dividir o comentário em capítulos temáticos; estes, por sua vez, foram fracionados em subseções, visando auxiliar o leitor a entender a carta como um todo – aliás, sempre acreditei que esse é o segredo de uma boa interpretação.

Diversos comentários foram consultados, sempre que as dificuldades de interpretação apareceram ou quando entendi que uma segunda opinião ajudaria o

leitor a compreender melhor a passagem. Usei como comentário básico a obra estritamente exegética de A. T. Robertson, citada com frequência. Também consultei outros comentaristas, como João Calvino, Lenski, Matthew Henry, John Gill, entre outros (veja a *Bibliografia* ao final deste comentário). Quando esses comentaristas forem citados no texto, o leitor poderá encontrar a citação original *in loco* no comentário que eles próprios escreveram em Tiago, na passagem sendo discutida.

O leitor perceberá também que às vezes cito livros apócrifos e pseudepígrafos, que não reconhecemos como inspirados por Deus. Eles não fazem parte do cânon cristão protestante que adotamos. Tais livros são citados somente quando nos ajudam a entender o uso de uma palavra ou de uma frase ou ainda para estabelecer o uso de um conceito em voga no período apostólico ou antes. Também faço referências ocasionais à Septuaginta (LXX), a versão grega do Antigo Testamento em uso no período apostólico, pelos mesmos motivos.

Em certa ocasião, Lutero escreveu que considerava a carta de Tiago uma “epístola de palha”, por não conter muito “evangelho”. Equivocou-se o grande Reformador. Ao contrário da palha, Tiago é feita de material permanente, durável, que ao longo de gerações tem abençoado a Igreja e os cristãos, ateando no coração deles um fogo muito mais profundo e duradouro do que qualquer “fogo de palha”. Ou ainda, como disse outro comentarista, os palitos da palha que compõem a carta de Tiago são fortes e agudos o suficiente para espetar e ferir a consciência de todos os que a lerem. Meu desejo é que o presente comentário transmita esse mesmo impacto ao leitor, como uma ferramenta útil aos que desejarem melhor compreender esse extraordinário livro da Bíblia.

Augustus Nicodemus Lopes
São Paulo, 2006.

INTRODUÇÃO À CARTA DE TIAGO

Autoria

O autor da carta se apresenta como “Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (1.1). Tiago era um nome relativamente comum entre os judeus do primeiro século d.C. Há várias pessoas com o nome de Tiago no Novo Testamento: o filho de Zebedeu e irmão de João (Mc 1.19), o filho de Alfeu (Mc 3.18), o pai de Judas, não o Iscariotes (Lc 6.16), e o meio-irmão de Jesus (Gl 1.19). Contudo, somente dois podem ser seriamente considerados como os autores. (1) Tiago, o apóstolo, irmão de João, filho de Zebedeu, que, juntamente com seu irmão e Pedro, formava o círculo de discípulos mais íntimo de Jesus. Contudo, sua morte ocorreu nos primeiros anos da década de 40, logo no início da Igreja apostólica (conforme o livro de Atos, 12.2). Esse fato faz com que seja praticamente impossível que ele tenha escrito essa carta, mesmo que seja datada bem cedo. (2) Tiago, irmão de José, Simão e Judas, e meio-irmão de Jesus, mencionado nos Evangelhos juntamente com as suas irmãs (cf. Mt 13.55; Mc 6.3). A princípio, Tiago foi um descrente em Jesus como os demais irmãos (Jo 7.5). Posteriormente, porém, converteu-se à fé em Cristo, talvez mediante uma aparição específica de Jesus a ele após a ressurreição (1Co 15.7). Sobre essa aparição, existe uma menção no apócrifo *Evangelho aos Hebreus*. Tiago logo se tornou uma das figuras mais proeminentes da Igreja apostólica, considerado pelo apóstolo Paulo como uma das colunas da Igreja de Jerusalém e contado entre os apóstolos (Gl 1.19; 2.9). De fato, Tiago tornou-se líder da Igreja de Jerusalém, tendo aparentemente presidido ali o famoso concílio que decidiu sobre a entrada dos gentios na Igreja (At 15.13; cf. 21.18; Gl 2.12).

Há várias evidências que apontam para ele como o autor dessa epístola. Primeiramente, as *evidências internas* da própria carta. O autor não se identifica mais claramente para que não se saiba de quem se trata. Ele fala com autoridade apostólica e sua linguagem é similar àquela registrada no discurso de Atos 15 e atribuída a Tiago, irmão de Jesus e líder da Igreja (cf. **1.1** com At 15.23; **1.27** com At 15.14; **2.5** com At 15.13; **2.7** com At 15.17). A linguagem também denuncia um autor familiarizado com as tradições judaicas, o Antigo Testamento e o Judaísmo. Ele se refere ao local de reunião dos crentes como “sinagoga” (**2.2**), a “Abraão nosso pai” (**2.21**), ao “Senhor dos Exércitos” (**5.4**), expressões tipicamente judaicas. A ênfase às obras no capítulo 2 também pode refletir isso. Ele conhece bastante o Antigo Testamento, citando Abraão (**2.21**), Raabe (**2.25**), Jó (**5.11**) e Elias (**5.17**) como exemplos a serem seguidos pelos crentes. Além disso, está plenamente familiarizado com o ensino de Jesus, especialmente aquele do Sermão do Monte (compare **2.13** com Mt 5.7; **3.12** com Mt 7.16; **3.18** com Mt 7.20; **5.2** com Mt 6.19; e **5.12** com Mt 5.34-37). O estilo da carta, contendo perguntas retóricas, símiles vívidas, interlocutores imaginários, aforismos e ilustrações tiradas da vida da Palestina, contribui para nossa tese.

Aliadas a essas evidências, temos as testemunhas da Igreja antiga, as assim chamadas *evidências externas*. Orígenes, Eusébio, Cirilo de Jerusalém, Agostinho e Atanásio, entre outros, se referiram a Tiago, irmão de Jesus, como o autor dessa epístola. Contudo, não há unanimidade quanto a isso. Lutero, provavelmente por causa do pouco valor que a princípio deu à carta, atribuiu-a a um Tiago qualquer, uma figura desconhecida. A maioria dos estudiosos que nega a autoria do meio-irmão de Jesus é composta de católicos, e aí o motivo fica óbvio.

Alguns estudiosos consideram a carta uma homilia de origem judaica, posteriormente adaptada para uso cristão, no final do século 2º d.C. Outros acham que é uma pseudonímia, isto é, alguém escreveu querendo se passar por Tiago, irmão de Jesus. Os principais argumentos são o grego quase literário da carta e a ausência das principais doutrinas cristãs difundidas no século 1º d.C. Contudo, nenhuma dessas hipóteses tem recebido aceitação entre os evangélicos, pois, além de questionarem a honestidade do autor, são baseadas em argumentos internos que podem e têm sido satisfatoriamente respondidos por eruditos conservadores. “Não existe nenhuma sentença na carta que somente um judeu poderia escrever, e que um cristão não poderia.”

Há vários relatos sobre Tiago que fazem parte da tradição sobre sua pessoa. Nenhum deles pode ser recebido como verídico; contudo, contribuem um pouco para a compreensão de como nosso autor era visto nos primórdios do Cristianismo. Hegésipo, um judeu-cristão do século 2º d.C, escreveu sobre Tiago; parte de sua obra foi preservada por Eusébio, o famoso historiador cristão do século 4º,

em sua *História Eclesiástica*. Em linhas gerais, Hegésipo se refere a Tiago como “o Justo”, nome derivado de sua piedade e santidade pessoais. A vida de oração de Tiago era tão intensa a ponto de ter desenvolvido calosidades nos joelhos, como as de um camelo. É interessante que isso se reflete nas vezes em que, na carta, Tiago mostra plena confiança no poder da oração (cf. 1.5,6; 4.2,3; 5.13-16). Hegésipo diz que Tiago morreu apedrejado pelos judeus, fora do Templo de Jerusalém; pouco tempo depois, ocorreu o cerco e a destruição da cidade e do Templo, o que, ainda segundo Hegésipo, teria ocorrido como retribuição divina. Apesar dos erros históricos e teológicos que o invalidam em grande parte, esse testemunho não pode ser desprezado como um tributo à figura impressionante de Tiago.

Outro relato é uma inserção espúria na obra de Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, em que também se menciona a morte de Tiago, o irmão de Jesus, apedrejado pelos judeus, sob o comando de Ananus, o sumo sacerdote, em 62 d.C. (*Ant.* 20, IX, 1). Também no espúrio *Evangelho de Tomé* há uma referência a Tiago. Os discípulos perguntam a Jesus quem será o líder deles após a partida do Senhor. Ele responde: “Vocês devem ir a Tiago, o Justo” (§ 12). Na literatura apócrifa, várias obras apareceram portando o nome de Tiago, como *Ascensão de Tiago*. Na famosa biblioteca gnóstica de Nag Hamadi, datada do século 2º d.C., foram descobertas também obras atribuídas a Tiago ou sobre ele, como o *Apócrifo de Tiago*, *O Primeiro Apocalipse de Tiago*, *O Segundo Apocalipse de Tiago* e o *Evangelho dos Egípcios*.

Diante do exposto, considerando todas as evidências, adotamos aqui a posição histórica da Igreja, de que foi Tiago, o meio-irmão de Jesus, quem escreveu essa carta.

Destinatários, data e ocasião

A autoria da carta está intimamente ligada à questão dos destinatários. A quem Tiago escreve essa carta? Ele a endereça às “doze tribos que se encontram na Dispersão” (1.1). Há duas maneiras de entendermos a expressão. (1) Uma referência a todos os cristãos, judeus e gentios, vistos aqui como o verdadeiro Israel. (2) Uma referência aos judeus dispersos pelo Império Romano, convertidos ao Cristianismo, e que eram, portanto, o verdadeiro Israel de Deus (cf. 1Pe 1.1; Jo 7.35; At 26.7). Alguns estudiosos acham que os destinatários de Tiago moravam na região oriental do Império, na Babilônia e na Mesopotâmia. Há também uma referência a judeus cristãos que foram dispersos por diversos lugares, após a perseguição movida contra Estêvão (At 11.19). Já Pedro teria escrito aos judeus cristãos que moravam mais ao ocidente (1Pe 1.1). Onde quer que estivessem, Tiago se dirige a eles como as doze tribos dispersas, não somente

para assegurar-lhes que são o verdadeiro Israel de Deus, mas também para lembrar-lhes sua condição de peregrinos e forasteiros neste mundo, conforme a expressão “dispersão” sugere. Apesar de dispersos e espalhados, como peregrinos e forasteiros, são o povo de Deus unido pela fé em Cristo e caminhando para o lar celestial.

A próxima questão que temos de tratar é se essa carta é geral ou se contempla uma situação específica de determinada comunidade à qual Tiago se dirige como pastor e autoridade espiritual. Vários estudiosos a consideram como uma carta geral, em razão do fato de parecer muito mais uma homilia ou um sermão, encabeçada por uma saudação que lhe dá o tom de carta, mas sem conclusão ou despedidas, sem menção de nomes ou lugares. Além do que, argumenta-se, os assuntos tratados são tão gerais que poderiam se aplicar a qualquer congregação judaico-cristã do século 1º, antes da queda de Jerusalém.

Essa perspectiva, contudo, pode ser questionada. Sabemos que, na verdade, nenhuma das cartas neotestamentárias são cartas de fato, mas um gênero literário totalmente novo, nascido com o Cristianismo. Não são totalmente cartas nem são totalmente sermões. A carta de Tiago poderia perfeitamente se encaixar nessa categoria, puxando mais para o lado de um sermão, dirigido a leitores específicos que o escritor tem em mente. Além disso, os assuntos tratados por ele têm certa especificidade. Nem todas as congregações de judeus cristãos espalhadas pela Dispersão teriam problemas com ricos opressores que os denunciavam nos tribunais, com candidatos a mestres falando demais, com discriminação de pobres nos ajuntamentos ou ainda com comerciantes arrogantes que faziam planos sem levar Deus em conta. Ficamos, portanto, com a hipótese de que Tiago, ao escrever, tem uma comunidade específica em mente.

Transparece da carta que esses judeus cristãos a quem Tiago escreve estavam passando por diversas provações de fé (**1.1b**). Não sabemos ao certo se eram resultantes de perseguições, embora isso não seja impossível – é até provável. As perseguições foram desferidas, provavelmente, ou por parte dos patrícios, ou por parte de Roma. O primeiro caso é muito mais provável, pois à altura em que a carta foi escrita Roma ainda não havia começado a perseguir os cristãos. Aparentemente, os destinatários da carta eram, em sua maioria, pobres, a julgar pelas denúncias de discriminação contra os pobres e de opressão por parte de patrões ricos (**1.9-11; 2.1-6; 5.1-6**). Também eram imaturos espiritualmente, por causa da falta de prática da Palavra de Deus, que ouviam regularmente em seus cultos (**1.22-25**). Havia entre eles disputas amargas (**4.1-4; 3.14,15**); estavam impacientes diante das provações e assim tentados a murmurar e a falar mal dos outros (**3.9; 4.11; 5.7,8**). E, aparentemente, haviam compreendido erroneamente o ensinamento acerca da justificação pela fé, levando Tiago a corrigi-los com o fito de mostrar que fé e obras andam juntas (**2.14-26**). Tiago de-

monstra estar a par da real situação deles. Escreve para confortá-los, fortalecê-los e orientá-los nas diversas áreas da vida em que se encontravam deficientes e necessitados.

Alguns acham que a carta deve ser datada mais para o final da vida de Tiago, em meados da década de 60, argumentando que ele tinha conhecimento da doutrina da justificação pela fé, que foi difundida por Paulo e que levou alguns anos para espalhar-se. Segundo tais estudiosos, Tiago não poderia ter esse conhecimento em meados da década de 40. Esse argumento nos parece absurdo, pois a doutrina de que o homem é salvo pela fé em Jesus Cristo tem origem no ensinamento do próprio Jesus e está refletida não somente nas cartas de Paulo, mas também nas cartas de João, Pedro, Judas e aos Hebreus. De acordo com o livro de Atos, já em meados de 40, por ocasião do concílio de Jerusalém, Tiago demonstrou pleno conhecimento da justificação pela fé, sem as obras da lei, ao tomar a posição de inclusão dos gentios na Igreja sem a necessidade de guardarem a lei de Moisés (cf. At 15.13-21).

Tudo isso considerado, não é impossível que essa tenha sido uma das primeiras cartas canônicas a serem escritas. Os estudiosos que aceitam a autoria de Tiago, irmão de Jesus, escrevendo de Jerusalém a uma comunidade primitiva de judeus cristãos, espalhados pelo Império por causa das primeiras perseguições movidas pelos judeus, datam a carta em meados da década de 40. Essa é a posição que adotamos neste comentário.

Posição canônica

Tiago não aparece nas primeiras listas de livros canônicos, como o *Cânon Muratori*, do século 2º d.C. Eusébio de Cesaréia (c. 260-340 d.C.) incluiu Tiago entre os livros que chamou de *antilegomena*, numa lista que apresentou em sua *História Eclesiástica* (III, 25). Esses livros eram questionados quanto à canonicidade por razões diferentes. Os outros eram Hebreus, 2 Pedro, 2 e 3 João, Judas e Apocalipse. Tiago era questionado pelo fato de seu autor não se identificar como apóstolo e pela aparente contradição da doutrina da justificação pela fé. A Igreja Oriental, desde cedo, associou o livro a Tiago, irmão de Jesus, e assim aceitou sua apostolicidade e canonicidade. Já a Igreja Ocidental, somente no século 4º, debaixo da influência de Pais da Igreja como Jerônimo e Agostinho, reconheceu sua divina procedência e lugar no cânon. A partir daí, Tiago ocupa lugar no cânon.

Lutero se referiu à carta de Tiago como “epístola de palha”, no prefácio à primeira edição do seu Novo Testamento em 1522. O reformador fez tal comentário por ter assumido como critério pessoal de apreciação por determinados livros da Bíblia o princípio “*was Christum treibet*” (aquilo que nos impulsiona a

Cristo). O que muitos não sabem é que Lutero, nas edições posteriores, não somente abrandou sua crítica ferrenha contra a carta, como também eliminou boa parte dos comentários negativos que havia feito contra ela na primeira edição, inclusive o parágrafo em que a chama de “epístola de palha”.

Já Calvino, conforme escreveu em seu comentário de Tiago, não via qualquer motivo para rejeitar a autoridade e canonicidade da carta. Para ele, não havia qualquer incompatibilidade entre Tiago e Paulo na questão da justificação pela fé. Da mesma forma, o fato de que Tiago não proclama o Evangelho com a mesma fartura que outros autores neotestamentários é explicado por Calvino simplesmente como parte da diversidade que caracteriza os autores bíblicos, como Salomão e Davi, por exemplo.

Apesar da declaração injusta de Lutero e dos ataques dos liberais e católicos contra sua autoria e autenticidade, Tiago continua a abençoar a Igreja de Cristo ao longo da história.

Características

Conforme já mencionamos, Tiago se parece mais com um sermão do que com uma carta. Talvez fora escrita exatamente com o propósito de ser lida durante os cultos das igrejas, como um substitutivo da presença do autor. Muitos acham que, apesar de ser um sermão, a carta é desconexa, simplesmente um apanhado de temas e exortações aleatórias que o autor juntou no mesmo escrito. Contudo, não é preciso muito esforço para ver que Tiago tem temas unificadores, como pobreza, prática da fé cristã, coerência entre o viver, o crer e o falar, conforto, oração, etc., que são repetidos e tratados em locais diferentes. Trata-se de uma exortação poderosa a cristãos que não estavam necessariamente passando por problemas e dúvidas teológicas – daí a ausência desses temas na carta –, mas por problemas de ordem espiritual e prática, que precisavam de uma palavra pastoral de correção.

É notável o uso de muitas figuras tiradas da natureza, da agricultura, da pecuária e da vida no campo: sol que seca as flores do campo (1.10,11), chuva que cai no tempo próprio para a agricultura (5.7,18), enxerto (1.21), animais cevados para serem abatidos (5.5), ondas agitadas pelo vento (1.6), fontes de água (3.11), árvores frutíferas (3.12), diversos tipos de animais (3.7), movimento dos corpos celestes (1.17). Isso reforça nossa idéia de que os recipientes primários da carta seriam judeus cristãos pobres que ganhavam a vida trabalhando nos campos de ricos proprietários de terras, perfeitamente familiarizados com essas figuras.

Uma outra característica da carta é o grande número de *hapax legomena*, palavras que só ocorrem uma vez no Novo Testamento. Existem cerca de 54 ocorrências dessas palavras, o que torna a leitura de Tiago, no grego, difícil, exigindo freqüentes consultas ao léxico.

Podemos mencionar ainda a tremenda dependência de Tiago para com o Antigo Testamento. Embora este não seja citado formalmente, é ecoado constantemente na linguagem, nos exemplos e nas personagens empregadas pelo autor. Ele se refere à Lei e aos Dez Mandamentos e faz alusões, nem sempre explícitas, a mais de 20 livros do Antigo Testamento (entre eles os cinco livros do Pentateuco, Josué, 1 Reis, Salmos, Provérbios e Eclesiastes, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e mais sete dos profetas menores).

Digno de nota é o fato de Tiago empregar, proporcionalmente, mais imperativos em sua carta do que qualquer outro autor do Novo Testamento. O imperativo é a voz de comando. Tiago comanda, determina, ordena. Fala como quem tem autoridade e espera ser ouvido. É esse tom firme e decidido da carta que tem feito alguns leitores pensarem que Tiago é legalista, inflexível e não conhece a graça e a misericórdia de Deus. Contudo, basta uma leitura atenta da carta para se perceber que Tiago mistura seu tom enérgico com tratamento afetuoso aos seus leitores, os quais chama de “meus irmãos” ou “meus amados irmãos”.

Tiago e Paulo

A maior polêmica provocada pela carta de Tiago é seu ensinamento em **2.14-26** sobre a justificação pelas obras, e não pela fé somente. Em resumo, as seguintes linhas foram propostas para a interpretação dessa seção de Tiago.

(1) Tiago, como líder do Cristianismo judaico sediado em Jerusalém, estaria reagindo ao ensino de Paulo de que a salvação era pela fé somente, sem as obras da lei. Ele considerava que o ensinamento de Paulo induzia os judeus cristãos da Dispersão a viver um Cristianismo anódino, teórico, que não valorizava o cumprimento dos preceitos da lei e a prática das boas obras. Assim sendo, no capítulo 2 de sua carta, Tiago combate frontalmente a doutrina paulina da justificação pela fé sem as obras da lei. Essa interpretação, todavia, parte de uma compreensão equivocada daquilo que Tiago considera obras e daquilo que Paulo considera fé.

(2) Ferdinand Baür, estudioso alemão liberal da Escola de Tübingen, utilizando uma hermenêutica hegeliana, propôs a completa incompatibilidade entre Tiago e Paulo; o primeiro seria o representante da teologia cristã judaica de Jerusalém, a qual destacava o papel das obras da lei para a salvação; o segundo representaria a teologia cristã gentílica, da salvação pela fé somente, sem obras da lei. Esses dois tipos de Cristianismo teriam existido em conflito, lado a lado, durante o século 1º, tendo o primeiro cedido depois da queda de Jerusalém, com o triunfo do Cristianismo paulino e o surgimento, no século 2º, do Catolicismo emergente. Em Tiago 2 temos uma declaração do âmago do Cristianismo judaico, ou seja: somos salvos pela fé e pelas obras, ao mesmo tempo. A teoria de Baür, contudo, torna-se desacreditada à proporção que o hegelianismo tem sido desacreditado. Não

há indícios incontestáveis no Novo Testamento desse conflito doutrinário e teológico entre Jerusalém e Antioquia, entre Tiago e Paulo.

(3) Nunca houve qualquer incompatibilidade entre essa seção de Tiago e a doutrina paulina da justificação pela fé sem as obras da lei. A fé que Tiago condena não é a mesma que Paulo recomenda, e as obras que Tiago recomenda não são as mesmas que Paulo condena. Tanto Paulo quanto Tiago condenam uma fé hipócrita, teórica, da boca para fora; ao mesmo tempo, declaram que a fé salvadora se expressa por meio de obras, atos de obediência, prática (veja em Paulo: Gl 5.6,13; 1Ts 1.3; 1Tm 1.5; Tt 1.6; 3.8; Ef 2.8-10; 1Co 15.2). Tiago combate um Cristianismo teórico, superficial, enquanto Paulo luta contra o legalismo judaico. Alvos diferentes requerem, portanto, ênfases distintas. Daí ser a contradição entre Tiago e Paulo apenas aparente.

O homem é justificado diante de Deus pela fé somente. Contudo, ele é justificado diante dos homens pelas obras que pratica em decorrência da fé. Assim, num certo sentido, o homem é também justificado pelas obras, uma vez entendidas como decorrentes da fé salvadora. Ou seja, as obras são parte integrante da fé que salva, são o outro lado da moeda. A fé é a seiva que corre invisível dentro da árvore e a mantém viva; as obras são o fruto, a manifestação visível e externa da vida da árvore. Fé salvadora e obras vão juntas e são inseparáveis. Onde há uma, certamente se encontra a outra. Na ausência de uma delas, a presença da outra é aparente e ilusória. Fé sem obras é morta, e obras sem fé igualmente. Assim sendo, Tiago e Paulo estão completamente de acordo. É essa linha de interpretação que seguiremos aqui.

COMENTÁRIO

COMO ENFRENTAR AS PROVAS DA VIDA

(1.1-20)

RESUMO

Após breve saudação, Tiago aborda diretamente o assunto das provações a que seus leitores estavam sujeitos. Ele os encoraja a enfrentá-las como motivo de alegria, sabendo o propósito superior de tais provas (1.1-4), orando a Deus com fé por sabedoria (1.5-8), não se deixando abalar pela pobreza nem pela riqueza (1.9-11), fazendo a distinção entre provação e tentação, quando passarem por dificuldades, jamais atribuindo a Deus culpa alguma (1.12-16), pois dele só procede o que é bom (1.17,18). Finalmente, exorta-os a falar menos e ouvir mais, para não tomar atitudes indignas da justiça de Deus (1.19,20).

Saudação inicial (1.1)

1.1 Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos que se encontram na Dispersão, saudações. Tiago se apresenta como *servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo*.¹ “Servo”, literalmente “escravo”. A ênfase recai, não nesse fato, mas em ser ele *servo de Deus*. Jesus Cristo, de quem Tiago era irmão por parte de mãe, é colocado por ele em pé de igualdade com Deus. Apesar de irmão, Tiago se via primariamente como servo de Jesus. Aquele que havia crescido com ele na cidade de Nazaré era, na verdade, o seu Senhor, de quem Tiago se havia feito servo. Dessa apresentação podemos aprender que: (1) o senhorio de Jesus Cristo sobre nós sobrepuja

¹ Veja *Introdução* sobre autoria do livro.

qualquer outra relação que possamos ter com ele; (2) Jesus Cristo está em pé de igualdade com Deus na devoção e serviço que seus servos oferecem; (3) não há honra maior do que podermos nos apresentar como servos de Deus e de Jesus Cristo.

Seus destinatários são as *doze tribos que se encontram na Dispersão*, ou seja, os judeus cristãos que vivem fora da Judéia, dispersos pelo Império Romano (veja a *Introdução*).² Tiago os cumprimenta com o termo *saudações*, a forma usual entre os gregos, conforme atestada em milhares de cartas gregas em papiro. Apesar de judeus quanto à origem, os destinatários da carta estavam perfeitamente familiarizados com a cultura e os costumes do mundo grego, onde haviam sido criados.

Vendo as provas como motivo de alegria (1.2-4)

1.2 Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações... Após a breve saudação inicial, Tiago começa uma exposição sobre a maneira com que os cristãos deveriam reagir às tribulações. Esse foi um dos assuntos que o levaram a escrever a carta. Ele trata seus leitores de forma afetuosa: *meus irmãos* (cf. “meus irmãos”: **2.1,14; 3.10,12; 5.12,19**; “meus amados irmãos”: **1.16,19; 2.5**). Era assim que os judeus se tratavam (cf. At 23.1; 28.17). Contudo, prevalece aqui a irmandade em Cristo Jesus. Mais que irmãos de sangue, Tiago e seus leitores estavam unidos pela paternidade de Deus em Cristo Jesus.

É na condição de irmão em Cristo, sem que com isso sua autoridade seja diminuída, que Tiago os exorta quanto à atitude correta diante das variadas provações que enfrentam: *tende por motivo de toda alegria (1.1a)*. A alegria é imprópria aos cristãos que vivem de forma mundana: eles devem chorar, lamentar e arrepender-se do mundanismo (**4.9**). Contudo, a alegria é apropriada aos que estiverem sob provação. E não somente a alegria, mas “toda alegria”, uma expressão que ocorre somente aqui no Novo Testamento e que significa alegria completa, sem qualquer mistura com queixa, rancor, mágoa (ARC, “grande gozo”). Literalmente, Tiago orienta seus leitores a *considerarem* as tribulações, que funcionam como prova da fé, como motivo para grande alegria. Evidentemente, o autor não proíbe ao cristão o choro, a dor e a tristeza pelos infortúnios, desgraças, desastres, perseguições, doenças e outras atribulações comuns a esta vida, que subitamente vêm sobre nós, para nos

² A NVI acrescentou em **1.1** “entre as nações”, que não está no original, mas que esclarece o leitor não familiarizado com a história dos judeus no período intertestamentário.

provar. Não é pecado dizer a Deus: “está doendo”, quando a prova se torna intensa. O próprio Tiago cita Jó como modelo de sofrimento (5.11). E sabemos pelo livro de Jó que, ao ser provado, ele sentiu profundamente a dor e a tristeza pela perda dos filhos e de tudo que tinha, e ainda a angústia mental de não saber a causa de seus sofrimentos (cf. Jó 3.1-26; etc.). Tiago também cita como modelos de sofrimento os profetas do Antigo Testamento (5.10). Entre os que mais sofreram, encontramos o profeta Jeremias, cujos lamentos e tristezas estão registrados em seus livros (cf. Jr 15.10, etc.).

Conforme já vimos na *Introdução*, os judeus cristãos aos quais Tiago destina essa obra estavam afligidos pelo que o autor chama de *várias provações*.³ Tais provações eram variadas quanto ao tipo. Embora isso não seja mencionado, não é impossível que eles estivessem sendo perseguidos por causa da fé em Cristo. “A exortação para que suportassem as provações com uma mente alegre era um conforto necessário para os judeus, que estavam subjugados por seus problemas. Eles eram odiados e desprezados por todos os povos. Além disto, a condição deles como cristãos os tornava ainda mais miseráveis, pois isto fazia com que sua própria nação os tomasse como inimigos” (J. Calvino).

A carta faz referência direta a algumas dificuldades que os destinatários enfrentavam, como, por exemplo, viuvez e orfandade (1.27), processos judiciais movidos por ricos (2.6), doenças (5.14), retenção de salário e opressão social e financeira por parte dos patrões ricos (5.1-6). Contudo, a lista de sofrimentos e provações aos quais os cristãos estavam sujeitos era muito mais extensa, conforme lemos em Hebreus 11.36-38:

[...] passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra.

Não é claro se os destinatários da carta eram perseguidos, em razão de sua fé em Jesus Cristo, por patrícios judeus ou por autoridades romanas (o que dificil-

³ ARA, NVI, “provações”; ARC, “tentações”. Ambas são traduções possíveis da palavra *πειρασμοίς*. Nem sempre é evidente o que o autor tem em mente, e freqüentemente aquilo que é uma provação é, ao mesmo tempo, uma tentação. Um mesmo evento pode ser visto como tentação (pois oferece uma oportunidade para o pecado) e provação (pois oferece uma oportunidade para que a fé seja testada). O contexto da expressão, contudo, geralmente fornece uma idéia do que o autor intentou dizer. No nosso caso, comparando com 1.12, em que a expressão aparece outra vez, percebe-se que Tiago se refere às tribulações e sofrimentos de seus leitores como *provas* que eles deveriam suportar e vencer.

mente teria acontecido num estágio tão inicial do Cristianismo). De qualquer forma, Tiago via as dificuldades pelas quais eles estavam passando como *provas* da sua fé, testes da sua genuinidade e consistência, da mesma forma que o fogo prova e testa os metais e outras substâncias. Tais provações vinham sobre eles de forma repentina e inesperada, como o que acontece com uma pessoa que cai subitamente nas mãos de um assaltante ou encontra de repente outro tipo de situação difícil.⁴

É possível que a principal prova da fé pela qual passavam fosse a pobreza material agravada pela opressão às mãos de ricos ímpios. Tiago faz contrastes constantes entre cristãos pobres e ímpios ricos,⁵ sempre favorecendo os pobres e repreendendo os ricos, em contextos que indicam que aqueles estariam sendo oprimidos por estes. Assim, se, por um lado, o crente pobre deve se gloriar em sua dignidade, por outro, o rico deve se gloriar no fato de suas riquezas serem passageiras e murcharem como a flor do campo (1.9-11). Os pobres foram escolhidos para serem ricos na fé, ao passo que os ricos estavam arrastando aos tribunais alguns irmãos pobres e blasfemavam o nome de Jesus (2.1-7). Os ricos oprimiam os trabalhadores pobres, retinham e alteravam o salário destes, enriquecendo-se à custa de sua miséria (5.1-6). O quadro pintado nessas passagens demonstra que os destinatários da carta, empregados de fazendeiros e empresários ricos, estavam sofrendo grave opressão e injustiça econômica. Tal fato, sem dúvida, constituía uma grande provação para a fé.

O ponto de Tiago era que os cristãos deveriam manter uma atitude de profunda alegria *em meio* às perseguições, opressões, doenças e outras dificuldades pelas quais porventura estivessem passando. Ou seja, deveriam sofrer humildemente, pacientemente, sem queixas, reclamações, amarguras, críticas, e sem atribuir a Deus falta alguma em sua Providência (5.7-11; Jó 1.22). Essa é a recomendação-padrão de todo o Novo Testamento para os cristãos que sofrem (At 5.41; Rm 5.3; 2Co 8.2; 12.9; Fp 2.17; 1Ts 1.6; 1Pd 1.6; 4.13), originada no ensinamento de Jesus (Mt 5.10-12; Lc 6.22-23). As razões para considerar as tribulações como motivo de alegria são declaradas em seguida.

1.3 ... sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Aqui Tiago expõe a maneira pela qual seus leitores pode-

⁴ ARA, NVI, “passardes por várias provações”; ARC, “cairdes em várias tentações”. ARC traduziu mais corretamente a palavra περιπέσητε, que significa literalmente “cair”, “cair nas mãos de um ladrão”, “encontrar-se (subitamente) com alguma coisa”. É nesse sentido que é usada em Lc 10.30: “caiu em mãos de salteadores”.

⁵ Muitos comentaristas acreditam que os “ricos” mencionados na carta de Tiago eram judeus cristãos abastados, pelo fato de freqüentarem as sinagogas (2.1-6). Contudo, a visita mencionada no texto não pode ser tomada como real, mas hipotética (Tiago está supondo um caso). Além disso, o que Tiago diz dos ricos nessa carta, especialmente em 5.1-6, refere-se a descrentes.

riam considerar como alegria completa as várias provações pelas quais estavam passando, ou seja, *conhecendo* o propósito delas e o resultado que produziriam.

O verbo “saber” empregado aqui não significa necessariamente “ter conhecimento experimental” (A. T. Robertson), que vem por experiência (cf. o uso que Tiago faz desse verbo em 2.20 e 5.20), mas simplesmente ter informação sobre o fato. Pois, se seus leitores já tivessem esse conhecimento por experiência, que necessidade teria Tiago de informá-los sobre isso? E frequentemente temos de saber e acreditar, contrariando o que nossos sentimentos e emoções dizem e mesmo sem sentir ou experimentar, que as provações são para nosso bem. É o caso aqui. No desejo de ajudar aqueles cristãos sofredores a enfrentar corretamente as tribulações, Tiago os instrui acerca do propósito delas.

O que realmente ocorre durante as tribulações nas quais caímos neste mundo, como quem cai nas mãos de um salteador, é a *provação da nossa fé*.⁶ Tiago explica que o propósito das tribulações é testar a fé, como o ouro e outros metais são testados pelo fogo, de tal maneira que o elemento genuíno da fé seja destacado das impurezas (cf. 1Pd 1.7, em que essa metáfora é usada claramente).⁷ Aqui a *fé* é a confiança individual nas promessas de Deus.⁸ Como tal, é aquele fundamento que é provado pelas tribulações desta vida, quanto à genuinidade, firmeza, constância: continuaremos a crer genuinamente em Cristo, mesmo que todas as coisas estejam dando errado em nosso redor? Os judeus aos quais Tiago escreveu haviam crido em Cristo Jesus como o Messias prometido, o Salvador enviado por Deus. Estariam dispostos a continuar crendo mesmo que Deus permitisse que fossem terrivelmente afligidos? O portador da fé genuína se aproxima de Cristo não pelo que Deus pode lhe dar ou recompensar, mas porque ama de fato a Cristo em quaisquer circunstâncias. É esse elemento genuíno da fé que as tribulações visam descobrir. O que os judeus cristãos da Diáspora precisavam saber era que suas muitas tribulações funcionavam como testes que visavam trazer à luz esse elemento. Não eram castigos enviados por Deus, mas disciplina paterna visando ao crescimento.

Todo esse processo, diz Tiago, *produz perseverança*.⁹ “Perseverança” é uma antiga palavra grega que significa literalmente “permanecer debaixo” de

⁶ “Provação” é a tradução de um termo grego, δοκίμιον, que só ocorre aqui e em 1Pedro 1.7. Em ambos os casos, o sentido não é a prova ou o teste em si, mas o resultado dele, que é a *genuinidade* da fé.

⁷ A ARA traz “a provação de vossa fé, *uma vez confirmada*”. Trata-se de um acréscimo dos tradutores que não está na língua original e que visa esclarecer em que sentido a fé, após ser provada, produz perseverança. A ARC traduziu o versículo sem acréscimos.

⁸ Ao contrário do que popularmente se possa pensar, Tiago emprega bastante o termo “fé”, que ocorre 16 vezes em sua carta, sendo 13 delas no capítulo 2, em que declara que ela vem acompanhada das obras de misericórdia e obediência a Deus.

⁹ ARC traduz υπομονήν como “paciência”. Essa tradução é perfeitamente possível e enfoca o elemento central da perseverança, aquilo que é necessário para que se persevere. A tradução “perseve-

alguma coisa. Talvez uma boa metáfora seja a de alguém que pacientemente se mantém debaixo de um fardo pesado que está disposto a carregar até o fim, por mais sofrimento, dor e fadiga que isso lhe custe. Essa capacidade de pacientemente permanecer crendo em Cristo debaixo do fardo da aflição é o propósito maior das provas. É assim que Tiago recomenda a “paciência” de Jó no sofrimento (5.11). É isso que a prova produz, conforme o ensinamento de todo o restante das Escrituras (cf. Rm 5.3,4; 2Co 4.17; 1Pd 1.7; etc.). Sabedores disso, os cristãos deveriam, então, ver as provas como motivo de toda alegria. Embora Deus não seja mencionado aqui por Tiago, não resta dúvida de que ele está por trás de todo esse processo, fazendo com que todas as coisas cooperem para o bem daqueles que o amam (Rm 8.28), especialmente as tribulações.

1.4 Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes. Tiago acrescenta ao pensamento anterior que a perseverança, contudo, ainda não é o final do processo: a obra deve continuar até a perfeição.¹⁰ Esse conceito vem sob a forma de uma ordem. Literalmente, Tiago está dizendo “que a perseverança deve ter sua ação completa”. Em outras palavras, os judeus cristãos deveriam permitir que a perseverança fosse plena e completamente produzida neles, por meio das provas. Não deveriam desistir e desanimar em meio às tribulações que enfrentavam, mas suportar até que a perseverança fosse plenamente aperfeiçoada neles (cf. 5.7-11), até que a sua *ação* fosse completa.¹¹ “Prefiro interpretar *perfeitos e íntegros* como constantes. Pois há muitos que mostram, a princípio, uma grandeza heróica, mas que depois se tornam fracos e cansados. Tiago aqui exorta os que desejam ser perfeitos e íntegros a que perseverem até o fim” (J. Calvino).

O objetivo final de Deus com as provas é o de que eles sejam *perfeitos e íntegros, em nada deficientes*. Para que sejam perfeitos, é necessário que sejam perfeitamente perseverantes nas tribulações. A perfeição, como o alvo supremo da vida cristã, foi ensinada por Jesus Cristo (Mt 5.8). Não significa, obviamente, uma vida perfeitamente isenta do pecado, como às vezes foi interpretado por grupos perfeccionistas ao longo da história da Igreja. A palavra pode significar “completo”,

rança” talvez seja a melhor aqui, pois explica o que significa ser paciente em meio às angústias desta vida, ou seja, continuar a crer em Cristo apesar de tudo.

¹⁰ Essa relação do verso 4 com o anterior ficou um pouco obscurecida pela tradução da ARA de δὲ como “ora”, quando a melhor tradução provavelmente seria a seguida pela ARC, “porém”, introduzindo um pensamento adicional, mas contrastante. NVI traduziu δὲ como “e”, sem caráter adversativo, apenas adicionando mais um pensamento.

¹¹ A palavra “ação” é a tradução de ἔργον, “obra”, termo que Tiago usa frequentemente em sua carta (cf. 1.25; 2.14,17,20,24; 3.13). Ela sinaliza inicialmente o entendimento de Tiago do que sejam as “obras” que ele tanto defende, ou seja, as virtudes e atitudes cristãs tomadas em fé obediente a Deus, como veremos na análise dos versos mencionados.

“inteiro”, “maduro” (NVI), e é provavelmente nesse último sentido que é usada aqui, para referir-se ao estágio na vida em que os cristãos estariam prontos para encarar as tribulações da forma correta. Uma das manifestações do “homem perfeito”, conforme Tiago explica, é a capacidade de refrear a língua e todo o corpo (3.2). É nessa perseverança plena que reside a integridade do cristão, ou sua *inteireza*.¹² As palavras “perfeitos” e “inteiros” aparecem juntas nos escritos de Plutarco e de Filo, indicando perfeição e completude em todas as partes. Tiago coloca, pois, a perseverança sob tribulações como o ideal de perfeição cristã a ser alcançado neste mundo, para o que as provações concorrem, da parte de Deus (Mt 10.22; Lc 21.19; Gl 6.9). E, nesse sentido, os perseverantes em nada seriam deficientes como cristãos, nada lhes faltaria.

Orando a Deus com fé por sabedoria (1.5-8)

1.5 Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida. Ao declarar no final do verso anterior que o alvo do cristão é não ser *deficiente* em qualquer virtude, Tiago faz uma espécie de digressão para tratar de uma deficiência grave nos seus leitores, retornando mais diretamente ao tema das provações no verso 12. A deficiência é a falta de sabedoria.

A maneira como Tiago constrói a frase – *se algum de vós necessita de sabedoria* –¹³ mostra que ele supõe que esse fato seja verdadeiro. Ele não está apenas aventando uma hipótese. Ele sabe que seus leitores realmente são deficientes nessa área. Falta-lhes sabedoria para enfrentar as muitas tribulações, e Tiago se propõe agora a orientá-los quanto ao modo de suprir essa falta. E, dessa forma, aqui ele adiciona ao que já havia dito em 1.2-4 (considerar as provas como motivo de alegria) mais uma atitude que os cristãos devem ter em tempos de provações, ou seja, orar por sabedoria.

A *sabedoria* a que Tiago se refere não é conhecimento intelectual ou teórico, mas sabedoria prática, uso prático do conhecimento de Deus. Essa sabedoria ele exige daqueles que desejam ser mestres (3.13). Em contraste com o saber terreno, animal e demoníaco, que se demonstra pela inveja e pelo espírito faccioso (3.14,15), essa sabedoria provém do alto e é, “primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento” (3.17; cf. a análise desses versos). É a *hocma*, a sabedoria prática ensinada no livro de Provérbios, cujo princípio operante é o temor a Deus. Quan-

¹² “Inteireza” ou “completude” é uma boa tradução da palavra ὁλόκληροι.

¹³ Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας: a conjunção condicional εἰ seguida do indicativo, fazendo uma frase condicional de fato.

do tememos a Deus, procuramos sempre tomar decisões e fazer escolhas, em meio às provas, que o agradem. Nós sabemos o que o agrada pelas Escrituras. Quando as tribulações vêm nos testar, a sabedoria nos mostra as decisões certas a tomar.

O próprio Tiago nos serve como exemplo da sabedoria aqui mencionada. Lemos no livro de Atos como ele, no Concílio de Jerusalém, propôs, sabiamente, a solução para a questão da inclusão dos gentios na Igreja (At 15.13-21). Mais tarde, quando Paulo esteve em Jerusalém, os presbíteros da Igreja, sob a liderança de Tiago, propuseram sabiamente que o apóstolo dos gentios se comportasse como judeu diante dos falatórios e ameaças contra ele (At 21.18-25).

Tiago se dirige àqueles que *necessitam* de sabedoria.¹⁴ A sua orientação aos leitores que assim se reconhecessem é para que *peçam-na a Deus*. “Peçam sem cessar.”¹⁵ Por trás do pedido por sabedoria provavelmente está o conhecido episódio em que Salomão, ao receber de Deus a oportunidade da escolha, pediu sabedoria acima de tudo, no que foi prontamente atendido (cf. 1Rs 3.7-12).

Tiago encoraja-os a pedir lembrando a eles quem é o Deus ao qual estão pedindo. Primeiro, ele é o Deus que tem prazer em dar, e dar de forma abundante.¹⁶ É o Pai das luzes, do qual procede toda boa dádiva e todo dom perfeito (1.17). É dele, isto é, do alto, que procede a sabedoria (3.17). Essa liberalidade de Deus reside no fato de que, ao atender a oração de seu povo por sabedoria, ele não impõe condições. Ou, como Tiago declara, ele *nada lhes impropere*. *Impropere* significa “injuriar”, “afrontar”, “vituperar”. Aqui tem provavelmente a conotação de lançar em rosto.¹⁷ O Senhor Jesus “jogou na cara” das cidades que não se arrependeram o fato de que ali ele tinha feito muitos milagres (Mt 11.20; cf. ainda Mc 16.14). Contudo, para com os penitentes, Deus toma atitude contrária, como a recepção que o pai deu ao filho pródigo, recebendo-o de volta amorosamente, sem ao menos “jogar na cara” todos os erros que o jovem havia cometido (Lc 15.20-22). Tiago está dizendo que Deus, ao nos conceder sabedoria, não a faz acompanhar de impropérios e censuras, como acontece frequentemente entre os homens, que, ao fazer um benefício a alguém, aproveitam para “jogar na cara” ou reclamar daquele que pede. Deus, ao contrário disso, não somente dá a sabedoria liberalmente, como também não nos censura por termos falta dela, não “joga na cara” a nossa deficiência.

¹⁴ Literalmente, os que estão “destituídos” dela, como alguém que não tem o que comer por estar destituído de alimentos (cf. *λειπόμενοι*, “necessitados”, em 2.15).

¹⁵ O verbo *αἰτέω* está no imperativo presente, e transmite a idéia de pedidos contínuos e constantes.

¹⁶ Literalmente, ele é o Deus doador, τοῦ διδόντος θεοῦ. Dar faz parte da natureza de Deus.

¹⁷ ARC, “não o lança em rosto”, é provavelmente a melhor tradução do termo *μη ὀνειδίζοντος*. A NVI preferiu parafrasear, traduzindo como “dá [...] de boa vontade”.

Dessa forma, Tiago encoraja os judeus cristãos, que estavam sendo provados por várias aflições, a se dirigir confiantemente a Deus pedindo sabedoria para enfrentar tais sofrimentos. Muito embora a sabedoria prática seja o resultado das provações, somos exortados a buscá-la em oração. Em Provérbios 2.3-6 lemos:

... se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a voz, se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do Senhor e acharás o conhecimento de Deus. Porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento.

O encorajamento final de Tiago, enraizado nessas promessas do Antigo Testamento, é ancorado no fato de que a sabedoria *será dada por Deus*. A carta revela em vários outros pontos que Tiago tinha confiança no fato de que Deus responde orações. Conforme vimos na *Introdução*, há uma tradição sobre a vida de oração de Tiago, que era tão intensa a ponto de ele ter desenvolvido calosidades nos joelhos, que ficaram semelhantes aos de um camelo. Se for verdade, temos aqui explicação para as suas contínuas referências confiantes à oração: os crentes não recebem porque não oram (4.2) ou porque oram mal (4.3). Quem está doente deve orar (5.13); a oração da fé salvará o doente (5.15); devemos orar uns pelos outros (5.16), pois a oração do justo pode muito em seus efeitos (5.16). Contudo, a oração, para ser respondida, precisa ser feita de acordo com algumas condições, conforme ele expõe em seguida.

1.6 Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Muito embora Tiago tenha assegurado aos seus leitores que Deus responde as orações, eles não deveriam imaginar que o Senhor atenderia qualquer tipo de oração. Devemos pedir sabedoria a Deus, *porém* devemos fazê-lo *com fé*, com confiança na liberalidade de Deus, conforme ele expôs no verso anterior. Esse aspecto da oração Tiago aprendeu com o Senhor Jesus (Mt 17.20; 21.21,22), muito embora, a princípio, não crera que seu irmão era o Messias, o Salvador do mundo (Jo 7.5). Agora, após crer em Cristo e ter crescido na graça, Tiago conhece a oração da fé: ela levanta os enfermos (5.15) e tem muito poder (5.16).

De acordo com Tiago, pedir com fé é pedir *em nada duvidando*. *Duvidar* significa literalmente “julgar”, “discriminar”, “discernir”. Na voz passiva significa “hesitar”, “questionar”, “duvidar”. É exatamente a mesma palavra usada por Jesus em Mateus 21.21,22: “duvidardes”. Indica uma alma dividida. “É um quadro vívido da dúvida interna” (A. T. Robertson), em que o espírito se debate entre o acreditar e o não acreditar. No caso, Tiago solicita aos seus leitores que peçam sabedoria a Deus, crendo na sua bondade e liberalidade, sem duvidar, por um momento sequer, de que ele os ouve e deseja atendê-los. Além da fé, Tiago impõe outras condições

para a oração nessa carta. No capítulo 4, por exemplo, exorta seus leitores a pedir tendo em vista motivos corretos (4.2-3; cf. ainda 5.13-16).

Em seguida, Tiago pinta um quadro vívido daquele que pede duvidando. Ele é *semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento*. A referência é àquela onda que surge de repente, em contraste com os movimentos contínuos de um mar calmo. Ela é impelida e agitada pelo vento, lançada de uma para outra parte (ARC). É o quadro de uma alma inquieta e atormentada com dúvidas, o oposto daquela perseverança que Deus deseja produzir em nós por meio das tribulações (1.3). A mesma figura é usada por Paulo para indicar os inconstantes, que facilmente se tornam presas de ventos de doutrina (Ef 4.14). Pedro e Judas se referem aos falsos mestres como “névoas impelidas por temporal” (2Pd 2.17; Jd 12-13). No todo, o quadro é de inconstância, vacilação, hesitação, falta de firmeza e de perseverança na fé. “Com esta similitude, Tiago expressa de forma chocante como Deus pune aqueles que duvidam de suas promessas; pois, mediante sua própria inquietação, eles se atormentam interiormente; pois não há qualquer tranquilidade para a alma, exceto aquela confiança na verdade de Deus.” (J. Calvino).

1.7 Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa. Tiago aqui repreende qualquer expectativa que esse homem de coração dúbio porventura entretenha de que sua oração por sabedoria será respondida. Como a onda violentamente agitada, sem direção, propósito e objetivo, assim também aquele que duvida de Deus perambula na vida espiritual, tendo perdido o caminho. Ele *não alcançará do Senhor alguma coisa*.¹⁸ Ou seja, esse princípio aplica-se não somente aos pedidos por sabedoria, mas aos pedidos em geral (cf. Pv 15.8; 21.27; Is 1.5; 58.3-4). Quem duvida não receberá coisa alguma.

Tiago aqui diz que é o *Senhor* quem não atenderá ao desejo do duvidoso. Ele usa o título Senhor 16 vezes na carta (cf. 1.1,7,12; 2.1; 3.9; 4.10,15; 5.4,7,10,14). Na maioria dos casos, a referência é ao Senhor Jesus Cristo. Como Senhor, ele ouve as orações, sonda os corações, e atende de acordo com sua vontade soberana e as condições que estabeleceu. Durante seu ministério terreno, o Senhor Jesus várias vezes ensinou que a dúvida e a incredulidade não seriam recompensadas (Mt 17.20; 21.21,22, etc). Agora, na glória, governando soberanamente seu povo, ele aplica esse princípio aos que o buscam em oração.

1.8 homem de ânimo dobre, inconstante em todos os seus caminhos. Tiago continua repreendendo o que duvida, para não deixar-lhe qualquer

¹⁸ ARA traduz *λήψεται* como “alcançará”, enquanto ARC e NVI trazem “receberá”. Embora ARA tenha procurado reproduzir na tradução a expectativa ativa, de quem pede sem fé, de alcançar alguma coisa, a tradução da ARC e NVI deve ser preferida, pois coloca o que pede na condição de receptor passivo, que vai ficar de mãos vazias pela falta de fé.

esperança de que será atendido por Deus. O que duvida é *homem de ânimo dobre*,¹⁹ literalmente, “homem de duas almas” ou “dois ânimos”.²⁰ O quadro é de uma pessoa que está dividida internamente, com forças do coração puxando em sentidos opostos. É como alguém que tem dois rostos, cada um olhando na direção contrária à do outro. Por isso, tal pessoa é *inconstante em todos os seus caminhos*, instável (NVI), que “cambaleia como um bêbado” (A. T. Robertson). Esse quadro vívido daquele que duvida é bem exemplificado no episódio em que o profeta Elias repreende o povo de Israel por “coxear entre dois pensamentos”, entre Deus e Baal, indeciso e dividido (1Rs 18.21). O Senhor Jesus repreendeu os de ânimo dobre, os inconstantes, ao declarar que “ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6.24; cf. “almas inconstantes” em 2Pd 2.14 e “instáveis” em 2Pd 3.16). Talvez um dia o próprio Tiago tenha sido assim, antes de crer que seu irmão era de fato o Cristo, o Filho de Deus. Porém, agora, com autoridade, repreende qualquer hesitação ou vacilação na fé em Cristo Jesus. Os leitores de Tiago certamente sentiram o poder dessas palavras, que visavam, apesar de vigorosas, encorajá-los a buscar a Deus em oração, pedindo a sabedoria necessária para enfrentar as diversas provas pelas quais estavam passando.

Deus deseja inteireza de coração, firmeza de propósito, um coração totalmente consagrado e devotado a ele. É a este que o Senhor Jesus atenderá.

Superando a pobreza e a riqueza (1.9-11)

1.9 O irmão, porém, de condição humilde glorie-se na sua dignidade. A conexão desse verso com o anterior não é muito clara. A ligação é feita pela conjunção *δέ*, que pode ter força tanto aditiva (nesse caso, seria traduzida como “e”, “também”) quanto adversativa (traduzida como “mas”, “porém”, “contudo”). O sentido em que o verso 9 contrasta com o contexto anterior não é muito evidente, a ponto de muitas traduções em diversos idiomas eliminarem a conjunção completamente ou traduzirem-na como “e”, considerando assim que Tiago,

¹⁹ A expressão *ἀνὴρ διψυχος* (Vulgata, “duplex animo”) é traduzida pela ARA como “homem de ânimo dobre”, pela ARC como “homem de coração dobre” e pela NVI como “tem mente dividida”. Não há diferença essencial entre as traduções, pois geralmente se considera a mente ou o coração como a sede do ânimo, do impulso, das emoções e da vontade. Para “homem” Tiago usa no verso 8 o termo *ἀνὴρ*, enquanto no verso anterior havia usado *ἀνθρώπος*. Não há diferença material entre os dois termos, a não ser quando se deseja fazer uma distinção de *γυνή*, quando então o termo *ἀνὴρ* é mais usado. Aqui, o uso diferenciado se deve provavelmente à variação estilística.

²⁰ No Novo Testamento essa expressão só ocorre em Tiago (aqui e em 4.8), mas a idéia está presente em Mateus 14.31, em que Jesus, ao perguntar a Pedro por que havia duvidado, emprega o termo *ἐδίστασας*, “duvidastes”, que tem a palavra “dois” ou “duplo” em sua raiz.

no verso 9, inicia um novo assunto.²¹ Contudo, a conexão pode ser com o verso 2. Ali Tiago havia declarado que o cristão passa por várias provações, entre elas o sofrimento causado pela opressão de patrões injustos. Em seguida ele faz uma digressão sobre o alvo das provações e a necessidade de pedir sabedoria para enfrentá-las (1.3-8). E agora, no verso 9, ele retorna ao tema do verso 2: embora as provações sejam uma realidade neste mundo, especialmente para o judeu-cristão pobre, oprimido pelo patrão rico, o pobre deveria gloriar-se na sua dignidade, enquanto o rico haveria de murchar em seus caminhos.

Tiago se dirige a esse irmão como alguém *de condição humilde*.²² O termo indica alguém de condição abatida, e pode se referir ao *status* social ou à condição espiritual. Aqui, por causa do contraste com o rico no verso seguinte, significa alguém de baixa condição social, pobre, desprovido e desamparado (cf. Pv 30.14; Lc 1.52); daí a idéia de *abatido*.²³ De acordo com o apóstolo Paulo, quando esteve em Jerusalém para encontrar-se com os demais apóstolos, estes, além de lhe darem a destra da comunhão no ministério, recomendaram-lhe que se lembrasse dos pobres (Gl 2.10). Tiago era o líder da Igreja de Jerusalém a essa altura, e não é improvável que essa lembrança tenha partido dele. Aqui em sua carta, ele demonstra contínua preocupação com os pobres (cf. 1.9,10; 2.2-6; 2.15,16; 5.4).

A atitude que Tiago determina ao cristão abatido pela pobreza e pela opressão é a de *gloriar-se na sua dignidade*. *Dignidade* significa literalmente “exaltação” ou “elevação” de alguém a uma posição de honra e glória. Daí a idéia de dignidade.²⁴ A dignidade ou estado exaltado do crente pobre é de natureza espiritual e relaciona-se com sua condição de filho do Altíssimo, herdeiro do Reino (cf. 2.5). Essa dignidade não transparece da condição externa de pobreza em que vive tal crente (cf. esse conceito em 1Jo 3.1-3), mas, pela fé, ele *se gloria* nessa realidade. Tiago repreende aqueles que se gloriam nas suas “arrogantes pretensões” (4.16). Contudo, considera lícito o gloriar-se na dignidade espiritual.

O texto também pode ser interpretado assim: “glorie-se, irmão abatido, *quando Deus o exaltar*”. Nas Escrituras é freqüente o conceito de que Deus exalta os abatidos (cf. 1Sm 2.8; Sl 113.7,8; Lc 9.48, etc.). Nesses casos, a exaltação é sempre reversão do estado de abatimento externo e elevação a uma posição de

²¹ A NVI preferiu não traduzir a conjunção.

²² A ARC traduziu “humilde”, ταπεινός, como “abatido”.

²³ Tiago emprega o termo outra vez em 4.6 (“humildes”), mas ali o sentido é de humildade em contraste com a arrogância, como em Mateus 11.29.

²⁴ A ARC traduziu ἐν τῇ ὑψέει αὐτοῦ como “na sua exaltação”, que é melhor, pois preserva o contraste entre o estado abatido do pobre e aquele de exaltação do rico.

poder e honra.²⁵ Contudo, encaixa-se melhor no contexto da carta a interpretação que vê a exaltação do pobre como de natureza espiritual, já que em nenhum momento os cristãos pobres são encorajados por Tiago a esperar e a buscar de Deus uma exaltação humana, externa e material. Ao contrário, são exortados a se alegrar nas provações e a se gloriar em meio à pobreza. Dessa forma, o versículo continua o ensinamento de Tiago sobre as provações, já iniciado no verso 2. Os cristãos deveriam não somente alegrar-se em meio às provações, como também gloriar-se no estado de pobreza e sofrimento a que estavam sendo submetidos. “Aquele que tem a estimativa correta do amor de Deus por si considerará todas as outras coisas como sem valor. Nem a pobreza, nem a fome e a nudez o farão ficar ansioso. Ele se sustentará com esta consolação” (J. Calvino).

Não se deve pensar que essa passagem apóia a tese de que o Cristianismo conservador ensina o conformismo às injustiças da vida. Tiago está tratando apenas da atitude e da reação emocional e espiritual dos cristãos às adversidades, inclusive as de caráter financeiro e social. Por outro lado, a recomendação de Tiago é frontalmente contrária à teologia da prosperidade. O autor bíblico instrui o cristão pobre a gloriar-se em sua dignidade espiritual, enquanto a teologia da prosperidade ensina que a pobreza vem do diabo, que o cristão deve repreender a pobreza, rejeitá-la e dizer a Deus que não a aceita.

1.10 e o rico, na sua insignificância, porque ele passará como a flor da erva. Aqui a condição humilde e de abatimento do irmão pobre é contrastada com a elevação arrogante do rico. Enquanto o cristão abatido externamente deve gloriar-se na sua elevação espiritual, o rico, que é elevado externamente, deve gloriar-se no seu abatimento.²⁶

A questão-chave nessa passagem é determinar os ricos a que Tiago se refere, se a cristãos ou a ímpios. Em favor da primeira hipótese temos o fato de que Tiago se dirige diretamente a eles, como se estivessem entre os seus destinatários e, portanto, entre os membros das igrejas (cf. **1.10**). Tiago chega a repreendê-los como se estivessem presentes quando a carta fosse lida (**5.1**). Quando trata do pecado da parcialidade no trato com as pessoas, ele usa como ilustração a entra-

²⁵ A NVI seguiu essa linha de interpretação, traduzindo o texto como “o irmão de condição humilde deve orgulhar-se quando estiver em elevada posição”.

²⁶ *Insignificância* é a tradução mais livre que a ARA fez do termo grego ταπεινώσει, que significa literalmente “abatimento”. A força do contraste de Tiago e do jogo com ταπεινός (abatido, verso 9) e ταπεινώσει (abatimento, verso 10) se perdeu na tradução da ARA, mas ficou preservada na tradução da ARC: “glorie-se o irmão abatido na sua exaltação, e o rico, em seu abatimento”. A NVI traz “e o rico deve orgulhar-se caso passe a viver em humilde [condição]”. Nesse caso, demonstra implicitamente que se trata de irmãos ricos a quem Tiago se dirige. No texto do comentário defendemos posição contrária.

da na igreja de um rico bem trajado e opulento (2.2,3). Contudo, Tiago nunca se refere a eles como irmãos, como faz com os cristãos pobres. Sempre os trata como “os ricos”, como se não fizessem parte das igrejas. As atitudes dos ricos e os castigos que anuncia contra eles, especialmente em 4.13-16 e 5.1-6, se harmonizam mais com a circunstância de serem ímpios. O fato de que se dirige a eles na carta pode ser interpretado como uso de *linguagem profética*, à semelhança dos profetas do Antigo Testamento, os quais pronunciavam seus oráculos contra reinos e nações distantes. Os profetas se dirigiam a essas nações de forma direta, como se elas estivessem ouvindo o que era dito. Contudo, elas provavelmente nunca ouviram nem tiveram notícia do que o profeta escreveu (cf. Is 33.13; Jr 6.18; 31.10; Ez 25.3, etc.). O autor da carta fala também da presença dos ricos nas igrejas em 2.1-5. Apesar de ser possível entendê-la como hipotética, isto é, como uma ilustração do pecado que Tiago deseja combater, a saber, a parcialidade no trato com as pessoas, tal passagem aventa uma possibilidade real. Contudo, nada no texto exige que o rico visitante seja identificado como cristão. Assim, o “rico” desse verso, e do restante da carta, é mais bem entendido como um não-cristão. Os ricos, no contexto especial das congregações às quais Tiago escreve, eram responsáveis por grande parte do sofrimento experimentado pelos judeus cristãos pobres.

E, nesse caso, a exortação de Tiago a que se *gloriam em sua insignificância* deve ser vista como uma ironia profética do autor. Os ricos incrédulos deste mundo, embora em posição exaltada, em realidade estão numa condição de abatimento diante de Deus. “A cruz de Cristo eleva o pobre e abate o que é exaltado. É a grande niveladora de homens” (A. T. Robertson). É dessa condição que os cristãos devem se gabar, pois representa a verdadeira riqueza neste mundo, uma situação e uma condição em que se está pronto para receber a graça e o favor de Deus. Contudo, os ricos incrédulos não percebem a realidade dessa forma, cegos que estão para o seu verdadeiro estado; e, cegados pela arrogância de sua exaltação, gloriam-se em suas riquezas e em seu poder.

A verdade, porém, é que a glória externa é passageira: *ele passará como a flor da erva*. Daí a necessidade de se humilhar diante de Deus. A *flor da erva* (cf. 1Pd 1.24) aparece em Isaías 40.6, na versão da LXX, expressando o mesmo conceito que aqui. Eram flores silvestres, de cores brilhantes, que brotavam anualmente do solo e, após poucas semanas, apesar da beleza, murchavam e embranqueciam sob o sol da Palestina. Tiago compara o caráter efêmero do rico à transitoriedade dessas flores. O rico *passará* completamente da terra, apesar de todas as suas riquezas e de todos os seus planos para o futuro (cf. 4.13,14). Tiago aprendeu esse conceito com o Senhor Jesus (cf. Mt 6.30). Ao refletir sobre a efemeridade das riquezas, os cristãos sofredores, que gemiam debaixo da opressão dos ricos, recobravam ânimo e esperança. E, mesmo que a justiça

fosse adiada (*passará* aponta para o futuro escatológico do dia do juízo de Deus, ponto desenvolvido por Tiago em 5.1-5), a certeza dela os aliviaria.

1.11 Porque o sol se levanta com seu ardente calor, e a erva seca, e a sua flor cai, e desaparece a formosura do seu aspecto; assim também se murchará o rico em seus caminhos.²⁷ Aqui Tiago acrescenta a causa do fenecimento da flor da erva: *o sol que se levanta com seu ardente calor*. A expressão “ardente calor” designa por vezes, no Antigo Testamento (LXX), o *sirocco*, um vento seco e abrasador que vem do deserto, como aquele que soprou sobre a casa dos filhos de Jó (Jó 1.19), e o vento calmoso oriental que, junto com o sol, abrasou a cabeça do profeta Jonas (Jn 4.7). O sopro destruidor de Deus é comparado ao *sirocco* que seca a erva e as flores (Is 40.7,8). Contudo, no Novo Testamento, o termo é geralmente empregado para o calor ardente do sol (cf. Mt 20.12; Lc 12.55). Esse é provavelmente o sentido aqui. O sol é fonte de vida, contudo seu ardente calor destrói os organismos mais frágeis, quando a ele expostos por muito tempo. É o caso das flores silvestres sob o sol causticante da Palestina (cf. Mt 13.6).

Tiago enfatiza o desaparecimento da *formosura do aspecto* das flores. É uma beleza externa, fugaz, frágil, que não resiste às intempéries. Da mesma forma, *se murchará o rico em seus caminhos*. Nas Escrituras, os ricos e poderosos são freqüentemente comparados às flores e às árvores (cf. Sl 37.35,36; Is 28.1,4). “Murchar” é um verbo antigo, significando às vezes *extinguir uma chama ou uma lâmpada*. A palavra “caminhos” significa literalmente *jornada, empreitada de negócios ou saúde*, ou seja, *atividade* (NVI). “As excursões do homem rico chegarão ao fim da jornada” (A. T. Robertson). Ou seja, tudo o que ele faz haverá de murchar, se extinguir. Sua riqueza, prosperidade, exaltação e poder são aparentes, como a formosura das flores do campo, e não resistirão ao calor do fogo do juízo de Deus. Tiago expõe o juízo de Deus sobre os ricos com mais detalhes e vigor em 5.1-7. A causa da decadência do rico não é o fato de ser rico, mas o de ser ímpio, arrogante, de não ter o temor de Deus, de oprimir os pobres. Em toda a Escritura encontramos exortações aos ricos a que não coloquem sua esperança nas riquezas, pois são passageiras. Embora ser rico não seja pecado, traz consigo muitas tentações. Daí as Escrituras sempre advertirem quanto ao perigo do amor ao dinheiro e do apego às riquezas (cf. Mt 6.24; 19.23,24; Lc 12.16-21; 16.13,19-31; 1Tm 6.9,10; 6.17). Os judeus cristãos que sofriam nas mãos dos ricos opressores deveriam encorajar-se ao lembrar de que o esplendor

²⁷ Todos os verbos desse versículo estão no aoristo, à exceção de *μαρανθήσεται*, “murchará”. Apesar de o aoristo indicar geralmente uma ação completada no passado, o que temos aqui é um aoristo gnômico, ou atemporal, que não indica tempo algum. Assim, todas as traduções vertem os verbos no presente, como ARA, ARC e NVI.

do poder deles era tão passageiro quanto a formosura das flores e aguardar pacientemente a chegada do sol da justiça (5.7,8; Mt 4.2). As riquezas dos ímpios haverão de murchar. Mas uma recompensa imarcescível, que não pode murchar, está reservada para os cristãos (1Pe 1.4; 5.4).

Fazendo a distinção entre provação e tentação (1.12-15)

1.12 Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam. Em contraste com a formosura aparente dos ricos ímpios, que fenecerá como a erva do campo, a imarcescível coroa da vida aguarda aqueles que suportam com perseverança as provações, aqueles que amam a Deus. Tiago continua, aqui, suas orientações a respeito do comportamento cristão em face das provações da fé, e com esse verso ele introduz um importante ponto, que é a diferença entre provação e tentação, estabelecida pela origem e propósito de ambas.

Dessa forma, nosso autor procura aqui evitar que os cristãos, se vierem a cair quando tentados, atribuam a Deus qualquer culpa pela queda. Deus prova os que o amam com o objetivo de dar-lhes a coroa da vida. As tentações, por outro lado, não procedem de Deus, mas do nosso coração corrompido, quando cedemos à cobiça. Aquilo que da parte de Deus é prova torna-se tentação pela concupiscência de nosso coração corrompido.

Ele começa declarando que é *bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação*. A expressão “bem-aventurado o homem” é tipicamente hebraica e designa no Antigo Testamento aquela pessoa, homem ou mulher, que é feliz (NVI) por estar em aliança com Deus. Ele é bem-aventurado porque Deus o disciplina (Jó 5.17; Sl 94.12); porque recebe a bênção da prosperidade da parte do Senhor por meditar e andar em seus caminhos (Sl. 1.1; cf. 1.25); porque é justificado pela fé sem as obras da lei (Sl. 32.1,2; cf. Rm 4.6-8); porque confia no Senhor e não é desapontado (Sl 34.8; 40.4; 84.5). O Senhor Jesus disse que Pedro era bem-aventurado, quando este declarou por fé a filiação divina de Jesus (Mt 16.17). Da mesma forma, considerou bem-aventurado todo aquele que não se envergonha dele (Lc 7.23).

Em Tiago, a bem-aventurança é prometida ao homem que *suporta a provação*.²⁸ Evidentemente Tiago não se refere a suportar a provação de qualquer

²⁸ ARC, “que sofre a tentação”, traduzindo ὑπομένει πειρασμόν. A palavra πειρασμός pode significar “provação” ou “tentação”. Geralmente o contexto determina a melhor escolha. No nosso caso, entendemos que Tiago se refere à provação. Ele se referirá à tentação no verso seguinte.

maneira, mas suportá-la *com perseverança*,²⁹ conforme ele vem instruindo desde o início da carta: com toda alegria (1.2), orando por sabedoria (1.5), gloriando-se na sua dignidade (1.9). A bem-aventurança reside exatamente nisto. Se o cristão reage às tribulações como os descrentes, com amargura, ira, ódio, ressentimento, rancor e outros sentimentos da mesma espécie, em que ele é bem-aventurado?

É suportando a provação da maneira correta (por isso Tiago escreve) que o cristão é *aprovado*.³⁰ O Senhor, o mesmo que o recompensará, é o que o aprova, sendo o sujeito implícito desse passivo divino.³¹ A aprovação pelo Senhor acontece já aqui neste mundo, mas a recompensa será a *coroa da vida*. O conceito de que a perseverança, a fidelidade a Cristo até a morte, será recompensada com a coroa da vida aparece também em Apocalipse 2.10 (cf. 5.11). O que Tiago quer dizer com “coroa da vida” tem sido discutido. Alguns, como Calvino, entendem que ele se refere a alguma recompensa que os crentes fiéis e perseverantes receberão no céu. Contudo, é mais provável que “coroa da vida” signifique a vida eterna, recebida como uma coroa. Se esse for o caso, Tiago está dizendo que a recompensa dos que suportam com perseverança a provação é a vida eterna. Esse ensinamento tem origem no próprio Senhor (cf. Mt 19.28,29).

Essa interpretação faz sentido também em Apocalipse 2.10 e é reforçada pelo fato de Tiago identificar os que receberão a coroa da vida como *os que o amam*, referindo-se ao Senhor. A mesma expressão ocorre em 2.5 e a referência é claramente aos cristãos verdadeiros (cf. ainda Rm 8.28; 1Co 2.9; 8.3; 1Pe 1.8,9). A estes o Senhor prometeu a vida eterna. Ou seja, a todos os crentes verdadeiros.

Não devemos pensar que Tiago está ensinando salvação pela perseverança. Ele está refletindo o ensino de Jesus (cf. Mt 10.22). Já vimos que a salvação pela fé está presente nessa carta (veja o comentário em 1.3). Para Tiago, contudo, a fé salvadora se manifesta por obras (capítulo 2), e entre elas está, certamente, a perseverança nas provações. Percebemos do ensino de Tiago que o alvo das provações é nossa aprovação, para que recebamos a vida eterna como a coroa. Deus não nos envia as provações com o objetivo de nos destruir ou nos derrubar,

²⁹ Essa expressão não ocorre no grego, que diz apenas “que suporta a provação”. Ela foi adicionada pelos tradutores da ARA visando deixar mais clara a maneira como a provação deve ser suportada. “Perseverança” é suprida pelo contexto, em 1.3. NVI, “que persevera na provação”, é também uma dedução (correta).

³⁰ A ARC traduziu a frase diferentemente, dando-lhe outro sentido – “quando for provado” –, que não faz o menor sentido no contexto. “Aprovado”, δόκιμος, remete-nos diretamente para “provação”, δοκιμίων, no verso 3. É aprovado após os testes, como se faz com a prata e o ouro, cf. Romanos 5.4: δοκιμήν, “experiência”.

³¹ Embora a ARA tenha traduzido “a qual o Senhor prometeu...”, e a NVI “que Deus prometeu...”, nem a palavra “Senhor” nem a palavra “Deus” ocorrem no texto grego adotado por essas traduções; contudo, “o Senhor” ocorre no texto adotado pela ARC, ὁ Κύριος.

mas para nos fazer crescer. Se os crentes judeus aos quais Tiago escreve aprenderem esse ponto, evitarão a mágoa e o ressentimento contra Deus que geralmente tentam os que passam por grande sofrimento.

1.13 Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta. As tribulações, que são provas vindas de Deus, constituem, ao mesmo tempo, tentações para se fazer o mal, especialmente em períodos de intenso sofrimento. Os cristãos devem distinguir as duas coisas. É o que Tiago procura fazer aqui. “Aqui Tiago trata das tentações internas, que são nossos desejos desordenados. Ele nega de forma justa que Deus seja o autor deles, visto que procedem da corrupção da nossa natureza” (J. Calvino).

Existe o risco de os cristãos pensarem que é o próprio Deus quem os está induzindo a pecar, quando passam por momentos difíceis. Afinal, não é ele soberano absoluto da história, quem reina sobre nossas decisões individuais? Por vezes, sob o fogo ardente das provas, os cristãos se perguntam se, afinal, sendo Deus soberano e permitindo o sofrimento, o caminho mais fácil, mesmo que errado, não seria lícito. “A estultícia do homem perverte o seu caminho, mas é contra o Senhor que o seu coração se ira” (Pv 19.3). Tiago faz uma determinação para a qual não há exceção alguma: *ninguém* deve atribuir a Deus a origem da tentação quando estiver *sendo tentado*. As tentações sobrevêm a todos, regularmente. Elas procedem de nossa natureza corrompida, que é estimulada por Satanás e pelo mundo. Contudo, não procedem de Deus.

Tiago determina que os judeus cristãos parem de dizer: *sou tentado por Deus*,³² como se a tentação tivesse origem nele. As razões apresentadas por Tiago são duas: Primeira: *Deus não pode ser tentado pelo mal*.³³ O conceito pode ser expresso de várias formas: ninguém pode tentá-lo a fazer o que é mau, ou, ainda, Deus jamais desejaria fazer o que é mau. Em sua perfeita e plena santidade e justiça, Deus é completamente imune, blindado e à prova de tentação. O livro apócrifo de Siraque traz advertência similar: “Não diga, ‘o Senhor foi o responsável pelo meu pecar’, pois Deus não faria aquilo que odeia” (Sir 15.11). A segunda razão de Tiago é a conclusão da anterior: *ele mesmo a ninguém tenta*. A tendência de culpar a Deus pelo pecado é tão antiga quanto o jardim do Éden: “Então, disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi” (Gn 3.12). Os filhos e filhas de Adão continuam ainda hoje nos caminhos do pai.

³² A construção grega do imperativo negativo, μηδεὶς ... λεγέτω, expressa um mandamento para se descontinuar uma ação em andamento. Tiago provavelmente tomou conhecimento de que, sob pressão, os judeus cristãos estavam sendo tentados a atribuir suas fraquezas e *aptidão para pecar* ao próprio Deus.

³³ A palavra que Tiago empregou para dizer isso, ἀπειραστός, só ocorre aqui no Novo Testamento. Literalmente, significa “não tentável”.

A questão da origem do mal é muito complexa para ser discutida aqui. Podemos não ter resposta à pergunta: de onde surgiu o mal? Mas sabemos de onde ele não veio: de Deus. A relação entre a soberania de Deus e a responsabilidade do homem é também muito complexa, especialmente quando abordamos a questão do pecado e sua responsabilidade. O que podemos afirmar é que Deus, mesmo tendo decretado tudo o que existe e ordenado todos os eventos deste mundo, o fez de tal maneira a manter o homem responsável por seus atos, de forma a não ser ele, Deus, o responsável pelo mal.

1.14 Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Aqui Tiago identifica a origem das tentações. Ninguém é tentado por Deus, mas *cada um é tentado pela sua própria cobiça*. E não há exceção a essa verdade. É interessante que Tiago não menciona no contexto a atuação de Satanás, o tentador, muito embora mais adiante ele ensine os crentes a resistir às tentações do diabo (4.7). Com isso, ele deseja destacar mui claramente que a tentação se origina realmente em nós e que, dessa forma, somos nós mesmos os responsáveis pelo pecado que cometemos.

Somos tentados por nossa *própria cobiça*.³⁴ Tiago está consciente de que o fato de seus leitores serem crentes em Jesus Cristo não os livra da presença da cobiça no coração. Aliás, ele os adverte de que a origem das guerras e contendas entre eles são os “prazeres que militam na vossa carne” (4.1). Eles estavam cobiçando coisas que Deus não concederia em oração (4.2). A Queda nos fez pecadores e corrompeu todas as áreas e faculdades da nossa personalidade (Gn 6.5; 8.21; Mt 15.18-20; Mc 7.21,22; Rm 7.11-13). A libertação do mal residente em nós ocorrerá somente no dia do Senhor. Até lá, o verdadeiro cristão trava luta diária com sua natureza corrompida, aqui sintetizada na cobiça.

Tiago descreve o modo pelo qual a cobiça tenta o cristão, bem como todos os filhos de Adão: *atraindo-os e seduzindo-os*.³⁵ “Atrair” só ocorre aqui no Novo Testamento. No Antigo Testamento ocorre no contexto de atrair com o objetivo de enganar, como na famosa história de Juízes 20.31-32, em que os filhos de Benjamin foram atraídos pela estratégia dos inimigos e foram derrotados em

³⁴ *Cobiça*, ἐπιθυμία, significa “desejo”, “paixão”, “vontade”; no Novo Testamento é sempre usada em sentido negativo, para designar paixões carnis, ambições pecaminosas e desejos ilícitos (cf. Rm 7.7; 1Pd 1.14; 2.11; 4.2-3), e geralmente traduzida por “concupiscência” (1Jo 2.16), embora haja exceções, como Lucas 22.15 e Filipenses 1.23. NVI traduziu corretamente como “mau desejo”.

³⁵ Há uma diferença significativa aqui entre ARA e ARC. Da forma como ARA e NVI traduziram (“cada um é tentado pela sua própria cobiça [NVI, ‘mau desejo’], quando esta o atrai e seduz”), a ação da cobiça consiste em tentar. Na tradução da ARC (“cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência”), a ação da cobiça é atrair e engodar. O problema está no fato de que, gramaticalmente, é possível ligar a cobiça tanto com a frase que vem antes (“cada um é tentado”), quanto com a que se segue (“atraído e engodado”). É difícil tomar uma decisão devido à ambigüidade do texto original. Ao final, o que se pode dizer é que a cobiça de cada um, de forma direta ou indireta, é a origem da tentação.

batalha. *Seduzir* vem de uma palavra grega que significa “isca”. É “seduzir” um peixe a sair de sua toca por meio de uma isca. Só ocorre aqui e em 2 Pedro, sempre com a idéia de engodo, sedução para o pecado, usado pelos falsos profetas para enganar os fiéis (2Pd 2.14,18). As Escrituras nos dão diversos exemplos de como a cobiça atrai e engoda o homem, precipitando-o no pecado: Acã cobiçou as coisas proibidas (Js 7.21-24); Davi cobiçou Bate-Seba (2Sm 11.2,3); o rei Acabe cobiçou a vinha de Nabote (1Rs 21.2-4). Quando tentados, nunca devemos atribuir tal situação a Deus: a tentação procede da cobiça residente em nosso coração.

1.15 Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte. Tiago descreve, em continuidade, a próxima etapa do processo pelo qual a cobiça traz a morte. O interesse dele não é nos dar uma informação desses processos, mas repreender qualquer tentativa nossa de atribuir a Deus o nosso pecado.

Nessa passagem, Tiago demonstra em termos dramáticos como a cobiça, personalizada como mulher, concebe do desejo humano, fica grávida do pecado e gera um filho, a morte, que em seguida mata o próprio pai. *Concebido* é uma das expressões usadas no Novo Testamento para descrever o estado de gravidez (Lc 1.24; Lc 11.27). Aqui Tiago a usa figurativamente para descrever a cobiça grávida com o desejo humano e prestes a dar à luz o pecado. Quando respondemos à cobiça com nossa vontade, o encontro dos dois engravida a cobiça com o pecado. O processo é narrado como se fosse irreversível. Veja figura semelhante em Jó 15.35 e no Salmo 7.14.

A cobiça *dá à luz o pecado*. Para Tiago, o pecado é a transgressão da lei de Deus (2.9,10). Os pecadores precisam purificar as mãos diante de Deus, pelo quebrantamento e o arrependimento (4.8). Os pecados ocultos podem ser a causa de castigos temporais, como a doença, e devem ser confessados (5.15,16). Desviar-se da fé é andar por caminhos errados, é cometer uma multidão de pecados que acarretam a morte da alma (5.20). O pecado se origina, contudo, quando nos deixamos seduzir pela cobiça e damos a ela nosso consentimento. Podemos resistir à tentação da cobiça, com a graça de Deus. Quando não o fazemos, ela fica grávida do nosso desejo e, em seguida, dá à luz o pecado. (cf. Is 59.4). É como se Tiago quisesse dizer que não há dúvida, olhando para o pecado, de que é nosso filho, assim como os pais de uma criança podem ser reconhecidos por exames de DNA. Todo pecado que cometemos leva nosso DNA, pois nós somos diretamente responsáveis por ele – e não Deus.

Uma vez *consumado*, o pecado *gera a morte*.³⁶ Tiago emprega a palavra “consumado” para indicar o ato do pecado, após um período de gestação. Após

³⁶ O termo que Tiago emprega para *consumado*, ἀποτελεσθεῖσα, significa literalmente “completar uma obra”, “terminar alguma coisa”, “levar um projeto a um fim bem sucedido” (a única outra ocorrência no Novo Testamento é em Lc 13.32).

ser cometido, o pecado *gera a morte*. *Gerar* aqui significa “dar à luz”, “procriar”. “O pecado já nasce completamente equipado para seguir sua carreira” (A. T. Robertson). É uma cadeia de eventos: a cobiça traz tentação, que concebe o pecado, que dá à luz o pecado, que é cometido e traz morte. “Aquilo que o homem semear, isto também ceifará. Porque o que semeia para sua própria carne da carne colherá corrupção” (Gl 6.7,8). “O salário do pecado é a morte” (Rm 6.23). Temos nas Escrituras diversos exemplos desse processo fatal: Eva cobiçando e finalmente tomando o fruto da árvore proibida (Gn 3.6); Caim se deixando levar pelo ódio e finalmente matando seu irmão (Gn 4.5-8); Ananias e Safira planejando e executando o plano de enganar os apóstolos (At 5.1-3).

A *morte* aqui referida não deve ser entendida como a morte eterna, em se tratando de pecado cometido por cristãos verdadeiros. Pois significaria a queda da graça ou a perda da salvação. Em vez disso, *morte* aqui deve ser entendida como uma referência àqueles efeitos mortíferos que o pecado traz para a alma, mesmo a do cristão: amortecimento, culpa, escurecimento, endurecimento, confusão. É nesse mesmo sentido que Paulo disse aos “fortes” de Corinto: “por causa do teu saber, *perece* o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu” (1Co 8.11). Na passagem paralela de Romanos 14.15, ele diz: “por causa de comida, o teu irmão se entristece”. Não o perecimento eterno, a morte eterna, mas o abatimento, o entristecimento e o amortecimento causados pelo pecado.

Não se enganando a respeito do caráter de Deus (1.16-18)

1.16 Não vos enganeis, meus amados irmãos. Para assegurar seus leitores de que o mal não procede de Deus, sob a forma de tentações, Tiago faz uma breve exposição do caráter santo e bondoso de Deus. Quanto a isso, os cristãos não deveriam se deixar enganar: de Deus só procede o bem. Ao contrário dos corpos celestes que mudam de lugar com o seu movimento, o que é perceptível pela sombra que lançam, Deus permanece imutável em seu propósito de nos fazer o bem, aqui resumido no novo nascimento mediante o Evangelho.

A conexão desse versículo ao contexto não é simples. Ele pode estar ligado ao contexto anterior, e, nesse caso, seria a conclusão de **1.12-15**. Tiago estaria exortando seus leitores a não se deixar enganar sobre a origem das tentações. Ou pode estar ligado ao contexto posterior e ser a introdução de **1.17,18**, em que Tiago faz uma exposição do caráter bondoso de Deus. Nesse caso, o sentido seria de que seus leitores não deveriam se enganar sobre esse caráter, como se de Deus procedesse a tentação. A ausência de conjunções ou partículas, no início de **1.6** e de **1.17**, que mostram o fluxo do pensamento do autor e revelam as conexões entre as frases e blocos de pensamentos, torna nossa decisão um pouco mais complicada. Seguiremos a decisão da ARA e da NVI, que ligam esse

verso com o que se segue. Dessa forma, o que temos aqui é a continuação da exortação de Tiago a respeito da atitude correta para com as provações, acrescentando mais um ponto.

O ponto é este: quanto ao caráter de Deus, a exortação de Tiago é para que seus leitores *não se enganem*.³⁷ A exortação é necessária considerando que eles passavam por muitas aflições naqueles dias e poderiam ser tentados a atribuir culpa a Deus (atitude que Tiago tenta corrigir em **1.13-15**), esquecendo-se de quem ele é. Paulo repreende os gálatas nos mesmos termos: eles não deveriam se enganar quanto ao fato de que de Deus não se zomba (Gl 6.7). Conhecer a Deus e confiar nele traz grande conforto e firmeza em meio às dificuldades. Tiago os chama de *amados irmãos* (cf. **1.19; 2.5**) para demonstrar o grande afeto com que os repreende.

1.17 Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança. Aqui está o ponto sobre o qual Tiago deseja que não haja qualquer engano da parte de seus leitores: todas as coisas boas e perfeitas que recebemos vêm do céu, de Deus. Ele já havia mencionado a liberalidade de Deus em atender às orações (**1.5**). O foco agora é na sua bondade. Por conseguinte, dele não procedem as tentações (**1.13-15**).

Do alto procede *toda boa dádiva*. “Dádiva” só ocorre aqui e em Filipenses 4.15, em que Paulo se refere às ofertas dadas pela igreja de Filipos, que entravam para crédito deles e débito de Paulo (cf. o conceito de crédito e despesa em Siraque 41.19 e 42.7). Apesar de a “dádiva” em si já ser positiva, Tiago ainda a qualifica de “boa”, provavelmente para contrastar com o caráter maligno das tentações. Tiago deve ter em mente todas as bênçãos, espirituais e materiais, que recebemos da parte de Deus como presentes.

A expressão seguinte, *e todo dom perfeito*, deve ser entendida não como um tipo diferente de dádiva, mas como um sinônimo do que já foi dito, para ratificar e enriquecer o conceito.³⁸ *Perfeito* significa “aquilo em que nada falta”, “que é completo”. Para Tiago, nossa perseverança deve ser perfeita para que sejamos

³⁷ ARA e ARC diferem na tradução da expressão μή πλανᾷθε. ARA traz “Não vos enganeis”, enquanto a ARC traz “Não erreis”. A diferença está na interpretação do significado da voz do verbo. O verbo πλανᾷω significa, na voz ativa, “enganar”, “fazer alguém se desviar do caminho certo”. Na voz passiva, que é a voz em que ocorre aqui, significa primariamente “ser enganado”, “ser iludido”, e daí vem o sentido secundário de “errar” (ARC). A ARA entendeu que o verbo está na voz reflexiva, e daí traduziu como “se enganar”. A idéia seria de que Tiago estaria advertindo seus leitores a não se enganarem quanto ao caráter bondoso de Deus.

³⁸ Tanto dádiva, δόσις, quanto dom, δῶρημα, procedem do mesmo verbo grego “dar”, δίδωμι. “Dom”, δῶρημα, ocorre somente aqui e em Romanos 5.16, em que Paulo emprega o termo para se referir ao dom da graça de Deus em Jesus Cristo.

perfeitos (1.4); o Evangelho é “a lei perfeita da liberdade” (1.25); e o objetivo da vida cristã é que o crente seja “varão perfeito” (3.2).

Todas as coisas boas e perfeitas que recebemos *são lá do alto*. Essa expressão é tomada figurativamente, como se o céu acima de nós fosse o lugar da habitação de Deus (cf. Jo 3.31; 19.11). O fato de estar acima indica a superioridade e a majestade de Deus, que como um rei condescende em olhar para baixo e conceder dádivas e dons, bons e perfeitos, aos seus servos (cf. 3.15,17). É por isso que elas *descem* da parte de Deus.

O contraste entre as tentações, que procedem de baixo (de nós mesmos), e as bênçãos, que procedem do alto (de Deus; veja esse contraste em 3.15), é acentuado pelo fato de Deus ser *o Pai das luzes*, isto é, dos luzeiros, dos corpos celestes que estão no alto do céu. Somente Tiago chama Deus dessa forma. Ele tem em mente o relato da criação: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz” (Gn 1.3); “Fez Deus os dois grandes luzeiros” (Gn 1.16). Como Criador, ele é o Pai das luzes, isto é, do sol, da lua e das estrelas. Como Pai dos corpos celestes, ele habita no alto, de onde descem as bênçãos. A comparação, contudo, não deve ser levada até o fim. Pois, em contraste com os corpos celestes, que variam em suas rotas, se revolvem em seus eixos e assim projetam sombras que mudam, em Deus *não pode existir variação ou sombra de mudança*. A mudança do sol, em especial, se via pela mudança na sombra que ele lançava no relógio solar (cf. 2Rs 20.11; Is 38.8). Ao contrário dos corpos celestes, Deus não varia nem muda.³⁹ Sua bondade e seu propósito em nos abençoar permanecem firmes, em meio às muitas provações nas quais caímos. O alvo de Tiago é assegurar os cristãos atribulados de que podem confiar na bondade imutável de Deus. Há inúmeros exemplos e passagens nas Escrituras sobre esse fato, reafirmando a bondade de Deus. Veja apenas Mateus 7.11.

1.18 Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas. “Pois” não está no original grego e sua inclusão na ARA confunde a relação desse verso com o anterior, visto que não se trata de uma explicação do que foi dito. Tiago está fazendo mais uma exposição do caráter e propósitos de Deus com relação a seus filhos, com o fim de não deixar dúvida alguma sobre sua bondade para com eles.

Segundo o seu querer é a tradução de um verbo que significa “tendo ele querido”, no sentido de pretendido, determinado, decidido (NVI). É o querer do timoneiro que dirige o navio (3.4). O verbo está no aoristo e aponta para uma

³⁹ A NVI traduziu “Deus não muda como sombras inconstantes”, dando com maior clareza o sentido da expressão.

ação terminada e completa de Deus. O querer de Deus governa todas as coisas. Portanto, os que fazem planos devem sujeitar-se totalmente a esse querer. Diz Tiago: “devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo” (4.15).

O que Deus quis e determinou fazer, isso também ele realizou: *ele nos gerou*, diz Tiago.⁴⁰ A idéia de geração e nascimento é empregada por Tiago para a regeneração efetuada pelo Espírito de Deus nos que crêem em Cristo Jesus. O conceito é abundante no Novo Testamento (Jo 3.3,7; 1Pd 1.3,23; Tt 3.5; 2Co 5.17; Gl 6.15; Ef 2.15; 4.24). Tiago apela para a história recente de seus leitores. O Judaísmo não tinha sido capaz de mudar o coração deles. Mesmo sendo judeus, eram ignorantes do propósito de Deus em Cristo Jesus, estavam mortos em suas ofensas e pecados. Em Cristo, foram regenerados, nasceram de novo e tornaram-se novas criaturas, o verdadeiro Israel de Deus.

A regeneração foi efetuada mediante *a palavra da verdade*, que é a verdade evangélica das boas novas em Cristo, a mensagem dos apóstolos (cf. 2Co 6.7; Ef 1.13; Cl 1.5). Essa mensagem está baseada nas Escrituras, que também é chamada de “a palavra da verdade” (cf. 2Tm 2.15). Ela foi proclamada àqueles judeus cristãos que a ouviram e nela creram. Tiago se inclui entre eles (“nos gerou”), pois igualmente passou por esse processo de novo nascimento, tendo a princípio sido incrédulo para com seu meio-irmão, Jesus. No Judaísmo ele havia aprendido a crer em Deus. Agora, havia aprendido que Jesus Cristo era o Filho de Deus. Era essa a linha divisória entre o Judaísmo e o Cristianismo, a fé em Jesus Cristo. É por meio dessa palavra da verdade que Deus gera seus filhos. “Tiago diz que Deus nos gerou pela Palavra da verdade para que saibamos que não podemos entrar no Reino de Deus por nenhuma outra porta” (J. Calvino).

Deus intencionalmente gerou novas criaturas com o propósito definido de fazer delas *as primícias de suas criaturas*. “Primícias” é termo judaico, que seria muito bem entendido pelos leitores judeus cristãos. Representa aquilo que era separado para Deus, antes que o restante fosse usado para qualquer coisa, como a melhor parte de uma colheita ou as melhores ovelhas de um rebanho. Eram os “primeiros frutos” (NVI). No Novo Testamento o termo é usado para se referir aos cristãos, que têm as primícias do Espírito (Rm 8.23), aos judeus, que foram as primícias da massa (Igreja) (Rm 11.6), a cristãos individuais que foram os primeiros a se converter em uma região (Rm 16.5; 1Co 16.15), a Cristo, como a primeira parte da ressurreição dos mortos (1Co 15.20,23). Tiago provavelmente usa a

⁴⁰ O verbo ἀπεκύρωσεν, “gerou”, empregado por Tiago só ocorre no Novo Testamento em sua carta. Embora signifique “dar à luz”, Tiago se refere não à nossa criação em Adão e Eva, mas à regeneração espiritual. Notemos aqui o contraste com o verso 15, em que se diz que o pecado gera (ἀποκύει) a morte.

expressão para se referir ao fato de que os regenerados são o ápice da criação de Deus, aquela parte das suas criaturas que Deus tentou tomar para si. É nesse sentido que o termo ocorre em Apocalipse 14.4: “São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro”.

Ouvindo mais e falando menos (1.19,20)

1.19 Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. A última instrução de Tiago aos judeus cristãos quanto ao procedimento correto debaixo de intensas provações é para que estejam sempre prontos a ouvir a Palavra de Deus e menos dispostos a se precipitar em palavras faladas sem reflexão. Quem faz isso, sob o fogo das provas, geralmente não consegue tomar decisões que, ao final, produzam atitudes justas diante de Deus.

A conexão da primeira parte desse versículo com o versículo anterior é complicada por causa de um problema textual, que não transparece nas traduções em português.⁴¹ De acordo com os manuscritos mais antigos, Tiago estaria dizendo “sabeis estas coisas” ou “saibam estas coisas”, referindo-se ao que vem em seguida.⁴² De acordo com outro grupo de manuscritos, os mais numerosos e menos antigos, Tiago estaria dizendo “portanto”, e esse versículo e os que se seguem seriam a conclusão prática do que foi ensinado no anterior. Em ambos os casos, apesar da diferença da relação, ela é ainda de continuidade. Tiago, nessa passagem, prossegue com o tema das provações e introduz, quer como conhecimento tácito de todos, quer como conclusão do argumento anterior, mais um argumento à sua exortação sobre a maneira correta de os cristãos se comportarem em meio às provações.

⁴¹ Nos manuscritos mais antigos, esse versículo inicia com o verbo ἴστε, que pode ser o indicativo do perfeito ativo de οἶδα – e nesse caso a tradução seria “sabeis estas coisas”, como em Hebreus 12.17 – ou pode ser o imperativo do perfeito ativo do mesmo verbo, significando “saibam estas coisas”, como em Efésios 5.5. Além disso, os manuscritos mais antigos inserem a palavra δὲ, que traduzem como “pois”, no meio do versículo. A ARA e a ARC adotam ἴστε e traduzem-na como indicativo. Já a NVI, que também adotou esta variante, preferiu traduzir como imperativo: “tenham isto em mente”. Na maioria dos manuscritos, que são mais recentes, o versículo começa com ὥστε, “portanto”, e exclui-se δὲ do versículo, por ser desnecessário. A diferença entre as duas variantes é somente quanto à letra que inicia a palavra, e pode-se explicar como erro não intencional de copista. Contudo, a decisão entre elas é difícil e praticamente impossível de ser tomada a não ser que sejamos partidários ferrenhos de uma ou outra teoria textual.

⁴² Contudo, ἴστε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί, “sabeis estas coisas, meus amados irmãos”, pode estar ligado ao verso anterior, servindo de conclusão ao argumento de Tiago. Porém, nas outras duas vezes em que a palavra aparece no Novo Testamento sempre indica o que se segue como o conteúdo daquilo que se deve saber ou que já é sabido.

A exortação de Tiago é para que cada um de seus leitores seja *pronto para ouvir, tardio para falar e tardio para se irar*. A determinação não contempla qualquer exceção à regra. *Pronto* significa, literalmente, “rápido”; daí a idéia de disposição e prontidão de ouvir e acatar a palavra da verdade referida no verso anterior. Um exemplo é o de Cornélio e toda sua casa diante de Pedro: “Agora, pois, estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor” (At 10.33). No Antigo Testamento lembramos o famoso episódio em que toda a congregação de Israel se juntou, como um só homem, para ouvir, dias a fio, a Palavra de Deus em Jerusalém, por Esdras (Ne 8.1-6; veja ainda Pv 8.32-35). Durante o período apostólico, multidões em cada cidade se juntavam para ouvir a palavra de Deus pregada pelos apóstolos (cf. At 13.42-44; 17.11, etc.). A exortação aqui se fazia necessária não somente por causa das atribulações que os leitores enfrentavam, e que poderiam desanimá-los de freqüentar os cultos, mas porque não eram praticantes da Palavra, somente ouvintes, conforme a repreensão registrada por Tiago logo em seguida.

Para ouvir eles deveriam ser rápidos e dispostos, mas para falar deveriam ser *tardios*, diz Tiago, uma expressão que significa “devagar”. “Significa lento para começar a falar, e não lento enquanto fala” (A. T. Robertson). O contraste entre a rapidez no ouvir e a vagareza no falar pode ser visto em Eclesiastes 5.1. O livro de Provérbios contém muitas exortações nesse sentido (Pv 10.19; 13.3; 15.2; 17.27; 18.3,21; 21.23, etc.). Essa lição nos foi ensinada desde o nascimento, pois a sabedoria divina nos deu dois ouvidos e somente uma boca. Tiago deseja que eles moderem suas palavras, pois, sob angústia, cristãos acabam dizendo coisas das quais geralmente se arrependem depois. É aqui em Tiago que encontramos uma das mais poderosas advertências da Bíblia contra os perigos da língua: **3.1-12** (veja ainda **1.26; 4.11; 5.9**).

Eles também deveriam ser vagarosos em *irar-se*. A palavra “ira” só ocorre em Tiago aqui e no verso seguinte, no qual o autor lhes dá a razão pela qual deveriam ser vagarosos em expressar ira. A paciência antes de falar, quando estamos irados, tende a desacelerar a ira. Quando sob pressão, tendemos a ferir em ira, e aí dizemos e fazemos o que não devemos, como cristãos.

1.20 Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus. Aqui temos a causa pela qual os cristãos devem ser vagarosos para arder em ira. A *ira do homem*, isto é, a ira humana, é uma reação emocional, uma insurreição da natureza humana contra alguém ou alguma coisa. Talvez Tiago esteja implicitamente comparando a ira do homem com a ira de Deus, a qual é a reação justa e santa de Deus contra o pecado e a desobediência do homem, que se manifesta na punição do pecado (cf. Nm 11.33). No caso do homem, por causa do pecado, a ira vem, via de regra, misturada com ódio, rancor e desejo de vingança, como aconteceu com Caim (Gn 4.5; veja ainda Nm 22.27; 1Sm 20.30; Et 1.12; Lc

4.28). É bem verdade que as Escrituras nos falam de uma ira humana “santa”, que é a indignação justa que alguém pode sentir contra o pecado, a injustiça e os que os praticam, como no caso de Moisés, que se irou grandemente contra Israel (Ex 32.19; Nm 16.15) e contra Faraó (Ex 11.8). Contudo, as Escrituras, por causa da linha tênue que separa a ira santa daquela pecaminosa (cf. Sl 4.4; Ef 4.26), geralmente nos advertem a reter a nossa ira (Lv 19.18; Sl 37.8; Pv 14.17; 19.19; Ec 7.9; Rm 12.29; Ef 4.31; 6.4; Cl 3.8; 1Tm 2.8).

A causa apresentada por Tiago é: *ela não produz a justiça de Deus*. O termo “justiça de Deus” pode ser interpretado de várias maneiras diferentes: (1) A justificação pela fé, a qual procede de Deus, que é um dos sentidos mais comuns em Paulo para a expressão. Contudo, não faz sentido no contexto, em que Tiago está discutindo questões práticas, e não o caminho da salvação. (2) A justiça como um atributo de Deus, que se revelaria em caminhos e soluções em que ficasse evidente que Deus é justo. É nesse sentido que Tiago toma a expressão. Em outras palavras, Tiago diz que cristãos irados dificilmente tomarão decisões, em meio às suas tribulações, que façam jus à justiça de Deus ou que glorifiquem ao Deus justo. “A raiva humana não produz o que Deus aprova” (BLH). Um exemplo disso é Moisés, que, ao ferir com ira a rocha, deixou de mostrar a glória de Deus, pois deveria apenas ter falado à rocha (Nm 20.11-12).⁴³ Os judeus cristãos aos quais Tiago escreve poderiam ser tentados, diante das graves aflições que sofriam, a ficar irados contra seus opressores e pronunciar palavras indignas de um cristão. É isso que Tiago deseja evitar, pois “é em paz que se semeia o fruto da justiça” (3.18; cf. 2Tm 2.24).

⁴³ O Salmo 76.10 diz: “Até a ira humana há de louvar-te”. Não há contradição com Tiago 1.20. O salmista está dizendo que Deus, por sua soberania, faz com que até mesmo as ações humanas executadas em ira pecaminosa resultem em motivo de louvor e glória para seu nome. Tiago, por sua vez, está enfatizando a responsabilidade humana para com seus atos realizados em ira pecaminosa.

COMO OUVIR SERMÕES DE FORMA SALVADORA

(1.21-27)

RESUMO

Aqui Tiago começa a sair do assunto das provações (1.2-20) e entrar na questão da prática da palavra de Deus. Os dois assuntos estão perfeitamente interligados e é com naturalidade que Tiago passa de um para o outro. Aqueles judeus cristãos precisavam ser exortados a se conduzir corretamente em meio às tribulações, exatamente por não colocarem em prática aquilo que ouviam regularmente nas reuniões das igrejas. Assim, Tiago passa a repreendê-los por serem ouvintes profissionais de sermões, assunto que o ocupará até o fim desse capítulo.

Ele primeiramente os exorta a preparar o coração para receber a Palavra, à semelhança do terreno preparado para receber a semente (1.21). Ouvir a Palavra de Deus sem praticá-la é enganar-se; tal religião não salvará ninguém. É como um homem que se olha no espelho e não toma qualquer providência para consertar os defeitos expostos da sua face (1.22-24). Em contraste, quem pratica o que ouve é bem-sucedido em tudo o que faz (1.25). Tiago conclui essa parte com um teste da verdadeira religião: esta consiste no domínio próprio e no amor ao próximo e a Deus (1.26,27).

Preparando o coração (1.21)

1.21 Portanto, despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma. Em conclusão ao seu argu-

mento contra a ira nos dois versos anteriores,¹ Tiago agora exorta seus leitores a, mansamente, acolher a Palavra de Deus, a “palavra da verdade” já mencionada no verso 18. Eles deveriam *acolher a palavra*,² ou seja, deveriam receber e aceitar acolhedoramente a mensagem apostólica, em vez de somente ouvi-la. Essa palavra foi *implantada* neles, como uma semente é plantada no solo ou um galho é enxertado numa árvore (cf. Rm 11.17-19,23,24). Assim, a doutrina do Evangelho havia sido implantada neles pelos seus mestres e pastores. “Ele se refere à semente que é semeada, mas que fica sobre o solo, e não é recebida no seio úmido da terra; e também, àquelas plantas que são jogadas no chão ou sobre madeira, que cedo secam. Tiago requer deles uma implantação viva, pela qual a Palavra seja unida aos seus corações” (J. Calvino).

Tiago especifica o modo como eles deveriam acolher a palavra:

(1) Antes de mais nada, deveriam preparar-se para tal: *despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade*. *Despojar-se* significa “despir as roupas”, aqui usado figuradamente para “renunciar” ou “rejeitar” (ARC) aquilo que impede a palavra implantada de dar fruto. Nas Escrituras é freqüente o apelo para que o servo de Deus se despoje, isto é, renuncie ao pecado. No Antigo Testamento, os profetas apelavam para que o povo lançasse fora os ídolos, as maldades e os pecados (veja Is 2.20; 30.22; Ez 18.31). No Novo Testamento, os autores inspirados fazem a mesma coisa (cf. Ef 4.22,25; Cl 3.8; 1Pd 2.1; “desembaraçar-se”, Hb 12.1; “deixemos”, Rm 13.12).

Para que a palavra implantada realize a sua obra, é preciso que limpemos o terreno do nosso coração. Tiago identifica aquilo que deve ser renunciado: primeiro, *toda impureza*.³ A expressão é usada para se referir a todo tipo de impureza, o que deve incluir impureza sexual, muito embora esse geralmente não fosse um problema nas comunidades judaico-cristãs, e sim naquelas provindas do gentilismo. A impureza, à semelhança dos espinhos e ervas daninhas, sufoca a semente e impedem o seu crescimento. Pode ser que Tiago tenha em mente aqui a parábola do semeador, contada por Jesus com propósito similar ao seu (Lc 8.7, interpretado em Lc 8.14). Segundo, *acúmulo de maldade*. A palavra *acúmulo* significa, literalmente, “abundância”. O Novo Testamento fala da abundância da

¹ “Portanto”, οὖν, introduz uma cláusula causal ou conclusiva. A ARC traduziu “pelo que”, que também tem sentido conclusivo.

² ARA traduziu “acolhei”, δέξασθε, enquanto ARC preferiu “recebei”. A tradução da ARA expressa melhor o sentido. Não se trata somente de receber, mas de receber de forma acolhedora, dando as boas-vindas, abrindo o coração, como em Mateus 18.5; Lucas 9.53; 18.17.

³ “Impureza” é a tradução de ῥυπαρίαν, que só ocorre aqui no Novo Testamento. A ARC traduziu como “imundícia”. A palavra vem de ῥυπαρός, que significa “sujo”. Algumas versões em inglês traduzem a expressão como “comportamento sujo”. Talvez Tiago esteja usando a figura do despir-se de roupas sujas.

graça (Rm 5.17), da abundância de alegria (2Co 8.2). Aqui Tiago se refere à abundância da maldade. A expressão pode muito bem significar todas as manifestações da maldade, da malignidade, da malícia, do desejo mau de ferir ou machucar alguém.⁴ Contudo, a palavra *acúmulo* também pode significar “excesso”, não somente no sentido daquilo que excede, mas também daquilo que sobra. Nesse caso, uma interpretação possível seria; “despojai-vos daquilo que ainda resta da maldade em vosso coração”. Esse é provavelmente o melhor sentido.

(2) Além de preparar o coração, deveriam receber a palavra *com mansidão*, não com ira, como o solo suave que foi preparado para receber a semente (cf. Lc 8.8 e 8.15). Significa uma atitude de abertura e disposição para ouvir, acolher e obedecer à Palavra pregada.

Tiago descreve a palavra neles implantada como *poderosa para salvar a vossa alma*. Essa palavra é em si mesma *poderosa*, visto ser a Palavra de Deus, ou seja, ela é capaz de realizar aquilo a que se destina (cf. Is 55.11). Contudo, somente se acolhida da forma correta, conforme Tiago acabou de explicar. Vemos nessa passagem que para os autores do Novo Testamento a soberania e o poder de Deus não anulavam nem tornavam desnecessária a responsabilidade e a ação do homem. Daí as exortações contínuas a ouvir e receber em fé a Palavra de Deus. O autor de Hebreus explica a razão pela qual a geração do deserto foi rejeitada: “a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram” (Hb 4.2).

A doutrina neles implantada pelos pastores e mestres era poderosa para *salvar a alma deles*. “Salvar” é o verbo regularmente usado no Novo Testamento para se referir à salvação dos pecados mediante a fé em Jesus Cristo. Esse ponto é enfatizado por Tiago ao dizer que a palavra é poderosa para salvar *a alma*.⁵ Aqui vemos que, para Tiago (à semelhança de outros autores bíblicos), a palavra pregada é o meio divino para a salvação da alma (cf. Ef 1.13; 1Pd 1.22,23).

Esse ponto precisa de maiores explicações. Se os leitores de Tiago já eram crentes em Jesus Cristo, em que sentido deveriam acolher a palavra de Deus para a salvação de sua alma? Na verdade, Tiago já os considera como crentes em Cristo, salvos pela graça, regenerados por Deus (veja 1.18). Contudo, a salvação

⁴ ARA traduziu κακία como “maldade” e a ARC como “malícia”. As duas traduções são possíveis e se encaixam bem no contexto.

⁵ “Alma”, ψυχή, também significa vida e daí a idéia do ser humano. Algumas traduções, como a NVI, preferiram traduzir: “é poderosa para salvá-los (i.e., salvar vocês)”. Mas embora essa tradução seja legítima, bem como a idéia de que a salvação é para o ser humano completo, aqui é melhor traduzir a expressão como “alma” mesmo, pois ressalta o lado espiritual e material da personalidade humana em contraste com o homem exterior, sujeito às tribulações e angústias (cf. 2Co 4.16).

é um processo, que inclui em seu início a regeneração, prossegue pela santificação e termina na glorificação. Num sentido é correto dizer que a salvação só é completada quando atinge seu último estágio, o qual aguardamos pela fé em Cristo. A salvação da alma a que Tiago se refere é o processo completo, que inclui a santificação e a glória no dia da vinda do Senhor. Seus leitores já haviam sido inicialmente salvos, mas precisavam prosseguir na santificação e, para isso, era necessário acolher a Palavra de Deus. Assim é biblicamente correto dizer que “estamos sendo salvos”, como Paulo diz em 1 Coríntios 1.18.⁶

Praticando a Palavra de Deus (1.22-25)

1.22 Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos. Esse verso continua o assunto do anterior, expandindo o tópico do acolhimento da Palavra de Deus para a prática dessa mesma Palavra.⁷ Havendo declarado que a Palavra é poderosa para salvar a alma deles, Tiago exorta-os a praticá-la: *tornai-vos praticantes da palavra*.

A exortação “tornai-vos”⁸ indica que, para Tiago, eles não vinham colocando a fé em prática. Provavelmente, temos aqui a raiz da deficiência deles em enfrentar as tribulações. Eles tinham fé em Cristo Jesus, porém não colocavam em prática as implicações dessa fé. No capítulo 2, Tiago vai adverti-los mais extensamente sobre a inutilidade da fé sem obras (2.14-26). Aqui, entretanto, ele já trata da inutilidade do ouvir sem praticar. Um “praticante” faz ou leva adiante alguma coisa, como parte de sua profissão ou missão.⁹ Tiago emprega o termo para indicar alguém que obedece à Palavra de Deus, colocando em prática os seus preceitos, em contraste com aquele que é um mero ouvinte da Palavra (1.23), negligente em obedecê-la (1.25) e que julga seus irmãos (4.11). No contexto, tornar-se praticante da Palavra significa seguir as recomendações de Tiago sobre a conduta cristã em meio às provações (1.2-20).

Tiago considera inútil que eles sejam meros *ouvintes*. Não que ouvir a Palavra de Deus seja errado! O alvo, contudo, é ouvi-la e praticá-la. Paulo emprega

⁶ “Somos salvos”, σωζομένοις, é a tradução do verbo que está no particípio do presente passivo, dando uma idéia de continuidade. Poderia ser corretamente traduzido como “estamos sendo salvos”.

⁷ A conexão desse verso com o anterior é expresso pela partícula δὲ, que geralmente denota continuação e expansão do pensamento (“e”), o qual, dependendo do contexto, pode ser de contraste (“porém”) ou transição (“então”). ARA traduziu como “pois”, mas não há base para isso no contexto. Melhor a ARC, “e”.

⁸ Γίνεσθε, imperativo presente de γίνομαι, pode ser traduzido como “tornai-vos” (ARA) ou “sede” (ARC, NVI “sejam”). Considerando o contexto e o propósito de Tiago com a carta, “tornai-vos” nos parece a melhor tradução.

⁹ A palavra ποιητής, “fazedor” ou “praticante”, é também usada para “poeta”, como em Atos 17.28.

o mesmo contraste entre ouvir e praticar em Romanos 2.13, dirigindo-se também a uma audiência judaica da dispersão (imaginária): “Porque os simples *ouvidores* da lei não são justos diante de Deus, mas os que *praticam* a lei hão de ser justificados”. Havia se desenvolvido entre os judeus dispersos um grande apreço pelo ouvir a leitura e a exposição da lei aos sábados nas sinagogas, especialmente porque eles não tinham como freqüentar o templo de Jerusalém, onde os sacrifícios e as cerimônias se desenvolviam diariamente. Gloriavam-se no mero fato de ouvir a lei. Paulo os repreende por isso em Romanos 2. Esse é provavelmente o mesmo pano-de-fundo que encontramos em Tiago, cujos leitores eram judeus convertidos, e entenderiam perfeitamente a advertência: sejam praticantes da palavra e não somente ouvintes!

Sem praticar o que ouviam regularmente em seus cultos, eles incorriam em auto-engano (*enganando-vos a vós mesmos*). “Enganar” significa, no sentido estrito da língua original, fazer uma avaliação errada de alguma coisa e daí levar alguém ao erro por causa dessa avaliação (cf. Cl 2.4).¹⁰ Os leitores de Tiago estavam se enganando pelo fato de terem avaliado erroneamente o valor de ouvir a Palavra, como se ouvir sermões pudesse salvá-los. A Palavra é poderosa para salvar a alma *se acolhida e praticada*. Por não terem feito essa avaliação, contentavam-se em ser meros ouvintes. Era aqui que residia o erro básico que os levava a outros tropeços, no calor das tribulações. O ensinamento de Tiago reflete aquele do Senhor Jesus: somente dizer “Senhor, Senhor” não garante a vida eterna (Mt 7.21-25). Fazer a vontade de Deus, sim (Mt 12.50). Quem vai a Jesus deve ouvir e praticar o que ele ensina (Lc 6.46-48; veja ainda Jo 13.17).

1.23,24 Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não praticante, assemelha-se ao homem que contempla, num espelho, o seu rosto natural; pois a si mesmo se contempla, e se retira, e para logo se esquece de como era a sua aparência. Tiago introduz aqui uma comparação para explicar a inutilidade de ouvir a Palavra sem praticá-la. Há uma semelhança entre os meros ouvintes de sermões e aqueles que se olham no espelho e logo esquecem a sua face (NVI) ali refletida, isto é, negligenciam qualquer providência para melhorá-la. Tiago talvez esteja refletindo o ensino de Jesus sobre a semente que caiu à margem do caminho (Mt 13.19). “A doutrina celestial é

¹⁰ Παραλογίζομενοι εαυτούς. ARA: “enganando-vos a vós mesmos”; ARC: “enganando-vos com falsos discursos”. A tradução da ARC introduziu “com falsos discursos”, que não aparece no original, mas é uma inferência dos tradutores com base no sentido de παραλογίζομαι. Contudo, o processo de auto-enganação poderia estar ocorrendo intimamente, no coração de cada um, e não publicamente entre eles. Além do que, o problema não era que os discursos (pregações) eram falsos, mas simplesmente que não eram praticados.

realmente um espelho em que Deus se oferece à nossa vista, mas para que possamos ser transformados à sua imagem, como Paulo diz em 2 Coríntios 3.18” (J. Calvino).

O ponto da comparação é que ambos, tanto o mero ouvinte quanto o contemplador esquecido, não fazem coisa alguma a respeito do que ouviram e viram. Portanto, o ouvir e o ver não resultam em coisa alguma. São exercícios inúteis e infrutíferos, mesmo que feitos com muita atenção, dedicação e intensidade.¹¹ Qual é a finalidade comum de alguém examinar-se num espelho senão para, em seguida, ajeitar a sua aparência, retocando aqui e ali os defeitos que o espelho revelou e que a pessoa, por si só, não poderia ver?¹² Da mesma forma, somente ouvir sermões, ainda que de forma regular e atenta, é um exercício infrutífero, que não salva ninguém. Qual a finalidade de ouvirmos a Palavra de Deus, senão para corrigir nossos erros e ser instruídos e encorajados a fazer o que é correto? Se não praticarmos o que ouvimos nos cultos e em outras ocasiões em que a Palavra for pregada, poderá o mero ouvir nos salvar? Por intermédio do profeta Ezequiel, Deus denunciou seu povo sob a Antiga Aliança exatamente pelo mesmo erro: “... ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra” (Ez 33.31,32). O Senhor Jesus comparou aquele que ouve suas palavras e não as pratica a uma casa sem fundamento sólido (Mt 7.26). Aqui temos a causa da superficialidade dos leitores de Tiago.

1.25 Mas aquele que considera, atentamente, na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, esse será bem-aventurado no que realizar.

Agora Tiago apresenta, em contraste com os dois versículos anteriores – e seguindo o estilo do Senhor Jesus nas Bem-Aventuranças –, a felicidade daquele que tem a atitude correta para com a Palavra de Deus, bem como os benefícios trazidos a tal pessoa pela prática dessa Palavra. Tiago a identifica como alguém que *considera, atentamente, na lei perfeita, lei da liberdade*. As duas últimas expressões são uma referência ao Evangelho de Jesus Cristo, a palavra da verdade que ele menciona em 1.18. Tiago faz diversas menções na carta à lei de Deus. Ele cita a “lei régia”, que é o mandamento de amar ao próximo (2.8), comenta a quebra da lei pelos que fazem acepção de pessoas (2.9,10) e cita dois mandamentos da Lei (2.11). Para Tiago, a lei de Deus continua em vigor sobre os cristãos. Ela deve ser obedecida e por ela os pecados são caracterizados e

¹¹ O verbo que Tiago usa para “contemplar-se” é *κατανοέω*, que significa olhar com intensidade, examinar, fazer um escrutínio atento, e não dar uma mera olhada.

¹² O termo “espelho”, *ζσοππρον*, só ocorre aqui e em 1 Coríntios 13.12 no Novo Testamento. Os espelhos da antiguidade eram superfícies de prata ou de bronze polidas.

denunciados (2.10,11; 4.11). O Evangelho é chamado de lei perfeita em contraste com a lei de Moisés, que era limitada e incapaz de livrar o pecador de seu estado de condenação e culpa. Tanto é que Tiago, após referir-se ao Evangelho como lei perfeita, acrescenta, à guisa de explicação, *lei da liberdade*, ou lei que traz liberdade (NVI), assim identificando em que reside sua perfeição, ou seja, no poder que tem de libertar o pecador da culpa e da condenação do pecado (cf. Jo 8.32,36; Rm 8.15; Gl 5.1). Como pecadores que foram libertados pela lei do Evangelho, eles serão julgados em caso de acepção de pessoas (2.12).

É essa lei que o ouvinte operoso, em primeiro lugar, *considera atentamente*, parando para debruçar-se sobre ela, como Maria abaixou-se para examinar o túmulo vazio (Jo 20.11) e como os anjos anseiam debruçar-se sobre os mistérios do Evangelho (1Pd 1.12).

Em segundo lugar, o ouvinte *nela persevera*, isto é, na lei da liberdade, que é o Evangelho. *Perseverar* significa “permanecer”, no original grego, continuar um curso de ação, uma atividade. É o equivalente a se praticar aquilo que se ouviu. A bem-aventurança não vem sobre o que somente considera atentamente o Evangelho, tão-somente para examiná-lo e aprender, mas sim sobre o que, além disso, continua nos seus ensinamentos, em que pesem as provações e tribulações (cf. Jo 8.31; 15.9,10; Rm 2.7; 11.22).

Em terceiro lugar, ele não é *ouvinte negligente*.¹³ Ao contrário, é *operoso praticante* daquilo que ouve.¹⁴ Em vez de ficar somente ouvindo sermões, o bem-aventurado é aquele que faz a obra, isto é, coloca em prática as obras determinadas pelo Evangelho (cf. Cl 3.17). Aqui Tiago antecipa a discussão da relação entre fé e obras do capítulo 2.

Como resultado, *esse será bem-aventurado no que realizar*. Tiago já havia dito que bem-aventurado é aquele que suporta a provação (1.12). Agora acrescenta que o operoso praticante da Palavra de Deus é bem-aventurado no que faz, um conceito do Antigo Testamento e que foi ratificado pelo Senhor Jesus (Jo 13.17). A idéia subjacente pode ser a de prosperidade e sucesso, à semelhança da bem-aventurança do Salmo 1.1-4:

Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei

¹³ A expressão no grego é ἀκροατὴς ἐπιλησμονῆς, “ouvinte esquecido”, com a idéia de alguém negligente, desatencioso, descuidado. ARA, “ouvinte negligente”; ARC, “ouvinte esquecido”; NVI, “não esquecendo o que ouviu”, são todas traduções legítimas, embora a tradução da ARA reflita mais corretamente o sentido em que o ouvinte é esquecido: ele negligencia a prática do que ouviu.

¹⁴ Πουητὴς ἔργου. ARA: “operoso praticante”; NVI: “praticando-a”; contudo, ARC: “fazedor da obra”, está mais perto do original e se encaixa melhor no contexto.

medita de dia e de noite. Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido.

Nesse caso, Tiago diz que os praticantes da Palavra de Deus serão recompensados com a prosperidade de seus empreendimentos e ações, não somente porque os princípios bíblicos a isso conduzem, mas também por causa da bênção de Deus sobre os obedientes. Contudo, a interpretação pode ser outra. A bem-aventurança do operoso praticante é a mesma prometida para aquele que persevera nas provações, isto é, a coroa da vida, a própria vida eterna (1.21; veja o comentário desse versículo *in loco*). Pois a prática da Palavra de Deus não impermeabiliza o crente contra as aflições desta vida, nem mesmo contra o fracasso em empreendimentos.

O teste da verdadeira religião (1.26,27)

1.26 Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião é vã. Tiago apresenta agora uma situação perfeitamente possível e que poderia estar acontecendo nas igrejas às quais escreve, ou seja, a de pessoas que se julgam cristãs quando na verdade não o são.¹⁵ O ponto dele é dar um exemplo prático da inutilidade de ouvir a Palavra de Deus sem praticá-la. O exemplo é o da falta de controle da língua, tema que ele vai explorar mais profundamente no capítulo 3 de sua carta.

A situação tem a ver com quem *supõe ser religioso*, isto é, cristão, pertencente à religião por excelência.¹⁶ A pessoa apenas *supõe* que é cristã, isto é, imagina que provavelmente o seja. Contudo, ao mesmo tempo em que cuida ser cristão, está *deixando de refrear a língua*. A palavra *refrear* significa, originalmente, “exercer controle sobre o cavalo usando freio e bridão para, dessa forma, freá-lo em sua corrida” (veja essa idéia em Sl 32.9). Tiago emprega o mesmo termo em 3.2 para a obrigação de refrear o corpo. Refrear a língua é visto por Tiago como sinal da verdadeira religião (cf. 3.2,5-8; 4.11). O argumento é simples. Se a religião de alguém não é suficiente para refrear a língua, não é suficiente para

¹⁵ Muitos dos manuscritos mais recentes trazem a variante ἐν ὑμῖν, “de entre vós”. A ARC, seguindo essa variante, traduziu “se alguém entre vós cuida ser religioso ...” A variante pode não ser original, mas esclarece o ponto de Tiago, que se dirige diretamente aos judeus cristãos das comunidades às quais escreve.

¹⁶ A palavra θρησκός, “religioso”, só aparece aqui no Novo Testamento, mas com alguma frequência nos Pais da Igreja, designando os cristãos.

mais nada, sendo, portanto, inútil, ao menos em termos práticos e de conduta. “O objetivo de Tiago aqui, portanto, é fazer a distinção entre os verdadeiros adoradores de Deus e os hipócritas, que estão tão inchados de orgulho farisaico, que buscam louvor criticando os defeitos dos outros” (J. Calvino).

Dai, quem não refreia sua língua está *enganando o próprio coração*.¹⁷ Tiago já os havia advertido contra o auto-engano (1.16). As Escrituras nos advertem continuamente contra esse risco. Devemos cuidar para que nosso coração não nos engane (Dt 11.16). A realidade da auto-enganação é colocada claramente diante de nós (Pv 14.12) por causa da depravação de nosso coração (Jr 17.9). Um coração que se engana desvia-se de Deus e da verdade (Is 44.20). Paulo chama isso de “obscurecer-se o coração insensato” (Rm 1.21). Tal pessoa supôs que era cristã por um processo de auto-enganação. O auto-engano aconteceu porque a pessoa não observou os sinais de que algo estava errado, como a falta de controle da língua.

A verdade a respeito de quem não refreia a língua é que *a sua religião é vã*. A expressão pode ser entendida de duas maneiras distintas, sem que com isso sejam mutuamente exclusivas. (1) Essa religião para nada serve, é inútil, vazia e infrutífera, à semelhança da religiosidade dos israelitas do Antigo Testamento, os quais prestavam culto a Deus, mas não obedeciam à sua Lei (cf. Is 1.13; Mt 15.9). O Cristianismo de pessoas assim em nada difere do procedimento pagão, chamado por Pedro de fútil (1Pe 1.18). (2) Essa religião é *falsa*. O termo grego empregado para “vã” é usado em outros locais do Novo Testamento no sentido de “falso”, “errado”. Em Atos 14.15, a expressão *coisas vãs* se refere aos falsos deuses de Atenas. Em 1 Coríntios 3.20, *pensamentos vãos* são idéias erradas dos filósofos. Na LXX, o termo é por vezes empregado para indicar falsas idéias religiosas, falsos deuses ou ainda o pecado em si (cf. Êx 23.1; Lc 17.7; 1Rs 16.2; 2Rs 17.15, etc.). Essa interpretação é provavelmente a melhor, considerando o verso seguinte, no qual a verdadeira religião é chamada por Tiago de pura e imaculada.

1.27 A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo. Aqui Tiago expõe a religião verdadeira, oposta àquela que é vã (falsa) denunciada no versículo anterior. Em termos gerais, ela se caracteriza pela prática do amor a Deus e ao próximo. “Não temos aqui uma definição de religião, mas somente uma ilustração perti-

¹⁷ A NVI desnecessariamente traduziu ἀπατῶν καρδίαν αὐτοῦ como “engana-se a si mesmo”, deixando de mencionar o coração e interpretando-o como uma referência à personalidade como um todo. Contudo, no Novo Testamento o coração é visto como a sede da personalidade, aquilo que a pessoa realmente é, e de onde procedem os verdadeiros sentimentos, pensamentos e decisões.

nente do verdadeiro espírito de religião, que leva aos atos descritos em seguida” (A. T. Robertson). Tiago a qualifica como *pura*, isto é, sem adição de qualquer coisa que a contamine, em contraste com a religião vã, que mistura verdade e erro (cf. 3.17); é por isso que ela também é *sem mácula* (“imaculada”, ARC).¹⁸ Tiago sabia o que era passar de uma religião para outra, pois, tendo sido judeu, posteriormente veio a crer em Jesus Cristo, tornando-se cristão.

Quem avalia se a religião é pura e sem mácula é *nosso Deus e Pai*.¹⁹ É para com ele, e diante dele, que a religião é primeiramente exercida (cf. At 24.16; 1Ts 1.8; 2.12; 1Pd 2.19; 3.21; 3Jo 6). Isso não quer dizer que não devamos exercer nossa santa religião diante dos homens, mas sim que devemos, em primeiro lugar, buscar vivê-la diante de Deus. Conforme Tiago, Deus avaliará a pureza de nossa religião por dois critérios.

Primeiro: *visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações*. Havia uma quantidade muito grande de órfãos e viúvas no mundo da época, causada pelas guerras constantes, as pestes e a fome. A Igreja apostólica dedicou especial cuidado a esse grupo, que passava por grandes tribulações em vista da assistência precária prestada pelo Estado e pelas cidades. Os diáconos foram primeiramente constituídos na igreja de Jerusalém para cuidar das viúvas (At 6.1). Tiago, como líder dessa igreja, conhecia de perto as tribulações pelas quais especialmente as viúvas passavam. Dorcas tinha um ministério específico entre elas (At 9.39). Paulo orienta Timóteo quanto ao que parece ter sido uma ordem de viúvas, sustentada pela igreja de Éfeso (1Tm 5.2-16). A primeira marca da verdadeira religião, segundo Tiago, é assistir essas pessoas, ajudá-las em suas necessidades. Tiago aqui reflete o ensino de Jesus em Mateus 25.34-36 (cf. ainda Jó 29.12; Is 1.16; 58.6,7; 1Jo 3.17; Gl 6.10). É verdade que seus leitores estavam, eles mesmos, passando por muitas provas (1.2). Contudo, não devemos nos esquecer de que existem outros que estão passando por tribulações ainda mais severas.

Segundo: *a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo*.²⁰ Tiago emprega o termo “mundo” aqui para se referir a tudo aquilo que é hostil a Deus, aquilo que está perdido em pecados. É o sistema de valores da humanidade decaída, caracterizado pela cobiça, busca de prazeres e guerras (4.1-3). O “mundo”, para Tiago, está em oposição frontal a Deus, de sorte que amigos do mundo são inimigos de Deus (4.4). Assim, guardar-se incontaminado do mundo significa

¹⁸ Os dois adjetivos estão ligados por καὶ, que aqui tem função explicativa: “pura”, isto é, “sem mácula”.

¹⁹ ARA incluiu “nosso”, que não está nos originais, mas que é uma inferência correta do texto.

²⁰ ARC traduziu ἑαυτὸν ἀπὸ τοῦ κόσμου, “guardar-se da corrupção do mundo”, que não representa qualquer diferença substancial no sentido em relação à ARA. A tradução da NVI, igualmente, “não se deixar corromper pelo mundo”, mantém o aspecto reflexivo do pronome ἐαυτὸν.

amar a Deus e rejeitar a contaminação moral que caracteriza a vida da humanidade decaída (Gl 1.4; 6.14; ver especialmente 1Jo 2.15-17). Em resumo, a religião pura e imaculada diante de Deus é caracterizada pelo amor ao próximo como a si mesmo e a Deus acima de todas as coisas. A ênfase de Tiago aqui, e em toda a carta, é na religião prática, em contraste àquela que consiste em ouvir sermões e professar uma fé sem obras. Essa ênfase é devida à deficiência dos judeus cristãos a quem Tiago escreve; eles não colocavam em prática a Palavra de Deus, por isso encontravam dificuldade em perseverar em meio às tribulações.

DISCRIMINAÇÃO DOS POBRES NAS IGREJAS

(2.1-13)

RESUMO

Tiago inicia outro tópico, a saber, a parcialidade no tratamento das pessoas e, em particular, a discriminação dos pobres. Ele continua, de certa forma, a tratar a incoerência de seus leitores judeus cristãos quanto à fé em Cristo Jesus. Dessa feita, a incoerência deles se mostrava no tratamento diferenciado que davam aos irmãos, com base em suas posses ou aparência (2.1-13). Ao que tudo indica, havia acepção de pessoas na igreja (2.1), de maneira que a liderança favorecia os ricos e bem trajados, tratando os pobres de forma preconceituosa. Tal atitude era incompatível com a fé em Cristo, o Senhor da glória (2.1). Tiago levanta uma situação hipotética – ou talvez bem real (2.2-3) – de um rico bem trajado entrando na igreja e sendo deferido, enquanto os pobres eram desprezados. Ao fazer isso, os cristãos assumiam o papel de juízes, avaliando o valor de uma pessoa por motivos errados – “perversos pensamentos” (2.4) –, menosprezando aqueles que Deus valoriza (2.5) e exaltando os ricos, responsáveis em parte pelas aflições deles (2.6-7). Diante disso, Tiago elabora uma extensa exortação à prática do amor ao próximo, sob pena de receber severo juízo (2.8-13).

Tratando as pessoas pelo que elas vestem (2.1-4)

2.1 Meus irmãos, não tenhais a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas. Talvez o assunto tenha se levantado na mente de Tiago após ele recomendar o cuidado com os órfãos e as viúvas no verso anterior, como parte da verdadeira religião (1.27). Existiam muitos deles nas igrejas cristãs do século 1º, geralmente pobres e desvalidos. Havia,

como sempre houve, a tentação de se menosprezar os pobres em relação aos membros mais ricos da comunidade, sem contar o risco que sofriam as pessoas menos favorecidas de terem as suas necessidades esquecidas pelos demais irmãos. É significativo que, após tratar da necessidade de honrar o pobre na igreja, Tiago denuncie a fé sem obras, que ele identifica como aquela que despede o irmão pobre sem lhe dar nada para as necessidades básicas (2.15,16). Apesar do tom hipotético do exemplo usado por Tiago, de um homem rico e outro pobre entrando na reunião e sendo tratados com parcialidade, por trás está um problema real nas igrejas: havia menosprezo, humilhação e descaso para com os irmãos pobres.

A identidade dos ricos aqui mencionados (2.2,3) já foi tratada no comentário de 1.10. No exemplo aventado por Tiago, o mais importante não é o fato de a pessoa ser ou não cristã, mas sim a circunstância de tratar-se de pessoa rica. O homem da ilustração não é necessariamente um dos poucos cristãos ricos e abastados da época, embora encontremos vários deles nas igrejas cristãs do período apostólico. Possivelmente, tratava-se de judeus ou pagãos ricos, proprietários de terras e de negócios, influentes e nobres, que por um motivo ou outro ocasionalmente entravam numa reunião da igreja. É claro que o problema não era esse. O problema estava na reação dos cristãos quando isso acontecia. Tal reação acentuava ainda mais o tratamento de menosprezo que davam aos irmãos pobres.

Tiago se dirige aos seus leitores de maneira fraterna: *meus irmãos* (veja o comentário em 1.2). A lembrança de que todos eram irmãos em Cristo Jesus deveria já preparar o terreno para a exortação contra a discriminação na irmandade. A ordem que Tiago lhes dá é esta: *não tenhais a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas*. Fé em Cristo não significa, aqui, o ato pessoal de crer nele, mas a fé cristã, o Cristianismo, aquilo que cremos em relação a Cristo (cf. At 24.24; Cl 1.4; Tt 1.1). Tiago exorta os cristãos, a saber, os que professam crer naquele que é o Senhor da glória, a parar de tratar as pessoas com base na aparência. “Ter a fé em nosso Senhor Jesus Cristo”¹ significa ter vida cristã, viver pela fé em Jesus Cristo. Em outras palavras, significa todo o andar e a conduta cristãos. Tiago se refere a Jesus Cristo aqui como *o Senhor da glória*,² diante do qual o esplendor dos ricos se reduz a nada. Tiago poderia argumentar contra a parcialidade com

¹ A ARC traduziu τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ como “a fé de nosso Senhor Jesus Cristo”, que é uma tradução gramaticalmente correta do genitivo, aqui considerado como subjetivo. Não significa, obviamente, a fé que Jesus Cristo teve, mas a fé que temos *nele* (genitivo objetivo, como em Mc 11.22). Daí a tradução da ARA ser mais fiel ao sentido.

² O texto grego traz simplesmente “da glória”. A expressão “Senhor da glória” foi adicionada pelos tradutores da ARA e da ARC, que repetiram o “Senhor” que antecede “Jesus Cristo” nesse versículo. Literalmente o texto grego traz τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης, que pode ser tradu-

base no ministério de Jesus antes de ser glorificado, pois até seus inimigos reconheciam que ele não olhava a aparência do homem (cf. Mt 22.16). Mas ele prefere apontar para o Cristo glorioso, ou glorificado. Se os cristãos, com mais frequência, tivessem consciência da glória de Cristo, a ninguém tratariam com base na riqueza e na ostentação. Existe uma incompatibilidade em crer no Senhor da glória e tratar as pessoas com discriminação, em virtude da glória externa delas. Contudo, ironicamente, são exatamente os que professam crer naquele que é o Senhor da glória que acabam dando glória aos homens ricos e poderosos, e menosprezando os pobres. “Tão grande é a glória de Cristo que facilmente extingue todas as glórias do mundo. Conclui-se que Cristo é pouco valorizado por nós, quando a admiração pela glória mundana nos domina” (J. Calvino).

Tiago chama esse tratamento imparcial de *acepção de pessoas*,³ que literalmente significa “aceitar o rosto de alguém”, em vez de considerar seu interior. Disso surge a idéia de parcialidade, favoritismo, distinções injustas entre as pessoas com base na aparência e, por isso, tratamento melhor a uma do que a outra. As Escrituras nos ensinam que Deus não faz acepção de pessoas com base naquilo que elas são por nascimento, classe social, raça ou gênero (Dt 10.17; At 10.34; Rm 2.11; Ef 6.9; Cl 3.25; 1Pd 1.17).⁴ Jó disse: “[Deus] não faz acepção das pessoas de príncipes, nem estima ao rico mais do que ao pobre; porque todos são obra de suas mãos (Jó 34.19). É trágico quando os filhos de Deus não têm a mesma atitude que o Pai.

2.2 Se, portanto, entrar na vossa sinagoga algum homem com anéis de ouro nos dedos, em trajes de luxo, e entrar também algum pobre andrajoso. Após estabelecer o princípio geral de que os cristãos não

zido de várias maneiras: (1) “o nosso Senhor Jesus Cristo, a glória”; (2) “o nosso glorioso Senhor Jesus Cristo”; (3) “Jesus Cristo, nosso Senhor glorioso”, etc. As traduções em inglês, alemão, holandês, espanhol e francês estão divididas. A tendência das traduções mais modernas é seguir as opções 2 e 3, como a NVI, que traduziu “nosso glorioso Senhor Jesus Cristo”. Contudo, “Senhor da glória” ocorre em 1 Coríntios 2.8, num contexto similar, em que Paulo compara a glória de Cristo com a dos poderosos e ricos deste mundo. Daí, a tradução da ARA e da ARC ser aceitável e defensável.

³ A expressão “acepção de pessoas” é a tradução da palavra grega *προσωποληψία*, que só ocorre aqui no Novo Testamento. Ela não ocorre em nenhum outro lugar fora do Novo Testamento. Existe a possibilidade de que seja um neologismo cristão, formado de um hebraísmo. No hebraico do Antigo Testamento vemos que Deus *-ynlp’ aF’yl-al*, literalmente “não levanta a face” de alguém, ou seja, ele não faz acepção de pessoas (Dt 10.17). A NVI traduziu mais interpretativamente o termo: “fazer diferença entre pessoas, tratando-as com parcialidade”.

⁴ Algumas pessoas têm usado essas passagens para negar a eleição e predestinação soberanas de Deus, entendendo que eleger uns para a vida eterna e deixar os outros é acepção da parte de Deus. Contudo, os textos que falam que Deus não faz acepção de pessoas significam simplesmente que ele recompensa, nesta vida e no dia do juízo, cada um de acordo com suas obras, sem levar em conta se é judeu ou gentio, homem ou mulher, rico ou pobre, sábio ou indouto. A eleição para a vida eterna não foi uma avaliação injusta das pessoas, pois a eleição não é feita com base em mérito, mas com base na graça.

devem fazer aceção de pessoas, Tiago apresenta um caso para ilustrar seu ponto.⁵ O contraste entre o homem rico opulento e o pobre lembra a história do rico e Lázaro, contada por Jesus. Isso pode nos indicar de onde Tiago tirou sua inspiração (Lc 16.19,20). Ele imagina os dois homens entrando em uma das igrejas cristãs de seus leitores, que ele chama de *sinagoga*.⁶ Pode parecer estranho que Tiago use o termo “sinagoga”, que é o local de culto dos judeus (cf. Mt 12.9; Mc 1.21; Lc 4.16; etc.), para se referir ao local de culto dos cristãos. Contudo, ele escreve para judeus cristãos, num estágio bem inicial do Cristianismo. Lembremos que os primeiros cristãos foram judeus e que, em Jerusalém e provavelmente em outras localidades da Dispersão, mantiveram vários costumes judaicos, como circuncidar os filhos (cf. At 15.1; 16.3; 21.21), ir ao Templo (At 2.46; 3.1; 21.26), fazer votos (At 18.18; 21.23), guardar o calendário religioso (At 20.16) e a dieta judaica (At 10.14). Inicialmente os demais judeus pensavam que os cristãos eram adeptos de mais uma das inúmeras seitas do Judaísmo, cognominada de “os Nazarenos” (At 24.5), tendo suas próprias sinagogas, como os Libertos (At.6.9). Assim, não era totalmente estranho que Tiago chamasse o local de reunião deles de “sinagoga”.⁷

Pois bem, diz Tiago, imaginem que na reunião de vocês entrem dois homens. Um deles é um homem rico, cuja riqueza e poder se percebe porque ele tem *anéis de ouro nos dedos, em trajes de luxo*,⁸ dois indicadores, naquela época, de opulência, prosperidade, poder, linhagem nobre ou real (cf. Gn 41.42; Et 3.10; Mt 11.8; Lc 15.22; 16.19; At 12.21, etc.). O famoso Sêneca se refere em seus escritos a ricos que traziam mais de um anel em cada dedo. Em contrapartida, conforme Clemente de Alexandria, era permitido aos cristãos ricos apenas um anel, e, mesmo assim, que tivesse símbolo de pomba.

O outro homem, que entra ao mesmo tempo, é *algum pobre andrajoso*, ou seja, vestido com roupas sujas (NVI), imundas, em contraste aberto com a vestimenta do rico. A possibilidade de que entrassem duas pessoas tão diferentes numa assembléia de judeus cristãos da Dispersão era bem real. O Cristianismo

⁵ A primeira parte da sentença é uma cláusula condicional em que a prótasis é formada de ἔάν seguida de um subjuntivo aoristo, εἰσέλθῃ, indicando a sugestão de algo que tem alguma probabilidade de acontecer. Tiago levanta uma possibilidade, que poderia ser bem real e que talvez já tivesse ocorrendo nas igrejas. A NVI inicia a frase com “Suponham que...”, dessa forma interpretando a ilustração como totalmente hipotética.

⁶ A ARC traduziu συναγωγὴν ὑμῶν como “vosso ajuntamento” e a NVI, como “a reunião de vocês”, ambas provavelmente querendo evitar a questão que se levanta com a tradução literal, “sinagoga”.

⁷ O autor da carta aos Hebreus, ao exortar os seus leitores judeus cristãos a não deixar a sua congregação, usa o termo ἐπισυναγωγὴν (Hb 10.25).

⁸ ARC traduziu χρυσοδακτύλιος corretamente no singular, “anel de ouro no dedo”. Já a NVI omitiu “no dedo”. Quanto à ἐν ἑσθίῃτι λαμπρῇ, verteu como “com vestes preciosas” e a NVI como “roupas finas”. Literalmente, significa “vestes radiantes ou brilhantes”.

atingiu todas as classes de pessoas e idealmente não fazia distinção entre elas. Era possível encontrar nas igrejas apostólicas ricos e pobres, judeus e gentios, homens e mulheres, adorando juntos ao mesmo Salvador. Essa quebra das barreiras e limites tradicionais foi uma das chaves do crescimento espantoso do Cristianismo em seus primórdios.

2.3 e tratardes com deferência o que tem os trajos de luxo e lhe disserdes: Tu, assenta-te aqui em lugar de honra; e disserdes ao pobre: Tu, fica ali em pé ou assenta-te aqui abaixo do estrado dos meus pés. Tiago continua sua ilustração, agora supondo que a comunidade, movida pelas aparências, trate de forma diferenciada os dois homens. O rico é identificado como o que tem *os trajos de luxo*, isto é, brilhantes (ARC, “veste preciosa”). Tiago já não menciona mais o anel de ouro nos dedos, pois o que chama a atenção é realmente a veste brilhante e vistosa. Em si, vestir-se bem não é considerado pecado na Bíblia (cf. Ez 16.10), mas sim a ostentação, a vaidade (1Pe 3.3).

O homem bem vestido é *tratado com deferência*. Literalmente, significa observar atentamente uma pessoa com o propósito de favorecê-la, como Deus atentou para Maria para favorecê-la (Lc 1.48).⁹ A deferência consiste em convidar o homem bem vestido para ocupar um lugar privilegiado: *Tu, assenta-te aqui em lugar de honra*.¹⁰ A tradução poderia ser, “por favor, aqui está um bom lugar para o senhor sentar”. O termo “lugar de honra” não foi bem traduzido, pois dá a impressão de que nas igrejas havia locais reservados para os membros destacados e visitantes especiais, como havia nas sinagogas e nos banquetes (Mt 23.6).¹¹ O texto grego diz simplesmente “um lugar bom” ou “especial” (NVI).

Em contraste, é dito ao pobre: *tu fica ali em pé*. O contraste é entre o “sentar-se aqui” e o “ficar em pé ali”. Ao rico é dado um lugar bom, perto do pregador, bem na frente, diante de toda a igreja. Ao pobre é dito que fique em pé lá nos fundos do recinto (veja Is 65.5, a atitude de Israel para com Deus). Ou, quando muito, lhe é dito, *assenta-te aqui abaixo do estrado dos meus pés*. Ele pode vir sentar-se mais perto, contudo, no chão, abaixo do lugar onde os ricos colocavam

⁹ A ARC traduziu corretamente ἐπιβλέψῃτε como “atentardes”. A ARA deu, contudo, o sentido mais completo. A NVI preferiu parafrasear, “dar atenção especial”, aqui e no restante do versículo.

¹⁰ Κάθου, “assenta-te”, é um imperativo que aqui funciona como um convite ou pedido. No Novo Testamento é usado várias vezes para se referir ao convite que Deus Pai faz ao Filho para que se sente ao seu lado, no trono celestial do universo, símbolo de poder e autoridade (cf. Mt 22.44; Mc 12.36; At 2.34; Hb 1.13).

¹¹ Matthew Henry chega a supor que Tiago está se referindo a uma reunião da assembléia da igreja, para fins disciplinares, onde, seguindo o costume dos tribunais judaicos, era proibido que se fizesse distinção entre ricos e pobres quanto ao lugar de sentar. Contudo, nada há no texto que indique que esse era o ambiente. É mais natural entender que Tiago se refere às reuniões da igreja, aos cultos.

os pés, quando sentavam para ouvir. O local abaixo do estrado dos pés de alguém é usado na Bíblia para significar um lugar dos vencidos, dos submissos e dos derrotados. É lugar de humilhação (cf. Mt 5.35; Lc 20.43; Hb 10.13; cp. Lc 16.21, onde o pobre ficava sob a mesa do rico). De forma similar Jesus foi tratado pelo fariseu Simão (Lc 7.44-46).

No Antigo Testamento, vemos que Samuel deu a Saul um lugar de honra entre seus convidados, mas isso foi porque Saul tinha sido ungido rei de Israel (1Sm 9.22). Tiago aventa uma situação em que esse tratamento diferenciado é feito com base na roupa que cada um usa. Em nenhum momento se observam outros critérios, conforme Tiago vai declarar em seguida.

2.4 não fizestes distinção entre vós mesmos e não vos tornastes juízes tomados de perversos pensamentos? A partir daqui Tiago começa a mostrar o que está errado em tratar de forma especial os ricos e menosprezar os pobres, um tratamento diferenciado com base tão-somente em aparências. Primeiro, trata-se de uma *distinção entre vós mesmos*. Observando as roupas e a aparência, chegam à conclusão de que há uma diferença de valor entre o bem vestido e aquele de roupas sujas (cf. “discernir” em Mt 16.3). Essa distinção ou diferenciação é feita *entre vós mesmos*, que tanto pode significar que é feita no íntimo de cada um ou entre os irmãos.¹² Considerando, contudo, que não é certo que o rico ostentoso seja um irmão na fé, nessa ilustração de Tiago, é preferível a primeira interpretação. A pergunta de Tiago “não fizestes distinção...” é, na verdade, retórica. Ele já sabe a resposta; e seus leitores também.

A distinção foi feita, e de maneira pecaminosa. Dessa forma, eles se tornaram *juízes tomados de perversos pensamentos*,¹³ isto é, decidiram quem tem mais valor com base numa referência corrompida, que é a aparência das pessoas. Julgaram com base em motivos errados (NVI). Tiago chama esses motivos de “perversos pensamentos”, que são cogitações, opiniões e motivos provenientes do coração decaído e pecaminoso do homem, conforme o Senhor Jesus ensinou (Mt 15.19; Mc 7.21). Foi o caso dos discípulos, que foram tomados de cogitações maldosas quanto às crianças que eram recebidas por Jesus (Lc 9.47), e dos fariseus, os quais no íntimo cogitavam mal dele por curar um homem no sábado (Lc 6.8). O julgamento de Deus sobre a humanidade foi: “era continuamente

¹² Essas duas possibilidades de interpretar διεκρίθητε ἐν αὐτοῖς se refletem na tradução da ARA e da ARC: “fizestes distinção em vós mesmos” (ARA; cf. Mt 9.3) e “fizestes distinção entre vós mesmos” (ARC; cf. Mt 3.9; 16.7).

¹³ Κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν, literalmente “juízes de maus pensamentos”, é um genitivo descritivo (veja outro exemplo em 1.25). Ele descreve o tipo de juízes que os cristãos se tornaram ao fazer acepção de pessoas, ou seja, juízes tomados ou movidos por maus pensamentos. A tradução da ARA reflete melhor o genitivo descritivo.

mau todo desígnio do seu coração” (Gn 6.5; cf. Is 59.7). Quando os cristãos se deixam levar por perversos pensamentos no julgamento de outros, cometem parcialidade e acepção de pessoas. Diversas vezes na carta Tiago adverte seus leitores a que não se tornem juízes de seus irmãos. Quando falam mal uns dos outros, se tornam juízes da lei de Deus (4.11). Só há um Juiz, que é Deus (4.12). E, como juiz, ele está às portas, para julgar os que se queixam dos outros (5.9). Em 2.4, ele não somente condena os que se tornam juízes dos outros, mas também aqueles que o fazem movidos de perversos pensamentos (cf. Jó 21.27; Sl 58.1; Jo 7.24).

Tiago, em certa ocasião, foi chamado para julgar. Ele presidia o Concílio de Jerusalém, e teve de funcionar como juiz da questão ali tratada. De forma justa, baseado na Palavra de Deus, deu um parecer em que tratava os gentios com igualdade, permitindo-lhes acesso à comunhão da Igreja (At 15). Ele sabia, por experiência própria, que Deus não faz acepção de pessoas e que não julga segundo aparência, raça, sexo ou posição social.

O que há de errado com a discriminação (2.5-7)

2.5 Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam? Tiago continua a expor o que há de errado na acepção de pessoas. No verso anterior ele menciona a acepção de pessoas com base na aparência, que nos equipara a juízes que baseiam seus julgamentos em motivos perversos. Agora, ele acrescenta a idéia de que também acabamos por inverter a maneira como Deus vê as pessoas.

Ele inicia seu arrazoado com “Ouvi, meus amados irmãos”, uma conclamação a que seus leitores prestem atenção ao que vai ser dito.¹⁴ Essa conclamação, “ouvi”, era comum nas assembléias do antigo Israel e funcionava como uma fórmula introdutória de algo muito importante e relevante que seria dito, algo que demandaria atenção (Nm 12.6; Dt 5.1; 6.4; 9.1; 20.3). Era também usada pelos profetas para introduzir os oráculos de Deus (Jz 5.3; 1Rs 22.28; Is 44.1; 48.1; Jr 2.4; 10.1; Ez 6.3; Os 5.1). Essa fórmula também ocorre algumas vezes em que o Senhor Jesus ou os apóstolos se dirigem ao público em geral (cf. Mt 15.10; At 2.22; 7.2; 13.16; 22.1). O próprio Tiago, ao dirigir-se ao Concílio de Jerusalém, iniciou seu discurso exatamente com essa invocação (cf. At 15.13: “Irmãos, atentai”). Ao empregar essa apelação, Tiago se coloca autoritativamente como

¹⁴ Ἀκούσατε, “ouvi”. O imperativo aqui é usado como exortação e pode ser traduzido como “Prestem atenção”. É dessa forma que é vertido em muitas traduções modernas em outras línguas.

profeta e pai espiritual sobre eles. Contudo, ele os trata de “meus amados irmãos”, para indicar que sua exortação e arrazoados procedem do amor fraterno que nutre por eles (cf. 1.16; 1.19).

O que Tiago deseja que eles ouçam com atenção é a maneira como Deus vê os cristãos pobres. Primeiro, como ricos na fé. Tiago introduz esse ponto com uma pergunta retórica: *não escolheu Deus os que para o mundo são pobres para serem ricos na fé?*¹⁵ A ênfase na sentença grega recai sobre Deus: ele é quem escolheu os pobres do mundo para serem ricos na fé, em contraste com a escolha da igreja em menosprezá-los. Eles são chamados de “os que para o mundo são pobres”,¹⁶ isto é, pobres da perspectiva da humanidade em geral, desprovidos, sem recursos ou condições de uma vida confortável e segura. A estes Deus “escolheu” para serem ricos na fé. O termo ocorre várias vezes no Novo Testamento, sempre indicando a escolha soberana de Deus, tanto para a salvação (p. ex., Mc 13.20; Jo 6.70; 13.18; 15.16,19) quanto para o exercício de funções (Lc 6.13; At 15.22,25). É no mínimo interessante que a maior concentração de ocorrências da palavra seja no capítulo 15 de Atos, que narra o Concílio de Jerusalém, que foi presidido pelo próprio Tiago.¹⁷ Aqui ele declara que Deus soberanamente escolheu os pobres da perspectiva do mundo para serem ricos na fé.

A declaração de Tiago não deve ser entendida como uma afirmação de que todo pobre é eleito de Deus e será salvo. “Ao usar o artigo (*‘os pobres’*), Tiago não afirma que Deus escolheu todos os pobres, mas somente que ele escolheu pessoas pobres” (A. T. Robertson). Segmentos radicais da teologia da libertação vêm a pobreza como sacramento, e entendem que Deus fez uma opção preferencial pelos pobres. Contudo, a afirmação de Tiago deve ser entendida levando-se em conta que seu alvo na passagem é estabelecer um contraste entre a maneira como o mundo e Deus vêem as pessoas. O mundo considera e atenta para o exterior, para as roupas, para a beleza. Deus observa o coração. O apóstolo Paulo explicou esse ponto em 1 Coríntios 1.26-29, usando três vezes a mesma forma verbal, “escolheu”, que Tiago usa aqui:

Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de

¹⁵ A ARC deu um caráter ainda mais retórico à frase ao acrescentar “porventura”, que não está no original. Tiago usa o recurso de fazer perguntas começando com uma negativa diversas vezes na carta (cf. 2.4; 2.6,7; 2.21; 2.25). Essas perguntas na negativa esperam uma resposta positiva.

¹⁶ A maioria dos manuscritos traz as variantes *πτωχῶν τοῦ κόσμου*, “os pobres do mundo” ou *πτωχῶν τοῦ κόσμου τούτου*, “os pobres deste mundo”, que é a variante seguida pela ARC. A NVI deu o sentido correto ao traduzir “os que são pobres aos olhos do mundo”.

¹⁷ O verbo *ἐκλέγομαι* ocorre 22 vezes no Novo Testamento. A maior concentração proporcional é em Atos, seguido por João e Lucas.

nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.

O motivo de Deus ter escolhido seus eleitos, na grande maioria, entre os pobres deste mundo foi abater a soberba humana que valoriza aquilo que Deus reputa em nada (cf. Jo 7.48). Foi confundir os que vêem as coisas do ponto de vista externo, e não do prisma da eternidade e dos valores divinos. O ponto de Tiago é que os seus leitores, ao discriminar os irmãos pobres, agiam exatamente como o mundo, que trata as pessoas segundo a aparência, e não segundo Deus. Pois Deus escolheu a maioria dos seus filhos exatamente entre os pobres deste mundo (Sf 3.12; Mt 11.5). Ele os escolheu para serem “ricos na fé”, isto é, ricos por causa de sua fé (cf. 1.9). Essa é a verdadeira riqueza, que durará para sempre, conforme Tiago aprendeu de Cristo (Mt 6.19,20; cf. ainda 1Co 3.21; 2Co 4.15; 6.10; Ef 1.18; 3.8). “Apesar de Deus derramar a sua graça tanto sobre os ricos quanto sobre os pobres, é sua vontade, entretanto, preferir os pobres, para que os poderosos aprendam a não se vangloriar, e para que os ignóbeis e obscuros possam atribuir somente a Deus aquilo que sejam e porventura tenham” (J. Calvino).

Os pobres também são *herdeiros do reino que [Deus] prometeu aos que o amam*. O reino de Deus é superior a qualquer reino terreno e ultrapassa em glória qualquer riqueza humana. Os que aparentam ser pobres para o mundo, mas são crentes em Jesus Cristo, são herdeiros de Deus (Mt 5.3; Lc 6.20; 12.32; 16.22,25). Aguardam entrar na posse dessa riqueza enquanto vivem neste vale de lágrimas, que é o mundo, como os heróis da fé do Antigo Testamento (Hb 11.13-16; cf. ainda Is 29.29; Moisés viu as coisas da perspectiva correta, Hb 11.26). Esse reino Deus “prometeu aos que o amam”, expressão que Tiago já usou em 1.12 para se referir à promessa que Deus fez aos crentes verdadeiros, aqueles que suportam com perseverança as provações, entre elas a pobreza (veja ainda Êx 20.6: “os que me amam”; Pv 8.17; 1Co 2.9; 2Tm 4.8).

2.6 Entretanto, vós outros menosprezastes o pobre. Não são os ricos que vos oprimem e não são eles que vos arrastam para tribunais? Tiago aqui denuncia a atitude de menosprezo de seus leitores para com os pobres, em contraste com a atitude de Deus ao honrá-los.¹⁸ Tiago os identifica como os autores da discriminação (“vós”), à semelhança do profeta Natã, que

¹⁸ A conjunção *ôê* estabelece uma relação de contraste entre o verso anterior e o presente. ARC e NVI, “Mas”; ARA, “Entretanto”.

após contar uma ilustração ao rei Davi, o identificou como o malfeitor da história (2Sm 12.7: “tu és o homem”). Com isso, Tiago dá a entender que a ilustração do rico e do pobre entrando na reunião e recebendo tratamento diferenciado era mais que uma suposição genérica. Refletia casos prováveis nas igrejas às quais ele escreve. “Vós outros menosprezastes o pobre” mostra o tipo de transgressão que eles haviam cometido. *Menosprezar* é literalmente “desonrar” (ARC), despojar alguém da honra ou respeito que lhe são devidos, uma ofensa grave nas sociedades orientais antigas, que eram orientadas pelo binômio “honra-vergonha”. Era isso que os judeus cristãos estavam fazendo aos irmãos pobres em suas igrejas, ao negar-lhes assento ou lugar de honra, preterindo-os aos ricos. Na perspectiva bíblica, desonrar o pobre é desonrar a Deus (cf. Sl 14.6; Pv 14.31; 17.5).

A atitude parcial deles ficava ainda mais clara quando se levava em consideração o modo como os ricos tratavam os cristãos: *Não são os ricos que vos oprimem e não são eles que vos arrastam para os tribunais?* Mais uma pergunta iniciada por negação, na expectativa de resposta positiva.

Tiago aqui os lembra de duas atitudes dos ricos para com os eles. Primeira: a opressão. A palavra usada por Tiago significa literalmente *dominar*, e daí a idéia de explorar e, em seguida, oprimir. Aparece na LXX freqüentemente para descrever a exploração e opressão dos ricos contra os pobres, viúvas e órfãos (Ne 5.5; Am 4.1; Mq 2.2; Hc 1.4; Zc 7.10). No Novo Testamento, só aparece mais uma vez, em Atos 10.38, para expressar a opressão de Satanás. Em **5.1-6** Tiago denuncia em detalhes a opressão econômica dos ricos para com os trabalhadores pobres. Veja o comentário *in loco* dessa passagem (cf. ainda Jó 20.19; Sl 10.2-14; Am 2.6). Tiago aqui os chama à razão: os ricos, que eles honravam nas igrejas em detrimento dos irmãos pobres, eram os mesmos que os oprimiam, mudando o salário, deixando de pagá-lo, enriquecendo-se à custa do seu suor.¹⁹ Muitos cristãos eram jornaleiros, agricultores, empregados dos ricos proprietários de terras. Eram estes que os oprimiam e os faziam passar por grandes provações.

Segunda: os ricos *vos arrastam para os tribunais*. Os primeiros cristãos costumavam ser arrastados pelas autoridades aos tribunais para se defender da acusação de traição, sedição e revolta. Paulo e Silas foram arrastados diante das autoridades pelos cidadãos de Éfeso (At 16.19). Paulo foi arrastado pela turba enfurecida de judeus para fora do templo de Jerusalém, e dali para as autoridades (At 21.30). A julgar pelo que Tiago diz em **5.6**, os cristãos eram não apenas

¹⁹ O verbo “oprimem” está no presente do indicativo, καταδυναστεύουσιν, sugerindo uma ação contínua e atual. Parte das tribulações e sofrimentos que Tiago tratou no capítulo anterior, sem dúvida, era devida à constante opressão causada pelos ricos insensíveis e ímpios. Igualmente, o verbo “arrastam” nesse versículo, ἔλκουσιν, indica uma ação contínua.

condenados nesses tribunais, como também, alguns deles, postos à morte. A estratégia de armar tribunais para condenar inocentes, usando o braço da lei, é antiga. Foi assim que a ímpia Jezabel se livrou de Nabote para apossar-se de sua vinha (1Rs 21.11-13). Foi assim que os judeus procuraram se livrar de Jesus e dos apóstolos (At 4.1-3).

No caso específico das igrejas às quais Tiago escreve, o comparecimento violento e compulsório dos cristãos aos tribunais, movido pelos ricos, pode ter duas causas. Primeira: para que os cristãos pobres pagassem dívidas contraídas com seus patrões. A pobreza extrema levava as pessoas a penhorar suas casas, bens e até a família. Os ricos não tinham a menor misericórdia e compaixão. E, mesmo sendo judeus, desrespeitavam as leis de Moisés que protegiam os pobres em casos como esses. Segunda: à semelhança do que vimos no livro de Atos, os ricos poderiam estar acusando os cristãos de traição a César e subversão de costumes e, assim, compelindo-os aos tribunais romanos.²⁰ Essa interpretação é apoiada pelo versículo seguinte, em que Tiago diz que os ricos blasfemavam o nome de Cristo. De qualquer forma, o ponto aqui é que tais pessoas, opressoras e cruéis, que eram inimigas de Deus, ao entrar nas igrejas, recebiam tratamento especial, enquanto aqueles que Deus escolheu para serem ricos na fé eram menosprezados. Grande era o pecado daquelas igrejas! E não somente delas, mas de toda a cristandade, onde quer que tenha se deixado guiar pelas aparências no tratamento das pessoas.

2.7 Não são eles os que blasfemam o bom nome que sobre nós foi invocado? A terceira declaração que Tiago faz sobre os ricos pode esclarecer o motivo pelo qual estes estavam arrastando os crentes pobres aos tribunais, a saber, pelo nome de cristão. Mais uma vez, a frase é uma pergunta que começa com negativa e espera resposta positiva dos leitores. Tiago deseja que os próprios cristãos digam com sua boca que os ricos que estavam honrando eram os mesmos que blasfemavam de Cristo.²¹

Blasfemar significa “falar mal”, “difamar” (NVI), “depreciar alguém mediante palavras”, o que era uma coisa melindrosa numa sociedade que dava muito valor à honra. Com relação a Deus, o termo é usado na literatura bíblica para o falar de forma irreverente, desrespeitosa e ímpia do nome de Deus, como fizeram os ímpios do Salmo 73.7-9. Blasfemar contra Deus, contra o Espírito e contra Cristo é um pecado típico dos judeus incrédulos, conforme as Escrituras (cf. Mt 12.24; 27.63; Lc 22.64-65; Mc 3.29; At 13.45; 18.6; Rm 2.24; 1Tm 1.13). Aqui percebe-

²⁰ “Tribunais”, κριτήρια, só aqui e em 1 Coríntios 6.2,4. Vem da palavra κριτής, “juiz”, e significa o lugar onde o juízo é dado.

²¹ A construção da frase coloca a ênfase sobre αὐτός, “eles”. “São *eles* os que vivem falando mal do nome de Jesus Cristo”.

mos que uma das fontes de tribulação e angústia por parte dos judeus cristãos era a perseguição movida pelos patrícios judeus (cf. 1Ts 2.14-16).

Eles blasfemavam continuamente “o bom nome” que havia sido “invocado” sobre os cristãos. “Foi invocado” está num tempo verbal grego que geralmente aponta para um momento definido no passado, um momento concreto e específico (aoristo). Está também na voz passiva, o que indica que alguém invocou esse nome sobre os cristãos.²² Há várias possibilidades. Primeira: que Tiago esteja se referindo à justificação deles, quando Deus lhes deu como sobrenome o nome de Jesus Cristo. Segunda: que o autor se refira ao fato de que as pessoas já haviam começado a chamar os crentes de cristãos, como uma espécie de sobrenome. Esse é um dos usos desse verbo (cf. At 1.23: “cognominado”; ainda At 10.18; 4.36; 12.12). O nome de cristão foi, primeiramente, invocado sobre eles em Antioquia (At 11.26) e veio a identificar, mesmo diante das autoridades romanas, os seguidores de Jesus (At 26.28). Pedro considera uma honra sofrer por esse nome (1Pd 4.16). O ponto de Tiago é que aquelas pessoas que recebiam um tratamento especial na igreja pelo fato de serem ricos eram as mesmas que denunciavam e arrastavam os leitores aos tribunais romanos por serem cristãos.

É claro que Tiago fala aqui de forma genérica. Provavelmente, os ricos que visitavam as reuniões de seus leitores não eram os mesmos que os perseguiam. Mas eram da mesma classe, do mesmo tipo. Embora toda generalização seja injusta, aqui Tiago pretende envergonhar seus leitores com a gritante incoerência da discriminação que estavam cometendo contra os pobres.

A discriminação e quebra da lei de Deus (2.8-13)

2.8 Se vós, contudo, observais a lei régia segundo a Escritura: Amarás o teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem. Tiago continua sua discussão do assunto da acepção de pessoas, dessa feita enquadrando os que cometem discriminação como transgressores da lei de Deus. Ele inicia com um contraste entre a coisa certa a fazer, que é amar o próximo (2.8), e a coisa errada, que é cometer acepção (2.9).²³ O contraste é entre duas condições, existentes ou hipotéticas.²⁴

²² “Foi invocado”, ἐπικληθὲν, que só ocorre nessa forma aqui em Tiago.

²³ O contraste entre os dois versículos é indicado por μέντοι no verso 8 e δὲ no verso 9. Essa construção, μέντοι ... δὲ, geralmente implica contraste entre duas idéias ou ações. Contudo, tanto ARA quanto ARC traduziram μέντοι dando a idéia de contraste (“todavia”, “mas”) com o verso anterior. O contraste é na realidade com o verso seguinte. Uma tradução apropriada seria “Se vós, de fato, ...” ou “Se vós, realmente ...”.

²⁴ Os versos 8 e 9 começam com εἰ, seguido do verbo no indicativo, indicando uma situação que existe ou que pode, teoricamente, existir.

A primeira é *se vós observardes a lei régia*. *Observar* significa, aqui, “cumprir plena e completamente uma obrigação” (ARC, “cumprirdes”); daí a idéia de obedecer (NVI). Ajusta-se com a visão de Tiago, para quem a verdadeira religião não se dissocia da prática, da obediência e do cumprimento da lei de Deus (cf. 2.10). Tiago gosta de usar o termo “lei” para se referir ao Evangelho: a “lei perfeita”, a “lei da liberdade”, provavelmente por causa da formação judaica, tanto sua quanto de seus leitores (1.25; 2.12). Contudo, aqui, a expressão “lei régia” é usada para se referir ao mandamento de amar ao próximo.

Tiago o chama de lei real provavelmente porque foi dado pelo próprio Rei, nas Escrituras: “Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor” (Lv 19.18). “Os romanos tinham uma frase, *lex regia*, a lei que vinha do rei, quando eles tinham reis” (A. T. Robertson). Paulo chama o amor ao próximo de “a lei de Cristo” (Gl 6.2). Ou, ainda, porque o amor ao próximo é visto como a lei principal do Reino de Cristo.²⁵ Contudo, o que é dito aqui por Tiago talvez signifique que amar ao próximo é a lei régia porque é o maior preceito da lei. O Senhor Jesus disse que toda a lei e os profetas dependiam dessa lei (Mt 22.40; Lc 10.28; cf. ainda Rm 13.8; Gl 5.14). Para Tiago, uma das aplicações dessa lei régia é não discriminar o próximo por conta de sua condição social ou aspecto exterior. Se os judeus cristãos cumprissem essa lei, *fariam bem*, isto é, procederiam corretamente diante de Deus. “Fazer bem” é o oposto de “cometer pecado” no verso seguinte.

2.9 se, todavia, fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, sendo argüidos pela lei como transgressores. Aqui temos a condição contrária àquela mencionada no verso anterior, ou seja, cometer pecado pela transgressão do mandamento de amar ao próximo. Esse pecado implica “fazer acepção de pessoas”, que no caso dos leitores judeus cristãos de Tiago consistia no tratamento diferenciado que davam aos ricos bem vestidos, em detrimento dos pobres andrajosos, quando entravam em suas igrejas (veja 2.1-4).²⁶

Ao fazer esse tratamento diferenciado, os judeus cristãos estavam *cometendo pecado*.²⁷ Tiago não vê o preconceito contra o pobre como algo trivial, mas como pecado mesmo, um desvio do padrão divino de justiça. Cristãos pecam

²⁵ NVI seguiu essa interpretação e traduziu *νόμον βασιλικόν* como “lei do Reino”

²⁶ *Fazer acepção de pessoas*, *προσωπολημπτέω*, significa literalmente “receber a face de alguém”. O termo é provavelmente derivado da LXX, *πρόσωπον λαμβάνειν*, que por sua vez vem do hebraico, cf. análise de 2.1. Ou seja, tratar uma pessoa por aquilo que ela aparenta. Esse verbo só ocorre aqui no Novo Testamento.

²⁷ “Cometeis pecado”, *ἀμαρτίαν ἐργάζεσθε*, traz a idéia de produzir o pecado como um esforço deliberado. Talvez Tiago esteja aqui ecoando expressão similar de Jesus em Mateus 7.23, *οἱ ἐργαζόμενοι τὴν ἀνομίαν*, “vós que praticais a iniquidade” (cf. Sl 6.8).

quando tratam as pessoas de acordo com a maneira com que se vestem. E, ao fazê-lo, *são argüidos pela lei como transgressores* (veja 1Jo 3.4). A lei condenava claramente a acepção de pessoas no meio do povo de Deus (cf. Lv 19.15; Dt 1.17; 16.19). Apesar de salvos em Jesus Cristo e de não haver mais nenhuma condenação eterna sobre eles (Rm 8.1), os cristãos se tornam, para efeitos de santificação e caminhada neste mundo, em transgressores da lei de Deus e sujeitos às penalidades temporais que o próprio Deus lhes inflige. Embora livres da condenação eterna da lei (Rm 7.6), os cristãos ainda a ela se sujeitam como norma de gratidão e de conduta neste mundo. A lei manda que amemos ao próximo. Quando discriminamos os pobres malvestidos e favorecemos os ricos bem trajados, quebramos a lei de Deus, que imediatamente nos “argúi” como a transgressores (cf. 2.11). O verbo grego para *argüir* pode significar “questionar”, “convencer ou condenar alguém por ter feito algo errado”.²⁸ O Senhor Jesus mandou que fôssemos “argüir” o irmão em pecado (Mt 18.15). João Batista “argüiu” (“repreendeu”, ARA e ARC) Herodes por causa da sua relação adúltera com Herodias (Lc 3.19). O Senhor Jesus não podia ser “argüido” de pecado algum por seus adversários (Jo 8.46). A obra do Espírito é “argüir” (“convencer”, ARA e ARC) o mundo do pecado (Jo 16.8). Talvez todos esses sentidos estejam presentes aqui.

O ponto de Tiago é chamar a atenção dos seus leitores para a gravidade da atitude deles. Eles se tornam transgressores da lei de Deus e, portanto, sujeitos às penalidades temporais. A expressão é especialmente relevante para judeus, que, mesmo tendo se tornado cristãos, ainda tinham uma atitude reverente para com a lei de Moisés, como os judeus cristãos de Jerusalém que o próprio Tiago chamou de “zelosos da lei” (At 21.20).

O outro lugar onde a expressão “transgressor da lei” aparece é Romanos 2.25-27, texto no qual Paulo considera os judeus como transgressores da lei de Deus:

Porque a circuncisão tem valor se praticares a lei; se és, porém, transgressor da lei, a tua circuncisão já se tornou incircuncisão ... se aquele que é incircunciso por natureza cumpre a lei, certamente, ele te julgará a ti, que, não obstante a letra e a circuncisão, és transgressor da lei.

2.10 Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos. Tiago aqui explica por que se torna um

²⁸ ARC, “redargüidos”. Redargüir é responder argüindo. No contexto, não há diferença substancial entre as duas traduções. Já a NVI traduziu como “condenados”, uma versão possível da palavra e que se encaixa bem no contexto.

transgressor da lei aquele que comete acepção de pessoas, conforme sua declaração no verso anterior. Ele começa com uma generalização: *qualquer que guarda toda a lei*.²⁹ Seus leitores judeus entenderiam perfeitamente o argumento.

“Lei” aqui se refere aos Dez Mandamentos, conforme o versículo seguinte deixa claro. “Guardar toda a lei” significa obediência completa a cada um deles. Do ponto de vista do Cristianismo, trata-se de uma hipótese inatingível, pois, iluminados pelo Evangelho, os cristãos percebem a corrupção de seu coração e a culpa que herdaram de Adão, bem como o propósito da lei, de forma a declarar que não há ninguém que a cumpra e realize suas obras. Os que eram verdadeiros judeus e praticavam a religião que Deus dera a Israel por meio de Moisés eram considerados justos no Antigo Testamento, mas nisso equivalem aos cristãos no Novo, pois ambos são justificados pela fé no Messias. Assim, é dito que Zacarias e sua mulher eram considerados justos diante de Deus e viviam de forma irrepreensível em todos os preceitos e mandamentos do Senhor (Lc 1.6).

Os fariseus, contudo, transformaram a religião verdadeira do Antigo Testamento, que nada mais era que o Evangelho em sombras, numa religião legalista, na qual a observância das obras da lei era vista como exterior e possível. O jovem rico que foi procurar Jesus estava convencido de que havia guardado todos os mandamentos desde a sua mocidade (Mc 10.20; Lc 18.21). Paulo, antes de conhecer a Cristo, considerava-se um fariseu irrepreensível nos caminhos da lei (Fp 3.6). Os judeus viam-se como guardadores da lei de Deus, muito embora o apóstolo Paulo tivesse uma opinião completamente diferente, tendo ele próprio sido judeu praticante durante a maior parte de sua vida (Rm 2.17-29; 10.2-5; cf. Mt 23.25). No notável capítulo 7 de Romanos, Paulo descreve, falando na primeira pessoa do singular, a derrota e o fracasso do judeu piedoso que tenta guardar a lei como caminho de vida, sem entender que ela aponta para Cristo (Rm 7.14-25). Aqui, Tiago argumenta com judeus convertidos ao Cristianismo, alguns dos quais, quem sabe, ainda presos à visão judaica. Em Jerusalém, pelo menos, havia muitos judeus cristãos que ainda procuravam andar de acordo com as obras da lei (cf. At 21.20).

²⁹ O *rationale* que ARA, ARC e NVI usaram para traduzir os tempos e modos dos verbos desse verso não é claro. A ARA e a NVI normalmente seguem o texto crítico ou eclético, que traz os verbos “guardar” e “tropeçar”, ambos no subjuntivo aoristo (τηρήσῃ, πάλῃ). Contudo, traduziram como se fossem indicativos, “qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto” (ARA); “quem obedece toda Lei mas tropeça em apenas um ponto” (NVI). A ARC fez exatamente o contrário. Ela adotou o texto majoritário, que traz como variantes “guardar” e “tropeçar” no futuro do indicativo (τηρήσει, πάλσει). Mas os traduziu como se fossem subjuntivos: “qualquer que guardar, toda a lei e tropeçar em um só ponto”. De qualquer forma, em todas essas traduções fica preservado o caráter genérico e hipotético do argumento de Tiago.

Pois bem, diz Tiago, se alguém guarda toda a lei, mas *tropeça em um só ponto*, isto é, faz aquilo que um mandamento proíbe ou deixa de fazer aquilo que outro mandamento determina,³⁰ *se torna culpado de todos*, isto é, de quebrar a lei inteiramente (NVI), de transgredir a todos os Dez Mandamentos. Não é somente pelo único mandamento quebrado que ele será julgado e condenado, mas por todos os Dez Mandamentos. Portanto, ele é corretamente considerado como “transgressor da lei” (2.9).

Tiago não está minimizando a gradação que existe, em termos de consequência, entre diferentes tipos de pecado. As Escrituras nos ensinam que, embora todo pecado seja a transgressão da lei, existem circunstâncias, atenuantes, agravantes, precedentes, motivações, e consequências que tornam alguns pecados mais graves que outros (Lv 5.17; Rm 2.12; Lc 16.10; Gn 39.8,9; Jo 15.22). O próprio Tiago reconhece que os pecados dos mestres receberão um juízo maior (3.1). O seu ponto aqui, contudo, é outro. Talvez ele deseje quebrantar a soberba e a arrogância dos judeus cristãos que estavam menosprezando os pobres, mostrando que, em realidade, longe de serem cumpridores zelosos da lei, eram transgressores não de um mandamento somente, mas de todos. “Para se tornar transgressor da lei, não é preciso quebrar todos os mandamentos. Mas, para se tornar um cumpridor da lei, é necessário guardar todos” (A. T. Robertson). Estratégia semelhante foi usada por Paulo em Romanos 2.17-19. O motivo pelo qual quebrar um equivale a quebrar todos é a unidade da lei de Deus, conforme declarado no verso seguinte.

2.11 Porquanto, aquele que disse: Não adulterarás também ordenou: Não matarás. Ora, se não adulteras, porém matas, vens a ser transgressor da lei. Aqui temos a explicação para o fato de que, diante de Deus, quebrar um mandamento equivale a quebrar todos, ou seja, os Mandamentos foram dados pela mesma pessoa: *aquele que disse: Não adulterarás também ordenou: Não matarás*.³¹ “A unidade da Lei reside no Legislador, que determinou ambas as proibições” (A. T. Robertson). No Antigo Testamento, o judeu se constituía transgressor por quebrar qualquer um dos mandamentos da lei de Deus (cf. Lv 4.2,13,22).

³⁰ Πταίω, “tropeçar”, freqüentemente usado de maneira figurativa na Bíblia para quebra da lei de Deus (cf. Mt 5.29; 1Jo 2.9). Tiago emprega o termo nesse sentido outra vez em 3.2.

³¹ As diferenças de tradução entre ARA e ARC nesse versículo não alteram o sentido da passagem, e são devidas a variantes nos textos gregos adotados. A ARA segue o texto crítico, que traz os mandamentos na forma de uma negativa seguida de subjuntivo (Μὴ μοιχεύσης, Μὴ φονεύσης) (Cf. Lc 18.20; Rm 13.9). O texto majoritário adotado pela ARC traz os mandamentos como negativa seguida de futuro do indicativo, conforme a LXX (Μὴ μοιχεύσεις, Μὴ φονεύσεις) (Cf. Mt 5.21,27). Ambos os textos gregos também diferem quanto ao tempo dos demais verbos, o que se reflete nas traduções, mas sem prejuízo para o sentido. A NVI segue a ARA aqui.

Dois pontos podem ser deduzidos aqui. Primeiro: Tiago considera a acepção de pessoas não somente como quebra da lei régia do amor ao próximo (2.8,9), mas também como violação do sexto mandamento: “não matarás”. Aqui certamente ele segue a interpretação da lei conforme Jesus, que considerou quebra do sexto mandamento não somente o assassinio, mas também o abrigar sentimentos de ódio, falar mal contra o próximo e desprezá-lo (Mt 5.21,22). Segundo: os leitores judeus provavelmente consideravam cometer adultério muito mais grave que fazer acepção de pessoas – daí Tiago ter escolhido “não adulterarás” para fazer a comparação. Pecados carnis sempre são vistos como mais graves do que os mentais. É interessante que o adultério sempre aparece no topo das listas de pecados do Novo Testamento, especialmente em contextos em que os judeus estão em mira (cf. Rm 2.21,22; 13.9; Mt 5.27; 19.18; Lc 18.20; cf. ainda a carta de Barnabé, 19.4). Era um dos pecados punidos com a morte no Antigo Testamento (Lv 20.10). Os cristãos tendem a pensar que somente se cometerem adultério ou outro crime mais óbvio é que se tornarão transgressores da lei de Deus. Contudo, *se não adulteras, porém matas* – isto é, cometes acepção de pessoas –, *vens a ser transgressor da lei*.

Aqui Tiago adverte seus leitores quanto à seriedade e gravidade da sua atitude de menosprezo para com os pobres e de aceitação dos ricos com base na aparência. Trata-se de quebra do mandamento “não matarás”, colocando-os na mesma situação de um adúltero ou de outro transgressor da lei de Deus. É importante observar que a transgressão da lei cometida por um verdadeiro cristão não acarreta a perda da sua salvação, mas certamente o expõe aos castigos temporais de Deus, que o disciplinará para arrependimento. Tiago continuamente exorta seus leitores, que considera como crentes genuínos, ao arrependimento, não para a salvação, mas para a reconciliação com Deus. Assim, os mundanos devem quebrantar-se e mudar de vida (4.7-10), e há esperança para o pecador que retorna (5.20).

2.12 Falai de tal maneira e de tal maneira procedei como aqueles que hão de ser julgados pela lei da liberdade. Nesse verso e no seguinte, Tiago relembra seus leitores de que serão julgados de acordo com a atitude que tiveram para com as pessoas. Portanto, eles sempre deveriam falar e se conduzir pensando no dia do julgamento, quando suas obras seriam trazidas a lume e examinadas quanto aos motivos.

Eles *hão de ser julgados pela lei da liberdade*.³² Diversas vezes na carta, Tiago relembra a seus leitores o juízo que os aguarda (2.13; 3.1; 5.12) e o fato

³² A única dificuldade na tradução desse versículo é o verbo μέλλοντες seguido do infinitivo presente, κρίνεται, “indo ser julgados”, que pode significar o julgamento prestes a acontecer como o próximo passo na sequência de eventos e também a sua inevitabilidade. A ARC traduziu preservando

de que serão julgados (5.9). Quando os cristãos cometem acepção de pessoas, tornam-se transgressores da lei de Deus e dos Dez Mandamentos em particular (2.8-11). Contudo, eles serão julgados por uma lei maior, a lei da liberdade, que é o Evangelho (ver comentário em 1.25). Seria pensando nisso que eles deveriam falar e proceder neste mundo.

Tiago os adverte a que *falem e procedam* como aqueles cujas palavras e obras serão julgadas por Deus. Falar e proceder é um dos binômios que Tiago gosta de empregar nessa carta para identificar o verdadeiro crente: ele ouve e pratica (cap. 1), ele crê e faz boas obras (cap. 2).

É evidente que a motivação maior do cristão neste mundo é a glória de Deus (1Co 10.31; Cl 3.23; 1Pd 4.11). Ele faz todas as coisas buscando agradar ao seu Redentor Jesus Cristo, em gratidão (1Co 7.32,34; Cl 1.10; Ef 5.10; 1Ts 4.1). Contudo, um julgamento ainda aguarda o salvo pela graça, mediante a fé. Tiago deve ter em mente o julgamento final, quando todos deverão comparecer diante do tribunal de Cristo, inclusive os cristãos (2Co 5.10; Cl 3.24; Ap 22.12). Ali, serão publicamente declarados justificados de seus pecados e recebidos no reino eterno de seu Deus e Pai (Rm 5.9,10; 1Ts 1.10). Contudo, deve haver algo a se temer naquele dia para todos os que professam o Cristianismo. Pois, de outra forma, qual seria a força do argumento de Tiago, e de muitas outras passagens no Novo Testamento? Naquele Dia, os verdadeiros motivos e intenções do coração serão descobertos (1Co 4.5), e os verdadeiros cristãos serão revelados e recompensados. Naquele dia, os falsos professores serão desmascarados e condenados (Mt 7.22,23).

Tiago fala aqui de forma geral aos membros das igrejas cristãs espalhadas pela Diáspora. Ele não sabe quais dentre eles são os verdadeiros cristãos. Portanto, sua carta está repleta de advertências gerais acerca da perseverança, da coerência entre o falar e o agir, entre o crer e o fazer, entre o ouvir e o praticar, coisas que identificam o verdadeiro cristão. Advertências como a presente nesse versículo funcionam como aviso para os falsos crentes que estão nas igrejas e, ao mesmo tempo, servem de estímulo e encorajamento para que o verdadeiro cristão busque ainda mais andar nos caminhos de Deus. O julgamento que os crentes sofrerão pela lei da liberdade, que é o Evangelho, é explicado no verso seguinte.

2.13 Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo. Tiago ex-

mais o sentido de inevitabilidade, “como *devendo ser julgados* pela lei da liberdade”, enquanto a ARA e NVI enfatizam o aspecto futuro do julgamento, “como *aqueles que hão de ser julgados* pela lei da liberdade”. Ambas as traduções se encaixam bem no argumento de Tiago, embora provavelmente a *certeza* do julgamento (ARC) lhe dê mais força.

põe nesse versículo o *modus operandi* do julgamento pela lei da liberdade, ao qual todos se submeterão naquilo que Tiago se refere como o *juízo*. O termo descreve o processo legal de julgamento de alguém e freqüentemente é usado no Novo Testamento para se referir ao julgamento condenatório e, portanto, à própria condenação e à sentença que se segue (p. ex., Ap 18.10; Hb 10.27; At 8.33). Tiago emprega o termo nesse sentido em 5.12: “para não cairdes em juízo”, isto é, “para não serdes condenados”. Em 2.13, “juízo” tem esse mesmo sentido de condenação e castigo. Tiago se refere ao dia do juízo final, quando a sentença condenatória será passada, sem misericórdia alguma, contra os que nunca dela usaram.³³

O juízo sem misericórdia será para *aquele que não usou de misericórdia*. Tiago tem em mente aqueles que não usaram de misericórdia para com os pobres andrajosos que entravam nas suas igrejas, desprezando-os (2.1-3). Vemos aqui quão seriamente Tiago considera o pecado de acepção de pessoas: (1) é incompatível com a fé em Jesus Cristo, o Senhor da glória (2.1); (2) consiste em julgar as pessoas pela aparência e assim se tornar juiz movido por pensamentos perversos (2.4); (3) inverte a maneira como Deus vê as pessoas (2.5); (4) é quebra do sexto mandamento da lei de Deus, e, portanto, torna quem o comete transgressor de toda a Lei (2.8-11); (5) é não usar de misericórdia para com os pobres e, portanto, no dia do juízo, aquele que assim procede não receberá misericórdia alguma (2.13). Em outras palavras, cristãos que fazem acepção de pessoas, são preconceituosos contra os pobres, julgam pelas aparências e mostram favoritismo aos ricos bem vestidos, são na realidade cristãos apenas na aparência. No dia do juízo serão condenados e sentenciados ao castigo eterno, sem qualquer misericórdia.

Em contraste, *a misericórdia triunfa sobre o juízo*. O termo *triunfar* aqui significa literalmente “gloriar-se por causa da vitória obtida”.³⁴ A justa condenação dos pecadores será derrotada no dia do juízo de Deus pela misericórdia, que triunfará sobre a condenação. A misericórdia aqui mencionada por Tiago pode se referir à misericórdia de Deus, a qual, mediante a graça salvadora de Jesus Cristo, salvará pecadores merecedores da condenação no dia do juízo. Ou Tiago se refere à mesma misericórdia que foi usada pelos crentes durante sua vida, conforme ensinado por Jesus: “bem-aventurados os misericordiosos, pois alcançarão

³³ “Sem misericórdia” é a tradução de ἀνέλεος, que ocorre somente aqui na literatura bíblica e mais umas duas vezes em outros papiros gregos, embora com uma grafia ligeiramente diferente.

³⁴ Κατακαυχάομαι aparece na inscrição de uma tumba antiga na Ásia Menor para indicar a exaltação de um gladiador contra seu inimigo derrotado. É nesse sentido de gloriar-se pela vitória do inimigo derrotado que Paulo usa o termo em Romanos 11.18, proibindo os gentios de se gloriarem contra os judeus pela queda deles e a inclusão dos gentios na Igreja.

misericórdia” (Mt 5.7; veja ainda 6.14; 7.1; 18.33). É certamente nesse último sentido que Tiago deve ser entendido, pois ele está tratando aqui da lei da recompensa ou retribuição, que é o *modus operandi* do julgamento final.

No verso anterior, Tiago mencionou que seremos julgados pela *lei da liberdade*, ou lei que traz a liberdade (em contraste com a escravidão e a morte trazidos pela lei de Moisés, cf. comentário em 1.25). Essa lei é o próprio Evangelho de Jesus Cristo, no qual a misericórdia de Deus se revelou à humanidade pecadora e condenada, trazendo perdão e reconciliação mediante o sacrifício pleno e suficiente de Jesus na cruz do Calvário. No Evangelho, a misericórdia triunfa do juízo, pois merecíamos o justo juízo de Deus sobre nós, por nossos pecados. Em vez disso, encontramos misericórdia. Assim, tendo sido encontrados pela misericórdia de Deus, devemos tratar a todos com compaixão, misericórdia e amor.

Esse ponto foi ilustrado pelo Senhor Jesus na parábola do credor incompassivo (Mt 18.21-35). O ponto central da parábola é que devemos tratar os outros da forma como Deus nos tratou: com compaixão e misericórdia. Quem não usou de misericórdia em seus relacionamentos no dia do juízo de Deus não receberá misericórdia alguma, mas será julgado e condenado. Em outras palavras, ser julgado pela lei da liberdade é ser julgado de acordo com o amor e misericórdia que demonstramos para com o próximo neste mundo.

É preciso mais uma vez dizer que Tiago está falando de maneira geral aos judeus cristãos aos quais escreveu. Se algum deles não estava usando de misericórdia – isto é, tratando o pobre com dignidade, amor, respeito e cuidado – demonstrava que sua fé era vazia e morta, e que certamente não encontraria misericórdia de Deus no dia do julgamento, mas o juízo certo e severo, reservado para os hipócritas e falsos professores. E isso leva Tiago ao ponto seguinte, que é o da condenação da fé que não produz obras.

FÉ E OBRAS

(2.14-26)

RESUMO

Na seção anterior, Tiago alerta seus leitores do fato de que cristãos se tornam transgressores da lei ao mostrar favoritismo aos ricos e desprezar os irmãos pobres. Essa quebra do mandamento “não matarás” revela antecipadamente que tais transgressores não alcançarão misericórdia no juízo divino (2.1-13). Esse ponto retoma o tema que Tiago vem explorando desde o início da carta, ou seja, a natureza da religião que salva. O Cristianismo autêntico é aquele que se mostra, na prática, pela perseverança nas tribulações (1.3-20), pela obediência à Palavra em vez de meramente ouvir (1.21-25), pelo controle da língua (1.26), pelo amor a Deus e ao próximo (1.27), pelo exercício da misericórdia para com todos, especialmente para com os pobres (2.1-13). Tiago expõe agora nessa seção (2.14-26), de forma direta e explícita, a idéia de que a fé sem obras é vã, morta, inútil. O fato de Tiago mencionar como ilustração de fé sem obras o despedir somente com palavras os pobres malvestidos e famintos indica que ele ainda não terminou de lidar com a questão do desprezo pelos pobres (cf. 2.15,16).

Essa seção é provavelmente a mais conhecida da carta de Tiago. Sua interpretação tem provocado grandes polêmicas na Igreja cristã, especialmente depois que Lutero considerou a carta como “epístola de palha” por não mencionar a justificação pela fé e defender a salvação pelas obras. Veja uma discussão do assunto em *Problemas de interpretação na Introdução*.

Por que a fé sem obras não salva (2.14-17)

2.14 Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? Mais

uma vez Tiago se refere aos seus leitores como *meus irmãos* (cf. **1.2,16,19; 2.1,5; 3.1,10,12; 5.12,19**). Não se trata de um indicador consistente de que ele está mudando de assunto, como sugerido por alguns exegetas. Provavelmente, não existe uma razão estilística para o uso da expressão, a não ser a intuição do autor, quando deseja falar de maneira mais íntima e direta aos seus leitores. Contudo, apesar do tom familiar com que inicia a frase, a pergunta retórica de Tiago trai a impaciência de um mestre que esperaria, pelo tempo, que seus discípulos já tivessem aprendido a lição: *qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras?*¹ Tiago usa o termo “fé” em três sentidos em sua carta: (1) fé pessoal no Senhor Jesus Cristo, que é provada pelas tribulações (cf. **1.3**); (2) confiança na revelação de Deus e de Jesus Cristo, suas promessas, poder e disposição para atender o crente (cf. **1.6**); (3) aderência às doutrinas do Cristianismo, uma profissão de fé em Deus e em Jesus Cristo (cf. **2.1**). Parece que esse último sentido é o usado aqui.

Tiago tem mente, especificamente, a crença na existência de um único Deus, mencionada explicitamente em **2.19**: “crês tu que Deus é um só?”. Esse seria o ponto doutrinário que os leitores de Tiago, judeus convertidos ao Cristianismo, certamente teriam como central e inegociável, o fundamento da verdadeira religião. Judeus e cristãos concordavam nesse ponto, em oposição aos gentios politeístas e idólatras. Nesse aspecto, qualquer pessoa pode professar-se cristã. Calvino comenta que Tiago aqui não está se referindo a verdadeiros cristãos, necessariamente, mas a pessoas que se dizem cristãs. Se a sua profissão de fé não é acompanhada de *obras*, revela-se como meras palavras (cf. o contraste entre o ouvinte negligente e o operoso praticante em **1.15**; veja ainda Jr 7.8). Lembremo-nos das palavras de Paulo em 1 Coríntios 13.1-3, texto no qual o apóstolo declara, em termos fortes, que manifestações espirituais, sacrifícios, conhecimento e revelações são inúteis se não forem acompanhados de amor. Aqui temos mais um ponto que Tiago aprendeu com o Senhor Jesus (Mt 5.20; 7.21-26, etc.).

“Obras” ocorre em Tiago quase exclusivamente em **2.14-26** (a exceção é **3.13**). O termo deve ser entendido não somente como *atos de misericórdia* para com os necessitados (**2.15,16**), mas também, e principalmente, como atos de obediência à vontade de Deus, conforme exemplificados por Tiago na vida de Abraão (**2.21**) e de Raabe (**2.25**). O enfoque não é no esforço despendido no ato, mas no resultado obtido.

¹ Τί τὸ ὄφελος, “qual é o proveito”, ou “que aproveita” (ARC), “de que adianta” (NVI). Literalmente, ὄφελος significa “aumentar”, “trazer vantagem”. A expressão só ocorre no Novo Testamento aqui e em 1 Coríntios 15.32, quando Paulo pergunta qual o proveito de seu martírio pessoal se não houver ressurreição de mortos.

Uma profissão de fé cristã que não for acompanhada das obras correspondentes que atestam sua genuinidade não é de proveito algum: *Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?*² A pergunta de Tiago foi elaborada gramaticalmente para obter uma resposta negativa. O “proveito” da fé é a salvação. Uma fé sem obras não tem proveito algum porque é falsa. Portanto, não pode salvar. A lógica de Tiago é esta: a salvação é mediante a fé; a fé produz obras; onde não há obras, a fé não existe; logo, profissão de fé sem obras que a acompanham não tem qualquer proveito.

Em Tiago, *salvação* significa “a salvação da alma da morte eterna” (5.20), em contraste a perecer eternamente (4.21). Deus, que é aquele que em última análise salva e faz perecer (4.21), opera a salvação mediante a Palavra (1.21), pela instrumentalidade de crentes (5.20). Da parte do pecador, é exigida a fé, sem a qual não haverá salvação alguma (cf. 1.6,7). Essa fé, contudo, é sempre acompanhada por obras que atestam sua genuinidade. A fé é a seiva que corre invisivelmente dentro da árvore e a mantém viva; o fruto é a manifestação externa, a prova incontestável de que a árvore está viva. Fé e obras são dois lados da mesma moeda. Onde está uma, está a outra. E, onde falta uma, certamente também falta a outra.

O Concílio de Jerusalém, presidido por Tiago, e realizado em torno de 49 d.C., reuniu-se para tratar da inclusão dos gentios na Igreja (At 15). Na ocasião, Tiago, junto com os apóstolos e presbíteros, foi confrontado com a questão da salvação pela fé sem as obras da lei. A decisão do concílio, após reconhecer que o coração é purificado pela fé (At 15.9), foi de não exigir obras da lei para a salvação. Conforme vimos na *Introdução*, Tiago pode ter escrito esta carta em meados da década de 40. De qualquer forma, fica claro que Tiago nunca defendeu salvação por obras, mas sim salvação pela fé em Jesus Cristo, a qual se manifesta mediante obras de amor e obediência.

2.15 Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano. Tiago ilustra com o exemplo de uma situação provável da vida real o ponto enunciado no versículo anterior, a saber, que fé sem obras de nada aproveita.³ Havia muitos pobres nas igrejas cristãs no período apostólico, e Tiago manifesta em sua carta uma preocupação singular para com eles (veja os comentários nos versos 1.9,10; 2.1-6; 5.4). Ele imagina uma situação de extrema pobreza, em que *um irmão ou irmã* não tem o que

² “Semelhante”, ARA, não ocorre no original grego, mas é um acréscimo legitimamente inferido pelos tradutores de ἡ πίστις. Pois Tiago não se refere à fé em geral, mas àquela que não é acompanhada de obras. Semelhante fé não salva ninguém.

³ Vs. 15,16, com a expressão εἰν seguida de subjuntivo, exprimem uma suposição cuja probabilidade de cumprimento futuro é grande.

vestir ou comer.⁴ A referência a “uma irmã” é significativa numa cultura em que as mulheres geralmente eram contadas implicitamente com os homens. Essa referência inclusiva de Tiago às mulheres crentes pobres pode ter sido motivada pelo fato de que elas eram mais sujeitas ao desprezo, pois, além de mulheres, eram pobres, uma condição que as tornava mais vulneráveis.

A carência dos irmãos pobres se manifesta nas duas coisas básicas da vida. Primeira: carência de roupas. O termo que foi traduzido como “carecidos de roupa” pode significar nudez plena (ARC) ou parcial. Obviamente, Tiago não está imaginando um caso de nudez total, mas de irmãos pobres que têm pouca roupa. “Não significa aqui que estão absolutamente nus, mas sem roupas suficientes” (A. T. Robertson). (Cf. Mt 25.36; Jo 21.7; At 19.16.) No Antigo Oriente Médio, os pobres usavam as roupas, especialmente a capa, como cobertor para o frio da noite. Segunda: a falta de comida diária. Essa situação era perfeitamente possível de acontecer nas comunidades cristãs. Para mencionar apenas um caso, lembremos das viúvas pobres e carentes de alimento sustentadas pela Igreja de Jerusalém, que mais tarde foi pastoreada pelo próprio Tiago (cf. At 6.1-3). No Antigo Testamento, vestir e alimentar o pobre é visto como sinal daquele que é verdadeiramente justo (Jó 31.16-21; Is 58.7,10; Ez 18.7). O mesmo ocorre no Novo Testamento, especialmente no ensino de Jesus Cristo (Mt 25.35-40; Mc 14.7; Lc 3.11).

Um ponto a ser considerado nos versículos **15,16** é se Tiago levanta uma situação imaginária ou real. O mesmo ocorre com a situação aventada em **2.1-3**, em que nosso autor descreve dois homens, um rico e outro pobre, entrando na igreja e recebendo tratamento diferenciado. Provavelmente, em ambos os casos, trata-se de situações reais acontecidas ou acontecendo nas igrejas, que Tiago menciona de forma genérica e sem identificar os autores.

2.16 e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fantai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Tiago continua aqui a situação levantada no verso anterior para ilustrar a inutilidade da fé sem obras, que seria despedir com palavras vazias irmãos pobres extremamente carentes.

Essas palavras vazias poderiam ser proferidas por *qualquer dentre vós*. Qualquer um pode cometer esse pecado. Ninguém está isento da insensibilidade e da dureza de coração para com o próximo, e da hipocrisia de proferir palavras bonitas, porém cruéis. A hipocrisia dessas palavras é muito grande e demonstra uma

⁴ No original grego, irmão e irmã não são precedidos de artigos. ARA e NVI traduziram mais corretamente ἀδελφός η ἀδελφή usando o artigo indefinido, “um irmão ou uma irmã”. ARC traduziu inexplicavelmente usando o definido, “o irmão ou a irmã”.

tremenda insensibilidade – é quase uma brincadeira de mau gosto: *ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem contudo, lhes dar o necessário para o corpo*. “Ide em paz” era uma saudação comum entre os judeus, quando se despediam (cf. Jz 18.6; 1Sm 1.17; 2Sm 15.9). O próprio Jesus a usou (Mc 5.34; Lc 7.50). Em vez de acolher os pobres, os leitores de Tiago os despediam com palavras doces. “Aquecei-vos” e “fartai-vos” ignora a responsabilidade de quem tem e pode e a transfere para os próprios pobres, fazendo de conta que não se viu a pobreza deles. Eles que providenciem o que precisam! Imaginem isso ser dito a irmãos seminus e famintos por irmãos em Cristo, da mesma igreja local!

Ao mesmo tempo em que se livram da responsabilidade com palavras vazias, deixam de suprir “as coisas necessárias para o corpo”. Sim, pois o corpo de cristãos também passa por necessidades, como vestimenta e comida. Ainda não fomos glorificados. O Cristianismo salva o homem completo, corpo e alma. É um erro nos preocuparmos somente com a alma e a sua salvação. Os cristãos são conclamados, em versículos como esse, a se preocupar também com as necessidades físicas dos irmãos de fé. Contudo, Tiago não está enfatizando a hipocrisia e maldade dessas palavras, mas a inutilidade delas: *qual é o proveito disso?* Somente as palavras não vão aquecê-los e fartá-los. Algo mais se faz necessário: obras, ações, atitudes.

As palavras são importantes no Cristianismo, pois este é uma religião doutrinária, baseada numa revelação proposicional. Para nós é importante que digamos e confessemos as palavras corretas. Mas há ocasiões em que as palavras são desnecessárias ou insuficientes. E aqui está um caso: diante da carência óbvia dos irmãos, as palavras, por mais bonitas, doces e confortadoras que sejam, não têm proveito algum. Atitudes são requeridas. O que Tiago deseja provar vem no versículo seguinte.

Uma aplicação prática é a maneira como Tiago pressupõe que a situação do irmão malvestido e com fome se resolva: mediante a caridade e o amor dos demais irmãos, que lhe devem dar o que é necessário. Nisso, Tiago relembra o ensino do Senhor Jesus, quando se recusou a despedir a multidão faminta (Mt 15.32) e quando falou do critério a ser usado no dia do juízo, que é o cuidado com os pobres (Mt 25.42-45).

Acredito que o pecado aqui denunciado por Tiago seja praticado hoje pelas igrejas neopentecostais que empregam a teologia da prosperidade. Elas atraem para seus templos milhares de pobres e necessitados. Não lhes deveriam dar o que é necessário para o corpo? Contudo, despedem-nos ainda mais carentes do que quando entraram, pois até o último centavo lhes tiram, em troca de palavras doces e promessas enganosas de prosperidade.

2.17 Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.

E aqui temos a comparação que prova o ponto de Tiago. Da mesma forma que

palavras bondosas para nada servirão aos necessitados se não forem acompanhadas das coisas necessárias, uma profissão de fé, por mais ortodoxa, correta, profunda e erudita que seja, se não vier acompanhada de obras que atestem a sua genuinidade, também de nada aproveitará. Isto é, não salvará (2.14). “Se não tiver obras”, ou seja, se não vier acompanhada de atos concretos de obediência e misericórdia, que brotam de um coração regenerado. Tiago a declara como “morta” por si só (cf. 2.26), sem haver necessidade de que alguém a mate. A ARC traduziu “morta em si mesma”, como uma criança que já nasce morta.⁵ Da mesma sorte que um cadáver é de nenhum proveito ou utilidade, e ele mesmo nada pode conseguir ou fazer, uma mera declaração de fé em Deus e Cristo Jesus não salvará a alma do pecador. É como os maiores sacrifícios sem, contudo, amor (1Co 13.3). A fé salvadora é operosa (1Ts 1.3), não é hipócrita (1Tm 1.5) tal como a dos cristãos descritos por Tiago no verso anterior; tal fé associa-se às virtudes cristãs (2Pd 1.5-9).

Mais uma vez é preciso explicar que a fé a que Tiago se refere é a profissão de fé ao Cristianismo, o ato de declarar-se cristão, crente em Jesus Cristo. Qualquer pessoa pode declarar-se cristã, e na verdade muitas o fazem. Contudo, dada a natureza do Cristianismo – especialmente seu poder regenerador e renovador mediante o Espírito Santo –, adeptos verdadeiros não somente professarão a coisa certa, mas agirão da forma certa. Fé e obras andam juntas. Não podemos, em reação ao erro do Espiritismo e do Catolicismo romano, negligenciar ou menosprezar as obras como parte integrante da fé salvadora.

Diálogo com o insensato sobre fé sem obras (2.18-20)

2.18 Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé. A interpretação dessa passagem é complicada. As questões principais são a identidade do “alguém”, a extensão de sua fala e a quem ele se dirige (o “tu”). Há duas possibilidades principais:

1. O “alguém” é um cristão genuíno, provavelmente o próprio Tiago, que objetiva ao “tu”, o hipócrita mencionado em 2.16, por pensar que somente a fé salva. Nesse caso, Tiago estaria desafiando o hipócrita a mostrar a fé que diz ter, sob o princípio de que somente pelas obras a verdadeira fé se manifesta. Toda essa seção 2.18-26 seria uma diatribe,⁶ em que Tiago enfrenta o hipócrita de 2.16,

⁵ No grego, καθ’ εαυτήν, uma expressão idiomática que ocorre em Atos 28.16 e Romanos 14.22. “Morta por dentro e por fora” (A. T. Robertson).

⁶ Diatribe é um recurso clássico de retórica utilizado pelo orador ou escritor que se dirige a um interlocutor (adversário) imaginário, com perguntas e respostas, seguidas de argumentação. O tom geral-

que ele chama de “homem insensato” (2.20) e demonstra que a fé sem obras é inútil. Assim, a primeira parte de 2.18 poderia ser parafraseada como se dirigindo ao hipócrita de 2.16: “Sim, alguém te dirá”.⁷

2. O “alguém” é um interpelador hipotético que questiona Tiago, o qual por sua vez seria o “tu” mencionado no versículo.⁸ Os tradutores que seguem essa linha de interpretação se dividem, contudo, quanto à extensão da fala do interpelador. A maioria das traduções entende que é somente a primeira frase – “tu tens fé, e eu tenho obras” – e que o restante do versículo é a resposta de Tiago a esta declaração. Outras entendem que a objeção é o versículo inteiro e que Tiago só retoma sua fala no verso seguinte.⁹

Apesar de ser a posição minoritária, acredito que a 1 seja a mais provável pelos seguintes motivos:

1. A opção 2 obriga o interpelador de Tiago a questionar algo que ele não está dizendo ou enfocando. Tal interpelador pede que Tiago mostre a fé sem as obras. Porém, Tiago declara exatamente que a fé se mostra pelas obras. A opção 2 faz com que 2.18 fique como um corpo estranho no fluxo do pensamento. Não se encaixa.

2. A opção 1 faz mais sentido, encaixa 2.18 muito bem no contexto, permite uma leitura fluida e fácil, ao contrário da opção 2. A única objeção mais séria contra a opção 1 é a tradução incomum de “mas”, que contudo pode ser defendida, conforme o próximo ponto.

3. Apesar de não ser o uso mais comum, a conjunção que se traduz por “mas” também é usada, em menor frequência, para introduzir objeções (cf. 1Co 15.35). Esse uso se encontra nos escritos de Josefo (*Guerras Judaicas*, 7.363) e outros autores gregos. Nesses casos, pode ser traduzida coloquialmente como “bem, alguém dirá ...”. Em outras situações, a conjunção é usada para indicar uma situação levemente adversativa; nesses casos, é melhor não ser traduzida (Rm 15.21). Ainda pode indicar ênfase num contraste e pode ser traduzida como “certamente” (Mc 14.29). Ou seja, “mas” não é a única possibilidade de tradução da conjunção.

mente é severo e carregado de acusações. O alvo é tornar a interação entre escritor e audiência mais vívida e presente. Os melhores exemplos de diátribe no Novo Testamento estão em Romanos 2.1-5, 17-24.

⁷ Essa é a interpretação de algumas versões inglesas (King James, New American Bible, New Living Translation), da tradução espanhola Reina-Valera atualizada, etc. Todas elas tiveram de traduzir a conjunção ἄλλὰ no início do versículo como confirmatória (sim, de fato, realmente), e não adversativa (mas, porém, contudo, todavia).

⁸ Essa abordagem traduz ἄλλὰ como adversativa.

⁹ ARA e ARC optaram por não tomar posição. Não usam aspas para identificar diferenças de discurso em 2.18 e separam as duas sentenças somente por um ponto-e-vírgula. Já a NVI entendeu que o “alguém” é um objeto de Tiago, e que a objeção dele consiste na primeira sentença do versículo.

Nesse versículo, portanto, Tiago continua a confrontar aquele que se gloria de ter fé, mas não tem obras. Alguém, isto é, um crente genuíno, pode dizer a essa pessoa: *Tu tens fé, e eu tenho obras*. Não se trata de colocar fé contra obras. “Não é fé *ou* obras, mas prova de fé real (fé viva *versus* fé morta). A mera profissão de fé sem obras *versus* profissão de fé que se mostra viva por obras” (A. T. Robertson). O desafio lhe é feito: *Mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé*. O ponto de Tiago é que fé verdadeira só pode manifestar-se, ser conhecida e comprovada por meio de ações correspondentes (cf. 3.13). A mera profissão e a declaração de fé não são suficientes para provar sua genuinidade. Mais é requerido. Ele vai demonstrar isso pelo exemplo de Abraão e Raabe (2.22-25). “Tiago aqui não está discutindo ‘obras’ (obras cerimoniais) como meio de salvação, como Paulo em Gálatas 3 e Romanos 4, mas obras como prova da fé” (A. T. Robertson). A única maneira de alguém provar que tem fé é mediante ações e atitudes que a comprovem, assim como a árvore se conhece pelo fruto (Mt 7.16-17).

Se as igrejas usassem esse critério no exame de candidatos à profissão de fé, ao oficialato e ao ministério, seriam numericamente menores, é verdade, porém mais puras em sua membresia e clero.

2.19 Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem e tremem. Tiago continua se dirigindo ao hipócrita de 2.16, e dessa feita procura mostrar a inutilidade de sua fé comparando-a à dos demônios. *Crês, tu, que Deus é um só?* Não sabemos ao certo se Tiago faz uma pergunta ou uma afirmação. A construção da frase no grego coinê, que não tem ponto de interrogação nem outros sinais de pontuação, permite as duas coisas. As nossas traduções mais importantes em português entendem que é uma pergunta, muito embora várias outras em outros idiomas traduziram a oração como uma afirmação.

Se se trata realmente de uma pergunta, Tiago está descrevendo ironicamente a profissão de fé do hipócrita, que se vangloriava de crer num só Deus, muito embora não tivesse obras que comprovassem sua fé. A ênfase da frase cai no pronome “tu” – o que Tiago contrasta é a fé do hipócrita com aquela dos demônios: *tu crês ... os demônios também crêem*. A diferença entre as nossas traduções em português mostra que existe uma dificuldade de interpretação.¹⁰ A ARA traz “Crês, tu, que Deus é um só?”, como se a fé do hipócrita enfocasse a unidade do ser de Deus. Era nisso que ele se gloriava, no fato de Deus ser um. A

¹⁰ A disparidade não se deve necessariamente à diferença que existe nos textos gregos adotados pelas traduções. ARA e NVI seguem o texto crítico que traz οὐ πιστεύεις ὅτι εἷς ἐστὶν ὁ θεός. Contudo, ARA traduziu “que Deus é um só” (seguindo a Vulgata, *tu credis quoniam unus est Deus*), enquanto a NVI traduziu “que existe um só Deus”. O texto majoritário, seguido pela ARC, inverte a ordem das palavras, οὐ πιστεύεις ὅτι ὁ θεός εἷς ἐστὶν, mas traduz “que há um só Deus”.

declaração de fé na unidade do ser de Deus era a marca da ortodoxia judaico-cristã. Os judeus cristãos haviam recebido Jesus como Senhor e Salvador, como o Senhor exaltado, como o próprio Deus. Ao crer que Deus é um só, incluíam necessariamente Jesus na divindade. Caso contrário, seriam acusados de adorar dois deuses. Contudo, uma profissão de fé doutrinariamente correta, sem obras, ações e atitudes decorrentes, é tão inútil quanto palavras vazias diante de pessoas carentes e necessitadas (2.16).

Uma outra possibilidade de interpretação, que é seguida pela ARC, é: “Tu crês que há um só Deus?”.¹¹ Nesse caso, a ênfase recai na existência de um só Deus. Esta era uma marca distintiva do Judaísmo (cf. Mc 12.32; Dt 6.4; Is 43.10), especialmente da Dispersão, a crença na qual se vangloriavam diante do politeísmo e da idolatria das nações entre as quais viviam. Os cristãos, judeus ou gentios, criam da mesma forma (cf. 1Co 8.4,6; Ef 4.6; 1Tm 2.5). Essa é provavelmente a melhor interpretação. Pois a afirmação da unidade do ser de Deus pelos cristãos, em vista do reconhecimento da divindade de Jesus Cristo, só passa a fazer parte da confissão de fé do Cristianismo ortodoxo posteriormente, embora claramente embrionária e incipiente nos escritos do Novo Testamento. O que Tiago está dizendo ao cristão professo sem obras é que uma profissão de fé correta na existência de um único Deus não é suficiente para salvá-lo.

A prova que Tiago apresenta vem sem seguida: *Fazes bem. Até os demônios crêem e tremem*. Ao professar a verdade sobre Deus, o crente “faz bem” (cf. “fazer bem” em 2.8). Pois Tiago não é contra a doutrina correta, a exatidão teológica em pontos doutrinários cruciais e fundamentais. Contudo, ela não é suficiente, pois “até os demônios crêem e tremem”. Os demônios sabiam quem era Jesus (Mc 1.34) e confessavam que ele era o Filho de Deus (Mc 3.11; Lc 4.41; 8.27).

Mais do que crer na existência de um único Deus, os demônios “tremem” diante desse fato, na expectativa do tormento que lhes está reservado (Mt 8.29; 2Pd 2.4; Jd 6; Ap 20.10).¹² “O diabo treme à menção do nome de Deus, pois reconhece nele o seu juiz e exator” (J. Calvino). Tiago talvez se refira ao tremor dos demônios na hora do exorcismo, quando o nome de Deus e de Jesus Cristo era invocado pelos cristãos, à semelhança do que ocorrera durante o ministério

¹¹ A tradução da ARC e da NVI, “que existe um só Deus”, é melhor do que a da ARA, “que Deus é um só”. A expressão grega εἷς ἐστιν ὁ θεός é usada algumas vezes no Novo Testamento para expressar a singularidade de Deus, em contraste com a existência de mais de um deus (cf. Mc 12.32; Gl 3.20; 1Co 8.4,6).

¹² “Tremem”, φρίσσω, é mais uma *hapax legomena* de Tiago. Ela ocorre na LXX em Daniel 7.15, expressando a perturbação de Daniel diante da visão que recebera e seu sentido, e em Jeremias 2.12, traduzida como “horrorizai-vos”. Há referências na literatura patrística ao tremor e pavor dos demônios diante do exorcismo.

de Jesus (Mc 3.11; 5.12; Lc 4.41). O próprio Tiago deve ter visto isso acontecer diversas vezes em Jerusalém (cf. At 8.7). Nesse sentido, a fé dos demônios é superior à do hipócrita, pois este professa crer em Deus, mas vive como se Deus não existisse. Não treme e não teme diante dele. Uma exceção foi o governador Felix, que, ao ouvir Paulo dissertar sobre o juízo vindouro, tremeu e amedrontou-se (At 24.25). Contudo, não creu em Jesus Cristo e mandou Paulo embora.

A crença na existência de um único Deus, portanto, em si mesma, não salva ninguém. Ela é compartilhada por hipócritas e demônios. Os hipócritas, cegados pelo pecado, enganam-se pensando que afirmar o monoteísmo é suficiente ou meritório. Os demônios, mais esclarecidos e mais conhecedores das realidades espirituais, tremem diante das conseqüências da existência de um único Deus, que são o castigo justo pelos pecados. O que hipócritas e demônios têm em comum é que não crêem em Deus no sentido evangélico. Não *confiam nele*, não o recebem de boa mente, não se sujeitam a ele, não se dobram humilde e voluntariamente diante da sua majestade. No íntimo de seu coração depravado, hipócritas e demônios odeiam e rejeitam a Deus.

Nessa passagem, Tiago destrói a vã confiança de seus leitores que pensam que somente a crença em Deus pode salvá-los. Vemos mais uma vez na carta de Tiago a relação indissolúvel entre doutrina correta e prática decorrente, entre crer na verdade e praticar o que é justo.

2.20 Queres, pois, ficar certo, ó homem insensato, de que a fé sem as obras é inoperante? Tiago continua nesse verso sua diatribe com o hipócrita de 2.16.¹³ O verso introduz dois exemplos tirados da história bíblica do Antigo Testamento de que a fé e as obras andam juntas. A expressão *ó homem insensato* vem carregada de sentimento e emoção. Tiago se dirige de forma clara e direta àquele que pensa que somente a fé pode salvá-lo (2.14,18,19). O tom emocionado se deve à grandiosidade do assunto e ao que está em jogo, a salvação da alma. Há certo tom de indignação e impaciência na pergunta de Tiago, pois para ele é absolutamente claro que fé sem obras não salva e que somente um insensato pensaria diferente. O termo *insensato* significa literalmente “vazio”, e é usado figurativamente nas Escrituras e na literatura grega para pessoas desprovidas de valores espirituais e morais (cf. LXX, Jz 9.4; 11.3, “levianos”). No caso de Tiago, a idéia é de alguém desprovido de bom senso e conhecimento das coisas de Deus. Daí, insensato.¹⁴

¹³ A conjunção δὲ que liga essa passagem com a anterior foi tratada diferentemente pelas traduções: ARA, “pois”; ARC, “mas”; NVI não traduziu. Embora “mas” seja gramaticalmente possível, talvez seja a opção que menos se encaixe no contexto. De qualquer forma, é evidente que esse verso é a continuação da discussão de Tiago com o “insensato”.

¹⁴ ARC traduziu κενός como “vão”. Essa tradução, apesar de possível, não reflete todo o sentido do emprego do termo por Tiago aqui. Josefo também empregou κενός dessa forma em *Ant.* 1.666, referindo-se aos ritos religiosos dos pagãos.

O objetivo de Tiago não é somente refutar o pensamento do insensato, mas convencê-lo: *queres ficar certo*, ó homem insensato. “Ficar certo” ou “assegurar-se” (NVI) é literalmente “saber” (ARC), no sentido de captar firmemente o sentido de alguma coisa. Tiago não deseja dúvida alguma sobre o fato de que *a fé sem obras é inoperante*. *Inoperante* significa “ocioso”, “preguiçoso”, “sem uso”.¹⁵ Jesus empregou o termo para se referir às palavras “frívolas” que os homens proferem e que serão motivo de julgamento (Mt 12.36; cf. ainda 2Pd 1.8, “inativos”). Ou seja, ela é inútil (NVI) para salvar. A demonstração desse ponto vem nos versos seguintes.

A atitude de Tiago para com o insensato mostra a necessidade do confronto e da argumentação em busca do esclarecimento de pontos doutrinários e da persuasão dos que estão errados. Imagine se Tiago resolvesse simplesmente se calar e deixar que o insensato continuasse em seu caminho, crendo que sua confissão de fé, por ser ortodoxa, o salvaria! Por amor não somente ao insensato, mas à Igreja de Deus, Tiago confronta, questiona, importuna. Que seu exemplo nos desperte nesta época de anodinia espiritual.

O caso de Abraão (2.21-24)

2.21 Não foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque? A primeira prova escriturística que Tiago apresenta de que fé e obras andam juntas é a obediência de Abraão, a quem ele chama de *nosso pai*. Essa designação era usada pelos judeus e samaritanos para indicar sua origem como raça; era motivo de orgulho e segurança (cf. Mt 3.9; Lc 1.73; 16.24; Jo 8.39,53; At 7.2, etc.). Também era usada pelos próprios cristãos, que se consideravam os legítimos descendentes espirituais de Abraão. Os autores judeus do Novo Testamento, ao escrever a comunidades judaico-cristãs ou cristãs onde havia judeus convertidos, referem-se a Abraão como “nosso pai” para indicar a origem espiritual (cf. Rm 4.1,12,16-18; 9.7; Gl 3.7; 1Pe 3.6). Aqui, Tiago se refere a Abraão como “nosso pai” tendo em vista não somente a descendência judaica comum com seus leitores, mas também o fato de que são cristãos. Ele cita o episódio sobejamente conhecido da comunidade judaico-cristã em que Deus testou Abraão, ordenando-lhe que oferecesse seu único filho, Isaque, o herdeiro das promessas, em sacrifício, no alto do monte Moriá. Abraão obedeceu e, prestes a sacrificar o filho, foi impedido por Deus, que declarou: “agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho” (Gn 22.12). Em seguida, Deus

¹⁵ ARC traz “morta”, pois segue a variante νεκρά do texto majoritário (cf. 2.17,26).

jurou abençoar Abraão e sua descendência, e, nela, todas as nações da terra. A causa foi: “porquanto obedeceste à minha voz” (Gn 22.18).

Tiago considera a obediência de Abraão “obras”: *Não foi por obras que Abraão foi justificado?* Daqui se percebe que as “obras” em foco não são exclusivamente aqueles atos de caridade e bondade que se prestam ao próximo, como se poderia depreender dos exemplos anteriores de Tiago que tratavam dos pobres (cf. 2.1-5; 2.15), mas atos individuais de obediência à vontade de Deus, como o caso de Abraão e o de Raabe.

Tiago diz que Abraão *foi justificado* quando ofereceu Isaque no altar. É aqui que ele parece contradizer a doutrina da justificação pela fé exposta por todos os demais autores neotestamentários e por Paulo em especial. Paulo diz expressamente em Romanos 4.2: “Se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus”.¹⁶ Entretanto, a justificação a que Tiago se refere não é a mesma a que Paulo se refere. De acordo com Paulo, Abraão foi justificado pela fé, diante de Deus, bem antes de oferecer Isaque no alto do monte Moriá, quando creu na promessa de que sua descendência haveria de ser tão numerosa quanto as estrelas do céu (Gn 15.1-6; cf. Rm 4.3; Gl 3.6). O que Tiago está dizendo, conforme lemos no contexto seguinte, é que a justificação de Abraão *se consumou* pelo ato de obediência executado anos mais tarde, quando ofereceu Isaque (2.22); então se *cumpriu*, isto é, se confirmou, aquilo que ocorreu anos antes, quando Abraão creu em Deus (2.23). Conforme o próprio Tiago, a imputação da justiça feita a Abraão foi exatamente quando ele creu em Deus, conforme Gênesis 15.6 (2.23), e nisso ele concorda integralmente com o apóstolo Paulo. Veja o tópico “Tiago e Paulo” na *Introdução* deste comentário.

É evidente, também, que Tiago não está a dizer que a justificação é pelas obras, como os intérpretes católicos costumam manter. Pois o assunto dele aqui não é a justificação, mas um contraste entre a fé vazia e a salvadora, que se manifesta por obras de obediência a Deus. Conforme Calvino:

Devemos entender o que está em foco, pois a disputa aqui não é a respeito da causa da justificação, mas somente o valor da fé sem obras e o que devemos pensar sobre isto. Os que tentam usar esta passagem para provar a justificação pelas obras cometem um absurdo, pois não é esta a intenção de Tiago. Seu ponto, ao apresentar argumentos, é que uma fé morta não tem obras que a acompanhem. Ninguém jamais compreenderá o que Tiago diz aqui, nem poderá julgar justamente as suas palavras, se não mantiver diante dos olhos o objetivo do autor.

¹⁶ A expressão ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη, “justificado pelas obras”, que Tiago usa em 2.21 é exatamente a mesma que Paulo usa em Romanos 4.2.

2.22 Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou. Tiago continua se dirigindo ao “homem insensato” de 2.20, que pensa que fé, sem obras, pode salvar. Para Tiago, há três implicações na relação entre fé e obras que podem ser claramente vistas¹⁷ no ato de obediência de Abraão, ao oferecer Isaque. Primeira: a fé operava juntamente com suas obras, ou seja, “as duas atuavam juntas” (NVI) ou “cooperavam” (ARC) (cf. 2.18; Gl 5.6). O termo *operar juntamente* significa literalmente “engajar-se num esforço conjunto”, “trabalhar junto”; daí a idéia de assistir, ajudar. A idéia é de que a fé de Abraão não era inativa, mas fez com que Abraão produzisse obras, como o oferecimento de Isaque. É dessa forma que o autor de Hebreus interpreta o episódio:

Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas, a quem se tinha dito: Em Isaque será chamada a tua descendência; porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou (Hb 11.17-19).

Segunda: pelas obras a fé se consumou. Se a fé cooperou com as obras, as obras, por sua vez, consumaram a fé de Abraão. *Consumar* significa aqui “alcançar o alvo”, e daí, chegar ao estado de perfeição, ficar completo. Ao oferecer Isaque, a fé de Abraão amadureceu, foi aperfeiçoada (ARC, NVI). Aquele ato de obediência também mostrou ao mundo que Abraão cria realmente em Deus, dessa forma justificando-o diante dos homens. Aqui percebemos com clareza o pensamento de Tiago sobre a relação entre fé e obras, e que ele em nada contradiz o restante do Novo Testamento.

Fé e obras andam juntas e cooperam mutuamente. A relação entre elas é um caminho de mão dupla: a fé produz obras, que, por sua vez, aperfeiçoam a fé. A fé que salva produz obras que explicitam a salvação. Mantenhamos essas duas coisas sempre em perfeito equilíbrio. Aquilo que Deus ajuntou, que o homem não separe. Não podemos negligenciar nem a fé nem as obras. Porém, cada uma deve ser mantida em seu lugar: a fé, a raiz, as obras, o fruto.

2.23 e se cumpriu a Escritura, a qual diz: Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e: Foi chamado amigo de Deus. Aqui Tiago expõe a terceira implicação da obra de obediência de Abraão, ao oferecer Isaque sobre o altar, que é o cumprimento de Gênesis 15.6. Com esse ato, diz Tiago, *cumpriu-se a Escritura*. Não que o relato de Gênesis 15.6 fosse uma pro-

¹⁷ Vês, βλέπεις, tem o sentido aqui de “percebes”, “observas”, “notas”, como em Mateus 7.3.

fecia. *Cumpriu-se* aqui significa “foi comprovada”, “demonstrada” ou “foi realizada”.¹⁸ A fé de Abraão registrada em Gênesis 15.6 foi demonstrada com sua obediência descrita em Gênesis 22. É interessante que Paulo usa Gênesis 15.6 para provar que Abraão foi justificado pela fé, antes de ser circuncidado, enquanto Tiago usa a mesma passagem como prova de seu argumento de que fé e obras andavam juntas na vida de Abraão. “Tanto Tiago quanto Paulo estão certos, cada um usa a passagem para ilustrar um ponto diferente” (A. T. Robertson).

Existe uma dúvida sobre se a parte final do versículo – “Foi chamado amigo de Deus” – é mais uma citação da Escritura. Abraão é chamado “amigo de Deus” em 2 Crônicas 20.7 e Isaías 41.8. Acontece que essas duas passagens foram escritas séculos após os episódios narrados em Gênesis, conforme o conceito histórico da formação do cânon do Antigo Testamento. Além disso, em nenhuma das duas passagens se diz “Abraão foi chamado amigo de Deus”, como Tiago cita. Várias traduções, como a ARA, pontuaram a frase de forma a entender que se trata de uma citação. Já ARC e NIV, mais acertadamente, traduziram como se fosse um comentário de Tiago. Considerando que ao citar Gênesis 15.6 na primeira parte do versículo Tiago seguiu *ipsis literis* a LXX (a Bíblia usada pelos judeus cristãos da Dispersão), seria de esperar que citasse da mesma forma 2 Crônicas 20.7 ou Isaías 41.8. O título “amigo de Deus” para Abraão era bastante conhecido dos judeus, bem antes de Tiago. Filo de Alexandria se refere a ele dessa forma, bem como o apócrifo judaico *Livro dos Jubileus* (19.9; 30.20). O mais provável, portanto, é que Tiago esteja dizendo que, ao oferecer Isaque em sacrifício, a fé de Abraão foi manifestada publicamente, e posteriormente ele veio a ser chamado de amigo de Deus, conforme vários textos das Escrituras.

2.24 Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente. Esse versículo é o corolário da argumentação de Tiago, à semelhança de 2.22.¹⁹ *Verificar* significa literalmente “ver” (ARC e NVI), aqui usado no sentido figurado, como em 2.22. Tiago agora se dirige não mais ao “insensato” de 2.20 (“Verificais” é plural), mas aos seus leitores, diante de cujos olhos ele está expondo a insensatez da fé sem obras.

Ao afirmar que uma pessoa²⁰ é justificada por obras e não pela fé somente, Tiago parece confrontar diretamente o ensinamento paulino de que a justificação

¹⁸ “Cumprir as Escrituras” é usado com frequência no Novo Testamento no sentido de profecia realizada (cf. Mt 26.54; Mc 14.49; 15.28; Jo 17.12; At 1.16). Contudo aqui, a não ser que consideremos Gênesis 15.6 como profético, o sentido mais cabível é o de demonstrar, evidenciar.

¹⁹ A relação desse verso com o anterior fica mais clara na ARC, que traz: “Vedes, então ...”. O “então” é decorrente da variante τοίνυν, que ocorre no texto bizantino, mas está ausente no texto crítico adotado pela ARA e pela NVI.

²⁰ “Pessoa” é a tradução que a ARA e a NIV fizeram de ἄνθρωπος, que significa literalmente “homem”, aqui usado no sentido inclusivo. A ARC preferiu deixar “homem”.

é pela fé somente, sem as obras (cf. Rm 3.28; 4.1-10; 9.11; Gl 2.16; Tt 3.5; etc.). Contudo, conforme ficou claro nos versículos anteriores, Tiago combate aqui a declaração de fé desacompanhada de obras para sustentá-la ou validá-la. A fé que ele rejeita é a hipócrita. E as obras que ele recomenda são aquelas decorrentes da fé, os atos de obediência a Deus, como foi o caso de Abraão.

Paulo, por sua vez, combatia o legalismo, o nacionalismo judaico, que via a justificação com base nos emblemas da nação judaica, a circuncisão, o calendário e a dieta religiosa dos judeus, as obras da lei assim chamadas. Conforme Tiago, as obras justificam uma pessoa que tem fé, pois demonstram e validam essa fé. A fé justifica a pessoa diante de Deus, e as obras o justificam diante dos homens. “‘Justificado’ aqui não significa ‘feito justo’ mas ‘demonstrado justo’. Tiago está discutindo a prova da fé, não o ato inicial de fé pelo qual a pessoa é colocada numa posição certa diante de Deus” (A. T. Robertson).

A parte final desse versículo – *e não por fé somente* – se encaixa perfeitamente no ensinamento neotestamentário da justificação pela fé quando entendemos que Tiago se refere a uma declaração de fé vazia. Poderíamos parafrasear o versículo desta forma: “Verificais que uma pessoa demonstra que é justa pelas obras, como Abraão, e não somente por uma declaração vazia de fé”.

O caso de Raabe (2.25,26)

2.25 De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho? Tiago apresenta em seguida mais uma prova das Escrituras do Antigo Testamento de que a justificação é por obras: o caso de Raabe. Pode ser que Tiago tenha resolvido na última hora incluir uma referência a Raabe, como se tivesse concluído que somente o exemplo de Abraão não bastaria. Além do fato de que ele poderia ter escolhido muitos outros exemplos mais conhecidos, como o de Davi, Noé, os profetas, entre outros, esse versículo parece uma idéia que surgiu tardiamente, quanto o texto já estava pronto, pois quebra a seqüência entre o verso anterior (2.24) e o seguinte (2.26). Não é preciso chegar ao ponto de pensar que “o argumento de Tiago ficaria melhor sem o exemplo de Raabe” (A. T. Robertson), mas certamente 2.26 parece muito mais estar ligado a 2.24, sendo o versículo de Raabe aparentemente uma inclusão posterior, feita pelo próprio Tiago, após o texto estar pronto.

É um caso *semelhante* ao de Abraão, diz ele,²¹ muito embora entre as duas personagens exista uma grande diferença, como o mesmo Tiago enfatiza ao quali-

²¹ Ο μοίως, “de igual modo” (ARA e ARC). A NVI traduziu como “caso semelhante”.

ficar Raabe de “a meretriz” (Js 2.1).²² “Tiago propositadamente colocou juntas duas pessoas tão diferentes em caráter para mostrar claramente que jamais ninguém, qualquer que tenha sido sua condição, nação, classe ou posição social, foi considerado justo sem boas obras” (J. Calvino).

O que há de semelhança com Abraão é o fato de que Raabe *também foi justificada por obras*. A obra específica a que Tiago se refere é o fato de Raabe acolher os emissários de Josué, os espias que vieram olhar a cidade de Jericó, de escondê-los dos soldados da cidade e afinal fazê-los partir por outro caminho, pela janela e não pela porta, salvando-os da morte (Js 2.1-24; 6.22-25). À semelhança de Abraão, a “obra” de Raabe resume-se num ato de obediência e temor a Deus, como reflexo da fé que ela possui no Deus dos hebreus. Ela é justificada no sentido de demonstrar, por essa atitude em que arrisca a própria vida, que sua confiança no Deus de Israel é genuína e completa. Aqui temos mais uma ilustração do que Tiago disse em **2.18,22**: a fé se mostra pelas obras e as obras completam a fé.

A inclusão de Raabe, uma gentia prostituta, ao lado de Abraão, o amigo de Deus e pai da nação de Israel, está alinhada com o ensinamento de Jesus aos judeus: “publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus” (Mt 21.31,32).

2.26 Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta. Esse versículo parece muito mais ser a conclusão de **2.24** do que do versículo anterior. É uma comparação (“assim como”) entre a fé sem obras e um corpo sem espírito. Ambos estão mortos, conclui Tiago. Ele já havia se referido à fé sem obras como “morta” em **2.17**: “a fé, se não tiver obras, por si só está morta”. Agora a figura vai um pouco mais além, pois a causa da morte é a falta de espírito, ou fôlego.²³ A fé é dita “morta”, pois, à semelhança do cadáver, é inoperante. Não age, não se movimenta. Podemos perceber que um corpo está morto pela ausência de respiração. Da mesma forma, a fé morta se evidencia pela falta de obras. Ela é um cadáver. O ponto de Tiago aqui é que corpo e espírito andam juntos. O corpo precisa do espírito. Da mesma sorte, fé e obras andam juntas. “As obras são as companheiras da fé, como o espírito é do corpo” (Matthew Henry). Quando fé e obras estão juntas, temos vida.

²² “A meretriz”, ἡ πόρνη, traduzida pela NVI como “a prostituta”. Mesmo que Raabe tenha se tornado membro do povo de Israel (cf. Js 6.22-25. Flávio Josefo comenta que ela recebeu terras de Josué e que foi muito estimada pelos judeus daí em diante, *Ant.* 5.30. Conforme um *midrash* antigo, ela veio a casar-se com Josué e se tornou ancestral de Jeremias e Ezequiel), continuou a ser designada pelos autores do Novo testamento como “a meretriz” (cf. **2.25**; Hb 11.31), à exceção de Mt 1.5. “Ela deixou para trás sua vida pecaminosa, mas o título se lhe apegou para sempre” (A. T. Robertson).

²³ A palavra *espírito*, πνεῦμα, pode significar, entre outras coisas, “fôlego da vida” (cf. esse uso na LXX: Jó 34.14; Sl 104.29; 146.4; No Novo Testamento veja 2Ts 2.8). É provavelmente nesse sentido que é usada aqui.

O DEVER DOS MESTRES EM REFREAR A LÍNGUA

(3.1-12)

RESUMO

Tiago passa a tratar de outro assunto relacionado ao tema geral de sua carta. Nessa parte, ele traz orientações e correções aos que queriam ser mestres e denuncia os pecados cometidos com a língua, o principal instrumento de trabalho dos mestres, exortando-os a mostrr sua sabedoria com obras, e não com discursos vazios. Aqui ele cobra, mais especificamente dos mestres da Igreja, obras que demonstrem a sabedoria que professam ter. No caso, essas obras teriam a ver com o controle da língua, com o falar aquilo que convém. Para Tiago, a verdadeira religião não consiste em ouvir sermões (cap. 1), em crer somente (cap. 2) nem em falar palavras bonitas (cap. 3), mas em praticar o que se ouve, realizar obras decorrentes da fé e dominar a língua. Ele já havia ensinado que o teste da verdadeira religião é o controle da língua (1.26). Agora desenvolve esse ponto com maior profundidade.

Advertência aos mestres (3.1,2)

3.1 Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo. Aparentemente havia muitos, entre os judeus cristãos aos quais Tiago escreveu, que queriam ser mestres e que “estavam tentando ensinar aquilo que não compreendiam claramente” (A. T. Robertson). Além disso, estavam disputando o espaço necessário para ocupar tal função. A maneira como Tiago escreveu, no original grego, pode ser traduzida como: “*parem* de se tornar mestres, muitos de vocês”.¹ A rivalidade

¹ A negativa μή seguida do imperativo presente de γίνομαι.

entre os que aspiram a docência da Igreja não é coisa restrita às igrejas de Tiago. Já entre os próprios apóstolos de Cristo havia a disputa pelo primeiro lugar (Mc 9.34). A primazia entre os irmãos, apesar de proibida por Jesus (Mt 23.8,9) – o qual deu exemplo de humildade como mestre (Jo 13.13,14) – cedo se tornou um problema na Igreja (cf. Diótfes, que queria a “primazia” na Igreja, em 3Jo 9). Os mestres instruíam as igrejas regularmente na Palavra. Como tal, ocupavam posição de autoridade e liderança, posição que podia ser cobiçada pelo prestígio inerente.

Tiago aborda o problema com reserva e cautela: “Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres”. Tiago não proíbe a existência de mestres e pregadores entre eles, mas solicita que não sejam muitos. Ele não condena a aspiração pelo ministério, que é recomendada por Paulo (1Tm 3.1), mas refreia o desejo de muitos de ocupar a docência do povo de Deus. Mais uma vez, ele se dirige aos seus ouvintes de forma afetuosa – “meus irmãos” –, demonstrando que sua restrição parte de um amor sincero e de uma preocupação verdadeira para com o estado espiritual deles.

Para alguém se tornar mestre certamente precisava contar com a aprovação das igrejas e dos que já eram líderes. Portanto, a exortação de Tiago “não vos torneis mestres” pode parecer inócua, já que o tornar-se mestre não dependia exclusivamente deles, a não ser que aqui Tiago esteja refreando o desejo já no nascedouro. “Meus irmãos, que não sejam muitos de vocês que procurem se tornar mestres.”² Ao mesmo tempo, sendo dirigida às igrejas como um todo, a exortação de Tiago deveria ser obedecida pelos líderes, os quais deveriam ser cuidadosos e criteriosos para com os aspirantes à docência. Falsos mestres têm sido, desde o início, uma das maiores fontes de problemas para a Igreja de Cristo. Muito embora Deus tenha estabelecido mestres na Igreja (1Co 12.28), nem todos devem ser mestres (1Co 12.29).

Contudo, a causa que Tiago apresenta para sua restrição é a responsabilidade que pesa sobre os mestres: *sabendo que havemos de receber maior juízo*. Disso eles precisavam estar conscientes. Ao colocar a frase na primeira pessoa do plural (“nós”), Tiago se identifica com os mestres das igrejas, estando sujeito ao mesmo julgamento que eles.³ Ele não reivindica isenção do juízo vindouro por ser mestre deles e pai espiritual das igrejas. O juízo mais severo será aplicado a todos os mestres, sem qualquer exceção.

² “Não vos torneis” (ARA). *μὴ γίνεσθε* é traduzido como “não sejaís/sejam” pela ARC e pela NVI. O verbo *γίνομαι* pode ser traduzido de ambas as formas. Contudo, o contexto favorece a idéia de tornar-se, expressa pela ARA.

³ A tradução da NVI, “vocês sabem que nós, os que ensinamos”, expressa melhor essa identificação.

Tiago já havia falado do juízo de Deus (2.12,13). Agora ele ensina que tal juízo será “maior” para os mestres, isto é, com maior rigor (NVI) ou dureza (ARC). *Juízo* às vezes significa o veredicto desfavorável, com a punição conseqüente, podendo ser traduzido como “condenação”.⁴ Aquilo que seria perdoado em outros não será no mestre (“àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão” – Lc 12.48). O rigor de Tiago se deve à seriedade do assunto. Falsos mestres são capazes de colocar a perder gerações inteiras. Não é sem motivo que o Novo Testamento está cheio de exortações contra mestres indignos e falsos profetas (Mt 7.15; 24.11,24; At 20.29; 1Tm 1.7; 2Tm 4.3; 1Jo 4.1,4; 2Pe 2.1). Jesus censurou severamente os escribas e fariseus por ocuparem de maneira indigna a cátedra de Moisés (Mt 23.1-7).

Um dos maiores problemas da Igreja evangélica brasileira é sua liderança. Mais e mais desejam se tornar mestres, e o fazem sem que haja critérios claros e sérios por parte das denominações, que colocam na liderança pessoas absolutamente despreparadas, que não foram treinadas nem provadas quanto à fé, à capacidade e às motivações. Tais mestres ocupam os púlpitos evangélicos e proferem palavras e discursos que envergonham o nome de Cristo diante do mundo; desviam os incautos, confundem os desavisados, emburrecem os crentes e espalham mentiras no meio do povo.

3.2 Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo. Tiago acrescenta mais uma razão pela qual não deveria haver muitos mestres nas igrejas, a saber, *porque todos tropeçamos em muitas coisas*.⁵ “Tropeçar”, é usado figuradamente para errar, transgredir, cometer pecado (cf. Mt 5.29,30; 18.6; Jo 11.9; Rm 14.21). Tiago já havia empregado o termo em 2.10: “qualquer que guarda toda a lei, mas *tropeça* em um só ponto, se torna culpado de todos”. Toda quebra da lei de Deus é uma queda. E dessa queda Tiago não se exclui: “todos tropeçamos”. Este é o ensino claro das escrituras: à exceção de Jesus Cristo, todos os nascidos de Adão e Eva tropeçaram, tropeçam e tropeçarão em alguma coisa (cf. 1Rs 8.46; 2Cr 6.36; Pv 20.9; Ec 7.20; Is 64.6; Rm 3.10; Gl 3.22; 1Jo 1.8-10). Dessa regra, os autores inspirados, como Tiago, não eram exceções.

A inspiração divina era dirigida para escrever as Escrituras. Na vida pessoal, os autores bíblicos estavam sujeitos a erros. Não eram eles que eram infalíveis e

⁴ Κρίμα provavelmente tem o sentido de “condenação” em 2 Pedro 2.3; Judas 4; Romanos 2.2,3; Apocalipse 17.1; 1 Coríntios 11.34, etc.

⁵ A NVI preferiu não traduzir γὰρ, “porque”, seguindo algumas versões modernas. O motivo não é claro. O verso 3.2 parece ser a explicação da exortação “não vos torneis, muitos de vós, mestres”, e não de “sabendo que havemos de receber maior juízo”, mesmo que essa última seja a cláusula imediatamente anterior.

inerrantes, mas os documentos que produziram sob direção do Espírito de Deus. Veja a mesma atitude em Isaías, quando contemplou a glória de Deus: “sou homem de lábios impuros” (Is 6.5). Ao usar o verbo no presente – “todos *tropeçamos*” – Tiago humildemente revela a consciência que tem de suas fraquezas presentes e de que ainda não havia chegado àquela perfeição absoluta que nos é reservada na glória. Não somente costumamos tropeçar, declara Tiago, mas o fazemos “em muitas coisas”. O termo grego pode significar também “grandemente” ou “de muitas maneiras” (NVI). A consciência que Tiago tem de suas fraquezas revela um coração quebrantado e humilde diante de Deus.

Dentre as “muitas coisas” em que tropeçamos, Tiago destaca apenas uma: *Se alguém não tropeça no falar* (3.2b).⁶ Significa transgredir a lei de Deus com palavras. Os chamados “pecados da língua” ocupam uma grande parte das listas de transgressões que aparecem no Novo Testamento: falso testemunho, blasfêmia (Mt 15.18,19), mentira (Ap 21.8; 1Tm 1.10), conversação torpe, palavras vãs, chocarrices (Ef 5.4), maledicência (1Co 6.9), difamação, malícia, calúnia (Rm 1.29-30), perjúrio (1Tm 1.10), entre outros. Tiago escolheu mencionar esse tipo de tropeço, pois é com palavras que os mestres fazem seu trabalho a maior parte do tempo, e é com palavras que eles têm maior tendência de tropeçar. “No muito falar não falta transgressão” (Pv 10.19; Ec 5.3). No dia do juízo, não somente os mestres, mas todos os cristãos serão responsabilizados pelas palavras que proferirem. “Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo” (Mt 12.36,37).

O controle da língua, conforme ensina Tiago, indica a maturidade de quem se professa cristão: *se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo*. Tiago já havia declarado que o controle da língua revela a verdadeira religião: “Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião é vã” (1.26). Agora ele diz que aquele que controla a língua é “perfeito varão”. “Ao dizer que aquele que não tropeça com a língua é varão perfeito, Tiago intima que o restringir a língua é uma grande virtude, uma das principais” (J. Calvino). A idéia de perfeição, em Tiago, à semelhança do restante das Escrituras, tem a ver com maturidade, crescimento (cf. Cl 1.28; Hb 13.21; 1Pe 5.10; 1Jo 4.12). É assim que ele almeja que a perseverança tenha “obra perfeita” nos crentes que estão passando por provações (1.4). Ele chama o evangelho de “lei perfeita”, isto é, que produz a perfeição ou maturidade (1.25). Um dos sinais do “homem perfeito” (NVI) é a capacidade de controlar a língua e somente falar aquilo que é adequado. “‘Homem perfeito’ significa também ‘marido perfeito’. A esposa tem liberdade para testar o marido com esta regra da língua” (A. T. Robertson).

⁶ “No falar”, ἐν λόγῳ (também NVI). A ARC preferiu, mais literalmente, “em palavra”.

Segundo Tiago, quem faz isso é “capaz de refrear também todo o corpo”. O princípio aqui é aquele do maior para o menor. Quem consegue o mais difícil – dominar a língua – consegue o mais fácil – dominar as paixões relacionadas com as necessidades do corpo.⁷ O controle do corpo faz parte do processo de santificação (cf. 1Co 9.27). Tiago usa o termo “refrear”, cujo original grego significa “colocar freio num cavalo para poder dominá-lo” (NVI). A figura é chocante e é explorada no verso seguinte: o domínio da língua é chave no processo do domínio próprio. Se quisermos aprender a controlar nossas necessidades, paixões e emoções, comecemos com a língua. Quem a domina domina o resto.

Quem controla a língua controla a vida (3.3,4)

3.3 Ora, se pomos freio na boca dos cavalos, para nos obedecerem, também lhes dirigimos o corpo inteiro. Aqui e no verso seguinte Tiago ilustra o ponto do verso anterior: quem controla a língua controla o corpo inteiro.⁸

A primeira ilustração é do freio usado para controlar os cavalos, uma figura bastante conhecida no Antigo Testamento e usada metaforicamente para se referir ao controle de Deus sobre os teimosos e rebeldes ao seu governo (cf. 2Rs 19.28; Sl 32.9; Pv 26.3; Is 37.29). Josefo conta uma história do período dos Macabeus em que soldados romanos deixaram seus cavalos pastarem livremente sem os freios, e, então, guerreiros judeus pularam sobre eles e os roubaram (*Guerra*, 6.152-153). No Novo Testamento, só Tiago utiliza a figura (mas cf. Ap 14.20) e o verbo “refrear”: a religião de quem não “refreia” sua língua é vã (1.26); quem domina a língua é capaz de “refrear” todo o corpo (3.2). O ponto da ilustração de Tiago é que, para termos a obediência de um animal poderoso, como o cavalo, basta que tenhamos controle da sua boca mediante os freios. O termo *dirigir* significa literalmente “mudar a direção”. Da mesma sorte, quem controla sua boca controla todo o corpo, mantendo-o na direção desejada.

3.4 Observai, igualmente, os navios que, sendo tão grandes e batidos de rijos ventos, por um pequeníssimo leme são dirigidos

⁷ Nos escritos de Paulo, σώμα, “corpo”, com frequência significa a natureza decaída do homem. Contudo, Tiago emprega o termo sempre no sentido literal, como a dimensão física e material do homem. Aqui em 3.2 devemos entender que ele se refere ao controle das necessidades mais usualmente relacionadas com o corpo, como sexo, comida, descanso, conforto, as quais são via de regra difíceis de controlar.

⁸ A diferença de tradução entre ARA (“Ora, se pomos freio ...”) e ARC (“Ora, nós pomos freio ...”) se deve às diferentes variantes que estão seguindo. A ARA seguiu o texto crítico, que traz ἐν ὁῦν no início da frase, enquanto a ARC seguiu ἰδὲ, que é a leitura do bizantino. Ainda há outras variantes, mas de menor importância, como ἰδοὺ.

para onde queira o impulso do timoneiro. Aqui temos a segunda ilustração do ponto de Tiago em 3.2: navios enormes são guiados por um pequeno leme. É notável a quantidade de imagens que Tiago emprega nessa carta, algo semelhante ao ensino de Jesus. Tiago chama a atenção do leitor para o fato: “vede!”.⁹ Da mesma forma que prestam atenção à maneira como pequenos freios dominam o poderoso animal, seus leitores devem observar o mesmo princípio no caso dos navios, que Tiago considera *tão grandes*. “Se Tiago ao menos tivesse visto os navios gigantescos que temos hoje!” (A. T. Robertson). Esses navios, continua Tiago, são *batidos de rijos ventos*, uma referência às tempestades que costumavam, naquela época, causar grandes prejuízos à navegação (cf. Sl 107.25; Jn 1.4; Mt 8.24). O livro de Atos menciona um tufão de vento chamado Euroaquilão (At 27.14).

Contudo, apesar dos rijos ventos, a nau é guiada por um *pequeníssimo leme*. Durante as tempestades, o leme era amarrado para manter o navio no curso (At 27.40). O *impulso do timoneiro* é uma provável referência à mão do piloto, que operava o leme, uma prancha de madeira ou a lâmina de um remo fixada na popa do navio.¹⁰ No livro dos Macabeus ocorre uma declaração interessante: “a razão do nosso pai Eleazar guiou [como um piloto guia o navio através do leme] a nau da religião sobre o mar das emoções” (4Mac 7.1). O ponto de Tiago é similar ao do versículo anterior: da mesma forma que freios dirigem os cavalos e lemes dirigem os navios, a língua dirige o resto do corpo. Com isso ele deseja provar o ponto do verso 3.2: o controle do corpo inteiro é possível a quem controla a sua língua.

O poder destrutivo da língua (3.5-8)

3.5 Assim, também a língua, pequeno órgão, se gaba de grandes coisas. Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!

Aqui Tiago explora o contraste entre o pequeno tamanho da língua e os grandes estragos que ela pode causar. À semelhança¹¹ do freio do cavalo e do leme do navio, a língua é *pequeno órgão*, contudo capaz de feitos desproporcionais ao seu tamanho. Como exemplo, Tiago declara que ela *se gaba de grandes coisas*, isto é, “se vangloria de grandes coisas”. O verbo *gabar-se* é usado no sentido pejorativo aqui, para alguém que fala com confiança excessiva acerca de si pró-

⁹ No grego, ἰδοὺ, uma partícula demonstrativa que chama a atenção para aquilo que se segue.

¹⁰ A NVI preferiu interpretar ἡ ὁρμή τοῦ εὐθύνοντος como “a vontade do piloto”. Contudo, essa vontade só poderia ser transmitida ao leme pela mão.

¹¹ “Assim, também”, οὕτως, ou “semelhançamente” (NVI). Há uma variante, ὡσαύτως, cujo sentido é o mesmo.

prio e de suas realizações. Há vários exemplos disso no Antigo Testamento, como o do Faraó diante de Moisés (Ex 5.2), o do gigante Golias afrontando os exércitos de Israel e depois se vangloriando diante de Davi (1Sm 17.4-44), o de Senaqueribe afrontando a Deus (2Rs 19.16,22; cf. Sl 73.8; Pv 18.21; Jr 9.3-8; ver também Sir 48.18, que descreve a atitude de Senaqueribe usando o mesmo verbo “gabar-se” que Tiago usa aqui) e o da arrogância de Nabucodonosor (Dn 4.30). Pedro e Judas advertem contra aqueles cuja boca vive propalando grandes arrogâncias (2Pe 2.28; Jd 16). Uma das características do anticristo é exatamente uma boca que fala arrogâncias e blasfêmias (Ap 13.5,6; cf. Dn 7.8,11,25; 11.36). Tiago mais uma vez chama a atenção do leitor (“vede!”) para um fato conhecido, visando demonstrar esse ponto, ou seja, *como uma fagulha põe em brasas tão grande selva*.¹² Incêndios florestais de grandes proporções são geralmente iniciados por fagulhas provocadas por raios, pontas de cigarro ou pequenas fogueiras não apagadas. Essa comparação entre a língua e o fogo é levada adiante por Tiago no verso seguinte.

3.6 Ora, a língua é fogo; é mundo de iniquidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma em chamas pelo inferno.

Aqui Tiago estabelece a similaridade entre a língua e o fogo no que diz respeito ao poder, desproporcional ao tamanho, que ambos têm de destruir.¹³ Esse poder destruidor é expresso em cinco afirmações mostrando o caráter maligno e diabólico da língua. Primeira: *a língua é fogo*, isto é, ela é como fogo em sua capacidade de inflamar e destruir as coisas. A idéia de fogo destruidor associado ao poder da língua pode ser vista em Provérbios 16.17: “O homem depravado cava o mal, e nos seus lábios há como que fogo ardente” (cf. ainda Pv 26.18-20; Is 30.27). Para outras metáforas para a língua, veja Salmo 64.3; 140.3, etc.

Segunda: *a língua é um mundo de iniquidade*, “universitas iniquitatis” (Vulgata).¹⁴ “Da mesma sorte que o mundo está cheio de coisas e de pecado, porque jaz na impiedade, assim a língua está cheia de iniquidade; existe um mundo

¹² O texto crítico seguido pela ARA e pela NVI traz *ηλίκων*, enquanto o texto bizantino traz *ὀλίγον*, o que não representa praticamente diferença alguma na tradução, pois *ηλίκων* pode significar “quão pequeno”. A Vulgata entretanto seguiu o sentido usual, “quão grande”: “ecce quantus ignis quam magnam silvam incendit” (“vede quão grande fogo tão grande floresta incendeia”).

¹³ A relação entre esse versículo e o anterior não é clara. A conjunção *καί*, que liga os versículos, foi traduzida como “ora” (ARA), “também” (ARC) e “assim também” (NVI). Outras versões não a traduziram. Provavelmente ARC e NVI fizeram a melhor opção, ao entender que aqui *καί* pode estar funcionando como um advérbio, estabelecendo uma comparação entre os dois versículos. Aliás, uns poucos manuscritos trazem *οὕτως* em vez de *καί*.

¹⁴ O texto bizantino introduz *οὕτως*, de sorte que a ARC traduz “como mundo de iniquidade”.

de iniquidade nela; a língua é abundante em iniquidade; não se pode dizer com certeza quanto mal existe nela e que é ocasionado por ela” (John Gill). Os leitores de Tiago tinham esta experiência: os ricos que os afligiam também blasfemavam o nome de Jesus (2.7).

Terceira: a língua *está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro*.¹⁵ O ponto de Tiago aqui pode ser simplesmente que esse fogo destruidor, que é a língua, está em nós mesmos, é um dos membros do nosso corpo. É um inimigo interior. E, dessa posição vantajosa, ela contamina o restante do corpo, o restante dos membros. O verbo “contaminar” usado por Tiago aqui só aparece em Judas 23. Em ambos os casos é usado metaforicamente para algo que se torna poluído, manchado, moralmente sujo. O verbo é usado no livro apócrifo de *Sabedoria* para se referir a uma pintura lambuzada com muitas cores (Sb 15.4). As maledicências, calúnias, blasfêmias, mentiras, torpezas e malícias proferidas com a língua contaminam o restante do corpo. Ela espalha o mal em todo o nosso ser. Tiago emprega “corpo” aqui, provavelmente, no sentido de existência humana, “a pessoa inteira” (NVI), um uso comum do termo na linguagem neotestamentária.

Quarta: a língua *põe em chamas toda a carreira da existência humana*. Essa é provavelmente uma das sentenças mais difíceis de entender da carta de Tiago. Literalmente, ela pode significar “a roda da existência humana”, “o círculo da existência”, “a roda das gerações”, “a roda da natureza”, “o curso da existência” ou dezenas de outras alternativas com base nos diferentes sentidos que as palavras da frase comportam. A tradução da ARA que utilizamos é perfeitamente plausível. A língua afeta todos os aspectos, partes e momentos da existência humana. A idéia de Tiago parece ter sido mostrar a extensão do estrago que a língua causa. Nada, na existência humana, está livre do seu poder destruidor, que Tiago mais uma vez compara ao fogo, ao dizer que ela “põe em chamas” a vida como um todo.

Um exemplo do poder da língua para fazer uma grande confusão é o episódio narrado em 2 Samuel 20.1: “Então, se achou ali, por acaso, um homem de Belial, cujo nome era Seba, filho de Bicri, homem de Benjamim, o qual tocou a trombeta e disse: Não fazemos parte de Davi, nem temos herança no filho de Jessé; cada um para as suas tendas, ó Israel”. Bastaram essas palavras para que se criasse um cisma em Israel e uma guerra que trouxe centenas de mortos. E quem não se lembra do episódio posterior, em que as palavras duras de Roboão ao povo de Israel causaram o cisma definitivo entre o reino de Israel e o de Judá? (2Cr 10.13-16).

¹⁵ ἐν τοῖς μέλεσιν ἡμῶν, literalmente “entre os nosso membros” (ARC). A ARA e a NVI acrescentaram interpretativamente “entre os membros *do nosso corpo*”.

Quinta: a língua *é posta ela mesma em chamas pelo inferno*.¹⁶ Aqui temos a revelação do poder incendiário por trás da língua, ou seja, “o inferno”. O termo foi usado por Jesus como “inferno de fogo” (Mt 5.22; 18.9), local de sofrimento eterno dos ímpios (Mt 5.29,30; 10.28; 23.33; Lc 12.5). Esse fogo é “inextinguível” (Mc 9.43). Tiago emprega o termo aqui não como o local do castigo eterno dos ímpios, mas como símbolo das forças malignas e diabólicas, para quem o inferno foi destinado. É Satanás quem primeiramente inflama a língua e através dela o fogo do inferno inflama todo o curso da existência humana. Foi assim que destruiu a humanidade no Paraíso (Gn 3.4-6; cf. “sedutor de todo mundo”, em Ap 12.9).

Em certa ocasião o Espírito Santo desceu sob a forma de línguas de fogo (At 2.1-4). Quando a língua é posta em chamas pelo Espírito de Deus, dela procedem palavras de poder e graça para edificar, salvar e abençoar. Mas, quando o fogo que a inflama vem do inferno, ela destrói vidas, nomes, reputações, amizades, relações, famílias, casamentos e igrejas.

Lemos em Juízes 12.4-6 o famoso episódio em que os soldados efraimitas eram identificados por não conseguir pronunciar “shibolete”. Eram, então, apanhados e mortos nos vaus do Jordão. Os gileaditas, porém, diziam “shibolete” sem problemas. Da mesma forma, o falar identifica os verdadeiros servos de Deus.

3.7 Pois toda espécie de feras, de aves, de répteis e de seres marinhos se doma e tem sido domada pelo gênero humano. A razão pela qual a língua faz toda a destruição descrita no verso anterior é agora explicada em **3.7-8**. A explicação de Tiago é que a língua é indomável. Esse ponto é argumentado mediante uma comparação com as espécies animais.¹⁷ Todas elas têm sido domadas pelo gênero humano, ao contrário da língua.

Tiago menciona feras, aves, répteis e seres marinhos. Essa lista vem de Gênesis 9.2, mas há outras listas na literatura bíblica contendo classes distintas de animais (Gn 1.26; 9.2; 1Rs 4.33; Ez 38.20; Os 2.18; At 10.12; 11.6; Rm 1.23; cf. o apócrifo Judite 11.7). Essas listas mencionam feras, quadrúpedes, animais do campo, rép-

¹⁶ Γέεννα, *geenna*, “inferno”, termo originado da expressão “Vale de Hinom” ou “Vale do filho de Hinom”, גֵּיאַ בְּנֵי-הִינּוֹם *gê ben-hinnom* (Js 15.8; 18.16; Ne 11.30), uma ravina ao sul de Jerusalém onde foram feitos sacrifícios humanos (2Cr 28.3; Jr 7.32). De acordo com Justino, os judeus passaram a acreditar que ali o juízo final ocorreria (*Apologia*, I, 19, 8). No Novo Testamento o termo é usado consistentemente para o local do tormento eterno e figuradamente para os poderes do mal que ali encontrarão seu destino.

¹⁷ Em vez de “espécie” (ARA, NVI), a ARC traduziu φύσις como “natureza”, uma versão literalmente possível. Contudo, o termo significa mais exatamente aquela condição ou características que alguma coisa possui por natureza. “É a natureza de alguma coisa como resultado de seu desenvolvimento ou condição” (Low & Nida). Daí a idéia de espécie, gênero.

teis, peixes, aves, etc. Elas simplesmente se referem a todos os seres vivos, à exceção do homem. É o ponto de Tiago aqui. *Feras* pode significar, no original grego, tanto animais selvagens, como aqueles entre os quais Jesus esteve no deserto (Mc 1.13), como uma cobra venenosa, como aquela que se pegou na mão de Paulo (At 28.4,5), ou quadrúpedes em geral (At 11.6; Hb 12.20). Em Apocalipse, é o termo usado para as “bestas” que sobem da terra e do mar (Ap 11.7; 13.1-4).¹⁸ *Aves* se refere aos pássaros, selvagens ou domésticos. *Répteis* geralmente se refere a cobras, mas pode também se referir, dependendo do contexto, a pequenos quadrúpedes que “rastejam sobre a terra”, como lagartos, salamandras, etc. (Gn 1.25,26,30). Nas listas do Novo Testamento, quando contrastado com aves, animais e peixes, a referência primária é realmente a serpentes ou cobras. *Seres marinhos* só ocorre aqui no Novo Testamento. A expressão não aparece na LXX, nem nos apócrifos, nem em Josefo. Ela significa literalmente aquilo que pertence ao mar, e daí ser usada como uma designação genérica para tudo o que vive no mar.

Tiago diz que cada uma dessas espécies animais *se doma e tem sido domada pelo gênero humano*, ecoando o mandado divino ao homem, dado na criação, de dominar sobre todas as espécies animais (Gn 1.28). *Domar* significa “subjugar”, “trazer sob controle”, daí a idéia de amansar.¹⁹ É isso o que o homem tem feito, no decorrer do tempo, com as mais perigosas e selvagens espécies animais. As que ele não tem conseguido amansar, controla e domina. O ponto aqui é o poder dominante do homem sobre os demais seres vivos, como superior. Contudo, há um poder sobre o qual o homem não tem domínio, como Tiago explica no verso seguinte.

3.8 a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontido, carregado de veneno mortífero. Em contraste (“porém”) com as mais diversas espécies de animais que é capaz de domar e amansar, o homem esbarra na língua: *a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar*. A língua é comparada, portanto, a um animal extremamente selvagem, independente e indomável, que foge ao controle humano, e isso sem exceção: “nenhum dos homens” é capaz de domá-la. “Especialmente a sua própria língua e por si mesmo” (A. T. Robertson).

A causa apresentada por Tiago é que ela é *mal incontido*. Tiago já havia usado a palavra “incontido” em 1.8, com o sentido de “inconstante”. A relação é óbvia. O termo se refere a alguma coisa que está sempre se movendo, instável,

¹⁸ A ARC traduziu θηρίων como “bestas-feras”, interpretando o termo como se referindo mais a animais selvagens. Já a NVI preferiu o termo mais genérico “animais”.

¹⁹ O verbo “domar”, δαμάζω, só ocorre aqui e em Marcos 5.4, referindo-se ao endemoninhado geraseno que ninguém podia domar.

inquieta, imprevisível; daí a idéia de não poder ser contida ou dominada. “É um mal incontrolável” (NVI). A LXX traduziu o termo em Isaías 54.11 como algo arrojado e convulsionado (“convulsa”, Vulgata) pela tempestade.²⁰ Lembremos, contudo, que a língua é um mal incontido somente quando inflamada pelo fogo do inferno, conforme Tiago declarou em 3.6. Ela não é necessariamente má em si mesma.

Tiago acrescenta que a língua é um mal *cheio de veneno mortífero*, ou “peçonha mortal” (ARC). “Veneno” é usado no Novo Testamento para o veneno de cobras, como em Romanos 3.13: “veneno de víbora está nos seus lábios”. Tiago emprega o termo figuradamente, à semelhança do Salmo 140.3: “sob os lábios têm veneno de áspide” (cf. ainda Sl 58.4). O potencial da língua para matar é semelhante ao de uma víbora peçonhenta, cuja língua carregada de veneno é irrequieta antes do ataque. A língua mata a alma, a honra, o nome e a reputação de uma pessoa. E o faz com a mesma eficácia de uma serpente venenosa.

Tiago parece pessimista aqui quanto à possibilidade do domínio da língua, mas devemos nos lembrar de que isso só ocorre quando ela está inflamada pelo inferno (3.6). Muito embora as Escrituras nos advirtam, continuamente, sobre o poder da língua para fazer o mal, oferece-nos a possibilidade de dominá-la mediante o poder do Espírito. Tiago não desconhece essa possibilidade. Ele não coloca o domínio da língua absolutamente além do controle humano. Ele não considera a língua como um caso perdido. Nesse mesmo capítulo, mais adiante, ele vai falar das boas obras de sabedoria que os mestres podem ostentar e, entre elas, um uso adequado das palavras (3.13,17-18). O radicalismo de Tiago quanto à selvageria da língua se deve à ênfase que ele deseja dar, nesse momento, aos perigos que ela traz aos crentes em geral e aos mestres em particular.

A incoerência no uso da língua (3.9-12)

3.9 Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus. Apesar de a língua estar cheia de veneno mortífero, é com ela que bendizemos a Deus. Nesses versículo e nos seguintes (3.9-12) Tiago comenta a tremenda incoerência da religião superficial que vem combatendo desde o capítulo 1, dessa feita focalizando o uso da língua. É com a língua que *bendizemos ao Senhor e Pai*.²¹ Bendizer a Deus significa falar bem dele, elogiá-lo, sempre com conotação de adoração e

²⁰ O texto bizantino traz a variante ἀκατάσχετον em vez de ἀκατάστατον, mas os dois termos são praticamente sinônimos e significam algo que não pode ser controlado.

²¹ ARC, “Deus e Pai”, seguindo o texto bizantino, que traz Θεὸν καὶ πατέρα.

serviço. É uma das mais altas expressões de adoração por parte dos filhos de Deus. As Escrituras estão por demais cheias de exemplos, para serem citados, não somente de exortações a que bendigamos continuamente ao Senhor Deus e Pai de Jesus Cristo, como também de pessoas assim fazendo.²²

O ponto de Tiago é que, com a mesma língua com que bendizemos a Deus, *amaldiçoamos os homens*. *Amaldiçoar* é “maldizer”, “falar mal”. Nas Escrituras, além desse sentido, o termo tem aquele de declarar ou desejar que poderes sobrenaturais causem algum tipo de mal a alguém. Por exemplo, Noé amaldiçoou Canaã, seu filho, desejando que Deus o tornasse servo dos servos de seus irmãos (Gn 9.25). O falso profeta Balaão foi pago para amaldiçoar o povo de Israel, para que poderes sobrenaturais o destruíssem na guerra contra os moabitas (Nm 22.4-6). Golias amaldiçoou Davi pelos seus deuses, o que equivale a uma invocação a seus deuses para que destruíssem Davi (1Sm 17.43). Eliseu, o profeta, amaldiçoou pelo Senhor alguns moleques que zombavam dele, os quais imediatamente foram destruídos por uma urso (2Rs 2.23,24; veja ainda Jz 9.27; 2Sm 16.5). “Tu sabes que muitas vezes tu mesmo tens amaldiçoado a outros” (Ec 7.22).

O que torna amaldiçoar os homens ainda mais grave é o fato de que eles são *feitos à semelhança de Deus*, uma linguagem que ecoa o texto grego (LXX) de Gênesis 5.1, uma referência à forma segundo a qual Deus criou o homem.²³ O ponto de Tiago é que amaldiçoar os homens é amaldiçoar a Deus. Mesmo decaída por causa da Queda de Adão, a humanidade ainda é semelhante a de Deus por

²² “Senhor e Pai” como referência a Deus é uma combinação que ocorre somente aqui no Novo Testamento. Fora da literatura canônica, ocorre em Siraque 23:1: “Senhor, Pai e mestre”. A expressão usual no Novo Testamento, com suas variações, é “Deus Pai e nosso Senhor Jesus Cristo” (cf. Rm 1.7; 15.6; 1Co 1.3; 8.6; 2Co 1.2,3; 11.31, etc.). “Senhor” geralmente aponta para Jesus Cristo e “Pai” para Deus. A combinação de Tiago é única, o que deve ter causado estranheza em algum escriba, pois o texto bizantino, numa aparente tentativa de corrigir esse ponto, traz “Deus e Pai”, veja nota anterior.

²³ καθ’ ομοίωσιν (*similitudinem Dei*, Vulgata). A combinação “imagem e semelhança” (κατ’ εἰκόνα καὶ καθ’ ομοίωσιν), usada em Gênesis 1.26 para expressar a condição em que o homem e a mulher foram criados em relação a Deus e em distinção aos animais, ocorre outra vez em Gênesis 5.3, dessa feita para expressar a relação entre Adão e o filho que gerou, indicando a continuidade da raça humana com sua origem divina (cf. Lc 3.38). A partir daí, a combinação “imagem” e “semelhança” aparece para indicar a relação que existe entre *imagens* de escultura e a *semelhança* com as realidades que elas pretendem representar (veja Êx 20.4; Dt 4.16,23,25; Is 44.13, etc.). No Novo Testamento Paulo fala que a idolatria é mudar a glória de Deus “em semelhança da imagem” do homem e dos animais (Rm 1.23; cf. “semelhante” em At 17.29). Os autores do Novo Testamento, à semelhança de Tiago, nunca usam os dois termos juntos, mas em separado (cf. “imagem” 1Co 11.7; 15.49; 2Co 3.18). Tiago usa somente “semelhança” para expressar a relação entre o homem e Deus. Veja ainda o uso de “semelhança” como expressão da encarnação de Cristo em Romanos 8.3; Filipenses 2.7; Hebreus 2.17; 4.15. Pode haver um trocadilho intencional. Deus fez o homem à sua semelhança na criação, mas depois se fez à semelhança do homem na encarnação.

nascimento (cf. Gn 1.26,27; 9.6; 1Co 11.7).²⁴ E nisso se vê a inconsistência da língua: ela bendiz e amaldiçoa a Deus num mesmo fôlego.

3.10 De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim. Aqui Tiago resume o ponto dessa seção sobre a incoerência da religião superficial, ou seja, bênção e maldição procedem da mesma boca. Palavras de adoração e louvor a Deus são elaboradas pela mesma língua que, num outro momento, expela palavras que desejam o mal daqueles que Deus fez à sua semelhança. A exortação de Tiago – *Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim* – mostra, mais uma vez, não somente o carinho que ele tem para com seus leitores aos chamá-los de “meus irmãos” (cf. o comentário em 1.2,16; 2.1,5, etc.), mas também que ele está tratando com um problema real, e não hipotético. Havia, de fato, nas igrejas de seus leitores pessoas que causavam problemas com suas palavras – e eram provavelmente os mestres aos quais Tiago se dirigiu no início desse capítulo e na parte final (3.13-18).

“Não é conveniente”, isto é, as coisas não precisam e “não podem” (NVI) ser dessa forma.²⁵ Para Tiago, a inconveniência do uso da língua, por parte dos cristãos, para amaldiçoar as pessoas reside na contradição que isso representa, diante do uso da mesma língua para bendizer a Deus. “É uma incongruência moral que bênção e maldição procedam da mesma boca” (A. T. Robertson). Essa incongruência moral é tipificada no Antigo Testamento pelo ímpio, que se aproxima de Deus repetindo seus preceitos e contudo “solta a boca para o mal” (Sl 50.16-20; veja ainda Jr 7.4-10; Mq 3.11). O apóstolo Paulo exorta os crentes a ser coerentes no uso da língua: devem parar de falar palavras torpes, e dizer apenas o que edifica (Ef 4.29; cf. Rm 12.14; 1Pe 3.9). A incoerência típica da língua é registrada no livro apócrifo de Siraque: “Honra e desonra pelo falar! A língua de um homem é a causa de sua queda” (Sir 5.15). O mesmo livro traz a seguinte ilustração: “Se você assoprar uma faísca, ela se torna uma chama; se você cuspir nela, ela se apaga; e contudo, você faz tudo isto com sua boca” (Sir 28.14). O próprio Tiago ilustra nos versículos seguintes a incoerência moral da língua com duas comparações tiradas da natureza.

3.11 Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso? Tiago aqui firma seu ponto de que efeitos distintos produzidos pela mesma causa são algo monstruoso, não encontrado nem mesmo na

²⁴ Há algumas variantes ao texto adotado (γεγονότας, “feitos”), como γεγενημένον e γενομένοις, que são variações em modo e tempo do perfeito de γίνομαι, e cuja tradução não altera o sentido.

²⁵ A tradução de οὐ χρή não é consenso: “não é conveniente” (ARA, ARC), “não pode” (NVI), “não devia”, “não está certo”, conforme outras versões.

natureza (M. Henry). Ele faz isso sob a forma de uma interrogação, que espera uma resposta negativa:²⁶ *pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso?* “Doce” e “amargo” são precedidos de artigos definidos no original, para acentuar a distinção entre eles e realçar o absurdo de procederem ambos da mesma fonte ou “manancial” (ARC). Aqui temos mais uma das muitas comparações que Tiago tira do livro da natureza para ilustrar o ensino das coisas celestiais.

3.12 Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos? Tampouco fonte de água salgada pode dar água doce. Continuando a sua argumentação, Tiago introduz outra pergunta retórica quanto à coerência das coisas criadas: *pode a figueira produzir azeitonas, ou a videira, figos?* Seu tratamento afetuosos – “meus irmãos” – aponta para o espírito pastoral e exortativo com que ele pressiona essa questão na consciência dos seus leitores. A pergunta de Tiago parte da observação e da constatação comum a todos de que as árvores dão fruto conforme a sua espécie. Seus leitores estavam familiarizados com figueiras, oliveiras e videiras, árvores bastante comuns e conhecidas. Eles sabiam a resposta à pergunta de Tiago. O Senhor Jesus já havia empregado metáfora semelhante: “Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?” (Mt 7.16; cf. 12.33; Lc 6.43,44). A consistência das árvores está de acordo com a norma estabelecida por Deus na criação:

Produza a terra relva, ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. E assim se fez (Gn 1.11).

Os seres vivos se reproduzem de acordo com o princípio estabelecido por Deus, que é “segundo a sua espécie”. Por isso, a resposta à pergunta de Tiago é “não”. Esse mesmo princípio que torna impossível as árvores darem fruto em desacordo com sua espécie é o mesmo por trás da impossibilidade de uma mesma fonte dar dois tipos distintos de água: *tampouco fonte de água salgada pode dar água doce.*²⁷ Somente um milagre divino pode alterar essa lei natural, como aquele efetuado por Moisés, ao curar a fonte de Mara (Êx 15.23-25), ou

²⁶ Μήτι ἐστὶν ἡ ἀπάντησις ἐν ἀρνήσει. É uma partícula interrogativa que convida uma resposta negativa da parte dos leitores (cf. Mt 7.16; 26.22; 2Co 13.5, etc.).

²⁷ A tradução da ARC é diferente: *Assim, tampouco pode uma fonte dar água salgada e doce.* Contudo, o ponto é o mesmo. A diferença é por conta das diferenças no texto grego adotado. A ARA e a NVI seguem a frase (bem truncada!): οὐτε ἀλκυὸν γλυκὺν ποιεῖναι ὕδωρ, “nem [fonte de água] salgada água doce pode [dar]”, do texto crítico. Já a ARC segue οὕτως οὐδεμία πηγή ἀλκυὸν καὶ γλυκὺν ποιεῖναι ὕδωρ, “desta forma, não pode uma [mesma] fonte dar água salgada e doce”, defendida pelo bizantino.

aquele realizado por Eliseu, ao curar as águas envenenadas de Jericó (2Rs 2.18-22; cf. ainda Ez 47.8-11). O alvo de Tiago é mostrar aos seus leitores a incoerência deles ao permitir que da mesma língua emanem bênção e maldição – a contradição não encontrada nem mesmo na natureza, que está sujeita ao homem. De toda a criação de Deus, somente o homem corrompe seu caminho.

O profeta Isaías usou uma metáfora similar para mostrar como o pecado havia distorcido o gênero humano. Comparando Israel a uma vinha e Deus ao seu dono, ele diz: “Sachou-a, limpou-a das pedras e a plantou de vides escolhidas; edificou no meio dela uma torre e também abriu um lagar. Ele esperava que desse uvas boas, mas deu uvas bravas” (Is 5.2-4; cf. Jr 2.21).

A aplicação prática que Tiago deseja é esta: os candidatos a mestre (**3.1**) deveriam verificar se estavam realmente aptos, pois as discussões e maldições entre eles mostravam que nem a língua podiam dominar! Os demais cristãos deveriam perceber o tremendo mal que fofocas, maledicências, calúnias, mentiras, insultos, falsos testemunhos provocavam! O mau uso da língua é uma das maiores provas da religião superficial deles. Os que desejavam ser mestres deveriam mostrar sua capacidade de outra forma, que Tiago expõe nos versículos seguintes (**3.13-18**).

COMO OS MESTRES MOSTRAM SUA SABEDORIA

(3.13-18)

RESUMO

Tendo concluído sua denúncia contra o mau uso da língua, iniciada como uma advertência aos que desejavam ocupar a posição de mestre nas igrejas (3.1), Tiago passa a demonstrar a maneira como eles poderiam evidenciar sua capacitação para a função: não com palavras, mas com obras. Aqui temos uma aplicação específica do princípio geral, estabelecido por Tiago no capítulo 2, de que fé e obras andam juntas, e pelas obras a fé é confirmada e consumada. A sua exortação em 3.13 – “Quem entre vós é sábio e inteligente? Mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, *as suas obras*” – revela que o autor está continuando o tema anterior, da relação inseparável entre fé e obras.

Mansidão e amargura (3.13,14)

3.13 Quem entre vós é sábio e inteligente? Mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras. Essa seção é dirigida aos que se julgam capazes de ocupar a função de mestre, muito embora Tiago a inicie com uma pergunta geral: *quem entre vós é sábio e inteligente?* (cf. pergunta similar em Sl 107.43; Ec 8.1; Jr 9.12; 1Co 6.5). Tiago está provavelmente usando de ironia. Os aspirantes a líderes das igrejas declaravam que eram “sábios e inteligentes”, isto é, experientes e versados nas coisas divinas. A expressão “sábios e inteligentes” ocorre duas vezes no Antigo Testamento (LXX).¹

¹ Σοφὸς καὶ ἐπιστήμων, “sábios e inteligentes” (ARA e ARC). A NVI traduziu “sábio e tem entendimento”. O termo ἐπιστήμων significa alguém perito em alguma arte ou conhecimento.

Eram homens assim que Moisés determinou que fossem colocados como líderes do povo: “Tomai-vos homens *sábios, inteligentes* e experimentados” (Dt 1.13). Em Daniel se achou “luz, e *inteligência, e sabedoria*” (Dn 5.11; cf. 6.4). O Senhor Jesus usou expressão similar no mesmo tom irônico de Tiago: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos *sábios e instruídos* e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11.25). Essa combinação aparece outra vez em 1 Coríntios 1.19, também em contexto de ironia: “Destruirei a sabedoria dos *sábios* e aniquilarei a *inteligência* dos *instruídos*”. Associada com “escriba”, a expressão parece designar os professores e mestres (cf. 1Co 1.20; Mt 23.34).

Não é incomum as pessoas pensarem que são sábias, quando o oposto é que é a verdade. Os filósofos gregos, por exemplo, se inculcavam por sábios (Rm 1.22; cf. Is 5.21). É como se Tiago dissesse: “Prestem atenção agora, vocês que se consideram sábios e inteligentes, e que acham que podem ser mestres. Vocês ficam disputando, usando a língua para provocar divisões e constrangimentos e para arruinar a reputação dos outros. Se vocês são realmente sábios e entendidos, mostrem isso de outra maneira, e não somente com palavras”.

A maneira de proceder que Tiago estabelece, sob a forma de um mandamento, é esta: *mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras*. Em vez de produzirem palavras, deveriam produzir obras. Tiago já falou sobre a relação entre ouvir a Palavra e praticá-la (1.19-27) e entre alguém dizer que tem fé e demonstrá-la por obras (2.14-26). Agora, ele fala da relação entre ensinar e mostrar a habilitação para isso mediante as obras (3.13-18). Tudo isso tem a ver com sua visão prática do que é o verdadeiro Cristianismo, ou a verdadeira religião (1.27), em contraste com o Cristianismo superficial e imaturo das igrejas às quais escreve. Assim, os mestres deveriam mostrar as “suas obras”. Tais obras, no contexto, referem-se não necessariamente a caridade e benemerência para com os pobres e necessitados, mas a seus atos em geral, que deveriam ser consistentes com o caráter cristão. Essas obras deveriam ser “mostradas”, mesmo termo que Tiago emprega em 2.18 para referir-se à demonstração de sua fé mediante as obras. No caso dos pretendentes a mestre, a sabedoria e o preparo deles deveriam ser mostrados de duas formas.

Primeira: “mediante condigno proceder”.² *Proceder* significa originalmente “voltar-se”, “revolver-se numa certa direção”, daí a idéia de caminhar num sentido, donde vem a idéia de comportamento e conduta. “Condigno proceder”, literalmente “bom proceder”, ocorre outra vez em 1 Pedro 2.12 (“procedimento exemplar”),

² “Condigno proceder” (ARA), ἐκ τῆς καλῆς ἀναστροφῆς, que no texto grego vem primeiro. A ARC seguiu a ordem da frase grega, “mostre, pelo seu bom trato”. Igualmente, a NVT, “demonstre por seu bom procedimento”.

em que o apóstolo Pedro exorta os crentes a mostrar boas obras diante dos gentios. Em ambos os casos a idéia é a mesma: obras que demonstram a verdadeira fé se resumem em conduta correta, exemplar, de acordo com os valores cristãos expostos na Bíblia. É dessa forma que se dá credibilidade ao testemunho cristão entre os descrentes e ao ensino bíblico diante de todos. “Atitudes falam mais alto que palavras, mesmo no caso de sábios profissionais” (A. T. Robertson).

Segunda: “em mansidão de sabedoria”.³ A idéia pode ser de uma sabedoria que se mostra por meio da mansidão e da humildade com que se procede ou se fazem as obras (cf. “mansidão e temor” em 1Pe 3.16). Tiago já havia mencionado a necessidade de sabedoria (1.5) e solicitado que os ouvintes tivessem mansidão ao receber a Palavra de Deus (1.21). Agora, declara que os pregadores também precisam de ambas. O próprio Tiago demonstrou que já havia aprendido este ponto, quando em mansa sabedoria dirigiu o concílio de Jerusalém (At 15) e mais tarde orientou o apóstolo Paulo quanto ao procedimento mais adequado em Jerusalém diante da oposição de judeus cristãos (At 21.17-21). A sabedoria, que consiste basicamente no temer a Deus, e a mansidão são duas virtudes recomendadas abundantemente em toda a Escritura. Quem é verdadeiramente sábio e inteligente demonstra isso pelo procedimento correto e pela mansidão – e está realmente pronto para ser mestre.

3.14 Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja amargurada e sentimento faccioso, nem vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade. Tiago exorta os pretendentes a mestres a examinar o seu coração quanto às motivações que os levam a almejar essa função. As motivações são extremamente importantes naquilo que fazemos. Deus leva em conta o motivo pelo qual fazemos as coisas mais freqüentemente do que aquilo que é feito propriamente dito. Aqui, no caso dos candidatos a mestre, Tiago aventa a possibilidade de estarem movidos por *inveja amargurada e sentimento faccioso*.⁴ Seriam essas coisas as razões da maledicência e do mau uso da língua por parte deles, conforme denunciados por Tiago na seção anterior (3.1-12). Abrigar esses sentimentos no coração era o contrário do procedimento condigno e mansidão de sabedoria que Tiago havia determinado como prova da vocação (3.13; cf. 4.1). Por isso, eles não deveriam se gloriar de serem sábios e inteligentes. A sabedoria tinha outra origem, como nosso autor vai mostrar no verso seguinte.

³ A tradução de ἐν πραύτητι σοφίας é disputada. Em linhas gerais, as versões preferem considerá-la como duas coisas distintas, “mansidão e sabedoria” (cf., p. ex., BLH, “humildade e sabedoria”) ou numa relação de procedência, “com a humildade que provém da sabedoria” (NVI). A ARA e a ARC preferiram uma tradução mais literal e menos interpretativa.

⁴ A frase é uma condicional de fato, iniciando com ἐὶ ὅτι. Ela expressa uma condição considerada como real ou presunções relacionadas com o que já ocorreu de fato.

Tiago menciona dois sentimentos: *inveja e espírito faccioso* ou divisionista. Esses dois sentimentos, destrutivos da unidade da Igreja, são citados juntos em 1 Coríntios 3.3: “Porquanto, havendo entre vós *ciúmes e contendas*, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?”. Ao escrever 2 Coríntios, Paulo outra vez cita tais sentimentos, entre outros, como ainda presentes entre os coríntios (2Co 12.20). Paulo os cita juntos quando descreve as obras da carne aos gálatas (Gl 5.20). A combinação desses dois sentimentos é potencialmente destrutiva para a unidade das igrejas locais, especialmente quando abrigados no coração de mestres e daqueles que almejam sê-lo.

A “inveja amargurada” – uma combinação que só ocorre aqui no Novo Testamento – aponta para a competição e a rivalidade entre os candidatos a mestre; tal sentimento provocava uma profunda amargura entre eles (cf. Hb 12.14). “Sentimento faccioso”, ou contenda, ocorre sete vezes no Novo Testamento. Originalmente, o termo significa servir por dinheiro, vindo, posteriormente, a denotar aquela atitude das pessoas que fazem as coisas buscando os próprios interesses. É “ambição egoísta” (NVI). Quem vive dessa maneira tem uma atitude de hostilidade contra os outros, os quais considera sempre como rivais. Isso cria uma disposição para brigas, contendas e conflitos, levando a divisões, facções e partidos. Foi esse o sentimento que levou os irmãos de José a vendê-lo como escravo (Gn 37.11; At 7.9; cf. Pv 14.30; 27.4). Foi tal disposição que levou os judeus a entregar Jesus (Mt 27.18), e era isso que estava por trás da criação de partidos e facções em Corinto. Por fim, era esse sentimento que estava por trás das contendas entre os candidatos a mestre nas igrejas às quais Tiago escreveu. Mais adiante, Tiago trata de forma mais direta dessas guerras e contendas (cf. 4.1).

Se esses sentimentos estavam em seu coração, eles não deviam *gloriar-se disso nem mentir contra a verdade*. O comando de Tiago subentende que eles se gloriavam, de fato, e mentiam. Tiago ordena que eles parem de fazê-lo. O termo usado por Tiago para “gloriar-se” é raro no Novo Testamento (somente aqui, em 2.13 e em Rm 11.18). Ele significa gabar-se à custa de outro ou ter um motivo de gabar-se por causa de vantagem sobre outro. Tanto o gabar-se quanto o mentir são “contra a verdade”, isto é, contra o Evangelho de Jesus Cristo, considerado por Tiago como a “palavra da verdade” (1.18), da qual alguém pode vir a se desviar (5.19). Mestres cheios de inveja, amargura e ambição são uma contradição viva da verdade que pregam. “Não desmintam a verdade que você prega mediante sua conduta.” (A. T. Robertson).

O contraste entre a sabedoria terrena e a sabedoria do alto (3.15-18)

3.15 Esta não é a sabedoria que desce lá do alto; antes, é terrena, animal e demoníaca. Existe uma sabedoria que desce do alto (“dos céus”,

NVI, cf. 3.17), isto é, de Deus.⁵ Em resposta às orações de seu povo, Deus concede sabedoria de forma liberal e sem impropérios (1.5). “Tiago assume claramente que não somos, de fato, sábios, a não ser quando iluminados por Deus do alto, através do Espírito” (J. Calvino).

A sabedoria é descrita por Tiago nos versos seguintes. O termo “sabedoria” é empregado aqui por ele como a capacidade de entender as coisas e de agir de acordo com essa compreensão. Assim sendo, a “sabedoria” daqueles mestres, cheios de inveja, amargura e ambição, não procedia de Deus, pois o agir deles – especialmente quanto ao uso da língua – estava em completa contradição com o seu caráter santo e justo. A origem e a natureza da “sabedoria” daqueles mestres foi descrita nos seguintes termos: *terrena, animal e demoníaca*. Ela é bem exemplificada na “sabedoria” de Jonadabe: “homem mui sagaz”, amigo de Amnon, filho de Davi, que o aconselhou sobre a melhor maneira de estuprar a própria irmã (2Sm 13.3-5). É a sabedoria “para o mal” (Jr 4.22), que Paulo chama de “sabedoria deste mundo” (1Co 1.19-27; 3.19).

“Terrena” significa aquilo que está sobre a terra, em contraste com aquilo que procede dos céus (cf. Jo 3.12). É uma sabedoria limitada pela perspectiva terrena das coisas, como a dos judaizantes de Filipos, que “só pensam nas coisas terrenas” (cf. Fp 3.19). A sabedoria dos mestres aos quais Tiago escreve era desse tipo. Tiago também descreve a sabedoria deles como “animal”. “Animal” é um adjetivo derivado de “alma” ou “vida”.⁶ Ele ocorre, na forma que Tiago usa aqui, seis vezes no Novo Testamento, geralmente para indicar a vida do mundo natural e aquilo que lhe pertence, em contraste com aquilo que é espiritual ou que pertence ao Espírito de Deus (1Co 2.14; 15.44,46). Judas, ao denunciar os falsos mestres que promoviam divisões nas igrejas às quais escreve, descreve-os como “animais”, que não têm o Espírito de Deus (Jd 19; “sensuais”, ARA e ARC; “que seguem a tendência de sua própria alma”, NVI). É um caso bastante parecido com o dos mestres que Tiago denuncia em sua carta. “Sabedoria animal” é aquela que procede do homem em seu estado natural, e não de Deus. Paulo, ao exortar os crentes de Corinto pela existência de ciúme e contendas entre eles, chama-os de “carnais”, que “andam segundo o homem” (1Co 3.3).

O adjetivo “demoníaca” (“diabólica”, ARC) só ocorre aqui no Novo Testamento, e significa aquilo que procede de um demônio ou que é típico da maneira de os demônios agirem. Aqui, provavelmente, indica a origem da “sabedoria” daqueles mestres, em contraste com a verdadeira sabedoria, a qual desce do alto,

⁵ “Alto”, ἄνωθεν, é frequentemente usado no Novo Testamento para se referir à origem das bênçãos e dádivas divinas. Pressupõe, espacialmente, que Deus habita nos céus. Esse é o uso do termo que Tiago faz em sua carta (cf. 1.17; 3.17; cf. também Cl 3.1,2).

⁶ Υυχικός, de ψυχή.

isto é, procede de Deus.⁷ Tiago afirma que os sentimentos de inveja amargurada e o espírito divisionista instalados no coração dos mestres procedem da atuação de demônios. Essa constatação não isenta os mestres de responsabilidade. Os demônios tentam os homens de várias formas: pela cobiça (Gn 3.1-5; Lc 22.3), pelo ódio (Jo 8.44), pelo engano e pela malícia (At 13.10). Eles enganam e corrompem o entendimento (2Co 11.3), enchendo o coração de sentimentos e desejos ímpios (At 5.3). Dessa forma, há pessoas que, apesar da capa de piedade e devoção, são na verdade “ministros de Satanás” (2Co 11.13). Contudo, ser tentado não é pecado. O pecado acontece quando caímos na tentação. Ao dizer que a sabedoria daqueles mestres tinha origem demoníaca, Tiago não os isenta de responsabilidade; apenas mostra quão grave era a atitude deles ao agir à maneira dos demônios, aceitando e praticando as suas sugestões malignas.

3.16 Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins. Aqui temos o motivo pelo qual (“por que”, ARC) Tiago considera a “sabedoria” dos que almejam ser mestres terrena, animal e demoníaca: ela produz todo tipo de problema nas igrejas. *Inveja* (3.14) significa, originalmente, “zelo”, “paixão”, “fervor na defesa e na busca de algo”. Veio a significar rivalidade invejosa e contenciosa por causa das manifestações de ira e amargura que esse sentimento produz. “Sentimento faccioso” (“ambição egoísta”, NVI) é a tradução de um verbo grego derivado de uma palavra que significa trabalhar por salário. Veio a significar aqueles que, motivados pela ambição, estão dispostos a tudo para obter seus objetivos, até mesmo romper e separar-se dos outros, provocando facções e divisões.

Onde esses sentimentos existem, e especialmente quando existem no coração daqueles que almejam ser mestres, *ai há perturbação e toda obra perversa*. Aquilo que é um sentimento interior produz atitudes exteriores. “Confusão” vem da mesma palavra que Tiago usou para descrever a pessoa “inconstante” (1.8) e a língua como um mal “incontido” (3.8). A idéia geral é de um estado de desordem, que expressa bem a situação em que ficam as igrejas quando predominam líderes cujo coração está cheio de inveja amargurada e sentimento faccioso (3.14). Um exemplo é Babel, onde o Senhor “confundiu a linguagem de toda a terra”, evento seguido pela dispersão daqueles que antes eram um único povo (Gn 11.9). Além disso, tais sentimentos causam “toda espécie de coisas ruins” (“toda espécie de males”, NVI). Essa expressão genérica de Tiago engloba tudo aquilo que é vil, perverso, maléfico para a vida das comunidades cristãs. Veja a lista das obras da carne em Gálatas 5.20. As obras de Caim são chamadas de “más” e tiveram origem na inveja amargurada que nutriu contra seu irmão Abel (1Jo 3.12).

⁷ A NVI traduziu esse versículo a fim de fazer uma comparação entre a sabedoria que procede dos céus e aquela que é terrena: “Este tipo de ‘sabedoria’ não vem dos céus, mas é terrena; não é espiritual, mas é demoníaca”.

3.17 A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento. Em contraste com a sabedoria terrena descrita nos versos anteriores, Tiago agora apresenta a verdadeira sabedoria, que deve marcar as palavras e o comportamento dos que desejam ser mestres. Tiago personifica a sabedoria, falando dela como se fosse uma pessoa; talvez siga o modelo encontrado no livro de Provérbios, no qual a sabedoria é descrita de forma similar (Pv 8.1-36; 9.3-5). Paulo emprega o mesmo artifício literário quando descreve o amor (1Co 13.4-8).

A descrição de Tiago inicia com a procedência da sabedoria: ela vem *lá do alto*, isto é, de Deus (cf. **1.5,17; 3.15**; Êx 36.2; 1Rs 3.9-12; Pv 2.6). Como tal, ela é, *primeiramente, pura*. A pureza da sabedoria que procede de Deus é colocada como a primeira e principal de suas características (“antes de tudo”, NVI). Mais adiante, Tiago outra vez coloca a pureza do coração como principal alvo a ser alcançado (**4.8**). Essa expressão indicava nos escritos de Homero um dos atributos da divindade e tudo que pertencia a ela. Denota pureza moral. É nesse sentido que Tiago a emprega aqui. A pureza da sabedoria divina ergue-se em contraste com a “sabedoria” dos mestres que abrigavam sentimentos de inveja, amargura e facção no coração (**3.14,15**). Quem de fato for sábio andarão em pureza moral. José havia recebido essa sabedoria do alto (Gn 41.38,39) e sua vida foi marcada pela pureza moral (Gn 39.12). Igualmente Daniel e seus amigos (Dn 1.17).

Em seguida, vêm outros atributos da sabedoria do alto. É *pacífica*, pois em contraste com as rixas e controvérsias produzidas pela sabedoria terrena, a sabedoria divina promove a paz. “Apesar da grandeza da paz, a pureza (justiça) vem antes dela; paz obtida a qualquer preço não vale a pena ter” (A. T. Robertson). *Indulgente* (“moderada”, ARC; “amável”, NVI), era originalmente usada para indicar alguém que não insistia em cada letra da lei e dos costumes, alguém que estava disposto a tolerar, a ceder, e isso de forma gentil, cortês e amável (cf. Fp 4.5; 1Pe 2.18). *Tratável* (“compreensiva”, NVI) só ocorre em Tiago; refere-se a alguém que é aberto ao diálogo e, portanto, à mudanças. A sabedoria *plena de misericórdia e de bons frutos* é contrastada com a língua, que é “plena de veneno mortal” (**3.8**) e com o coração cheio de ambição egoísta (**3.14**); como a terra tratada e regada, a sabedoria produz bons frutos necessários para a obra do Evangelho (**2.13,16; 3.18; 5.7,18**; Fp 1.11). *Imparcial* significa literalmente alguém incapaz de fazer uma distinção; daí a idéia de imparcialidade no julgar – quem sabe essa virtude entrou aqui como uma reminiscência da questão da acepção de pessoas contra os pobres, tratada no capítulo 2? Contudo, a palavra também pode significar alguém que não hesita, firme, que não duvida (cf. **1.6**). *Sem fingimento* (“sem hipocrisia”, ARC; “sincera”, NVI) (cf. Rm 12.9; 1Pe 1.22; 2.1).

A descrição da verdadeira sabedoria que Tiago faz aqui serve como padrão de comparação para as igrejas às quais ele escreve, onde muitos irmãos queriam ser mestres. Mestres devem ser sábios, mas sábios segundo Deus e não segundo o homem. O contraste entre a sabedoria divina e a humana também foi desenvolvido por Paulo em 1 Coríntios 1 e 2 para corrigir os crentes de Corinto que estavam divididos em partidos construídos em torno de homens. Os contextos são similares. Tanto nas igrejas às quais Tiago escreve quanto na igreja de Corinto, havia divisões, facções e atritos causados por invejas, ambições e amargura. E, em ambos os casos, a questão era a busca da sabedoria, a primazia dos mestres. A solução também é a mesma para os dois: a sabedoria de Deus, que procede do alto, Cristo crucificado. Muito embora Tiago não tenha especificado, Cristo Jesus é a encarnação da sabedoria por ele descrita.

3.18 Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz. Os bons frutos provenientes da sabedoria do alto, contudo, necessitam de um ambiente de paz para sua semeadura.⁸ Essa frase não é fácil de ser entendida. A idéia central pode ser a de que os mestres que promovem a paz mediante o Evangelho, num ambiente de paz ou de forma pacífica, obtêm uma colheita de justiça. O “fruto da justiça” é a própria justiça, como atributo e virtude, manifesta na vida das pessoas (cf. Fp 1.11; Hb 12.11). Semeá-lo é ensinar as pessoas a viver de modo reto e justo diante de Deus e dos homens, que é o trabalho dos mestres cristãos. A colheita disso são as vidas mudadas e transformadas pelo poder do Evangelho. *Semear o fruto da justiça* refere-se à ação dos mestres. Tiago já havia usado a figura da semeadura para se referir à pregação da Palavra (1.21). Os mestres são mencionados aqui como *os que promovem a paz*. “É muito difícil manter a paz; ainda mais difícil criá-la onde ela não existe” (A. T. Robertson). O ponto de nosso autor é que o trabalho dos mestres em semear e promover a paz e a justiça precisa ser feito num ambiente de paz, e não naquele conturbado pelas disputas e pela competição que havia entre eles. Ele já havia mencionado que “a ira do homem não produz a justiça de Deus” (1.20).

Tiago nos mostra a essência do verdadeiro Cristianismo nos três capítulos de sua carta analisados até agora. Ser cristão não consiste apenas em ouvir sermões (Tg 1), acreditar no que se ouve (Tg 2) e falar como mestre (Tg 3). Ser cristão implica praticar a Palavra (Tg 1), fazer obras que demonstrem a autenticidade da fé (Tg 2) e exibir a sabedoria mediante procedimento correto (Tg 3). Que ensinamento relevante e poderoso para a Igreja de Cristo no Brasil!

⁸ A conexão desse verso com o anterior não é clara. As traduções entenderam a conjunção *ὅτι*, como “ora” (ARA, ARC), “e” (várias em inglês) ou preferiram deixá-la sem tradução, como é o caso da NVI.

ADVERTÊNCIA CONTRA O MUNDANISMO

(4.1-10)

RESUMO

Tiago havia denunciado as disputas e rivalidades que havia entre os membros das igrejas para as quais escreveu (3.14). Agora ele aponta a origem delas, a qual pode ser resumida na palavra “mundanismo” (4.4). Esse é o assunto da primeira parte desse capítulo (4.1-10). Nosso autor identifica no amor ao mundo a raiz dos problemas que afligiam a comunidade. O mundanismo não somente provocava conflitos entre eles (4.1-3), como também os fazia inimigos de Deus (4.4-6). Somente uma atitude radical de arrependimento e sujeição a Deus poderia curá-los do amor ao mundo (4.7-10).

A origem dos conflitos (4.1-3)

4.1 De onde procedem guerras e contendias que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne? O principal desafio que essa perícopa (4.1-10) traz para o intérprete é determinar a quem Tiago se refere por “vós” e qual é a audiência pretendida da passagem. Existem três possibilidades. Primeira: Tiago está se referindo à humanidade em geral, especialmente à luz dos termos “guerras” e “contendas”, como se quisesse dizer: “de onde procedem as guerras que existem no meio da humanidade?”. Nesse caso, ele teria já encerrado suas palavras quanto aos candidatos a mestre (3.1-18) e começado um outro assunto. Mas é estranho que ele tenha incluído apenas seus leitores e se excluído dessa frase geral. O natural seria que ele dissesse: “de onde procedem as guerras e contendias que há entre nós?”. Além do que, o assunto que ele trata aqui é bastante similar ao anterior, parecendo mais

uma continuação. A divisão em capítulos e a inclusão de subtítulos pode dificultar o reconhecimento de que se trata da continuidade do mesmo assunto. Segunda: Tiago pode estar se referindo aos membros das comunidades judaico-cristãs às quais endereçou essa carta. Nesse caso, ele estaria denunciando os conflitos, polêmicas, hostilidades e agressões entre eles. Contudo, essa é uma generalização muito ousada. Será que todas aquelas igrejas estariam passando pelo mesmo problema? A terceira opção nos parece mais provável. Tiago continua a tratar o assunto dos conflitos entre os mestres. Assim sendo, “vós” deve ser entendido primariamente como uma referência aos candidatos a mestre, que são a audiência primária da seção anterior. Naturalmente isso não nos impede de aplicar esses princípios e exortações às igrejas em particular e à humanidade em geral, visto que todos partilhamos da mesma natureza adâmica.

Tiago inicia esse ponto com uma pergunta: *De onde procedem guerras e contendias que há entre vós?* O objetivo dele é levá-los a refletir sobre a origem dos conflitos que aconteciam entre os que aspiravam ser mestres. Muito embora a expressão “que há” não esteja no original, é requerida pela construção da frase e aponta para a realidade dos conflitos. Tiago havia tomado conhecimento de tais conflitos e desejava ajudar seus leitores a cessá-los. Mas, para isso, era necessário identificar a sua origem. Nosso autor menciona “guerras” e “contendias”.¹ O termo *guerras* significa literalmente “conflito armado” (cf. Mt 24.6). Não devemos pensar, contudo, que a situação havia chegado a esse ponto naquelas igrejas. O termo é usado aqui como um estado geral de hostilidade e antagonismo entre pessoas. O outro termo é *contendias*, que literalmente significa uma “luta corpo a corpo” ou mesmo uma “peleja com armas”. Mais uma vez, não pensemos que a situação havia degenerado a tal ponto; contudo, havia combate de palavras entre eles. Eles se opunham uns aos outros como se estivessem lutando uns contra os outros. Os termos fortes do questionamento de Tiago despertam as igrejas para a seriedade da atitude de hostilidade que havia entre seus líderes.

O próprio Tiago responde à pergunta com outra: *de onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?* É como se ele dissesse: “pode haver outra origem senão essa?”. Dessa forma, ele identifica a origem dos conflitos não nas circunstâncias externas, que poderiam até funcionar como atenuantes, mas, à semelhança de Paulo (1Co 3.1-4), na natureza humana decaída e corrompida dos cristãos. Vemos aqui, bem como no restante das Escrituras, que a regeneração não aniquila nem remove a natureza pecaminosa dos cristãos. Apesar de terem crido em Jesus Cristo (2.1) e de terem sido regenerados pela Palavra de Deus

¹ Uma variante inclui ainda “adultérios”, *μοιχοί*, a essa lista, provavelmente influenciada pelo verso 4.4, em que Tiago trata os membros litigantes como “adúlteros”, *μοιχαλίδες*.

(1.18), ainda tinham dentro de si a semente de Adão ou, mais especificamente, no caso presente, “os prazeres que militam em vossa carne”.

A palavra “prazer” em si é neutra. Ela é usada no sentido positivo na literatura grega clássica. No Novo Testamento, contudo, é usada consistentemente com sentido negativo, para prazeres carnavais, sensuais, prazeres ilícitos ou “paixões” (NVI) (cf. Lc 8.14; Tt 3.3; 2Pd 2.13). É nesse sentido que Tiago emprega o termo aqui e em 4.3. Ele não especifica os prazeres a que se refere; resta-nos apenas especular, com base no contexto, que se trata do amor à honra, aos primeiros lugares, ao poder e à primazia, a tríade descrita por João como a “concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1Jo 2.16). Era o “deleite” (ARC) nessas coisas que estava provocando a disputa e a rivalidade entre os candidatos a mestre.

Tiago acrescenta que esses prazeres “militam na vossa carne”.² A terminologia é militar.³ Tiago vê os prazeres mundanos cobiçados por nossa natureza pecaminosa em luta para ganhar controle e expressão (1Pe 2.11: “fazem guerra contra a alma”); é um exército de maus desejos que “milita contra o Espírito” (Gl 5.17). Aqueles aos quais Tiago escreveu deixavam esses prazeres controlar sua vida. E eram capazes de tudo para satisfazê-los, conforme as palavras pesadas de Tiago no verso seguinte. E era-daí que procediam as guerras e contendias que havia entre eles.

4.2 Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis. Tiago continua a repreender os aprendizes de mestre pelos conflitos entre eles, e por extensão, todos aqueles que se enquadram nesse mesmo erro. Aqui, nosso autor expõe de forma detalhada e profunda, como verdadeiro pastor de almas que conhece a natureza humana, o que acontecia no coração de cada um daqueles possuídos pelo espírito faccioso. As afirmações de Tiago revelam o que lhes passava no íntimo: *cobiçais e nada tendes*. *Cobiçar* significa literalmente “manter o seu desejo focado sobre alguma coisa” – daí a idéia de desejo intenso que vira paixão e cobiça, quando se trata de coisas ilícitas. No Novo Testamento o termo é usado, na maioria das vezes, para designar desejos impuros e ilegais (cf. Rm 7.7; 13.9; 1Co 10.6; Mt 5.28; veja uma exceção em 1Tm 3.1). É nesse sentido que Tiago usa a expressão, como uma provável referência aos postos de honra e

² ARA traduziu μέλειςιν como “carne”. ARC seguiu uma tradução literal, “membros”, enquanto a NVI interpretou, “entre vocês”. A melhor tradução é provavelmente a da ARA, pois preserva a idéia da origem interior dos conflitos, ao mesmo tempo em que destaca o caráter decaído e corrompido da nossa natureza.

³ “Militam”, στρατευόμενων, “guerreiam” (ARC e NVI). É usado para soldados (Lc 3.14; 2Tm 2.4), ir à guerra (1Co 9.7), combater (1Tm 1.18).

destaque na liderança das igrejas (cf. 3.1).⁴ O fato de que eles cobiçavam, mas “nada tinham” pode indicar a frustração destes planos pelo próprio Deus. Contudo, o próprio Tiago dá as causas mais adiante, que são a falta de oração e o amor ao mundo.

Continuando na mesma linha acusatória, Tiago afirma sobre eles: *matais, e invejais, e nada podeis obter*. “Matar” é uma expressão muito forte e deve ser tomada figurativamente, como um exagero da parte de Tiago, ou, ainda, no sentido inceptivo: “estais prontos para matar”. A não ser que ele se refira a um caso conhecido em que a disputa pelo poder levou ao assassinato de um deles – o que nos parece inconcebível.⁵ *Invejar* significa literalmente “ter zelo intenso, ao ponto de fervura, por alguma coisa”.

Tiago havia dito no início desse versículo que, apesar de cobiçar, eles nada tinham. Agora, ele lhes dá o motivo, ou seja, *nada tendes porque não pedis*. Talvez Tiago esteja aqui ecoando as palavras do Mestre: “até agora nada tendes pedido em meu nome” (Jo 16.24). Jesus ensinou claramente aos seus discípulos que pedir era condição para receber (Mt 7.7-11; 18.19; 21.22; Jo 14.13,14; cf. Sl 37.4, etc.). É claro que Deus abençoa seus filhos mesmo quando eles não pedem. Quantas bênçãos recebemos das quais nem ao menos estamos conscientes e pelas quais não vertemos uma única oração! Contudo, o meio geral que Deus nos determinou foi que pedíssemos, que orássemos, que batêssemos e suplicássemos. O termo que Tiago usa para “pedir” é um dos mais comuns na Bíblia para oração e significa pedir alguma coisa na expectativa de receber. Tiago já havia empregado o mesmo termo nessa carta para assegurar seus leitores de que Deus daria liberalmente sabedoria aos que pedissem, desde que o fizessem com fé (1.5,6). Aqui no caso, a razão primeira pela qual os cristãos aos quais escreve não tinham as coisas que almejavam era, sem dúvida, a falta de oração.

Tendo como pretexto o temor a Deus, Acáz deixou de pedir quando devia ter pedido (Is 7.12). A cobiça, a inveja, o espírito faccioso e outras disposições mentais reprováveis certamente estavam apagando o espírito de oração. Quem sabe a própria consciência deles os impedia de orar, pois sabiam que estavam em falta diante de Deus? Mas aqui, além disso, obviamente, estava o fato de que, mesmo quando pediam, pediam aquilo que não estava de acordo com a vontade de Deus, conforme Tiago explica no verso seguinte.

⁴ A NVI traduziu “vocês cobiçam coisas”, mas não é uma tradução precisa. Não é claro no contexto que a cobiça deles era por “coisas”. O contexto aponta muito mais para o desejo de poder e destaque entre eles.

⁵ A dificuldade com a palavra *φονεύετε*, “matais”, pode ter dado origem à variante *φθονείτε*, “inveiais”, que é proposta por Erasmo, e inexplicavelmente seguida pela ARC, “sois invejosos”. Calvino, com base apenas na falta de uma melhor explicação para “matais”, rejeita essa palavra em favor da variante proposta por Erasmo.

4.3 pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres. Tiago continua nesse versículo a expor a raiz do fracasso espiritual de seus leitores. A causa primeira para não terem aquilo que tanto ansiavam era a falta de oração. Mas apenas pedir não é garantia de resposta divina: *pedis e não recebeis, porque pedis mal*. O motivo de “pedir mal” é explicado por Tiago: *para esbanjardes em vossos prazeres*. Ou seja, Deus considera também a motivação por trás do pedido. “Eles tinham seus pedidos negados porque achavam que Deus tinha de ministrar às suas paixões” (J. Calvino).

Não basta orar: nossas orações devem ter motivos corretos (1Jo 3.22; 5.14). No caso dos leitores de Tiago, quando pediam as coisas a Deus, o faziam de forma egoísta: queriam apenas “esbanjar” essas coisas. *Esbanjar* significa “gastar” (ARC), “despender”, “estragar”. O mesmo termo é usado para indicar o que o filho pródigo fez com sua herança: “Depois de ter *consumido* tudo, sobreveio àquele país uma grande fome, e ele começou a passar necessidade” (Lc 15.14; cf. 15.13,30). Os leitores de Tiago queriam receber coisas de Deus para gastá-las em seus prazeres ou deleites (ARC). Os “prazeres” a que Tiago se refere são aqueles já mencionados em 4.1: “... os *prazeres* que militam em vossa carne”, uma referência às paixões pecaminosas que motivavam aqueles que desejavam ocupar o posto de mestres da Igreja. As orações deles eram dirigidas a Deus com o intuito de serem atendidos em sua pretensão de serem dominadores do rebanho. Nisso realmente pediam mal e não recebiam nada de Deus.

Temos outros exemplos de pedidos malfeitos. Os judeus contemporâneos de Jesus pediram sinais a ele e receberam esta resposta: “Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas” (Mt 12.39). Isaías já havia denunciado essa mesma atitude nos judeus de sua época: ao jejuar, “cuidais dos vossos próprios interesses” (Is 58.3). Tiago certamente tinha ouvido da experiência do Tiago apóstolo e seus irmãos, que pediram a Jesus para sentar-se à sua direita e à sua esquerda, no Reino de Deus, tendo recebido como resposta um “não”: “não sabeis o que pedis” (Mt 20.22). Ouvi certa feita um grande pregador presbiteriano dizer que Deus tem quatro respostas às nossas orações: “Sim”, “não”, “espere um pouco” e “você deve estar brincando...!”. É nessa última que se encaixa o pedido dos candidatos a mestre nas igrejas às quais Tiago escreve.

É lamentável observar que, apesar das motivações erradas, muitos conseguem chegar ao posto de mestres, líderes das igrejas locais. Chegaram ali, todavia, não em resposta às orações, mas sim por política, artifícios, engano e artimanha. Pois todo ministro do Evangelho deveria ter consciência de que “ninguém toma esta honra para si mesmo, senão quando chamado por Deus” (Hb 5.4). Pastores e mestres não chamados por Deus são a raiz de toda sorte de males nas igrejas locais e nos concílios eclesiásticos. “O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada” (Jo 3.27).

O que o amor ao mundo provoca (4.4,5)

4.4 Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus. Tiago passa a censurar fortemente aqueles que estavam dispostos a qualquer coisa para obter a satisfação dos seus desejos carnavais (menos pedir a Deus aquilo que era correto e da forma correta: **42b,3**). “Eu conecto este versículo ao anterior. Tiago os chama de adúlteros porque eles se corrompem com as vaidades deste mundo” (J. Calvino).

Tiago os chama de *infiéis*, como alguém que trai o cônjuge.⁶ Muito embora alguns intérpretes possam tomar o termo aqui literalmente (como A. T. Robertson), como se Tiago tratasse de casos reais de adultério entre os seus leitores, é preferível tomar a expressão figuradamente, visto que Tiago mui provavelmente ainda está tratando das atitudes mundanas descritas no início desse capítulo (**4.1-3**) e que são a continuação de sua advertência aos mestres no capítulo anterior.

A linguagem de Tiago aqui é similar à dos profetas do Antigo Testamento, que freqüentemente usavam o casamento e o adultério para se referir figuradamente à relação entre Deus e seu povo. Oséias, por exemplo, emprega fortemente essa linguagem:

Disse-me o Senhor: Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo e *adúltera*, como o Senhor ama os filhos de Israel, embora eles olhem para outros deuses e amem bolos de passas (Os 3.1).

Todos eles são *adúlteros* ... (Os 7.4).

Repreendei vossa mãe [a nação de Israel], repreendei-a, porque ela não é minha mulher, e eu não sou seu marido, para que ela afaste as suas prostituições de sua presença e os seus *adultérios* de entre os seus seios (Os 2.2).

O termo “infiéis” aqui, portanto, se refere à quebra dos votos e compromissos assumidos por ocasião da conversão e do batismo, em que os cristãos haviam jurado que seriam de Deus e que o serviriam. O adultério espiritual deles se constituía no fato de que, sendo cristãos e pertencendo a Deus pela aliança, estavam amando exatamente aquele que é o inimigo de Deus: *não compreendeis que a amizade ao mundo é inimiga de Deus?*⁷ A “amizade do mundo” significa “amizade ao mundo” ou “amizade com o mundo” (NVI). Tiago vê na atitude

⁶ “Infiéis”, *μοιχαλίδες*, palavra feminina derivada do masculino *μοιχοί*, “adúlteros”, mas que aqui, no uso de Tiago, ultrapassa questões de gênero e se torna um apelativo geral, “adúlteros” (NVI). A ARC traz “Adúlteros e adúlteras”, seguindo o texto majoritário, *μοιχοί καὶ μοιχαλίδες*. A ARA preferiu traduzir como “infiéis”, dando assim o sentido último da expressão usada por Tiago.

⁷ A ARC e a NVI traduziram *ἐχθρα* corretamente como “inimizade” em vez de “inimiga” (ARA).

daqueles cristãos uma posição radicalmente mundana, isto é, eles seguem os valores e as atitudes da humanidade que não tem Deus. O amor à primazia, ao poder, à honra e à popularidade é o amor ao mundo. Ao buscar de forma carnal e pecaminosa a liderança das comunidades, aqueles cristãos estavam sendo mundanos (4.1-3).

Tiago os questiona a respeito: “não compreendeis?”. A pergunta é retórica. Tiago sabe a resposta. Cegados pela sede de primazia, não percebiam que aquelas disputas internas os colocavam, na verdade, numa relação de inimizade com Deus. De bem com o mundo, mas de mal com Deus. Essa inimizade é tão antiga quanto o jardim do Éden: “porei inimizade entre a tua descendência e o seu descendente ...” (Gn 3.15). É como se Tiago estivesse dizendo: “Vocês são como uma esposa infiel, que ama o inimigo do marido”.

Tiago agora os confronta com as conseqüências da escolha deles: *aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus*. Aqui não há exceção. O ponto implícito de Tiago é que o mundo e Deus são duas realidades opostas e inconciliáveis. Não podemos estar de bem com ambos os lados. E, como não há neutralidade alguma neste mundo, somos amigos de um e inimigo do outro. Não há neutralidade, pois o mundo está no maligno (Jo 12.31; 1Jo 5.19). Constituir-se voluntariamente inimigo de Deus é uma posição extremamente arriscada. As Escrituras nos advertem quanto ao que Deus fará no juízo aos que se constituírem seus inimigos: “tu destróis todos os que são infiéis para contigo” (Sl 73.27; 21.8; Lc 19.27; cf. Hb 10.31). Há várias entidades e coisas que a Bíblia declara que são inimigas de Deus: o diabo (Mt 13.24-30), a carne (Rm 8.7), os pecadores impenitentes (Rm 5.10) e a morte (1Co 15.26). É trágico quando crentes passam a fazer parte dessa lista por causa de suas atitudes mundanas!

Ser amigo do mundo é uma decisão pessoal: “aquele, pois que quiser ...”. Mais uma vez nos lembramos do ponto de Tiago em 1.13-15: o pecado tem origem no coração depravado do homem. Seus leitores tinham de encarar as conseqüências da decisão deles, que era “constituir-se inimigos de Deus”. Se Deus é por nós, quem será contra nós? (Rm 8.31). Mas, se Deus for contra nós, quem poderá ser por nós? Como se já não bastasse a inimizade dos contemporâneos judeus e romanos que os afligiam e assediavam, eles agora também tinham o próprio Deus como inimigo! O apóstolo João coloca esse ponto de forma muito similar: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo” (1Jo 2.15,16). À semelhança de Tiago, João entende que o amor ao mundo não se constitui, basicamente, no materialismo, mas em atitudes tais como impureza sexual, cobiça e arrogância – provavelmente as mesmas coisas que Tiago está combatendo em seus leitores. E, à semelhança de Tiago, João considera tais atitudes hostis a Deus.

4.5 Ou supondes que em vão afirma a Escritura: É com ciúme que por nós anseia o Espírito, que ele fez habitar em nós? Se alguém é amigo do mundo e ainda pensa que também é amigo de Deus, não leva a sério o ensinamento da Escritura sobre esse assunto.⁸ Esse versículo contém uma série de questões exegéticas que tornam difíceis sua interpretação e sua tradução.

1. O que – e onde, exatamente – a Escritura afirma? Não sabemos a que texto da Escritura Tiago se refere. Não há no Antigo Testamento nenhuma passagem que seja similar à citação de Tiago. A não ser que Tiago esteja fazendo aqui, como A. T. Robinson sugere, uma citação poética de Êxodo 20.5: “sou Deus zeloso” (ciumento). Pode ser ainda uma referência geral a Gênesis 6.3-5, em que Deus diz que seu Espírito não mais agirá no homem por causa de seus pecados (cf. ainda Is 63.8-16). Calvino prefere entender que Tiago faz uma alusão geral ao ensino das Escrituras. “Esta verdade ocorre em toda a Escritura” (J. Calvino).

2. A que Tiago se refere por “espírito”? Ao Espírito Santo? Ao espírito humano? De ambos pode ser dito que Deus os fez habitar em nós, o espírito humano por ocasião da criação (Gn 2.7) e o Espírito Santo no meio do seu povo (cf. Ag 2.5; Jo 14.17; Rm 8.9, etc.). Lembremos que na língua grega não se começavam palavras com maiúsculas para identificá-las como nome próprio ou referência à divindade.

3. Existe uma variante textual significativa. Em vez de trazer “o Espírito que ele [Deus] fez habitar em nós” muitos manuscritos gregos trazem “o Espírito que em nós habita”.⁹ A primeira leitura é adotada pela maioria das versões modernas, que seguem o texto grego crítico, como a ARA e a NVI. A segunda é adotada por aquelas que seguem o texto majoritário, como a ARC, a King James e outras.

4. A palavra “ciúme” se refere ao que o Espírito de Deus sente por nós, ao que Deus sente pelo seu próprio Espírito, ou significa ainda a atitude geral de ciúme, inveja e contendas que caracteriza o espírito humano, as quais Tiago combate no contexto?

5. Qual a relação entre esse versículo e o seguinte: “antes, ele dá maior graça” (4.6)?

As traduções estão relativamente divididas nesses assuntos. Algumas entendem que Tiago se refere ao ciúme que o Espírito Santo, que Deus fez habitar em

⁸ A relação desse versículo com o anterior é determinada pela conjunção *η*, coordenada disjuntiva, “ou”, que distingue idéias mutuamente exclusivas.

⁹ No grego, a diferença ocorre apenas na mudança de uma letra do verbo. *Κατόικισεν*, do verbo *κατοικίζω*, “fazer habitar”, ocorre nos manuscritos mais antigos, adotados pelo texto crítico. *Κατόικηεν*, do verbo *κατοικέω*, “habitar”, que ocorre na maioria dos manuscritos, é a leitura adotada pelo texto majoritário. A variante pode ter sido causada por erro de um escriba.

nós, tem por nós, diante do amor ao mundo que manifestamos (Vulgata Latina, ARA, ARC, NVI)¹⁰. Outras entendem que o próprio Deus tem ciúme do espírito que ele fez habitar em nós, isto é, o espírito humano (English Standard Version, Revised Standard Version, Bible en Français courant, etc.). Outras ainda entendem que Deus deseja o seu próprio Espírito, que ele fez habitar em nós (New American Standard). Para outras, ainda, Tiago diz que o espírito do homem, que Deus fez habitar nele, tem fortes desejos de inveja e ciúme (King James, New American Bible, New International Version, A Bíblia de Jerusalém e várias outras). Essa última opção foi colocada dessa forma pela BLH: “O espírito que Deus pôs em nós está cheio de desejos violentos”. Entendemos que essa é a melhor interpretação pelos seguintes motivos.

1. Fica mais fácil encontrar textos no Antigo Testamento que se referem aos fortes desejos que agitam o espírito humano, como “viu o Senhor que ... era continuamente mau todo desígnio do coração [do homem]” (Gn 6.5); “é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade” (Gn 8.21); “todo trabalho e toda destreza em obras provêm da inveja do homem contra seu próximo” (Ec 4.4). Há exemplos claros na Escritura de almas atormentadas pelo ciúme, como os filisteus, que invejavam Isaque (Gn 26.14), Raquel, que tinha ciúmes de Lia, pois não tinha filhos (Gn 30.1), e os patriarcas, irmãos de José, que o venderam para o Egito (At 7.9). Tiago pode estar se referindo ao ensino geral da Escritura sobre as paixões violentas que agitam o espírito humano.

2. Torna clara a relação desse versículo com o anterior. Ao amarem o mundo e se tornarem inimigos de Deus (4.4), os cristãos estavam esquecidos da efetividade e da seriedade daquilo que a Bíblia afirma quanto à natureza humana, cheia de desejos violentos e propensa à inimizade contra Deus. Não é em vão que a Escritura nos alerta sobre as corrupções de nosso coração, que podem nos colocar numa atitude de inimizade contra Deus.

3. Torna compreensível a relação desse versículo com o próximo. Enquanto 4.5 afirma que o espírito humano é agitado por violentos desejos pecaminosos, o versículo seguinte declara que Deus, contudo, dá uma graça maior do que esses desejos aos que humildemente o buscam para libertação, conforme veremos na análise seguinte.

¹⁰ A NVI adota essa interpretação do texto, mas coloca as demais possibilidades numa nota de rodapé. Por si só, esse fato mostra a complexidade da passagem que deixa os tradutores incertos quanto ao sentido mais exato. Não devemos pensar que se trata de erros no texto original. As divergências se devem em grande parte ao fato de que não temos mais a audiência e o contexto originais em que Tiago registrou essas palavras. Provavelmente seus primeiros leitores entenderam perfeitamente o que ele quis dizer. O distanciamento temporal e contextual que nos afasta das Escrituras nem sempre é transposto com facilidade.

Seguindo essa linha de interpretação, aqui temos Tiago repreendendo seus leitores por não levarem a sério o ensino bíblico sobre as paixões do espírito humano: *Ou supondes que em vão afirma a Escritura?* Tudo o que a Palavra de Deus afirma sobre a real situação do homem deve ser levado a sério. Nada é dito em vão. As afirmações, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, a respeito da nossa fraqueza, nossa vulnerabilidade, os perigos espirituais que nos cercam e as tentações que nos tornam inimigos de Deus devem ser consideradas seriamente.

Tiago se refere ao espírito humano como aquele que *Deus fez habitar em nós*, conforme a leitura adotada pela ARA. Tiago deve ter em mente o relato da criação do homem. Contudo, quando Deus soprou o espírito de vida no homem, o pecado ainda não havia entrado no mundo. Somente após a queda de Adão e Eva o espírito humano passou a ser assolado por paixões pecaminosas.

O espírito humano, após a entrada do pecado, “está cheio de desejos violentos” (BLH), que Tiago já descreveu no versículo inicial desse capítulo como “os prazeres que militam na vossa carne” (4.1). É isto que seus leitores devem levar a sério: não é em vão que a Escritura assim afirma.

Como vencer o mundanismo (4.6-10)

4.6 Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. *Antes*, isto é, em reação ao que foi dito no versículo anterior. Em resposta aos fortes desejos que assolam o espírito humano, empurrando-nos para uma postura de inimizade com Deus, o próprio Deus nos concede a sua graça para vencermos o mundanismo.¹¹ Ele nos dá mais e mais poder para resistir aos maus desejos, mediante sua graça, que é *maior* que o poder dos desejos pecaminosos.

A base para a confiança de Tiago é a promessa de Deus: *pelo que diz*. Está implícito que é a Escritura que diz.¹² Tiago está citando literalmente Provérbios 3.34, conforme se encontra na Septuaginta.¹³ A graça que Deus promete não é dada a todos, mas somente *aos humildes*. Tiago já havia dito que o irmão humilde será exaltado (1.9). Agora enfatiza que ele recebe a graça de Deus. A. T.

¹¹ Essa é a única ocorrência de χάρις, “graça”, na carta de Tiago, muito embora o conceito do favor imerecido de Deus se perceba nela em outros lugares.

¹² Veja outras ocorrências em que λέγει, “diz”, é referência a uma passagem do Antigo Testamento: Romanos 10.6,8; 15.10; 2 Coríntios 6.2; Efésios 4.8; 5.14, etc.

¹³ O texto hebraico diz: “Certamente, ele escarnece dos escarnecedores, mas dá graça aos humildes”. A LXX traduziu γλῶσ, “escarnecer”, como “resistir”, e γλῶ, “escarnecedor”, como “soberbo”, “orgulhoso”. Tiago seguiu a LXX e não o Massorético, muito embora aqui ambos tenham, ao final, o mesmo sentido geral. Pedro igualmente cita a LXX nessa mesma passagem (cf. 1Pe 5.5).

Robertson identifica o humilde dessa passagem com os pobres, mencionados por Tiago em 2.5-7 e 5.1-6. Essa identificação existe, de fato, mas, no contexto de Tiago, os pobres mencionados eram os próprios cristãos, que por definição eram humildes de espírito, o povo de Deus que herdará o seu reino. A pobreza em si não é certeza de um coração humilde. Há muitos pobres arrogantes e altivos.

Em contraste, Deus *resiste aos soberbos*. *Resistir* significa “engajar-se em batalha contra alguém”, “opor-se”, “colocar-se contra”. É isso que Deus faz em relação aos soberbos, orgulhosos, altivos (Jó 40.10-12; Sl 138.6; Pv 6.16,17; 29.23; Is 2.11,12; Mt 23.12; Lc 1.52). Foi isso que ele fez contra o Faraó, que se recusou a humilhar-se diante de Deus (Êx 10.3,4; 18.11); com o arrogante rei da Assíria, que não reconheceu que de Deus vinha a vitória (Is 57.12,13); com Nabucodonosor, que se exaltou (Dn 4.37; 5.20,21); com o arrogante fariseu que se justificava (Lc 18.14); com o vaidoso Herodes (At 12.21-23). Os que queriam ser mestres das Escrituras deveriam lembrar o que elas ensinavam sobre soberba e refletir profundamente nas contendas e guerras que havia entre eles na busca pela primazia.

As Escrituras também nos ensinam que Deus concede graça aos que se humilham diante dele. Foi assim que o orgulhoso Ezequias encontrou favor (2Cr 32.26). O ímpio rei Manassés humilhou-se profundamente diante de Deus e recebeu maior graça (2Cr 33.10-13, 19). O rei Josias humilhou-se diante do Senhor e adiou o castigo tremendo que estava prestes a cair sobre Judá (2Cr 34.22-28). Quão preciosas as palavras de Isaías 57.15:

Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.

Não podemos deixar de ver uma exortação de Tiago aqui aos candidatos a mestre: deveriam deixar a soberba e adotar uma atitude de humildade, para que fossem abençoados com a maior graça de Deus. “Deus resiste aos soberbos.” Quão grave é essa declaração! Tiago já os havia prevenido de que o mundanismo os constituía em inimigos de Deus, e agora os alerta de que o próprio Deus se virará contra eles se permanecerem em estado de soberba. Se, contudo, se humilhassem diante de Deus, receberiam aquela graça necessária para vencer as cadeias do pecado. Era essa a lição que os candidatos a mestre deveriam aprender. E era aqui que deveriam buscar poder para vencer o espírito mundano que havia se apoderado deles. Nos versos seguintes Tiago mostra o que eles deveriam fazer para receber a graça de Deus.

4.7 Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós. Tiago havia dito aos seus leitores no versículo anterior que Deus

dá graça aos humildes. Em conclusão (*portanto*), eles deveriam se humilhar diante de Deus, por causa de seus pecados – especialmente aquele da soberba – se quisessem receber essa graça. Nesse versículo e nos seguintes (4.7-10) Tiago usa dez imperativos para ordenar aos judeus cristãos em geral, e aos candidatos a mestre em especial, as atitudes que conduzem ao quebrantamento e à humilhação diante de Deus, e que os levam a vencer o mundanismo.¹⁴

Sujeitai-vos a Deus, em primeiro lugar. *Sujeitar-se* significa “colocar-se numa relação de subordinação a alguém e acatar a vontade e as orientações deste”. É o termo comumente usado no Novo Testamento para indicar uma relação hierárquica, como a relação entre os cristãos e as autoridades constituídas (Rm 13.1; Tt 3.1; 1Pe 2.13), entre servos e senhores (1Pe 2.18), entre esposas e maridos (Ef 5.22; Cl 3.18; Tt 2.5; 1Pe 3.1,5), entre a igreja e seus líderes (1Co 16.16), entre jovens e velhos (1Pe 5.5) e especialmente entre cristãos e o Senhor Jesus (Ef 5.24). É também usado para descrever o senhorio final de Cristo, quando tudo estiver subordinado a ele (1Co 15.27,28; Ef 1.22; Fp 3.21; Hb 2.8). Aqui, no caso, significa colocar-se debaixo de Deus, debaixo do seu querer e da sua vontade. Esse é o primeiro imperativo da lista de Tiago e controla toda essa seção, que pode ser resumida exatamente nisto: sujeição plena a Deus, que é a manifestação externa da verdadeira humildade que Deus abençoa com sua graça. O próprio Tiago teve experiência disso, pois, após um período em que se recusou a crer que seu irmão Jesus era o Filho de Deus (Jo 7.5), sujeitou-se, creu naquele que Deus havia enviado e recebeu a graça salvadora.

O sujeitar-se a Deus é seguido por outra ordem: *resisti ao diabo*.¹⁵ As duas coisas andam juntas. Quando nos sujeitamos a Deus, resistimos ao diabo. E somente podemos resistir ao diabo se estivermos sujeitos a Deus, pois dele dependemos para enfrentar adversário tão formidável. *Resistir* significa “colocar-se contra alguém”, “opor-se a alguém”. No verso anterior, Tiago havia dito que Deus *resiste* aos soberbos (4.6). Quando, porém, nos humilhamos e nos sujeitamos a ele, podemos *resistir* ao diabo. Pedro dá a mesma ordem aos seus leitores, usando o mesmo verbo: “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; *resisti-lhe* firmes na fé” (1Pe 5.8,9). *Diabo*, literalmente, significa “acusador”, “difamador”, “caluniador”. A idéia em

¹⁴ Todos os dez imperativos dessa seção (4.7-10) são aoristos, o que lhes dá uma nota de urgência: υποτάγητε, ἀντίστητε, ἐγγίσατε, καθαρίσατε, ἀγνίσατε, ταλαιπωρήσατε, πειθήσατε, κλαύσατε, μετατραπήτω, ταπεινώθητε.

¹⁵ A ARA traduziu δὲ como “mas”, estabelecendo uma relação de adversidade entre submeter-se a Deus e resistir ao diabo, o que realmente não faz sentido. A maioria das traduções, contudo, preferiu deixá-la sem tradução, o que nos parece o mais correto (cf. ARC, NVI, etc.). Vários manuscritos omitem δὲ, mas a presença da partícula na frase é muito bem atestada.

Tiago é que o diabo procura levar os cristãos à soberba, para dessa forma colocá-los numa posição de antagonismo a Deus. Tiago já havia dito que a atitude de soberba e orgulho era uma “sabedoria demoníaca”, que tinha origem no próprio diabo (3.15). A isso eles deveriam resistir, sujeitando-se humildemente a Deus.

O apóstolo Paulo ensina os cristãos a resistir ao diabo, tomando a armadura de Deus. Eles devem “ficar firmes” contra as astutas ciladas de Satanás (Ef 6.11) e assim “resistir” a ele no dia mau (Ef 6.13). Em linhas gerais, esse é o ensinamento das Escrituras sobre a batalha espiritual. É dessa forma que enfrentamos os demônios, sujeitando-nos a Deus e tomando uma posição firme contra as tentações. A Bíblia desconhece métodos espirituais de combate ao diabo como “oração de guerra”, “declarar”, “amarrar Satanás”, “mapeamento espiritual” e outros que fazem parte do arsenal do movimento de batalha espiritual (veja meu livro *O que você precisa saber sobre batalha espiritual*, Editora Cultura Cristã, 1996).

Tiago adiciona uma promessa aos que se sujeitarem a Deus e resistirem ao diabo: *ele fugirá de vós*. Ao encontrar resistência firme por parte de cristãos submissos a Deus, o diabo se porá em fuga, como um guerreiro que, ao encontrar forte resistência ao seu ataque, vira as costas e foge covardemente do campo de batalha, em busca de local seguro. Talvez Tiago tenha em mente o episódio da tentação de Jesus. Ali vemos o Senhor resistindo a cada tentativa do diabo de levá-lo a pecar (Mt 4.3-11; Lc 4.2-13), até que o diabo, percebendo a firme resistência do Senhor, “apartou-se dele até momento oportuno” (Lc 4.13; cf. Mt 4.11). Um outro exemplo que encontramos nas Escrituras para ilustrar essa atitude de submissão a Deus e resistência ao diabo é o de Jó. Ele humildemente submeteu-se ao que entendeu ser a vontade de Deus para sua vida, que era a perda de tudo o que tinha (Jó 1.21), e resistiu firmemente à tentação satânica de blasfemar contra Deus e atribuir-lhe culpa (Jó 1.22), repreendendo até a sua mulher, instrumento do diabo para levá-lo a pecar (Jó 2.9,10). Ao final, Jó recebeu a graça de Deus (Jó 42.10).

4.8 Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração. Tiago continua com os imperativos dirigidos a seus leitores para que se submetam a Deus e assim recebam a graça prometida aos humildes. *Chegai-vos a Deus*, ordena Tiago. A ordem pressupõe que, anteriormente, aqueles crentes haviam se afastado de Deus; tal situação, contudo, poderia ser revertida por iniciativa deles. O afastamento foi causado pela sua atitude pecaminosa, descrita por Tiago em 4.1-4, envolvendo guerras, contendas, prazeres ilícitos e amor ao mundo. Este, em particular, constitui o cristão em inimigo de Deus (4.4). “Aproximar-se de Deus” (NVI) seria renunciar ao mundo, deixando as atitudes mundanas de cobiça, busca pelo poder e pela primazia, e buscar a Deus em oração.

Lembremo-nos de que Tiago havia declarado também que eles não oravam: “não tendes porque não pedis” (4.2b); ou que oravam mal: “pedis mal” (4.3a). Chegar-se a Deus seria buscá-lo humildemente em oração, com arrependimento, não para obter coisas, mas em adoração e súplica.¹⁶

Tiago adiciona uma promessa: *ele se chegará a vós*. Esse conceito de que Deus se deixa achar e encontrar pelos que o buscam está em toda a Escritura. Uma das últimas instruções que Davi deu a seu filho Salomão foi esta: “se buscares a Deus, ele deixará achar-se por ti” (1Cr 28.9). Sem dúvida, tal instrução é resultado da própria experiência do rei-pastor durante toda a vida. O rei Asa encorajou o povo com estas palavras: “O Senhor está convosco enquanto estais com ele; se o buscardes, ele se deixará achar” (2Cr 15.2). E quem não lembra da promessa extraordinária feita por intermédio de Isaías: “Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixei o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar” (Is 55.6,7; cf. ainda Zc 1.3; Ml 3.7).

Notemos que não há preocupação alguma da parte de Tiago de diminuir a soberania do Senhor ao determinar aos crentes que se acheguem a Deus, dando a eles a iniciativa nessa aproximação. Se por um lado as Escrituras nos ensinam que Deus é quem opera em nós tudo o que deseja e determina (cf. Fp 2.13) e que é ele quem opera em nós “o que é agradável diante dele” (Hb 13.21), por outro determinam aos cristãos que façam o que deve ser feito, que tomem iniciativas no campo espiritual, que busquem a Deus. Não há contradição real entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana. Uma não anula a outra.

As duas ordens seguintes de Tiago podem servir para explicar de maneira mais clara o modo como seus leitores deveriam se aproximar de Deus. Primeira: *purificai as mãos, pecadores*. “Pecadores”, no sentido geral, aqueles que vivem em oposição à vontade divina, quebrando a lei de Deus ou deixando de fazer aquilo que ela determina. Nesse sentido, é usado no Novo Testamento para se referir aos descrentes, aos não-regenerados (1Tm 1.15; Hb 12.3; Jd 1.15). O termo foi usado pelos fariseus para se referir aos gentios em geral (Gl 2.15) e aos judeus que não praticavam integralmente as leis do Judaísmo (Lc 15.2; Mt 9.10; Mc 2.15). O termo nunca é usado para os verdadeiros cristãos, que são vistos como ex-pecadores: “Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8; cf. Tt 1.9). Tiago é o único que se dirige aos cristãos tratando-os de “peca-

¹⁶ No Antigo Testamento, a atividade dos sacerdotes no tabernáculo era descrita como “chegar-se ao Senhor” (Êx 19.22), ἐγγίζοντες, mesmo verbo usado aqui por Tiago.

dores”. O termo aqui, portanto, refere-se ao fato de que eles praticavam tipos específicos e pontuais de pecado, que eram a soberba e o mundanismo. Ao chamá-los de pecadores, Tiago ressalta a seriedade da condição deles e a urgência de se arrependerem e se voltarem em penitência para Deus. “É um termo agudo e penetrante que visa despertar a consciência” (A. T. Robertson).

Aos cristãos, que estão enquadrados na categoria de “pecadores”, Tiago determina que “purifiquem as mãos”. Esta expressão é provavelmente tomada por Tiago das cerimônias de purificação do Antigo Testamento, particularmente aquela da lavagem das mãos e pés dos sacerdotes antes de se aproximarem de Deus (Êx 30.19-21). Temos ainda o ritual de purificação do leproso que havia sido curado, que envolvia a purificação da sua mão mediante a aplicação do sangue e do azeite no polegar (Lv 14.14,17). Os conceitos de impureza, pecado e culpa são freqüentemente referidos nas Escrituras de forma metafórica como *mãos violentas* (Jó 16.17), *mãos cheias de sangue* (Is 1.15), enquanto a pureza e a santidade são referidas como *mãos puras ou purificadas* (Jó 9.30; 17.9; Sl 18.20; 24.2), *mãos santas* (1Tm 2.8). A idéia da purificação moral e espiritual é expressa pelo ato de lavar as mãos. Davi, por exemplo, dizia ter “lavado as mãos na inocência” (Sl 26.6; 73.13). Contudo, virou um rito formal e vazio: os fariseus criaram várias leis que incluíam a lavagem de mãos (Mt 15.2) e o próprio Pilatos, num gesto desesperado para livrar-se de sua culpa, lavou as mãos diante do povo (Mt 27.24). “Mãos” é o termo usado por Tiago, portanto, metaforicamente, para atos, atitudes e comportamento em geral. O que ele ordena aos cristãos é que se purifiquem espiritualmente de suas ações erradas. E mesmo que ele não mencione a maneira como isso deve ser feito, os seus leitores cristãos sabem que não é pela lavagem literal das mãos, mas pelo arrependimento e confissão dos pecados, com fé na promessa de que “o sangue de Jesus nos purifica de todo pecado” (1Jo 2.7). Era assim que eles poderiam, em primeiro lugar, se chegar a Deus.

A segunda maneira é esta: *vós, que sois de ânimo dobre, limpai o coração*. A quem Tiago se refere aqui? Ele já havia usado a expressão “ânimo dobre” em 1.8 para se referir ao que duvida de Deus, como se o tal tivesse “duas almas” ou “dois ânimos”, alguém que está dividido internamente (veja o comentário em 1.8). O coração de quem tem o “ânimo dobre” está manchado e sujo pelo pecado da incredulidade, da incerteza em relação a Deus e suas promessas. Os leitores deveriam “purificar” o coração.¹⁷ Essa purificação, à semelhança da anterior, consistiria em mortificar as dúvidas e a incredulidade, e em tomar uma firme posição de fé e obediência ao Senhor, renunciando a todo mundanismo.

¹⁷ A ARC traduziu *αγνίσαι* não como “purificai” (ARA, NVI), mas como “limpai”, e acabou perdendo o sentido cerimonial do termo e de toda a passagem.

Os leitores da carta, por serem judeus, perceberiam claramente o linguajar cerimonial de Tiago nessa passagem: o conceito de chegar-se a Deus, de limpar as mãos e de purificar o coração. Esse linguajar veterotestamentário era bastante familiar para eles e certamente facilitaria e compreensão daquilo que Tiago lhes determinava. Davi, num contexto de quebrantamento de confissão, usa semelhantemente o linguajar tirado das cerimônias do templo para expressar seu desejo por purificação: “*Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve*” (Sl 51.7). “*Cria em mim, ó Deus, um coração puro*” (Sl 51.10). Somente o que for “limpo de mãos e puro de coração” habitará com o Senhor (Sl 24.4). O conceito da lavagem interior também ocorre no Novo Testamento. O Senhor Jesus censura os fariseus por não lavarem o interior (Mt 23.15-26) e Paulo menciona a purificação da carne e do espírito (2Co 7.1), apenas para citar dois exemplos.

4.9 Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza. Tiago continua a série de imperativos dirigidos aos judeus cristãos da Dispersão, particularmente aos que aspiravam à posição de mestres e que, por causa das lutas e contendas entre si, mostravam o mundanismo de seu coração. Tiago deseja ensinar-lhes o caminho para obter a graça de Deus, a qual é concedida aos que se humilham diante dele.

Afligi-vos, lamentai e chorai. Essas três atitudes indicam profundo quebrantamento de alma. Elas envolvem, em primeiro lugar, uma atitude interna de contrição: “afligi-vos”. A palavra que Tiago usa aqui denota um sentimento interno de dor e sofrimento causado por fatores externos ou internos. A Septuaginta empregou essa palavra como tradução de um termo hebraico que significa trabalho pesado, trabalho em circunstâncias difíceis; daí a idéia de oprimir (cf. Sl 17.9: “os que me oprimem”). No Antigo Testamento, vemos que os israelitas tinham que afligir a alma em ocasiões especiais (Lv 16.29,31), especialmente no Dia da Expição, quando o sacrifício era oferecido pelos pecados da nação (Lv 23.27,32; cf. Nm 29.7). A idéia em afligir a alma era de entristecer-se pelos pecados cometidos diante de Deus, para que a oferta pelo pecado não se tornasse num mero cerimonial. Provavelmente é o mesmo conceito empregado por Tiago aqui. Ele deseja que seus leitores “sintam as suas misérias” (ARC), que se “entristeçam” (NVI) por seus pecados. Paulo usa a mesma palavra em Romanos 7.24, ao expressar o grito de desespero do homem debaixo da lei e sem Cristo: “miserável homem que sou”.¹⁸

Associado à aflição da alma, vem o “lamentar”. O contexto indica, obviamente, que se trata de lamentar os pecados, o estado espiritual deplorável em que a pessoa se encontra. É isso que Tiago determina aos seus leitores. Ou seja, não

¹⁸ “Miserável”, *ταλαίπωρος*, de onde procede *ταλαιπωρήσατε*, “afligi-vos”, em Tiago 4.9.

somente se afligir intimamente pela miséria de seus pecados, mas lamentá-los. “Lamentar” significa praticamente a mesma coisa que “afligir-se”. A idéia é também de sentir tristeza como resultado de alguma circunstância ou condição. No caso aqui, pelo estado espiritual em que os leitores de Tiago, especialmente os candidatos a mestre, se encontravam.

A lamentação pelos pecados era exigida pelos profetas ao povo de Deus no Antigo Testamento, quando o povo havia pecado diante de Deus e a ira de Deus estava prestes a abater-se sobre ele: “lamentai e uivai; porque a ira ardente do Senhor não se desviou de nós” (Jr 4.8; cf. 49.3). Os sacerdotes, igualmente, deveriam lamentar por causa do castigo divino imposto sobre a nação idólatra (Jl 1.13). Ou seja, o lamento inclui não somente a consciência de pecado, mas também a expectativa do juízo de Deus. No Antigo Testamento essa atitude era geralmente expressa pelo arrancar os cabelos da barba e da cabeça, rasgar as vestes e vestir saco, jogando cinza sobre si (Et 4.1,3; Dn 9;3; Jn 3.6). Quando o Senhor Jesus determinou o arrependimento das cidades de Corazim e Betsaida, declarou que o ato deveria ser acompanhado de pano de saco e cinza (Mt 11.21; Lc 10.13). Paulo repreendeu a igreja de Corinto por não haver “lamentado” a falta de disciplina de um de seus membros vivendo em imoralidade (1Co 5.2). Contudo, o lamento exterior só teria valor se fosse a expressão do lamento interno, de um coração quebrantado: “Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao Senhor” (Jl 2.13).

A aflição e o lamento deveriam ser acompanhados de choro: *chorai*. A combinação de lamento e choro ocorre algumas vezes no Novo Testamento, embora não por causa da convicção profunda de pecado (cf. Mc 16.10; Lc 6.25; Ap 18.15,19). Tiago combina as duas coisas novamente em 5.1, embora usando uma palavra diferente para “lamentar” e mais uma vez no sentido de sentir profunda tristeza pelos pecados diante da perspectiva do juízo divino: “atendei agora, ricos, chorai lamentando...”.

O que Tiago deseja é que os seus leitores mudem de atitude. Aparentemente, eles não estavam nem um pouco contristados com seu estado espiritual. Tiago deseja uma profunda mudança: *converta-se o vosso riso em pranto e a vossa alegria, em tristeza*. É uma prova clara de cegueira espiritual a Igreja estar rindo e se alegrando festivamente quando deveria estar entristecida, lamentando e chorando os seus pecados. Tiago ordena uma *conversão* na atitude de seus leitores. Eles deveriam “trocar” o riso e a alegria pelo lamento e pela tristeza (NVI). Essa última palavra significa literalmente “olhar para baixo”.¹⁹ Foi a atitude

¹⁹ Κατήφειαν, oriunda de κατήφης, um semblante abatido, de κατά, para baixo, e τά φαν, os olhos. Única ocorrência no Novo Testamento. O termo, contudo, ocorre com frequência, na literatura clássica. Josefo usa o termo para descrever a tristeza que veio sobre os irmãos de José do Egito (Ant., 2.108).

do publicano que, ciente de seus pecados, nem ousava “levantar os olhos” quando chegou ao templo para orar (Lc 18.13).

Essa mudança de atitude em relação ao estado espiritual decadente aparece em vários outros lugares da Bíblia. Para o autor de Eclesiastes, a seriedade é melhor para uma reflexão profunda sobre o sentido da vida e a aquisição da sabedoria:

Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete, pois naquela se vê o fim de todos os homens; e os vivos que o tomem em consideração. Melhor é a mágoa do que o riso, porque com a tristeza do rosto se faz melhor o coração. O coração dos sábios está na casa do luto, mas o dos insensatos, na casa da alegria. Melhor é ouvir a repreensão do sábio do que ouvir a canção do insensato (Ec 7.2-5).

Os profetas protestaram contra Israel por ter uma atitude leviana de alegria e festa quando estava atolado em seus próprios pecados. Pecado e festa não combinam:

O Senhor, o Senhor dos Exércitos, vos convida naquele dia para chorar, prantear, rapar a cabeça e cingir o cilício. Porém é só gozo e alegria que se vêem; matam-se bois, degolam-se ovelhas, come-se carne, bebe-se vinho e se diz: Comamos e bebamos, que amanhã morreremos (Is 22.12,13).

O que Tiago deseja é o que ocorreu com os judeus após o cativeiro: “cessou o júbilo de nosso coração, converteu-se em lamentações a nossa dança” (Lm 5.15). O Senhor Jesus falou daqueles cujo riso se transformaria em lamento: “Ai de vós, os que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar” (Lc 6.25).

Percebemos que a contrição verdadeira é aquela que procede do coração. Os sentimentos têm que ser atingidos, movidos, alcançados. A verdadeira contrição não é externa somente, mas principalmente um ato interno. Segundo Tiago, é algo que deve ser feito por nós. Muito embora não tenhamos acesso direto às nossas emoções, podemos nos entristecer e sentir a miséria dos nossos pecados, afligindo nossa alma com tristeza, por havermos pecado contra Deus. Isso só é possível quando temos claramente diante de nós a santidade de Deus e o horror do nosso pecado. Ao refletirmos na nossa pecaminosidade, na maldade de nossos atos, e na santidade e na bondade de Deus, a convicção de pecado forma-se dentro de nós.

4.10 Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará.

Esse último imperativo de Tiago, seguido de uma promessa, resume a intenção da passagem, que é levar seus leitores, especialmente os candidatos a mestre, a

uma profunda humilhação diante de Deus por causa de seus pecados, especialmente aquele de mundanismo.²⁰

Tiago determina que seus leitores *se humilhem*, e isso *na presença do Senhor*. *Humilhar* significa literalmente “fazer com que alguma coisa seja abaixada, diminuída, colocada ao nível do chão, nivelada”. Por exemplo, “todo vale será aterrado e *nivelados* todos os montes” (Lc 3.5). A mesma palavra empregada para “nivelar” é usada por Tiago em seu comando aqui em **4.10**. A idéia é de que os crentes abandonem a altivez e se nivelem com o chão, numa atitude de quebrantamento. O conceito envolve a idéia de reconhecimento da própria miséria, das fraquezas e das limitações e uma declaração da mais absoluta dependência de Deus. Lembremos-nos de que essa auto-humilhação é *na presença do Senhor*, isto é, “perante ele” (ARC). Diante do Senhor, não nos resta outra atitude senão nos humilhar, quando a luz gloriosa de sua santidade revela a depravação de nosso coração corrompido.

A promessa que se segue é de que *ele vos exaltará*, isto é, ele haverá de nos tomar pela mão e nos erguer, nos restaurar ao seu favor, do qual havíamos caído pelos pecados, pela soberba e pelo mundanismo, e nos fará aumentar em honra. A mesma promessa é feita por Pedro: “humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte” (1Pe 5.6). Essa relação entre auto-humilhação e exaltação da parte de Deus ocorre em toda a Escritura. “Será exaltado o humilde”, diz o Senhor (Ez 21.26). “Quem a si mesmo se humilhar será exaltado”, disse o Senhor Jesus (Mt 23.12). Foi assim com o publicano, que se humilhou diante de Deus no templo, reconhecendo seus pecados e sua miséria e clamando somente por misericórdia. Em contraste com o soberbo fariseu, o publicano voltou para casa justificado, exaltado por Deus (Lc 18.13,14). A exaltação como promessa para os que se humilham é mais bem percebida na passagem em que Paulo descreve a exaltação de Cristo após seu esvaziamento:

... a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome (Fp 2.8,9).

²⁰ Alguns manuscritos inserem οὖν, “portanto” (talvez sob influência de 1Pe 5.6), após “humilhai-vos”, dando a esse imperativo em **4.10** o caráter de inferência lógica do que precede, o resultado de um raciocínio. Contudo, “humilhai-vos” parece ser apenas mais um dos imperativos de Tiago nessa sequência, embora o último.

Ao terminar essa série de mandamentos sobre quebrantamento com a promessa do favor divino, Tiago atrai o coração dos verdadeiros crentes, que almejam acima de tudo neste mundo aquela exaltação e a honra que procedem de Deus, mais do que cargos e posições. “Em resumo, o ponto de Tiago nesta passagem é que Deus nunca nos falta – nós é que nos alienamos dele. Ele é como alguém que traz o faminto à mesa e o sedento à fonte” (J. Calvino).

MALEDICÊNCIA E ARROGÂNCIA

(4.11-17)

RESUMO

Tendo terminado suas exortações aos crentes judeus da Dispersão em geral e aos seus candidatos a mestre em particular a que se quebrem diante de Deus (4.7-10), Tiago aborda agora duas expressões do mundanismo, a saber, a maledicência, atitude que ele vem combatendo desde o início desse capítulo (4.1-4), e a presunção (4.13-17), refletida especificamente no fazer planos sem levar a vontade de Deus em consideração. Um outro exemplo de mundanismo é a atitude dos ricos impiedosos e injustos em 5.1-6, mas receberá tratamento distinto em capítulo à parte. Vejamos agora o tratamento que Tiago dá à maledicência.

O pecado da maledicência (4.11,12)

4.11 Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Aquele que fala mal do irmão ou julga a seu irmão fala mal da lei e julga a lei; ora, se julgas a lei, não és observador da lei, mas juiz. Como costuma fazer no início de admoestações ou de uma nova seção, Tiago se dirige a seus leitores mui fraternalmente, como *irmãos* (cf. 1.2; 1.16; 2.1; 2.5; 2.14; 3.10; 5.7,9,10,12,19). Apesar de haver muitos problemas doutrinários e morais entre eles, nosso autor ainda os considera como amados irmãos na fé em Cristo Jesus. Cristãos podem ainda cair em erros grosseiros e comprometer a verdade do Evangelho. Daí a necessidade de pastores como Tiago para corrigi-los e mostrar-lhes o caminho do Evangelho.

Tiago os adverte a que *não falem mal uns dos outros*. Que nossos inimigos falem mal de nós, entende-se. Os pagãos costumavam falar mal dos cristãos,

conforme lemos em Pedro: "... falam mal de vós, como de malfetores" (1Pe 2.12; 3.16). Mas irmãos falarem mal uns dos outros? Tal é a triste realidade à qual o pecado reduziu a raça humana. Apesar de regenerados pelo Espírito, habitados e santificados por ele, os cristãos ainda guardam dentro de si os resquícios de Adão, até a morte. "Falar mal" significa expressar hostilidade contra alguém no falar. Pode tomar a forma de calúnias, injúrias, insultos, ofensas, ultrajes, vilipêndios. É dizer coisas ruins contra a pessoa, incriminá-la. A maledicência é consistentemente proibida em toda a Bíblia (Sl 140.11; Ef 4.31; 1Co 5.11; 1Tm 3.11; 1Pe 2.1, etc.). Aqui Tiago retorna ao assunto da língua (**1.26; 3.1-12**), ao qual irá ainda retornar em **5.12**.

Não sabemos ao certo por que os judeus cristãos da Diáspora estavam falando mal uns dos outros. Certamente não era uma coisa generalizada. Talvez alguns irmãos pobres estivessem falando mal dos crentes ricos que os empregavam em seus campos. Em **5.9**, Tiago diz: "Irmãos, não vos queixeis uns dos outros, para não serdes julgados". O contexto mostra que as queixas eram dos crentes que estavam sendo oprimidos pelos ricos. Pode ser que se trate do mesmo assunto aqui. Contudo, a ordem de Tiago, conforme está construída na língua grega, é para que cessem uma prática costumeira: "parem de falar mal uns dos outros".¹

Tiago apresenta em seguida alguns motivos para sua advertência: *Aquele que fala mal do irmão ou julga a seu irmão fala mal da lei e julga a lei*.² Tiago entende que falar mal de um irmão é a mesma coisa que julgá-lo. Ou seja, as palavras apenas refletem o julgamento contra o irmão que já fizemos em nosso coração, incriminando-o. Nesse sentido, Tiago parece estar refletindo as palavras do Senhor Jesus sobre o sexto mandamento – "não matarás" – quando igualou o falar mal ao irar-se e a matar alguém (Mt 5.22). Julgar o irmão é consistentemente condenado na Escritura (Mt 7.1,2; Lc 6.37; Rm 2.1; 14.3,4; 14.10-12; 1Co 4.5). Essa proibição, contudo, não deve ser confundida com o dever que temos de avaliar os erros e pecados dos irmãos com o objetivo de corrigi-los e levá-los ao arrependimento (Mt 18.15; Lc 17.3; Mt 7.6; Gl 6.1; 1Jo 4.1; Ap 2.2). O próprio Tiago recomenda esse procedimento mais adiante na carta: "Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade, e alguém o converter, sabe que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados" (Tg 5.19,20).

¹ Μη καταλαλεῖτε ἀλλήλων, a negativa μη seguida de um imperativo presente, proibição usada para impedir a continuidade de uma ação já em progresso ou andamento.

² Alguns manuscritos introduzem γὰρ, "pois", no início dessa frase, provavelmente uma variante causada pelo entendimento do escriba de que Tiago está apresentando os motivos para sua determinação.

A declaração de Tiago é, no mínimo, enigmática: “Aquele que fala mal do irmão ou julga a seu irmão fala mal da lei e julga a lei”. “Lei”, aqui, é uma referência à lei de Deus.³ Em que sentido falamos mal da lei e a julgamos, ao falar mal de nossos irmãos? Há várias respostas possíveis. (1) Ao falar mal de um irmão, falamos mal da lei e a julgamos, pois ela nos proíbe que o façamos (cf. Lv 19.16,18) (J. Gill). (2) Quando falamos mal e julgamos os irmãos, geralmente o fazemos em áreas da vida sobre as quais a lei de Deus não se pronuncia com clareza ou que nos deixa a liberdade de agir como quisermos. Dessa forma, acabamos achando defeito na própria lei de Deus por não se pronunciar sobre esses assuntos (M. Henry). (3) Ao falar mal de um irmão e ao julgá-lo, tomamos a lei em nossas mãos e assumimos o papel de legisladores. Ao fazer isso, julgamos a lei e até achando falta nela. Essa é provavelmente a melhor interpretação. “Ao assumirmos o papel de juizes, estamos subtraindo a autoridade da lei sobre os irmãos” (J. Calvino).

Essa interpretação é confirmada pelo que se segue: *ora, se julgas a lei, não és observador da lei, mas juiz*. Não nos cabe assumir o papel de juizes e legisladores. Nosso lugar é de “observadores da lei”, um ponto que Tiago já havia mencionado diversas vezes nessa carta (cf. “*praticante da palavra*”: 1.22,23; “*operoso praticante*”: 1.25). Ao julgar nossos irmãos, falando mal deles, assumimos o papel de juizes, de legisladores, que tomam a lei de Deus em suas mãos e a examinam, visando condenar as ações dos irmãos. “Este tom de superioridade à lei é aqui condenado de forma aguda” (A. T. Robertson).

4.12 Um só é Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e fazer perecer; tu, porém, quem és, que julgas o próximo? Tiago continua a apresentar aos seus leitores da Ásia as razões pelas quais deveriam parar de falar mal uns do outros e de julgar uns aos outros. A razão aqui apresentada se baseia no contraste entre Deus e o homem, explorando a diferença entre Deus, como juiz supremo de todos, e nós, criaturas, que por ele somos julgados e condenados. Quando julgamos e condenamos nossos irmãos, estamos tomando o lugar de Deus. É esse o caráter do pecado de falar mal do próximo.

Um só é Legislador e Juiz, diz nosso apóstolo, numa referência óbvia a Deus. A palavra grega para “Legislador” só ocorre aqui, em todo o Novo Testamento. Ela significa literalmente “alguém que estabelece leis”. O termo veio a significar aquele que decide com base num sistema de leis sobre aquilo que o povo deve fazer.⁴

³ Tiago usa νόμος, “lei”, em diferentes sentidos na carta: o Evangelho (1.25; 2.12); um mandamento específico da lei de Deus (2.8); a lei de Deus como um todo (2.9-11).

⁴ O termo νομοθέτης, “legislador”, ocorre uma única vez na Septuaginta, em Salmo 9.21, mas parece ser uma tradução equivocada do hebraico יָרֵא, “terror”. Em Atenas, os Legisladores eram um grupo encarregado da revisão das leis.

Como único Legislador, Deus soberanamente estabelece as suas leis e por meio delas julga os homens, pois além de legislador é também “juiz”, conforme acrescenta Tiago (cf. Is 33.22: “o Senhor é o nosso juiz, o Senhor é o nosso legislador”).⁵

Tiago ainda se refere a Deus como *aquele que pode salvar e fazer perecer*.⁶ Essas ações fazem parte de seus atributos únicos de Legislador e juiz de todos. A salvação e a perdição aqui mencionadas são referentes à alma das pessoas e têm a ver com seu destino eterno, o qual é decidido por Deus com base no justo julgamento que faz das obras de todos, com base em suas leis. Tiago já havia dito que Deus, mediante a sua Palavra, é poderoso para salvar a alma do que a recebe com diligência (1.21). Igualmente, aquele que traz um desviado para a verdade “salvará da morte a alma dele” (5.20). O contexto, portanto, sugere que Tiago se refere à salvação da alma, como sendo prerrogativa de Deus executá-la. Igualmente quanto à perdição da alma. A flor da erva “perece” (ARC) quando exposta ao sol – assim será com o rico em seu caminho (1.11). Tiago pode estar refletindo as palavras de Jesus no Evangelho: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt 10.28; Lc 12.5). Em outras palavras, somente a Deus pertence a autoridade e o poder de julgar, salvar e condenar a alma das pessoas.

É nesse contexto que a pergunta de Tiago ganha todo o seu significado e força: *tu, porém, quem és, que julgas o próximo?* A pergunta é dirigida diretamente ao cristão que fala mal de outros e tem como objetivo envergonhá-lo: quem ela pensa que é para julgar e condenar outros? Frequentemente as Escrituras fazem esse tipo de pergunta para expor a arrogância humana: “Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento?” (Jó 38.2); “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?!” (Rm 9.20); “Quem és tu que julgas o servo alheio?” (Rm 14.4). É somente quando perdemos a convicção de pecado, um espírito quebrantado e a consciência da nossa própria pecaminosidade que arrogantemente nos colocamos sobre os outros, na posição de legisladores e juízes. A pergunta de Tiago desperta a consciência de seus leitores para perceber a gravidade do pecado que cometiam. Esse pecado não

⁵ A maioria dos manuscritos não traz a expressão καὶ κριτῆς, “e juiz”, o que é refletido nas várias traduções em diversas línguas. Em português, a ARC, que geralmente segue a leitura do texto majoritário, em que a expressão é omitida, incluiu-a na tradução. Já a versão Almeida Corrigida Fiel e a Almeida de 1994 omitiram a expressão.

⁶ A NVI e a ARC traduziram ἀπολέσαι como “destruir” em vez de “perecer”. A idéia aqui em Tiago é entregar a alma à miséria eterna, de acordo com o ensino consistente do restante do Novo Testamento. Nesse caso, “perecer” expressa melhor as penas eternas do que “destruir”, que pode acarretar a idéia de destruição e aniquilação da alma após a morte.

era nada menos do que tomar o lugar de Deus como supremo, único e exclusivo Legislador e juiz de todos. Assim, o que a princípio parece ser um pecado contra pessoas, ao final revela-se como uma arrogante pretensão de tomar o lugar de Deus, pecado atribuído ao próprio Lúcifer. Em resumo, a razão pela qual os cristãos da Ásia deveriam parar de falar mal uns dos outros era que, ao fazer isso, estavam na realidade pecando contra Deus.

O pecado das pretensões arrogantes (4.13-17)

4.13 Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Tiago se dirige agora a um outro grupo, cuja atitude de arrogante pretensão quanto ao futuro caracteriza o espírito de mundanismo que nosso autor vem combatendo desde o início do capítulo. O mundanismo (4.4) se expressa por guerras e contendas (4.1-3), pela soberba (4.5-12) e pela pretensão de que se tem controle do futuro (4.13-17).

Atendei, agora, conclama-os Tiago.⁷ Esse vocativo, que só aparece no Novo Testamento aqui e em 5.1, quando Tiago invoca os ricos, é apelo para que um grupo distinto ouça, de imediato, o que se tem a lhe dizer. Tiago deixa muito claro a quem está se dirigindo: *vós que dizeis, hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros*. É evidente que nosso autor se dirige agora aos negociantes judeus cristãos de sua audiência. Negociar era uma das principais atividades dos judeus em suas centenas de colônias espalhadas pelo mundo greco-romano. E a fama deles como negociantes espertos e bem-sucedidos é proverbial até hoje. O Senhor Jesus contou várias parábolas que mencionavam essa atividade dos judeus, como a do negociante de pérolas (Mt 13.45) e a dos servos que deveriam negociar os talentos que receberam (Lc 19.13). A esperteza para negociar fica clara na parábola do administrador infiel que soube negociar com os que deviam a seu patrão (Lc 16.3-6). Lemos ainda dos negociantes no templo (Mt 21.12), dos que vendiam pássaros (Mt 10.29), dos negociantes de azeite (Mt 25.9). O comércio era de tal maneira dominado pelos judeus nas colônias de Roma e Alexandria que com frequência os habitantes locais faziam *pogroms*, perseguições contra os judeus, exigindo das autoridades que os expulsassem.

Notemos que Tiago os censura não pelo desejo de expandir seus negócios, o que em si nada tem de errado, mas pelo *modo* como estavam planejando fazê-lo,

⁷ "Αγε νῦν, "atendei, agora" (ARA), traduzido por "eia, agora", pela ARC. A NVI captou melhor o sentido do vocativo, traduzindo-o como "ouçam, agora".

isto é, cheios de uma confiança carnal no sucesso de sua empreitada, como se as circunstâncias necessárias para que o negócio desse certo estivessem em suas mãos. Mas o pecado deles não residia somente nisso, mas também no fato de se gabarem e se gloriarem desses planos: “atendei, agora, vós *que dizeis*”. Não é errado planejar o futuro e os negócios. Errado é fazê-lo como se tudo estivesse sob nosso controle. Errado é contar antecipadamente com o sucesso, como se tivéssemos poder sobre nossa vida e sobre as circunstâncias. Errado é nos gabarmos e gloriarmos desses planos, declarando-os certos diante dos outros.

Aqueles comerciantes judeus cristãos estavam se vangloriando dos seus planos de, primeiro, mudar-se para uma cidade onde abririam uma filial de seu negócio: “hoje ou amanhã *iremos* para a cidade tal”. A figura é de alguém abrindo um mapa, apontando para uma cidade e fazendo a proposta aos seus sócios de negócio. Segundo: lá passar um ano. Terceiro: lá negociar e ter lucro.⁸ Ao dizer essas coisas, davam a impressão de que eram donos da vida, das circunstâncias e do futuro. A mesma atitude encontramos nos construtores da torre de Babel: “Disseram: Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo tope chegue até aos céus e tornemos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra” (Gn 11.4). E Deus os castigou ali. Da mesma forma, os judeus da época do profeta Isaías exibiam arrogância quanto ao futuro: “Vinde, dizem eles, trarei vinho, e nos encharcaremos de bebida forte; o dia de amanhã será como este e ainda maior e mais famoso” (Is 56.12).

Os comerciantes judeus, que faziam planos para expandir seus negócios sem levar em conta a fragilidade da vida e a total dependência de Deus, estavam desobedecendo à religião judaica, que ensinava, com base no Antigo Testamento, a soberania de Deus em todos os aspectos da vida: “Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz” (Pv 27.1). Além do mais, o próprio Antigo Testamento ensina que a busca dos bens materiais, o acúmulo deles e a confiança neles é idolatria e tolice (cf. Jó 31.24,25; Sl 39.6; 62.10; Pv 11.4; 16.16). Esses ensinamentos foram todos ratificados pelo Senhor Jesus (cf. Mt 6.19,20) e pelos apóstolos (1Tm 6.19). Talvez o melhor comentário para essa passagem de Tiago seja a parábola do rico insensato contada por Jesus (Lc 12.17-20), o qual fez planos para expansão de seus negócios apenas para morrer naquela noite: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” (Lc 12.20).

Aqui, aparentemente, temos um grupo de comerciantes judeus que se converteu ao Cristianismo e continuou na sua atividade, o que em si, nada tem de errado. Contudo, a jactância deles para com sua atitude expansionista e empreendedora, sem levar Deus em conta, era mundana, e merecia uma reprimenda da

⁸ ARC, “contrataremos e ganharemos”; NVI, “faremos negócios e ganharemos dinheiro”, todas traduções possíveis. A NVI provavelmente traduz de forma mais simples e atualizada os planos deles.

parte de Tiago. Aprendemos aqui que Deus é Senhor até de nossos negócios. A visão de Tiago é de que não há área alguma da nossa vida que não esteja sob o domínio de Deus. O Cristianismo não é somente acerca do destino futuro de nossa alma, mas também acerca de nossa vida neste mundo.

4.14 Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Tiago esvazia a arrogante confiança daqueles negociantes judeus cristãos no sucesso de seus planos lembrando-os de dois fatos simples e básicos da vida. Primeiro, a ignorância quanto ao futuro: *vós não sabeis o que sucederá amanhã*.⁹ “Saber” significa estar a par de alguma coisa, ter informações sobre ela. O amanhã é desconhecido ao homem. Deus não lhe concedeu esse conhecimento. O homem pode planejar o amanhã, mas sempre à luz desta realidade: ele não está a par do que acontecerá nem mesmo nos minutos seguintes de sua vida. A vida é cheia de surpresas e imprevistos: “Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz” (Pv 27.1).

Segundo, a fragilidade da vida humana: *que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa*. Tiago obriga-os a refletir sobre a natureza da vida humana. “Que é a vossa vida?” A pergunta incomoda. Os que estão ocupados demais fazendo planos para o futuro não gostam de parar para refletir nas questões básicas da vida. O próprio Tiago responde à pergunta: a vida deles é como a neblina. Ele já havia comparado a transitoriedade da vida humana à flor da erva (1.10). Agora a compara à neblina. Nem todos os seus leitores estariam familiarizados com esse fenômeno. Neblinas não eram comuns na Palestina, um país plano ao nível do mar. Contudo, eram freqüentes nos vales dos montes. A neblina se forma durante as primeiras horas da manhã e se dissipa com o sol. É uma figura apropriada para a efemeridade da vida humana. O profeta Oséias se refere aos ídólatras dizendo: “eles serão como nuvem de manhã, como orvalho que cedo passa” (Os 13.3). “O homem passa como a sombra”, diz o salmista (Sl 39.6). “Os meus dias, como fumaça, se desvanecem” (Sl 102.3). Encontramos o mesmo conceito na literatura apócrifa. *Sabedoria de Salomão* declara que “nossa vida passará como o traço de uma nuvem, e será dispersada como a neblina, que é expelida pelos raios do sol” (*Sab* 2.4). Em *4Esdras* 4.24 se diz: “nossa vida é como a neblina”.

A ignorância sobre o futuro e a transitoriedade da vida humana trazem sobriedade aos cristãos quando fazem planos e faz com que dependam absolutamente daquele que tem em suas mãos tanto o futuro quanto a vida humana.

⁹ Literalmente, Tiago está dizendo: “vós, os que [οἱ τινες] não sabeis o que sucederá amanhã”. Dessa forma, ele enfatiza a ignorância que os negociantes têm do futuro. A NVI traduziu: “vocês nem sabem o que lhes acontecerá amanhã”, que capta bem a ironia de Tiago.

4.15 Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo. A atitude correta quando fazemos planos para o futuro é aqui colocada por Tiago, em contraste à vanglória arrogante.¹⁰ *Em vez disto, devíeis dizer.* Notemos que o erro não era somente planejar o futuro como se fosse certo – era principalmente falar desses planos como se o sucesso deles fosse seguro. “Em vez” de dizer essas coisas, os crentes deveriam dizer: *Se o Senhor quiser, não somente viveremos, como também faremos isto ou aquilo.* Não se trata apenas de declarar formalmente essas coisas, mas de realmente crer nelas e planejar à luz delas. “Não é para se expressar essas palavras como se fossem uma fórmula mágica” (A. T. Robertson). Essa frase era comum entre os pagãos antigos. Hoje, ela ocorre também em outras religiões. Em latim é *Deo volente*. Meu sogro, Pr. Francisco Leonardo Schalkwijk, ensinou-me desde cedo na vida cristã a fazer dessa declaração uma atitude de vida, ao escrever em suas cartas e bilhetes, após cada vez que falava dos seus planos, as iniciais D.V., que eu sabia que significavam “Deo volente”.

Aqui Tiago coloca a vontade de Deus como o fator dominante da história, das circunstâncias e de nossa vida: “se o Senhor quiser”. A vontade de Deus é boa, perfeita e agradável (Rm 12.1). O querer de Deus é que determina o sucesso de nossos planos. Primeiro, porque dele depende se viveremos ou não: “se o Senhor quiser ... viveremos”. Nosso Deus mantém em suas mãos a vida humana. Ele a sustenta e nutre. Precisamos estar vivos para que nossos planos se realizem. Segundo, porque dele depende também as nossas realizações: “se o Senhor quiser ... também faremos isto ou aquilo”. Essa última parte da frase mostra que devemos dizer *Deo volente* para cada pequeno ato da nossa vida.

Essa atitude sempre acompanhou nossos pais na fé. Ao ser expulso de Jerusalém, Davi declarou ao seu fiel amigo Zadoque: “Torna a levar a arca de Deus à cidade. Se achar eu graça aos olhos do SENHOR, ele me fará voltar para lá e me deixará ver assim a arca como a sua habitação” (2Sm 15.25). Quando Paulo planejava suas viagens e visitas, sempre cuidava em deixar claro que elas dependiam do querer do Senhor: “*Se Deus quiser*, voltarei para vós outros” (At 18.21); “irei visitar-vos, *se o Senhor quiser* (1Co 4.19); “a fim de que, ao visitar-vos, *pela vontade de Deus*, chegue à vossa presença com alegria e possa recrear-me convosco” (Rm 15.32); “espero permanecer convosco algum tempo, *se o Senhor o permitir*” (1Co 16.7). A mesma atitude encontramos no autor de Hebreus: “Isso faremos, *se Deus permitir*” (Hb 6.3). A verdade é que o cristão sabe que “muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá” (Pv 19.21).

¹⁰ O contraste é bem expresso pela preposição ἀντὶ, que inicia a frase, indicando um processo de intervenção, visando mudar o quadro.

A arrogante pretensão quanto ao futuro dos negociantes cristãos, portanto, deveria ser substituída por uma declaração de plena dependência de Deus – *Deo volente* – que expressasse a profunda convicção de que a vida é passageira, de que não se sabe o futuro e de que, sem a graça de Deus, nada se pode fazer.

4.16 Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna. No versículo anterior Tiago prescreve o modo pelo qual os comerciantes cristãos deveriam fazer seus planos, ou seja, colocando-os inteiramente na dependência do querer de Deus. Isso prepara o terreno para uma censura direta e severa do nosso autor a esses comérciantes: *Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões*. Em vez de dizerem “se Deus quiser, realizaremos estes planos”, aqueles cristãos estavam se jactando de tais planos como se o sucesso deles dependesse inteiramente de sua esperteza e habilidade para os negócios. Ou seja, o pecado deles era maior do que simplesmente omitir a vontade de Deus quanto ao futuro. “Podemos aprender destas palavras que Tiago está condenando mais do que simplesmente um fala equivocada. Eles estavam se gloriando em suas vãs pretensões. Não somente roubavam a Deus o direito de governar, como também se gloriavam disto” (J. Calvino).

Tiago qualifica os planos deles como “arrogantes pretensões”.¹¹ Quando os planos são feitos sem levar Deus em conta, tornam-se simplesmente pretensões arrogantes. É esta uma das atitudes que caracterizam o mundo sem Deus: “... a soberba da vida” (1Jo 2.16). O cerne dela é que não se tem uma base sobre a qual se gloriar ou jactanciar-se. É por isso que é uma pretensão arrogante, pois é *falsa* (“vã”: Is 16.6). Os homens se gloriam daquilo sobre o que não têm o menor controle, como aqueles que se jactanciam das suas obras para a salvação (Rm 3.27). No caso em foco, aqui, a jactância é sobre planos futuros para expandir negócios em outras cidades. Tiago qualifica a jactância dos negociantes cristãos de *maligna*. O adjetivo que Tiago usou aqui significa literalmente “má”. Não tem necessariamente uma relação direta com o Maligno. Significa apenas que as pretensões são más, por serem falsas, infundadas e, portanto, arrogantes e mundanas. “Todo esse orgulho é mau” (BLH). As Escrituras condenam consistentemente pretensões assim. Gabar-se daquilo que é falso é comparado com os ventos que não trazem chuva (Pv 25.14). Isaías denuncia a arrogância da Babilônia, ao planejar o domínio perpétuo do mundo (Is 47.7,10).

Lembre-mos de que Tiago não está condenando os planos para o futuro, mas a pretensão humana de fazê-los como se o sucesso deles dependesse inteiramente de nós.

¹¹ Ἀλαζονείαις, “arrogantes pretensões” (ARA), “presunções” (ARC), “pretensões” (NVI). Muito embora o termo “arrogante” não esteja no original, esse é o sentido implícito.

4.17 Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando. Tiago conclui sua argumentação contra a jactância de planos futuros que foram feitos sem levar o querer de Deus em consideração. Sua conclusão traz de volta o contraste entre os que sabem, mas não fazem, os que ouvem, mas não praticam, os que têm fé, mas não têm obras (1.22-27; 2.12; 2.14-17; 3.13). Aqui, no original grego, o contraste é entre o *saber* e o *não fazer*.¹² O conhecimento do bem que não é seguido de ação concreta acaba sendo pecado para o sabedor.¹³ Literalmente, é isto que é dito por Tiago: tal conhecimento “é pecado para ele”.¹⁴

Lembramo-nos imediatamente da parábola que o Senhor contou, do servo que “conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade”, e acabou sendo severamente castigado (Lc 12.47). A bem-aventurança vem somente sobre os que conhecem o bem e o praticam (Jo 13.17). O conhecimento do bem e da verdade faz que as pessoas sejam indesculpáveis diante de Deus, incapazes de alegar ignorância por seus pecados e delitos contra a santa lei de Deus: “tais homens são indesculpáveis” (Rm 1.20b), pois “conhecem a sentença de Deus” (Rm 1.32). O grande argumento do apóstolo Paulo contra a arrogância dos judeus incrédulos foi exatamente essa dicotomia entre o conhecimento que tinham da lei de Deus e a falta de conformidade com ela (Rm 2.17-23). Pois a lei, ao trazer o conhecimento do bem, caracteriza o homem como pecador, pois este é incapaz de praticá-la (Rm 7.13).

O pecado referido por Tiago é aquele de *omissão*. Os negociantes das igrejas cristãs da Dispersão às quais Tiago escreve estavam pecando por deixar de fazer aquilo que sabiam fazer, ou seja, dizer “se Deus quiser” após cada pequena ação idealizada em seus planos de expansão. Eles sabiam, por serem judeus e cristãos, que seus planos de expandir os negócios dependiam exclusivamente de Deus para funcionar. Esse conhecimento, que deveria levá-los à submissa adoração e dependência do Senhor, tornou-se a sua própria sentença condenatória, em virtude do mundanismo de sua atitude de jactância arrogante. “O conhecimento do dever que não é usado é pecado, o pecado de omissão” (A. T. Robertson).

¹² Εἰδότηι ... καὶ μὴ ποιοῦντι, literalmente, “ao sabedor ... e não fazedor”.

¹³ A ARA e a NVI traduziram εἰδότηι καλὸν ποιεῖν como “aquele que sabe *que deve* fazer o bem”. Mas o conhecimento a que Tiago se refere não é quanto ao dever de fazer o bem, mas ao bem em si. A ARC traduziu mais corretamente: “aquele que sabe fazer o bem”.

¹⁴ Ἀμαρτία αὐτῷ ἐστίν, traduzido por todas as versões em português como “comete pecado”. As versões em inglês, alemão e holandês, na quase absoluta maioria, traduzem dando a entender que o pecado referido é o próprio conhecimento que não é seguido de ação correspondente.

A CONDENAÇÃO DOS RICOS OPRESSORES

(5.1-6)

RESUMO

Esse capítulo introduz uma nova seção da carta, a menos que queiramos tomar os “ricos” aos quais Tiago se dirige como os mesmos comerciantes pretensiosos da perícope anterior (4.13-17). O mais provável, porém, é que se trata de um grupo distinto, pois Tiago emprega novamente a expressão *atendei, agora*, que havia usado para introduzir a censura aos comerciantes que se jactanciavam de seus planos (4.13). Esse outro grupo, o de ricos opressores, integra o bloco de mundanos que Tiago vem condenando desde 4.1. O mundanismo (4.4) se expressa por guerras e contendas (4.1-3), pela soberba (4.5-12), pela pretensão de que se tem controle do futuro (4.13-17) e pela opressão dos pobres (5.1-6). Aqui, em estilo profético típico dos videntes do antigo Israel, Tiago recrimina veementemente os ricos opressores que estavam acumulando riquezas à custa do salário dos seus jornaleiros. Boa parte desses trabalhadores pobres era constituída por judeus cristãos.

A miséria dos ricos opressores (5.1-3)

5.1 Atendei, agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos sobrevirão. A primeira questão que precisa ser resolvida para a interpretação correta dessa passagem é identificar os “ricos” aos quais Tiago se dirige. Seriam judeus ricos que haviam se convertido ao Cristianismo e freqüentavam as igrejas? A favor dessa hipótese está o fato de que Tiago se dirige a eles como se estivessem na audiência para a qual a carta seria enviada e onde seria lida. Além disso, apesar de poucos, houve casos de judeus ricos que se converteram a Cristo durante as primeiras décadas de expansão do Cristianismo e que

passaram a fazer parte das primeiras comunidades cristãs espalhadas pelo mundo greco-romano (cf. At 18.8,17). Mas não somente judeus; pagãos ricos também vieram à fé em Cristo, especialmente mulheres da nobreza (cf. At 13.50; 17.4; 17.12). Sendo donos de propriedades e campos, tinham assalariados a seu serviço, entre os quais estavam, naturalmente, cristãos pobres, pois muitos de entre a pobreza haviam crido no Rei da glória (cf. **1.9,10; 2.1-5**). Tiago aqui estaria condenando esses cristãos ricos pela opressão aos seus empregados, que ele chama de “pobres”.

Contudo, essa não nos parece a interpretação mais provável, considerando que, em toda a carta, Tiago faz contrastes constantes entre cristãos pobres e ímpios ricos, sempre favorecendo os pobres e repreendendo os ricos, em contextos que indicam que aqueles estariam sendo oprimidos por estes. Assim, se o crente pobre deve gloriar-se em sua dignidade, o rico, por sua vez, deveria gloriar-se no fato de suas riquezas serem passageiras e murcharem como a flor do campo (**1.9-11**). Os pobres foram escolhidos para serem ricos na fé, ao passo que os ricos estavam arrastando aos tribunais alguns irmãos pobres e blasfemavam o nome de Jesus (**2.1-7**). E, agora, Tiago denuncia os ricos que oprimiam os trabalhadores pobres, retinham e alteravam o salário deles, enriquecendo-se à custa de sua miséria (**5.1-6**). Dessa forma, Tiago nunca se refere a eles como irmãos, como faz com os cristãos pobres. Sempre os trata como “os ricos”, como se não fizessem parte das igrejas. E as atitudes dos ricos e os castigos que anuncia contra eles, especialmente em **4.13-16** e **5.1-6**, se harmonizam mais com o fato de serem ímpios. E, conforme já mencionado no comentário de **1.10**, o fato de que se dirige a eles na carta pode se explicar como linguagem profética, à semelhança da empregada pelos profetas do Antigo Testamento, os quais vaticinavam contra reinos e nações distantes. Os profetas se dirigiam a essas nações de forma direta, como se elas pudessem ouvir o que era dito. Contudo, tais nações provavelmente nunca ouviram nem tiveram notícia do que o profeta escreveu (cf. Is 33.13; Jr 6.18; 31.10; Ez 25.3, etc.). Portanto, é mais provável que os “ricos” de **5.1** sejam os padrões ímpios dos crentes pobres, responsáveis em grande parte pela miséria e sofrimento pelos quais os pobres passavam por ocasião dessa carta.

Tiago, à semelhança dos profetas do Antigo Testamento, se dirige aos ricos ímpios e opressores, chamando a atenção deles – “*atendei, agora*” –¹ para a determinação: “*chorai lamentando*”.² Essa combinação de choro e lamento aparece com frequência no Antigo Testamento como referência a uma dor pro-

¹ Literalmente, “*ἄγε νῦν*” significa “Venha, agora”. A expressão é usada como uma interjeição para chamar a atenção. Daí a NVI corretamente ter traduzido como “ouçam agora”.

² O verbo grego ὀλοῦν, “lamentar”, é onomatopéico, ou seja, imita a coisa significada. É dele que vem nosso verbo “ulular”, que significa gritar de aflição ou de dor, produzindo um som plangente como um ululo ou uivo de animal ferido (cf. Is 13.6; Jr 4.8).

funda que se expressa por meio de choro, em casos de morte de entes queridos (Gn 23.2; Jr 31.15), de profunda tristeza (Ne 1.3,4; Jó 30.31), de arrependimento pelos pecados e pela expectativa do juízo de Deus (Ne 8.9), de desastres nacionais (Is 15.2,3; Jr 9.10). O Senhor Jesus disse que os que hoje estão fartos virão a chorar e a lamentar, uma referência, naturalmente, aos juízos penderes de Deus sobre eles (Lc 6.25). O próprio Tiago já havia determinado o choro e o lamento como atitude necessária aos crentes mundanos, em sinal de arrependimento (4.9). Em Apocalipse, o choro e o lamento aparecem associados com o terror dos ímpios ao verem a grande Babilônia destruída, símbolo da opulência e poderio humanos, como prenúncio de sua própria destruição (Ap 18.9,11,15,19). Tiago aqui está seguindo o Mestre, que pronunciou um ai sobre os ricos: “Mas ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação” (Lc 6.24). É óbvio que o Senhor se referia aos ricos ímpios, pois em nenhum lugar as Escrituras proíbem a riqueza, e sim o amor a elas e o esquecimento de Deus que elas geralmente provocam (Dt 8.12-14; Ne 9.25,26; 1Tm 6.9,10).

Tiago exorta os ricos ímpios e opressores a chorar e lamentar *por causa das desventuras, que [lhes] sobrevirão*. Ele já havia dito que o rico, à semelhança da flor da erva que se murcha diante do ardente calor do sol, haveria de murchar-se diante do sol abrasador do juízo de Deus (1.11). Essas “desventuras”, ou “misérias” (ARC), ou “desgraças” (NVI) dos ricos estão a caminho. Elas “lhes sobrevirão”. São ainda futuras e talvez por isso os ricos consigam alegrar-se no presente e permanecer insensíveis para com o sofrimento que infligem aos pobres que trabalham como seus assalariados. A bondade de Deus em postergar todo juízo para o último dia tem como objetivo levar os homens ao arrependimento, conforme Paulo explica aos judeus: “Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?” (Rm 2.4). Contudo, por causa da dureza do coração, e diante da ausência de castigo imediato, os ímpios se sentem seguros para praticar o mal abertamente, conforme observou Salomão: “Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal” (Ec 8.11). Tiago aqui adverte aos ricos opressores que desventuras estão por vir sobre eles, e que, portanto, eles devem começar a chorar e lamentar-se. “Não se trata de uma chamada ao arrependimento, mas de um aviso do juízo certo” (A. T. Robertson). “Enganam-se aqueles que pensam que Tiago aqui conclama os ricos ao arrependimento. Parece-me que se trata simplesmente de uma proclamação do julgamento de Deus, com o objetivo de encher os ricos de terror, sem dar-lhes qualquer esperança de perdão, levando-os ao desespero” (J. Calvino).

Se as pessoas dessem ouvidos ao ensino das Escrituras quanto ao juízo de Deus sobre o pecado, a atitude delas mudaria de leviandade e alegria superficial

para uma profunda seriedade e quebrantamento seguidos de preocupação pelas coisas espirituais. Ricos divertem-se à custa da opressão e da corrupção, quando deveriam estar chorando e lamentando diante do que lhes aguarda. Se o rico da parábola de Lázaro soubesse com clareza o que o aguardava após a morte, não teria vivido de forma esplêndida e regalada, mas teria antecipado na terra todo o choro e lamento que mais tarde lhe sobreveio no inferno (Lc 16.19,23). No livro de Jó temos uma descrição da miséria que virá sobre os ricos ímpios (Jó 20.15-19). O próprio Tiago nos dá, em seguida, sua própria versão, em detalhes.

5.2 As vossas riquezas estão corruptas, e as vossas roupas, comidas de traça. Tiago começa agora a expor as desventuras a que se referiu no verso anterior. A primeira delas é que as riquezas que os ímpios acumularam zelosamente ao longo da vida estão sendo destruídas (5.2,3). É nesse sentido que Tiago declara: *vossas riquezas estão corruptas*. As riquezas dos ímpios, ajuntadas e entesouradas cuidadosamente, preservadas e protegidas zelosamente, na verdade, do ponto de vista da eternidade e do ponto de vista de Deus, estão apodrecidas, rotas, corroídas.³ Ou seja, não têm valor algum, pois “as riquezas de nada aproveitam no dia da ira” (Pv 11.4; cf. Pv 10.2). O que dará o homem em troca de sua alma?

Tiago especifica dois tipos de riqueza comuns em seus dias. O primeiro eram as roupas: *as vossas roupas [estão] comidas de traça*. Roupas finas eram consideradas como parte das riquezas que uma pessoa tinha. O rico, no Antigo Oriente, era descrito geralmente como alguém que se vestia de forma esplendorosa, com roupas caras, como o rico da história de Lázaro, que “se vestia de púrpura e linho finíssimo” (Lc 16.19). O próprio Tiago, ao descrever a entrada de um rico na Igreja, se refere a ele como alguém com “anéis de ouro nos dedos, em trajes de luxo” (2.2). A realidade, porém, quanto àquelas roupas esplêndidas, é que, aos olhos de Deus, e da perspectiva do juízo, eram como roupas comidas pela traça, praga comum naqueles dias. “Eram roupas caras que vieram como herança de família, mas comidas pela traça. Um quadro muito vívido” (A. T. Robertson). Roupas roídas pela traça são usadas na Escritura como figura do castigo divino sobre a arrogância e a opulência dos ímpios (cf. Sl 39.11; Is 50.9; 51.8; Os 5.12). Sobre esses ricos sobreveio aquilo que disse o Senhor: “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam” (Mt 6.19). O segundo tipo de riqueza eram o ouro e a prata, que Tiago menciona no verso seguinte.

³ “Estão corruptas”, σέσηπεν, literalmente, “têm se corrompido”, no sentido de estragado, apodrecido. A NVI e a ARC, ao optarem por “apodrecer”, dão o sentido de forma mais precisa: “A riqueza de vocês apodreceu” (NVI), ou “estão apodrecidas” (ARC).

5.3 o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos e há de devorar, como fogo, as vossas carnes. Tesouros acumulastes nos últimos dias. Tiago continua a enumerar as misérias que sobrevirão aos ricos ímpios. No verso anterior ele menciona o apodrecimento das riquezas e as roupas finas roídas pela traça. A isso acrescenta: *o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens*. Cereais, roupas, ouro e prata compunham os bens de um rico no Antigo Oriente. Do ponto de vista da eternidade, as riquezas terrenas, especialmente aquelas adquiridas de forma iníqua, de nada valem. Tiago expressa esse conceito falando da corrosão do ouro e da prata pela ferrugem. “A prata realmente se corrói e o ouro perde o brilho e se empana” (A. T. Robertson). A idéia da prata se enferrujando ocorre no livro de Siraque: “perca a sua prata por amor a um irmão ou amigo, mas não a deixe enferrujando debaixo de uma pedra, e se perdendo” (29.10).

Tiago emprega o verbo que foi traduzido pela ARA como “gastos de ferrugens” num tempo grego que significa um processo que está em andamento, com efeitos no presente. Alguns estudiosos chamam esse tempo verbal de “perfeito profético” quando se refere a uma ação futura como se já estivesse sendo realizada. Todas as principais versões em português preferiram traduzir esse verbo como “enferrujaram” ou “foram gastos de ferrugem”, enfatizando o aspecto passado. Contudo, uma tradução como “têm se enferrujado” ou “têm sido gastos pela ferrugem”, além de estar correta, expressa bem a idéia de um processo que está em andamento, e se encaminha para o juízo final.

Um aspecto da miséria dos ricos é o de que as próprias riquezas se virarão contra eles no dia do juízo: *a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos*.⁴ Tiago já havia usado a palavra “ferrugem” em 3.8, em que foi traduzida como “veneno”. Ela ocorre também em Romanos 3.13 como “veneno”. A ferrugem é o veneno que mata o ouro e a prata. Tiago aqui dramatiza o julgamento dos ricos ímpios e personifica a ferrugem como testemunha de acusação. A idéia de “coisas” servirem de testemunha dos afazeres humanos é comum no Antigo Testamento (cf. Gn 31.48,52; Js 24.27). O testemunho da ferrugem é de que o ouro e a prata permaneceram por décadas acumulados e entesourados em cofres e depósitos enquanto os pobres assalariados dos ricos eram mal pagos e oprimidos. Ficaram lá, parados, cheios de pó e de teias de aranha. Um quadro similar é aquele narrado pelo Senhor Jesus, do rico que se banqueteava abundantemente enquanto à sua porta, na verdade, aos seus pés,

⁴ A ARC traduziu “a sua ferrugem *dará* testemunho contra vós” (cf. Rm 2.5). Muito embora ao final o sentido seja similar, a tradução da ARA e da NVI, que enfatizam o fato de que o testemunho é a própria ferrugem, corresponde melhor ao original ὁ τοῦ αὐτοῦ ἐν μαρτύριον ὑμῖν ἔσται.

havia um mendigo que aguardava que as migalhas caíssem da mesa (Lc 16.19-21). O contraste coloca em relevo a insensibilidade dos ricos diante da miséria dos pobres e oprimidos.

A ferrugem, contudo, além de testemunha, será também o carrasco dos ricos opressores, na personificação de Tiago: *há de devorar, como fogo, as vossas carnes*. A cena prossegue: os ricos são julgados e condenados ao fogo eterno. E o combustível que alimenta esse fogo é a própria ferrugem do ouro e da prata que acumularam durante décadas, à custa dos salários dos pobres. Nos Salmos lemos que “o fogo devorará” os ímpios (22.10). No livro apócrifo de Judite há uma passagem similar: “O Deus Todo-Poderoso se vingará deles no dia do julgamento; dará fogo e vermes para comer as suas carnes; eles lamentarão, em dor, para sempre” (16.17). Aqui Tiago inclui a idéia da ferrugem das riquezas acumuladas como o algoz que atormentará os ímpios no inferno. É um símbolo da avareza, que, como câncer, corrói a alma dos que amam as riquezas. O quadro é terrível e não oferece qualquer esperança de misericórdia ou perdão, mas de juízo certo e irrevogável. Que ironia: passaram sua vida toda alimentando aquilo que os haveria de destruir pela eternidade afora!

Tiago pronuncia a sentença condenatória: *Tesouros acumulastes nos últimos dias*. Aqui é que reside a acusação contra os ricos, que é comprovada pela ferrugem de suas riquezas. Eles se dedicaram a acumular riquezas, e isso de maneira ilícita, durante os “últimos dias”, isto é, no período em que Deus, em sua graça, mediante Jesus Cristo chamou do mundo o seu povo.⁵ “Últimos dias” é uma expressão que ocorre com frequência nos profetas e indica o dia escatológico do Senhor, a era da salvação que haveria de raiar em Cristo Jesus, seguida do juízo eterno sobre toda iniquidade e todo mal (Is 2.2; Jr 48.47; Ez 38.16; Dn 2.28; Os 3.5; Mq 4.1). A expressão é usada pelos demais autores do Novo Testamento para se referir ao período que foi inaugurado com a vinda de Cristo e que se encerrará com a sua segunda vinda, a *parousia* (At 2.17; 2Tm 3.1; Hb 1.2; 2Pe 3.3; cf. ainda “última hora”, em 1Jo 2.18; “fins dos séculos”, em 1Co 10.11; “último tempo”, em 1Pe 1.5; Jd 1.18; “último dia”, em Jo 6.39-44; 11.24; 12.48, etc.).

O ponto de Tiago é que os ricos, indo na contramão da história da redenção, gastaram sua vida acumulando riquezas, sem perceber o significado escatológico do momento em que viviam, do raiar da nova era em Cristo Jesus, da chegada do

⁵ A AARC traduziu *ἐθθαυρίσατε ἐν ἐσχάταις ἡμέραις* como “entesourastes para os últimos dias”, tomando a preposição *ἐν* como marcador de extensão e indicador do objetivo da ação de entesourar. O mesmo fizeram outras traduções em inglês, etc. Não é impossível que esse seja o sentido do que Tiago esteja dizendo, ou seja, mesmo sem saber, os ricos estavam acumulando riquezas que deporiam contra eles no julgamento final. Contudo, a tradução da ARA e da NVI talvez deva ser preferida porque assinala na sequência em que reside a condenação dos ricos, cujo julgamento e castigo ele descreveu de forma tão gráfica nas frases anteriores.

Reino de Deus em Cristo. Essa passagem de Tiago tem uma notável similaridade com o Sermão do Monte, no qual o Senhor Jesus adverte contra o acúmulo de riquezas em contraste com a busca do Reino:

Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração ... Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas ... buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã ... (Mt 6.19-32).

Essa passagem se aplica a todos que, hoje, gastam a vida perseguindo riquezas e bens, e se esquecem de que o Reino de Deus já chegou e de que ele deve ter a prioridade em nossa vida.

Os pecados dos ricos opressores (5.4-6)

5.4 Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Tiago chama a atenção dos ricos para que considerem de perto mais uma miséria que os aguarda. Além da ferrugem de seus tesouros, que dará testemunho contra eles e devorará suas carnes no juízo, também o *salário dos trabalhadores que ceifaram os [seus] campos* terá uma participação decisiva.

Trabalhar nas terras de ricos proprietários era comum naqueles dias, como também hoje. Os trabalhadores lavravam as terras, semeavam, cuidavam da colheita e finalmente a ceifavam. Para a ceifa, se contratavam trabalhadores temporários, que ganhavam pelo dia de trabalho. Finda a ceifa, eram dispensados. O salário deles era pago ao fim do dia. Esses diaristas, ou “jornaleiros”, tinham suas atividades e salário regulados pela lei de Moisés. Geralmente ganhavam o dobro do que os escravos recebiam (Dt 15.18). Apesar de não ser tão ruim como a escravidão, ainda assim, a vida de jornaleiro é usada na Bíblia como exemplo de sofrimento e dureza (cf. Jó 7.1,2). Eles deveriam ser pagos no mesmo dia em que trabalharam (Dt 24.15; Jó 7.2). Era proibido deixar para pagá-los no dia seguinte (Lv 19.13). Várias leis mostravam misericórdia e cuidado para com eles (Lv 25.6; 25.40-41; 25.53). Era proibido aos judeus oprimir seus jornaleiros (Dt 24.14) e defraudar o salário deles. Deus disse claramente que esse era um dos pecados contra os quais ele seria testemunha veloz (Mt 3.5). Sem dúvida,

é esse ponto que Tiago tem em mente ao denunciar os ricos de *reter com fraude* ou “diminuir” (ARC) o salário de seus trabalhadores. Era dessa forma que entesouravam ouro e prata.

Tiago diz que o salário retido *está clamando*, como se fosse uma testemunha do sofrimento do trabalhador. Aqui encontramos um dos meios pelos quais os ímpios se tornaram ricos, isto é, mediante a retenção do pagamento do jornaleiro, que deveria ser feito, pela lei de Moisés, até o pôr-do-sol do mesmo dia: “No seu dia, lhe darás o seu salário, antes do pôr-do-sol, porquanto é pobre, e disso depende a sua vida; para que não clame contra ti ao Senhor, e haja em ti pecado” (Dt 24.15).

Além do clamor do salário retido, também *os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos*. Embora “Senhor dos Exércitos” seja um dos nomes de Deus mais freqüentes do Antigo Testamento, ele só ocorre no Novo Testamento aqui e em Romanos 9.29. Os “exércitos” dos quais Deus é Senhor são os exércitos dos céus que ele mesmo criou (Gn 2.1) e que simbolizam toda a criação. O título, portanto, se refere ao fato de que Deus lidera e comanda os poderes existentes no universo. E, como tal, tem um poder que sobrepuja e subjuga todas as coisas, até mesmo seus inimigos. O sentido, portanto, é “Deus Todo-Poderoso” (BLH). Essa relação entre Deus, como Senhor dos Exércitos, e o clamor do oprimido pode ser vista também em Isaías 5.7: “Porque a vinha do *Senhor dos Exércitos* é a casa de Israel ... este desejou que exercessem juízo, e eis aí quebrantamento da lei; justiça, e eis aí *clamor*”. Foi provavelmente por esse motivo que Tiago escolheu o título de Deus nesse contexto. Quem está ouvindo os clamores dos trabalhadores injustiçados é aquele que é poderoso para reagir com força e castigar todos os injustos.

Os “clamores dos ceifeiros” são uma referência às orações e súplicas dos trabalhadores crentes oprimidos, que clamam a Deus por justiça, por não receberem o salário acertado para ceifar os campos dos ricos.⁶ Moisés já havia advertido aos israelitas que não retivessem o salário do pobre trabalhador, “para que não clame contra ti ao Senhor, e haja em ti pecado” (Dt 24.15; Êx 22.26,27). Figuradamente é dito que a terra clama a Deus, por ter sido lavrada de maneira injusta (Jó 31.38). Assim, o sangue de Abel clamou da terra aos céus (Gn 4.10).

O clamor causado pela opressão e pela injustiça, segundo Tiago, entra “nos ouvidos” do Senhor dos Exércitos. A linguagem, obviamente, é antropomórfica: Deus não tem corpo ou forma física. Significa que ele ouve e atende a esses

⁶ A NVI traduziu αὐτοῖς como “lamento” dos ceifeiros, em vez de “clamor” dos ceifeiros. O termo só ocorre aqui, no Novo Testamento. Não ocorre na LXX, embora apareça em Homero e Josefo. Neste, ocorre em *Antiguidades* 8.339, em que é dito que Elias mandou os profetas de Baal “clamarem em alta voz” aos seus deuses. É esse sentido de “clamar”, em nosso entender, que melhor traduz o termo em 5.4.

clamores (cf. Êx 2.23,24; 3.9; Jó 34.28; Sl 9.12), o que pode vir a significar castigo e punição dos opressores, conforme Êxodo 22.22-24. Daquilo que os ricos praticaram às ocultas Deus tomou conhecimento. “Deus ouve o clamor dos oboiros oprimidos mesmo que os empregadores sejam surdos” (A. T. Robertson).

Aqui temos mais um aspecto das misérias que sobrevirão aos ricos. Não somente suas riquezas darão testemunho contra eles, mas os salários retidos com fraude servirão de denúncia contra eles diante do Todo-Poderoso Deus. E Deus haverá de fazer justiça. O mundanismo (egoísmo, materialismo) daqueles ricos haveria de ser castigado no dia do juízo, para o qual o Senhor tem reservado o pleno exercício da justiça.

5.5 Tendes vivido regaladamente sobre a terra; tendes vivido nos prazeres; tendes engordado o vosso coração, em dia de manança. Tiago continua a denunciar o pecado dos ricos opressores. Após mencionar a retenção fraudulenta do salário dos ceifeiros, cita o egoísmo insensível deles, que os levava a viver festejando enquanto os trabalhadores padeciam necessidade. Mas o fim deles estava próximo.

O egoísmo insensível dos ricos opressores é denunciado em três declarações. Primeira: *tendes vivido regaladamente sobre a terra*.⁷ “Viver regaladamente” é a tradução de um verbo que só ocorre em Tiago, embora seja frequente nos livros apócrifos, Filo e Josefo, além de outros autores gregos antigos. Na LXX ocorre em Neemias, mas com sentido positivo: “comeram, e se fartaram, e engordaram, e *viveram em delícias*, pela tua grande bondade” (Ne 9.25; cf. ainda Is 66.11). Não é pecado desfrutar os prazeres da vida. O próprio Deus por vezes permite que seus filhos façam isso. No caso aqui, Tiago condena o viver regaladamente *à custa* de riquezas que foram acumuladas de forma ilícita e enquanto o pobre geme nos campos pelo salário retido com fraude. Nabal se banqueteou, com banquete de rei, contudo negou a Davi um pouco de comida, causa pela qual foi mais tarde punido por Deus (1Sm 25.2-38). Jó descreve a prosperidade dos ímpios referindo-se à maneira regalada com que eles e seus filhos vivem, ao mesmo tempo em que dizem a Deus: “retira-te de nós” (Jó 21.11-15). Tiago enfatiza que a vida regalada do rico opressor tem sido “sobre a terra”, provavelmente para enfatizar o caráter materialista e mundano de quem só pensa em desfrutar os prazeres desta vida, sem consideração para com o fato de que estes são os “últimos dias” (5.3) e o julgamento final se aproxima (5.4).

⁷ ARC (“deliciosamente vivestes”) e NVI (“vocês viveram luxuosamente”). A diferença do tempo verbal entre as traduções se deve a diferentes compreensões do sentido do aoristo grego de ἐτρυφήσατε. O aoristo não exprime sempre e necessariamente uma ação completa no passado, mas pode, por vezes, olhar uma ação do ponto de vista do seu resultado, da sua inceptção ou mesmo de sua atemporalidade, como evento em si. De qualquer forma, a diferença entre as traduções não compromete a compreensão da passagem.

Segunda: *tendes vivido nos prazeres*. Esse verbo é usado somente de forma negativa no Novo Testamento. Paulo usa-o para referir-se à viúva que “vive em deleites” (1Tm 5.6). O verbo descreve o viver de forma voluptuosa, na luxúria. Na LXX ele ocorre em Ezequiel com o mesmo sentido: “Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e *próspera tranquilidade* teve ela e suas filhas; mas nunca amparou o pobre e o necessitado” (Ez16.49).

Terceira: *tendes engordado o vosso coração, em dia de matança*.⁸ Essa frase pode ser interpretada de duas maneiras. Primeira: Tiago estaria dizendo que os ricos ímpios estavam engordando o coração como aqueles que engordavam no dia da matança de bois ou carneiros nas fazendas, quando o proprietário oferecia sacrifícios (J. Calvino) e em seguida dava um grande banquete aos seus amigos e convidados. Ali se comia até ao nojo. Em favor dessa interpretação está o fato de que a prática de matar novilhos cevados em ocasião festiva era comum no Antigo Oriente, especialmente entre os judeus. O pai do filho pródigo mandou matar um novilho cevado por ocasião do seu retorno (Lc 15.23). Isaías descreve o descaso dos judeus ímpios para com Deus dizendo: “Porém é só gozo e alegria que se vêem; matam-se bois, degolam-se ovelhas, come-se carne, bebe-se vinho e se diz: Comamos e bebamos, que amanhã morreremos” (Is 22.13). Amós também se refere a isso: “... dormis em camas de marfim, e vos espreguiçais sobre o vosso leito, e comeis os cordeiros do rebanho e os bezerros do cevadouro” (Am 6.4). As pessoas que viviam se banquetear com carne assada de bois, novilhos e carneiros engordavam a cada refeição.⁹ Se essa interpretação for a correta, estabelece uma comparação entre o engordar do coração dos ricos e o engordar nos banquetes em dia de matança. E aí faz sentido a tradução da NVI: “fartaram-se de comida em dia de abate”.

A outra alternativa, que nos parece a mais provável, é de que Tiago está dizendo que os ricos estão engordando o coração como o boi que é engordado para ser abatido no dia da matança. Esse sentido foi capturado pela BLH: “estão gordos como gado pronto para o matadouro”. A favor dessa interpretação está o tom escatológico da passagem. Tiago adverte os ricos de que serão abatidos como novilhos cevados. “Dia da matança” aqui pode se referir ao dia da matança de Deus, o dia do juízo, quando ele destruirá os ímpios. Veja essa mesma

⁸ Há uma variante ao texto grego que, em vez de καρδιάς, “corações”, traz σάρκας, “carnes”. “Engordastes as vossas carnes”. A variante talvez se dê por causa de 5.3, em que Tiago diz que o fogo comerá as carnes dos ricos.

⁹ Há uma leitura alternativa ao texto grego que, em vez de dizer “em dia de matança”, diz “como em dia de matança” (ARC). Essa variante é da maioria dos manuscritos, que traz ὡς antes de ἐν. A diferença não influencia tanto a nossa discussão. A ARC seguiu a maioria dos manuscritos, enquanto a ARA e a NVI, como de costume, ficaram com a leitura do texto crítico.

imagem usada em Apocalipse, no qual o dia do juízo final é apresentado como um banquete dado por Deus com carne humana para as aves dos céus:

Então, vi um anjo posto em pé no sol, e clamou com grande voz, falando a todas as aves que voam pelo meio do céu: Vinde, reuni-vos para a grande ceia de Deus, para que comais carnes de reis, carnes de comandantes, carnes de poderosos, carnes de cavalos e seus cavaleiros, carnes de todos, quer livres, quer escravos, tanto pequenos como grandes (Ap 19.17,18; cf. 17.16).

Se essa é a interpretação correta, Tiago diz nesse texto aos ricos opressores que a vida em prazeres que levam sobre a terra, sem que sejam punidos ou castigados, na verdade, é um processo de engorda do coração deles. Eles estão sendo cevados por Deus para o dia da matança. Como o boi cevado, que nem desconfia da finalidade pela qual o seu dono o empanturra de comida todo dia, os ricos são engordados com as riquezas e prazeres obtidos e desfrutados de forma ilícita, para que, quando chegarem ao matadouro do juízo, estejam prontos e maduros para o abate de seu coração perverso. Que quadro tremendo e terrível!

Há várias passagens nas Escrituras descrevendo ou se referindo aos que vivem da maneira mencionada por Tiago aqui. Os profetas, em especial, denunciavam uma vida no luxo, no materialismo, na indiferença e na impiedade. Amós denuncia os ricos judeus de Samaria e nos dá uma descrição do estilo de vida luxuosos deles em Amós 6.1,5,6. Ele chama as ricas madames de Samaria de “vacas de Basã” (Am 4.1). Veja também Isaías 5.11.12. Judas se refere aos que “são como rochas submersas, em vossas festas de fraternidade, banquetecendo-se juntos sem qualquer recato” (Jd 12).

Não é pecado gozar da prosperidade que Deus dá, mas é pecado a insensibilidade para com os pobres, a dissolução, o luxo e o desperdício num país cheio de pobres, o viver para satisfazer os desejos carnis, sem negar-se qualquer um deles. Tiago nos dá aqui uma descrição da sociedade consumista moderna – e muitos crentes vivem assim.

5.6 Tendes condenado e matado o justo, sem que ele vos faça resistência. O último pecado dos ricos opressores mencionado por Tiago é a condenação e a morte do “justo”. O uso do artigo definido, *o justo*, pode indicar um justo em particular. Alguns estudiosos entendem que Tiago se refere a Jesus Cristo, a quem os ricos fariseus mataram sem que ele tenha oferecido resistência. Estêvão havia denunciado os ricos fariseus por terem matado a Cristo, o Justo: “Eles [vossos antepassados] mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos” (At 7.52).¹⁰ Tiago aqui estaria

¹⁰ Há uma outra sugestão de que Tiago se refere à sua própria morte, que estava próxima. O historiador cristão Eusébio, do século 4º, nos diz em sua *História Eclesiástica* (ii.23) que Tiago era

incluindo entre os assassinos de Jesus os ricos que oprimiam os cristãos pobres que ceifavam seus campos. Contudo, uma acusação desse tipo seria facilmente replicada pelos ricos opressores da época de Tiago, dizendo: “não fomos nós; nem estávamos lá”. Além do mais, pelo contexto, é mais provável que “o justo” seja um uso genérico do singular, referindo-se à classe toda dos justos. “O justo” deve ser entendido como o cristão pobre que lavra e ceifa o campo dos ricos, mas cujo salário é retido por eles com fraude (5.4). Eles são chamados de “justos”, quer no sentido de inocentes e indefesos, quer no sentido de “justificados” em Cristo, mas nunca pelo simples fato de serem pobres. O objetivo de Tiago ao chamá-los de justos é colocar em relevo a perversidade do crime dos ricos opressores.

A condenação e a morte dos jornaleiros cristãos pobres decorriam dos processos movidos contra eles pelos ricos diante do magistrado civil, fato mencionado explicitamente por Tiago: “Não são os ricos que vos oprimem e não são eles que vos arrastam para tribunais?” (2.6). Esses processos movidos pelos ricos contra os pobres eram provavelmente em decorrência do não-pagamento de dívidas. A lei de Moisés protegia os pobres em caso de impossibilidade de pagar dívidas dessa natureza (ver Êx 22.25-27; Pv 22.22,23). Além dos processos civis, que resultavam em maus-tratos físicos e prisão, também ocorriam mortes. Até hoje, ricos mandam matar pobres. “Tiago diz por meio de uma metáfora que os justos eram condenados e mortos; pois, quando os ricos não os matavam com suas próprias mãos e nem os condenavam como juízes, empregavam a autoridade que tinham para fazer o mal, para corromper o julgamento, e concebiam outros modos para destruir os inocentes” (J. Calvino).

Outro aspecto torna o pecado desses assassinos ainda mais hediondo: o fato de que fazem tudo isso *sem que ele [o justo] vos faça resistência*. Ao declarar isso aos ricos, Tiago deseja destacar a crueldade do crime deles. A frase no original é enigmática. Ela diz literalmente: “ele não vos resiste”. Tiago pode estar se referindo ao fato de que os pobres eram mortos sem oferecer resistência física ou jurídica aos processos, prisão e, finalmente, extermínio. Essa passividade tanto pode decorrer do fato de que eram cristãos e estavam seguindo o exemplo de Jesus diante de seus carrascos, como do fato de que, materialmente, era-lhes impossível oferecer qualquer resistência. Eram esmagados como vermes. Contudo, Tiago pode estar fazendo uma pergunta: “não vos resiste ele?”. “Ele” é Deus, que certamente haverá de resistir aos ricos e puni-los severamente no dia do juízo. Não é fácil decidir entre as duas possibilidades. Como diz A. T. Robertson, “não há como tomar uma decisão final”.

cognominado *O Justo*: “Tiago, o irmão do Senhor, ocupou o governo da Igreja em conjunto com os apóstolos. Ele tem sido chamado O Justo por todos, desde os tempos do nosso Salvador até hoje; pois havia muitos que se chamavam de Tiago”.

INSTRUÇÕES AOS OPRIMIDOS

(5.7-11)

RESUMO

Após advertir em tom profético os ricos opressores de que serão punidos por Deus no dia do juízo (5.1-6), Tiago se dirige aos crentes que eram vítimas dos padrões injustos mencionados no texto anterior, os pobres que eram oprimidos pelos ricos proprietários de terras para os quais trabalhavam como jornaleiros (5.7-11). Tiago lhes dirige exortações práticas quanto ao que deveriam fazer. Eles deveriam aguardar a vinda do Senhor (5.7,8) e, enquanto isso, não deveriam impacientar-se e queixar-se uns dos outros (5.9-11).

A necessidade de paciência (5.7-9)

5.7 Sede, pois, irmãos, pacientes, até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas. Mais uma vez Tiago se dirige a seus leitores como *irmãos*, tratamento afetoso entre os cristãos desde o período apostólico até hoje. Tiago emprega o termo quando inicia uma nova seção de sua carta ou quando deseja abrandar a força de uma determinação (cf. 2.1; 2.14; 3.1, etc.). Tiago havia exposto claramente na perícope anterior (5.1-6) que, apesar de o Senhor já ter tomado conhecimento da iniquidade cometida contra o justo (5.4), somente no dia do juízo final haveria de retribuir e castigar, de forma completa, os injustos, opressores e assassinos (5.3-5). Isso não quer dizer que Deus já não exerça justiça e juízo neste mundo. Contudo, ele tem reservado um dia no qual fará isso de forma final, completa e plena, o dia em que Jesus Cristo retornará a este mundo para julgar os vivos e os mortos.

Diante disso (“pois”), os cristãos deveriam *ser pacientes até a vinda do Senhor*. “Um corolário direto do julgamento que estava por vir sobre os ricos ímpios” (A. T. Robertson). Somente então é que os clamores de seu coração injustiçado seriam satisfeitos e a justiça seria feita. *Ser paciente* significa literalmente “ter um fôlego grande”, daí a idéia de não esmorecer ou desistir, como um atleta que vai até o fim da corrida, mesmo ofegante. Eles deveriam encher os pulmões com um fôlego grande, pois a corrida seria longa. Tiago já lhes havia determinado que fossem pacientes (cf. 1.3,12). A sua ordem aqui – “sede pacientes” – sugere que eles estavam se impacientando e reagindo de forma não-cristã às provas as quais eram submetidos. Sugere que deveriam dominar os desejos de vingança e a revolta e submeter o coração e os desejos a Deus, depositando aos pés do Senhor toda a retribuição. Nosso autor não lhes recomenda a revolta, a revolução, a luta armada nem os encoraja a abrigar no coração sentimentos de vingança. Hoje em dia, contudo, numa realidade civil completamente diferente da dos dias de Tiago, não é errado que os cristãos injustiçados procurem seus direitos na justiça, de acordo com os trâmites legais.

Eles deveriam ser pacientes *até a vinda do Senhor*. Essa é a única ocasião em que Tiago menciona a “vinda do Senhor” (5.7,8). “Vinda”, ou *parousia*, a essa altura já havia se tornado o termo-padrão na cristandade para se referir ao retorno de Cristo em glória e juízo. *Parousia* significa literalmente “presença” ou “chegada” de alguém que a partir daí se torna presente. O termo parece ter sido usado primeiramente pelos discípulos de Cristo, ao indagarem o Senhor acerca dos sinais do fim do mundo (cf. Mt 24.3). O Senhor respondeu usando o mesmo termo (Mt 24.27,37,39). Fora da literatura bíblica, *parousia* era usado como termo oficial para indicar a visita de oficiais de alto nível, especialmente de reis, a uma província.

O que Tiago ensina a seus leitores sobre a *parousia* do Senhor está em perfeita harmonia com o restante dos escritos neotestamentários (cf. Mt 24.3,37,39; 1Ts 2.19, etc.). A vinda do Senhor é vista como a ocasião em que Deus fará justiça ao seu povo e julgará o mundo. E essa vinda está próxima (5.8). Daí a necessidade de os cristãos esperá-la pacientemente, suportando, enquanto isso, as injustiças que porventura sofrerem.

Para reforçar sua determinação, Tiago emprega uma comparação que aqueles irmãos lavradores entenderiam muito bem: *eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas*. Essas chuvas, as primeiras e as últimas, haviam sido prometidas por Deus a Israel, como parte das suas bênçãos sobre seu povo (Dt 11.14; Jr 5.24; Os 6.3; Jl 2.23; Zc 10.1). As primeiras chuvas, ou a chuva “temporã” (ARC), caíam geralmente nos meses de outubro a novembro, durante o “outono” (NVI). Eram ansiosamente aguardadas para fazer germinar as sementes plantadas. As

últimas chuvas, ou a chuva “serôdia” (ARC), vinham entre abril e maio do ano seguinte, durante a “primavera” (NVI), e serviam para amadurecer as sementes. Da mesma forma que eles aguardavam pacientemente a chegada das chuvas, bem como o precioso fruto resultante, deveriam aguardar a vinda do Senhor para que o fruto da justiça fosse plenamente produzido (Rm 8.24,25; Gl 5.5; 6.9; Hb 6.15). “Tiago menciona as duas ocasiões de chuva para poder mostrar mais plenamente que o lavrador não fica desanimado pelo progresso lento do tempo, mas que suporta a demora” (J. Calvino).

5.8 Sede vós também pacientes e fortalecei o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima. Aqui Tiago termina a comparação que havia iniciado no versículo anterior. À semelhança do lavrador que se debruça pacientemente para observar o aparecimento do fruto precioso (5.7), os cristãos oprimidos deveriam esperar a vinda do Senhor: *sede vós também pacientes*.¹ Paciência era o fruto do Espírito de que mais precisavam àquela altura (Gl 5.22), a fim de suportar as injustiças de maneira cristã e aguardar a retribuição divina a seus opressores. “Descansa no Senhor e espera nele, não te irrites por causa do homem que prospera em seu caminho, por causa do que leva a cabo os seus maus desígnios” (Sl 37.7; ver Sl 40.1-3; Lm 3.25,26).

Precisamos nos lembrar de que a situação daqueles trabalhadores cristãos oprimidos não comportava outra atitude senão a de resignação e espera. Viviam num sistema de semi-escavidão, numa época em que não se falava em direitos humanos, nem havia sindicatos ou leis que protegessem os trabalhadores. Atualmente, com os avanços das modernas democracias, trabalhadores injustiçados podem recorrer às autoridades em busca de proteção e direitos. Não é errado um cristão fazer isso. Aliás, ao longo da história da Igreja, os cristãos têm participado ativamente na luta pelos direitos dos oprimidos. Quando foi necessário, o apóstolo Paulo recorreu a seus direitos como cidadão romano para não ser injustiçado (At 16.37,38; 22.25,26).

Além de aguardar pacientemente a vinda do Senhor, os cristãos oprimidos deveriam *fortalecer o coração*. “Fortalecer” significa fixar algo firmemente em um lugar. “Fortalecer o coração” é uma expressão comum nos Salmos. Significa encorajar e animar os humildes e abatidos a esperar no Senhor, fixando firmemente a sua fé nele (Sl 10.17; 27.14; 31.24). Paulo empregou a expressão no sentido de confirmar o coração em santidade diante da expectativa da vinda do Senhor, um contexto similar ao nosso aqui em Tiago (1Ts 3.13). Os leitores de Tiago deveriam fortalecer seu coração com o conhecimento de que *a vinda do*

¹ Alguns manuscritos inserem a conjunção οὖν, “portanto”, logo após “sede pacientes”, na tentativa de explicitar ainda mais a inferência da comparação entre o lavrador e o cristão.

*Senhor está próxima.*² A proximidade da vinda de Cristo é sempre usada nas Escrituras como estímulo para a Igreja suportar pacientemente os sofrimentos do tempo presente (Rm 8.25; 1Ts 1.10; Hb 10.35-37) e para ter uma vida santa (Fp 4.5; Hb 10.25; 1Pe 4.7; cf. Hc 2.3). Quando sabemos que o sofrimento e a angústia são por tempo limitado e que esse tempo é mais curto do que pensamos, recobramos ânimo para suportar. Tiago não sabia quando o Senhor haveria de retornar: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mt 24.36). Contudo, ele sabia que o retorno do Senhor estava próximo. No verso seguinte, ele se refere a essa proximidade como um juiz que está às portas (5.9).

5.9 Irmãos, não vos queixeis uns dos outros, para não serdes julgados. Eis que o juiz está às portas. Essa determinação de Tiago, feita no contexto de busca da paciência e entre duas referências à vinda próxima do Senhor, só pode ser entendida como uma repreensão aos seus leitores pelas queixas e reclamações de uns contra os outros. A impaciência e a revolta pelas injustiças não reparadas exaltavam os ânimos, e aqueles cristãos oprimidos tinham o coração cheio de amargura. “Após falar da miséria dos que perturbam os homens bons e justos pela sua tirania, Tiago agora exorta os fiéis a que sejam justos uns para com os outros, prontos a perdoar as ofensas” (J. Calvino).

Mais uma vez, Tiago os trata como “irmãos” para lembrá-los de que sua exortação partia do amor fraternal. *Não vos queixeis uns dos outros*, diz nosso autor. A reclamação, a queixa e a murmuração entre irmãos são explicitamente proibidas nas Escrituras (Lv 19.18; Gl 5.26; 1Pe 4.9). “Queixar-se” aqui significa expressar descontentamento de forma clara e direta, mediante gemidos de sofrimento e pesar (cf. Hb 13.17; 2Co 5.4). A forma como Tiago deu essa ordem no grego indica que ele deseja que seus leitores cessem imediatamente com as queixas: “parem de se queixar uns dos outros”.³ Não sabemos ao certo que queixas eles estariam fazendo uns contra os outros. Talvez se queixassem dos crentes que eram ricos, condenando-os. Tiago já os havia prevenido a não falar mal uns dos outros (4.11). Fazê-lo seria julgar e condenar o próximo, algo que somente Deus pode fazer (4.12). Quanto aos ricos, não era para tratá-los de forma preferencial (2.1-7). Contudo, isso não significava que podiam condená-los, queixando-se e reclamando deles.

² Alguns manuscritos inserem *ημῶν*, “nosso”, antes de “Senhor”, talvez buscando conformidade com 2.1.

³ *Μὴ στενάζετε*, proibição com *μὴ* e o presente do imperativo ativo, indicando que a ordem é para cessar uma ação em andamento.

Tiago cita duas razões para sua determinação. A primeira: *para não serdes julgados*.⁴ Aqui ele segue literalmente o princípio de que seremos tratados por Deus da mesma forma com que tratamos os outros, conforme ensinado por Jesus: “se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens *as suas ofensas*, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas” (Mt 6.14,15). Mais especificamente: “Não julgueis *para que não sejais julgados*” (Mt 7.1). Várias vezes na carta, Tiago expressa sua preocupação de os cristãos virem a ser julgados por seus pecados (cf. 2.12,13; 4.12; 5.12). Ele certamente queria que eles evitassem isso! Ao se impacientarem e falarem mal dos seus opressores, condenando-os, deixavam de ser vítimas e se constituíam em réus, sujeitos ao julgamento de Deus.

A segunda razão é: *o juiz está às portas*. É mais uma expressão que Tiago tira das palavras do Senhor Jesus: “Assim, também vós: quando virdes acontecer estas coisas, sabei que está próximo, *às portas*” (Mc 13.29). O “juiz”, sem dúvida alguma, é o próprio Senhor Jesus Cristo, em sua vinda, quando, conforme Tiago já havia dito, haveria de julgar os ímpios e fazer a justiça tão ansiosamente aguardada pelos oprimidos. Que eles não tomassem o juízo em suas mãos, mas esperassem o juízo de Deus. E este estava próximo. Já se podiam ouvir os passos do juiz chegando às portas do tribunal, onde se assentaria e julgaria o caso deles.

O exemplo dos profetas e de Jó (5.10,11)

5.10 Irmãos, tomai por modelo no sofrimento e na paciência os profetas, os quais falaram em nome do Senhor. Tiago continua a instruir os crentes oprimidos a suportar com paciência o sofrimento causado pelos padrões injustos. Dessa feita, ele lhes dá dois exemplos que servem de *modelo no sofrimento e na paciência*: os profetas (5.10) e Jó (5.11). “Modelo” ou “exemplo” (ARC, NVI) são usados nas Escrituras como algo bom a ser imitado. Jesus deu exemplo para que seus discípulos o imitassem (Jo 13.15). É nesse sentido que Tiago coloca diante de seus leitores, em primeiro lugar, *os profetas*, como modelo no sofrimento e na paciência. A maneira como os profetas suportaram pacientemente os sofrimentos que lhe sobrevieram deveria ser imitada pelos que sofriam injustiças às mãos dos padrões opressores. “A vida de todos os homens, indiscriminadamente, está sujeita a problemas e adversidades. Mas Tiago não traz aqui exemplo de homens comuns. Pois, de que adianta perecer junto com a

⁴ “Julgados”, κριθῆτε (ARA e NVI). O verbo κρίνω tem o sentido de fazer uma escolha, discernir. Daí, a idéia de julgar e, em seguida, a idéia de passar um julgamento desfavorável, ou seja, condenar, que é a tradução adotada pela ARC.

multidão? Mas ele toma o exemplo dos profetas, para nos fazer sentir abençoados na companhia deles” (J. Calvino).

“Profetas” pode ser uma referência aos profetas neotestamentários, que ministravam a Palavra de Deus nas comunidades, de forma itinerante ou localizada, levando ao povo de Deus uma palavra da parte do Senhor, em momento oportuno. Contudo, não lemos acerca de sofrimentos que sobrevieram a esses profetas na literatura bíblica disponível. Embora a sua presença e a sua atividade estejam registradas em Atos e nas cartas paulinas (At 11.27; 13.1; 15.32; 1Co 12.28), nada lemos acerca de perseguições e sofrimentos contra eles. Provavelmente, então, trata-se dos profetas do Antigo Testamento. Estes, sim, têm um histórico de sofrimento paciente. Eles desenvolveram seu trabalho sob perseguições, sofrimento, martírio e rejeição, como Elias (1Rs 18.7-10; 19.1,2), Jeremias (Jr 38.6) e Amós (Am 7.12), entre outros. Há várias referências no Novo Testamento ao sofrimento deles. As principais foram feitas pelo Senhor Jesus, ao responsabilizar os escribas, os fariseus, os líderes judaicos e toda a nação pelas perseguições e assassinato dos profetas cometidos pelo antigo Israel (Mt 5.12; 21.34-39; 23.29-31,34,37; Lc 6.23; 11.47-50). Os apóstolos, como Paulo, igualmente mencionaram esses fatos (1Ts 2.14-16; cf. At 7.52). O autor de Hebreus traz uma lista de heróis da fé do Antigo Testamento (Hb 11.35-38) na qual podemos perceber referências a alguns profetas: algemas e prisões (Jeremias: Hb 11.36; cf. Jr 37.13,14), serrados ao meio (tradicionalmente atribuída a Isaías: Hb 11.37), vestidos de peles de ovelhas e cabras (Elias: Hb 11.37; cf. 2Rs 1.8), em covas e antros da terra (os profetas do Senhor escondidos em cavernas, para escapar da morte: Hb 11.37; cf. 1Rs 18.13). Mais adiante, o autor de Hebreus menciona explicitamente os profetas (Hb 11.32-34).

Os profetas sofreram por *falar em nome do Senhor*, isto é, com a autoridade do Senhor. Essa era a razão principal das perseguições que sofreram. Jeremias, de tanto sofrer por esse nome, resolveu, inutilmente, não mais mencioná-lo (Jr 20.9). Tiago com isso dá a entender que o sofrimento a que se refere é aquele causado pela fidelidade ao nome do Senhor, e não aquele sofrimento que atraímos sobre nós por causa de nossos pecados. A isso Pedro se refere dizendo:

Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus. Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfetor, ou como quem se intromete em negócios de outrem; mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso; antes, glorifique a Deus com esse nome (1Pe 4.14-16).

À semelhança dos profetas de Deus, os cristãos deveriam refrear o desejo de retaliação e vingança diante do sofrimento, suportar, sem desanimar, as injustiças

sofridas e permanecer firmes na fé em meio às suas tribulações. Seria a oportunidade de colocar em prática o ensinamento de Jesus, de amar os inimigos e orar por eles.

5.11 Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes. Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo. Como parte de suas instruções aos crentes sofredores, Tiago fala aqui, no início do versículo, da bem-aventurança dos profetas, mencionados no versículo anterior, que, no passado, ficaram firmes na fé em meio às provações: *eis que temos por felizes os que perseveraram firmes*. Ele já havia mencionado na carta a bem-aventurança dos que perseveraram na provação: “Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam” (1.12). Aqui ele retoma o tema, provavelmente ecoando a bem-aventurança de Jesus aos seus discípulos sofredores, usando como exemplo os profetas:

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós (Mt 5.10-12).

Eles são tidos por felizes não tanto pelo fato de terem sofrido, mas, sim, por terem perseverado sob o sofrimento.⁵ Literalmente, Tiago diz que “abençoamos” essas pessoas.⁶ A capacidade de sofrer pacientemente por Cristo e pela verdade era uma virtude admirada por todos os cristãos, até pelos leitores de Tiago. Os que fizeram isso eram um modelo a ser imitado. E entre eles, obviamente, se encontrava o exemplo clássico de Jó: *tendes ouvido da paciência de Jó*. Os leitores de Tiago “tinham ouvido” sobre Jó desde o tempo em que freqüentavam as sinagogas judaicas, antes de se tornarem cristãos. Jó é considerado nas Escrituras de Israel um exemplo de fé e retidão, junto com Noé e Daniel (Ez 14.14,20).

Lembremo-nos de que a “paciência” de Jó não foi passiva, mas ativa. Ele questionou, protestou, argumentou, chorou, lamentou, discutiu com Deus. Contudo,

⁵ A ARA traz “perseveraram firmes”, tradução do particípio aoristo ὑπομείναντας, uma variante adotada pelo texto crítico. A ARC, que costumeiramente segue o texto majoritário, deixou de segui-lo dessa vez. O texto majoritário traz a leitura ὑπομένοντας, que é o particípio presente: “os que estão sofrendo” ou “os que sofrem”. AARC traz aqui “os que sofreram”. O contexto mostra que Tiago tem em mente os profetas e Jó, sugerindo uma tradução no passado.

⁶ Μακαρίζομεν, traduzido pela ARA como “temos por felizes” e pela ARC como “temos por bem-aventurados” (ARA). Só ocorre aqui e em Lucas 1.48: “todas as gerações *me abençoarão*”.

seu mérito foi nunca abandonar a fé e a confiança em Deus, mesmo sem compreender plenamente a causa de seu sofrimento (cf. Jó 1.21,22; 2.10; 13.15; 16.19; 19.25,26). “Jó às vezes falhou por causa da enfermidade de sua carne e murmurou em si mesmo. Contudo, ele se rendeu completamente a Deus e estava pronto a ser restringido e governado por ele.” (J. Calvino).

Pelo ensino nas sinagogas e na igreja, os judeus cristãos não só tinham ouvido da paciência de Jó, como também tinham visto *o fim que o Senhor lhe deu*. Essa frase de Tiago pode ser interpretada de algumas maneiras diferentes, embora não contraditórias. Literalmente, Tiago escreveu “e o fim do Senhor vistes”. A dificuldade está em interpretar a palavra “fim”.⁷ Várias versões em outras línguas traduziram como “vistes o propósito de Deus”. Ainda outras: “Vistes o que o Senhor acabou por fazer”. Outras, como ARA, ARC, NVI e a nossa BLH, entendem que se refere ao fim que Deus deu a Jó e à sua situação: “você sabem como no final Deus o abençoou”. Esta parece-nos a melhor compreensão. “É a conclusão produzida por Deus no caso de Jó” (A. T. Robertson). Assim, Tiago está se referindo ao final do livro de Jó, na qual lemos como Deus “mudou a sorte de Jó” (Jó 42.10), restituindo-lhe em dobro tudo o que havia perdido.

A razão para esse final feliz é: *o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo*. Embora ARA, ARC e NVI usem adjetivos diferentes (“cheio de terna misericórdia e compassivo”: ARA; “muito misericordioso e piedoso”: ARC; “cheio de compaixão e misericórdia”: NVI), o sentido final é o mesmo. Todos exaltam a misericórdia de Deus para com Jó. A misericórdia e a compaixão de Deus são um tema recorrente em toda a Escritura (Êx 34.6; Nm 14.18; 1Cr 21.13; Ne 9.17; Lc 6.36; Ef 2.4). Esses atributos do Senhor deveriam servir de âncora e fundamento para aqueles cristãos perseguidos. À semelhança do que ocorreu com Jó, depois de suportar pacientemente o sofrimento injusto, eles também haveriam de receber misericórdia da parte de Deus. Que aguardassem, portanto, com paciência, o dia do Senhor.

⁷ Τέλος, “fim”, “alvo”, “finalidade”, “intenção”, “propósito”, “término”. Tiago usa essa palavra uma única vez, aqui. A Vulgata traduziu literalmente, sem interpretar, *et finem Domini vidistis*.

SOBRE JURAMENTOS, ORAÇÃO E DESVIADOS

(5.12-20)

RESUMO

Aqui Tiago se encaminha para o final de sua carta com uma série de instruções e exortações gerais aos seus leitores sobre três aspectos da vida cristã (5.12-20): juramentos (5.12), oração (5.13-18) e resgate de pessoas desviadas (5.19,20). Essas instruções certamente refletem situações reais e concretas vividas pelas comunidades às quais escreve. Contudo, mesmo considerando esse contexto remoto, não podemos deixar de aplicar tais instruções a nós, hoje, guardadas as devidas proporções. Apesar do distanciamento temporal que nos separa do ambiente vivencial da carta de Tiago e do mundo de seus primeiros leitores, sabemos que os problemas enfrentados pelos cristãos modernos são basicamente os mesmos daquela época, apenas em embalagens mais modernas. As palavras do autor inspirado também servem de instrução aos filhos de Deus que vivem no Brasil de hoje.

Sobre juramentos (5.12)

5.12 Acima de tudo, porém, meus irmãos, não jureis nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outro voto; antes, seja o vosso sim, sim, e o vosso não, não, para não cairdes em juízo. A sua primeira instrução, que ele considera “acima de tudo”, é para que os cristãos não façam juramentos. Essa recomendação pode estar relacionada com o tema da seção anterior, que trata da paciência em tempos de sofrimento. Contudo, a conjunção grega traduzida como “porém” (ARA; “mas”: ARC), que faria essa ligação, pode simplesmente não ser traduzida, como fez a NVI: “So-

bretudo, meus irmãos, não jureis ..." (cf. BLH, "Acima de tudo, meus irmãos e irmãs, quando vocês prometerem alguma coisa ...").¹ De qualquer forma, a ligação com o contexto anterior é feita pelo uso da expressão "acima de tudo", isto é, "especialmente" (cf. 1Pe 4.8). Em meio ao sofrimento pelo qual estavam passando, aqueles cristãos oprimidos poderiam ser tentados a fazer juramentos precipitados, como geralmente ocorre em situações assim. Na verdade, é provável que já estivessem fazendo isso, pois a solicitação de Tiago é para que *parem* de jurar.² Em vez de jurar desnecessariamente, a palavra deles deveria sempre ser verdadeira: "sim, sim; não, não".

Tiago dá tanta importância ao assunto porque não deseja que os crentes "caiam em juízo".³ Essa é sua preocupação constante na carta. Os que forem preconceituosos "hão de ser julgados" (2.12); os mestres "haverão de receber maior juízo" (3.1); eles não deveriam julgar "para não serem julgados" (5.9) e não deveriam jurar falso "para não caírem em juízo" (5.12). A que tipo de juízo ou condenação os crentes estariam sujeitos, Tiago não explica. O mais provável é que ele tenha em mente o fato de que todos serão julgados no dia do juízo de acordo com suas obras, um ensinamento que encontramos, também, em Paulo e outros autores neotestamentários. No caso dos cristãos, não se trata de perder a salvação ou cair da graça. Mas, sim, do fato de que aqueles que se professam cristãos, mas vivem como o mundo vive, serão condenados como o mundo, pois nunca foram cristãos verdadeiramente. Os juramentos falsos constituem quebra do terceiro mandamento, que foi reforçado por uma advertência de Deus de que não teria por inocentes os que tomassem seu nome em vão (Êx 20.7; Dt 5.11).

Tiago está repetindo quase exatamente as palavras de Jesus no Sermão do Monte sobre juramentos. Ele havia ensinado que seus discípulos não deveriam jurar por coisa alguma, pois não tinham poder algum sobre a própria vida: "não podes tornar um cabelo branco ou preto" (Mt 5.36b). O "sim" deles deveria realmente ser "sim", bem como o "não" deveria ser "não" (Mt 5.37). O Senhor Jesus atribui a falta de verdade e transparência no falar ao diabo (Mt 5.37b), que é o "pai da mentira" (Jo 8.44).

É preciso entender com clareza o que Tiago realmente proíbe aqui. Não nos parece que as Escrituras proibam o juramento em si, como A. T. Robertson

¹ *Πρὸ πάντων δέ, ἀδελφοί μου, μὴ ὀμνύετε...*: "acima de tudo, *porém*, meus irmãos, não jureis". Há realmente situações em que é possível deixar a conjunção *δέ* sem tradução. Isso ocorre com frequência no Evangelho de João; ver, por exemplo, João 11.18, ou outros contextos, nos quais uma simples conexão é desejada, sem que haja um contraste marcante com o que veio antes.

² Veja comentário em 5.9 sobre o uso do imperativo.

³ A ARC traz "cair em condenação", seguindo a variante *εἰς ὑποκρίσιν πέσῃτε*, trazida pelo texto majoritário.

acredita, mas sim o juramento falso ou trivial, conforme Calvino afirma. Há vários exemplos de juramento lícito na Bíblia. No Antigo Testamento, lemos dos juramentos de Abraão (Gn 14.22). O Senhor Jesus, quando colocado sob juramento pelo sumo sacerdote, submeteu-se e respondeu ao que lhe foi perguntado (Mt 26.63). O apóstolo Paulo em diversas ocasiões chamou Deus como testemunha – o que é a mesma coisa que jurar por Deus – da verdade das suas asseverações (veja Rm 1.9; 9.1; 2Co 1.23; 11.31, etc.). Um dos anjos que aparecem no livro de Apocalipse “jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos” (Ap 10.6). O próprio Deus jurou em diversas ocasiões (veja 2Sm 3.9; Is 14.24; 62.8; Jr 51.14; Am 4.2, etc.). O seu juramento mais conhecido foi ao Filho, de que seria sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedeque (Sl 110.4), o qual é citado pelo autor de Hebreus (Hb 7.28). A proibição de Jesus para que seus discípulos não jurassem visava combater uma interpretação errada dos judeus da passagem de Deuteronômio 10.20: “Ao Senhor, teu Deus, temerás; a ele servirás, a ele te chegarás e, pelo seu nome, jurarás”. E, ainda, de Levítico 19.12: “nem jurareis falso pelo meu nome, pois profanaríeis o nome do vosso Deus”. Para evitar juramentos em nome de Deus, os quais seriam levados a sério, eles juravam por outras coisas. O que Jesus faz é proibi-los de jurar por qualquer coisa se o juramento não for necessário, solene e verdadeiro. Os judeus, para evitar tomar o nome de Deus em vão, juravam pelo céu, pela terra, pelo altar, pelo templo... e os judeus cristãos aos quais Tiago escreve faziam a mesma coisa.

Devemos entender a orientação de Tiago nesse sentido, não de proibição absoluta, o que seria condenar todas as ocasiões de voto e juramento solene feitos na Bíblia, mas de jurar em falso, jurar por coisas triviais ou tornar os juramentos algo corriqueiro. A Confissão de Fé de Westminster resume desta forma: “O juramento, quando lícito, é uma parte do culto religioso pelo qual o crente, em ocasiões necessárias e com toda a solenidade, chama a Deus por testemunha do que assevera ou promete; pelo juramento ele invoca a Deus para julgá-lo segundo a verdade ou falsidade do que jura” (XXII, 1).

O poder da oração (5.13-18)

5.13 Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores. Continuando as instruções aos seus leitores que estavam sofrendo injustiças às mãos dos ricos opressores, Tiago orienta-os sobre a oração. Já os havia instruído a suportar pacientemente o sofrimento, aguardando a vinda do Senhor Jesus (5.7-9). Os profetas e Jó serviam como modelo de perseverança (5.10,11). Um profeta em particular, Elias, serve de incentivo à oração (5.17,18).

Com as três perguntas dos versos **12** e **13**, Tiago aborda situações que sabe que ocorrem nas igrejas judaico-cristãs às quais escreve, e que exigem orientação distinta sobre o procedimento adequado. Sofrer, estar alegre e estar doente são situações comuns a todos os cristãos. Todavia, cada uma delas exige uma reação adequada, embora não necessariamente exclusiva. Muito embora Tiago recomende que os sofredores orem, lemos que Paulo e Silas, presos e chicoteados, cantavam louvores na prisão (At 16.24,25). Orar e cantar são atitudes apropriadas para quem sofre, para quem está alegre e para quem está doente, se seu estado físico assim permitir. Provavelmente, Tiago deseja corrigir atitudes erradas de seus leitores, atitudes como a de murmuração e impaciência no sofrimento, de ingratidão na alegria e ainda de incredulidade na doença.

A primeira situação à qual Tiago se dirige é a do sofrimento: *está alguém entre vós sofrendo? Faça oração*. O verbo *sofrer* empregado por Tiago aqui significa, literalmente, “passar por desventuras e problemas, suportando-os pacientemente”. É o verbo que Paulo usa em 2 Timóteo 2.9 para se referir ao sofrimento injusto pelo qual passava, como se fosse um malfeitor. Nessa mesma carta, recomenda a Timóteo que “suporte as aflições” que fazem parte do ministério pastoral (2Tm 4.5). Tiago se refere aqui, provavelmente, aos sofrimentos que acometem as pessoas de maneira geral. Contudo, pode ser que tenha em mente especificamente os trabalhadores cristãos que eram continuamente oprimidos pelos ricos injustos (cf. **2.6; 5.4**). Esses irmão estavam sofrendo, estavam “aflitos” (ARC). Tiago lhes determina que “façam oração” (“orem”: ARC). Essa orientação, sem dúvida alguma, reflete o ensinamento geral das Escrituras, quer por promessas ou exemplos, de que Deus atende o clamor dos aflitos, daqueles que o buscam com sinceridade e fé. O rei Manassés, em grande aflição, recorreu a Deus e encontrou favor, mesmo sendo um rei ímpio (2Cr 33.12,13). O testemunho do salmista é este: “Na minha angústia, invoquei o SENHOR, gritei por socorro ao meu Deus. Ele do seu templo ouviu a minha voz, e o meu clamor lhe penetrou os ouvidos” (Sl 18.6). O próprio Senhor Jesus, “estando em agonia, orava mais intensamente” (Lc 22.44). O apóstolo Paulo, aflito com o espinho na carne, três vezes orou a Deus para que o afastasse dele (2Co 12.7-10). De acordo com o judeu cristão Hegésipo, do século 2º, Tiago costumava entrar no templo de Jerusalém e ajoelhar-se em oração por um longo período, pedindo o perdão de Deus para os judeus, a ponto de ter desenvolvido calosidades nos joelhos, que ficaram como os de um camelo. Não sabemos ao certo se isso de fato aconteceu. De qualquer maneira, Tiago mostra plena confiança no poder da oração em sua carta (cf. **1.5,6; 4.2,3; 5.13-18**). Não é de estranhar que ele recomende a oração aos cristãos sofredores. Na verdade, ele já havia declarado que os clamores dos injustiçados penetraram os ouvidos do Senhor dos Exércitos (**5.4**). Mediante a oração, eles poderiam trazer diante de Deus os seus sofrimentos e suplicar a intervenção divina.

É importante observar o contraste entre o conselho de Tiago aos que sofrem e as orientações da teologia da prosperidade. De acordo com esta, o sofrimento tem que ser enfrentado com declarações positivas e ser rechaçado peremptoriamente por declarações de fé. Não se pode aceitar o sofrimento, mas deve-se lutar contra ele usando a fé e até mesmo determinando a Deus que cumpra suas supostas promessas de felicidade e prosperidade material.

A segunda situação é a de alegria: *está alguém alegre? Cante louvores*. O verbo que Tiago usa para “estar alegre” significa estar encorajado, ter bom ânimo. Apesar das circunstâncias adversas que os cercavam, os cristãos daquela época ainda tinham ocasião e motivo para bom ânimo e alegria. Quando fosse o caso, deveriam “cantar louvores” a Deus, de quem procede toda boa dádiva e todo dom perfeito (1.17). Desde cedo na igreja cristã o cântico de louvores se tornou o meio pelo qual a alegria e a gratidão dos crentes se expressa, à semelhança da igreja do Antigo Testamento. O verbo que Tiago emprega para “cantar louvores” significava, originalmente, fazer melodia por meio de um instrumento musical. Posteriormente se desenvolveu para significar simplesmente “cantar louvores”, com ou sem instrumentos musicais.

5.14 Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. Há várias palavras para “doente” e “adoecer” no grego. A que Tiago emprega aqui significa, literalmente, “estar sem força”, e é a mais comum no NT. Ela se refere aos efeitos da doença na pessoa.⁴ A escolha da palavra pode ser intencional, pois transparece que Tiago tem em mente alguém tão enfraquecido pela doença que tem que chamar os presbíteros à sua casa, talvez por não poder locomover-se.

A instrução de Tiago é para que o cristão adoentado e enfraquecido *chame os presbíteros da igreja*, sugerindo de antemão que a cerimônia a seguir tem um caráter eminentemente espiritual e religioso. É a primeira vez que Tiago menciona os “presbíteros da igreja”. Literalmente, a palavra significa “ancião”, não necessariamente quanto à idade, mas quanto à experiência (cf. 1Tm 3.6). Os presbíteros eram os pastores e líderes das igrejas locais no período apostólico. Seguindo o modelo instituído por Jesus, que chamou doze homens cristãos para liderar a igreja (Lc 6.13), os próprios apóstolos instituíram regularmente uma pluralidade de presbíteros, homens cristãos qualificados, para ensinar, guiar, ali-

⁴ As palavras empregadas no Novo Testamento são: (1) ἀσθενέω, a que Tiago usa aqui. (2) Κάμνω, que significa ficar cansado, esgotado. Tiago emprega o termo mais adiante, em 5.15, única ocorrência no Novo Testamento além de Hebreus 12.3. (3) Συνέχω, que significa estar tomado de alguma coisa, daí ser usado algumas vezes com referência à doenças, como Atos 28.8, texto que se refere ao pai de Públio, tomado com uma disenteria.

mentar e cuidar das igrejas locais (At 14.23; cf. 1Tm 3.1-6; Tt 1.6-8). Eles tomavam, juntos, decisões de ordem doutrinária (At 15.2), pastoreavam o rebanho (At 20.28; 1Pe 5.2), ensinavam a Palavra (1Tm 5.17) e, de acordo com Tiago, visitavam os enfermos do rebanho para orar com eles. Tiago conhecia de perto o trabalho dos presbíteros, pois liderava a Igreja de Jerusalém (At 21.18).

É importante notar que a iniciativa para essa visita, conforme a situação imaginada por Tiago, é daquele que está doente, provavelmente porque seu estado de fraqueza o impede de estar nas reuniões da igreja. Não há nada nessa passagem que autorize a unção com óleo de pessoas em cultos públicos das igrejas por iniciativa dos pastores.

Tiago instrui os presbíteros quanto ao que devem fazer, ao atender ao pedido do adoentado: *façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor*. Orar pelos enfermos da igreja faz parte dos deveres dos presbíteros, especialmente quando são chamados a isso. É com esse objetivo que são chamados pelos enfraquecidos. Esse ponto é mais uma indicação de que se trata de uma visita de caráter eminentemente espiritual.

A oração pela cura e restabelecimento do doente deve ser acompanhada pela “unção com óleo, em nome do Senhor”.⁵ Tiago está provavelmente se inspirando no que fizeram os apóstolos ao ser enviados por Jesus na chamada “missão dos Doze”: “expeliam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, *ungindo-os com óleo*” (Mc 6.7,13). Contudo, não há outros exemplos dessa prática no Novo Testamento, bem como não há instruções da parte de Jesus e dos apóstolos sobre ela. Nas recomendações que lhes deu para curar os doentes, Jesus não incluiu a unção com óleo, mas a oração com imposição de mãos (Mc 16.18). Ele mesmo nunca se utilizou da unção com óleo (mas veja Jo 9.6). Os próprios apóstolos, após Pentecostes, curaram muitos enfermos, às vezes com imposição de mãos, mas não há registro de que os ungiram com óleo (At 5.16; 8.7; 19.12; 28.8,9, etc.). Portanto, não sabemos ao certo se era uma prática geral nas igrejas apostólicas orar pelos enfermos ungindo-os com óleo ou se Tiago aqui introduziu essa prática entre os deveres dos presbíteros das igrejas judaico-cristãs. Essa possibilidade pode ser a mais correta.

Também não está claro o motivo pelo qual Tiago passou tal instrução aos presbíteros. Se a datação de sua carta que defendemos na *Introdução* deste comentário for correta, essa determinação foi passada bem no início da expansão

⁵ “Ungindo-o”, ἀλείψαντες, um particípio do aoristo, que denota na maioria dos casos uma ação executada antes daquela do verbo principal, que no caso é o imperativo προσευξάσθωσαν: “façam oração”. Todas as traduções, entretanto, preferiram traduzir como se a unção fosse concomitante com a oração, o que é gramatical e praticamente possível. Fica difícil dizer se Tiago está dando importância à sequência da cerimônia. Qualquer que seja ela, é clara a relação entre a oração e a unção com óleo.

do Cristianismo, e pode ter sido seguida não somente nas igrejas às quais Tiago escreveu, mas também nas demais igrejas às quais cópias de sua carta chegaram. A prática de ungir doentes continuou pela Idade Média, contudo, sob a forma equivocada da extrema-unção, praticada posteriormente pela Igreja Católica no século 8^a como sacramento.

Vejamos os detalhes do que Tiago determina sobre unção com óleo. Há vários verbos no grego que indicam o ato de ungir. Tiago emprega aqui o mais comum de todos, que indica o ato de ungir de maneira geral,⁶ de forma que não podemos tirar nenhuma conclusão sobre o caráter e o objetivo dessa unção com base em seu significado. Da mesma forma, o “óleo” referido por Tiago é o de oliva, comum na Palestina, que é mencionado mais de 200 vezes na Bíblia. Ele era usado como combustível de lâmpadas (Mt 25.3,4,8), como remédio (Lc 10.34), para unções em festas (Lc 7.46; cf. Hb 1.9: uma possível referência à festa da consagração de reis). Por fim, a unção do doente deveria ser feita “em nome do Senhor”, à semelhança de outros atos cristãos, como pregar (At 9.28; Tg 5.10), disciplinar membros faltosos (1Co 5.4), passar determinações apostólicas (2Ts 3.6) ou os atos cristãos em geral (Cl 3.17). O próprio Tiago declara que os profetas falaram “em nome do Senhor” (5.10). Sem dúvida, Tiago se refere ao Senhor Jesus Cristo (cf. 1.1; 2.1).⁷ Fazer alguma coisa em nome do Senhor significa fazê-la como seu representante, como se ele próprio estivesse presente e, portanto, com a autoridade que vem do Senhor. Ao determinar que a unção seja feita em nome do Senhor, Tiago garante que o Senhor haverá de aprovar o ato e abençoá-lo. Contudo, a cura do doente está vinculada por Tiago ao oferecimento da oração da fé e à confissão de pecados, como veremos nos versículos seguintes, e não à unção.

Tiago não explica a relação que vê entre a unção com óleo e a oração em favor do enfermo. Para alguns, o óleo deve ser visto como remédio e a oração pede a bênção de Deus sobre seu uso (A. T. Robertson). Para outros, a relação é simbólica da ação do Espírito Santo. Esse último entendimento se baseia na

⁶ Os verbos para “ungir” são estes: ἀλείφω é o mais comum. É empregado na LXX e no Novo Testamento para a unção de qualquer tipo: o simples refrigério (Rt 3.3; 2Sm 12.20; Mt 6.17; Lc 7.38), a unção de sacerdotes (Êx 40.15; Nm 3.3), a unção do corpo de mortos (Mc 16.7) ou de doentes (Mc 6.13). É o termo que Tiago emprega aqui. Já χρίω é mais limitado em seu uso, sendo praticamente confinado à unção de Cristo, o Ungido de Deus (Lc 4.18; At 4.27; 10.38; Hb 1.9). Na LXX é usado em referência aos reis, sacerdotes e profetas, como ungidos de Deus (1Sm 10.1; Êx 28.41; 1Rs19.16). Entre os gregos, o termo era empregado para outros tipos de unção, mas no Novo Testamento é usado somente em conexão com unções sagradas. Há mais dois verbos derivados desse: ἐχρίω, que significa “untar” (Ap 3.18), e ἐπιχρίω, que significa “esfregar”, indicando o modo como Jesus “ungiu” os olhos do cego (Jo 9.6,11). Outro verbo é μυρίζω, usado para denotar a unção de corpos para o sepultamento (Mc 14.8).

⁷ Uma variante acrescenta Ἰησοῦ Χριστοῦ após τοῦ κυρίου, demonstrando a tendência dos escribas de interpretar a referência como sendo ao Senhor Jesus.

interpretação de algumas passagens do Antigo Testamento que associam o uso do óleo à ação do Espírito: a unção dos sacerdotes com o óleo da unção (Êx 29.7; Lv 8.12); a unção de reis associada à vinda do Espírito Santo sobre eles, como foi o caso de Saul (1Sm 10.1,6) e especialmente o caso de Davi: “Tomou Samuel o chifre do azeite e o ungiu no meio de seus irmãos; e, daquele dia em diante, o Espírito do Senhor se apossou de Davi” (1Sm 16.13); além das duas oliveiras produtoras de óleo representando o Espírito do Senhor (Zc 4.3). Essa última interpretação, de que o uso do óleo é simbólico da ação curadora do Espírito, nos parece a mais correta, embora certamente não seja a unanimidade entre os estudiosos reformados. Mas fico com a interpretação de Calvino, de que era um uso simbólico: “não posso concordar com aqueles que pensam que óleo era usado como remédio nestes casos” (J. Calvino).⁸

Quanto à pergunta sobre se a orientação de Tiago nessa passagem se aplica hoje, respondo que não vejo objeção textual. Considerando, contudo, os abusos cometidos pela Igreja Católica e pelas igrejas neopentecostais, pastores e presbíteros deveriam cuidar para não incorrer nos mesmos erros e também para não ser levados a essa prática por motivos incorretos. Além do que, deveriam observar criteriosamente o que Tiago recomenda aqui, para não adotar práticas espúrias, supersticiosas e humanas no ministério pastoral, que acabam por corromper a fé dos crentes.

5.15 E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Tiago adiciona uma condição para que oração dos presbíteros seja atendida e o enfermo, restaurado: *a oração da fé salvará o enfermo.*⁹ Não é qualquer oração que obterá a cura do enfermo, mas “a oração da fé”.

A “oração da fé” não é uma referência geral de Tiago às orações que os presbíteros porventura venham a oferecer em favor do acamado. Trata-se de um tipo específico de oração. Tiago se refere a ela usando o artigo definido: “a ora-

⁸ É preciso aqui mencionar a posição completa do Reformador sobre esse assunto. Sua posição se encontra no comentário de Tiago *in loco* e nas *Institutas*. Para ele, o óleo simboliza o dom de curar, que ele acredita que permaneceu na Igreja somente durante o período apostólico. Como consequência, uma vez que a coisa simbolizada cessou, o símbolo deve também cessar. Assim, Calvino acha que o uso do óleo associado à oração pelos doentes não tem mais razão de ser e não deve ser praticado.

⁹ Tiago empregou aqui, para “oração”, o termo εὐχῆ, que, apesar de comum na literatura grega, só ocorre no Novo Testamento, além da referência em 5.15, duas vezes, todas no livro de Atos e com o sentido de voto solene feito a Deus (At 18.18; 21.23). No verso anterior, Tiago usou outro verbo, προσεύχομαι, traduzido como “fazer oração”. O uso de diferentes termos se deve mais a estilo ou desejo de não repetir palavras. Não há nenhuma diferença material entre os dois termos, ambos significam oração em geral. Há uma variante relativamente bem atestada, contudo, que traz aqui προσευχῆν em vez de εὐχῆ. Talvez seja resultante do desejo de um escriba de harmonizar os termos empregados para a oração.

ção da fé”.¹⁰ A expressão tanto pode significar, gramaticalmente, a oração que produz fé quanto a oração que é caracterizada pela fé. Obviamente, a última possibilidade é a mais correta (cf. “a oração feita com fé”: NVI; “a oração, feita em fé”: BLH).¹¹ A diferença entre “a oração da fé” e as demais não está no ato de orar em si, mas na fé por trás da oração. Embora toda oração, para que seja autêntica, tenha de ser feita com fé em Deus, aquela a que Tiago se refere é feita com uma fé diferente. Não se trata somente da “certeza das coisas que se esperam e a convicção de fatos que se não vêem” (Hb 11.1), mas da absoluta certeza de que Deus ouviu a oração e que vai respondê-la ali, naquele momento. O tipo de fé não pode ser produzido pelo cristão, embora muitos evangélicos hoje pensem o contrário. Ela é dada por Deus, quando ele deseja atender ao pedido que está sendo feito. No nosso caso, “a oração da fé” é aquela feita por um ou mais presbíteros, aos quais Deus concede a fé necessária para a plena certeza de que o doente será curado ali. E de fato, conforme Tiago promete, tal oração salvará o enfermo.¹² É possível que presbíteros unjam o doente com óleo e orem por ele, sem que haja salvação da doença, isto é, cura (NVI: “curará o doente”). Nem sempre se pode dizer que é a incredulidade dos presbíteros ou do doente. Trata-se simplesmente do fato de que Deus não lhes concedeu a fé necessária para obtenção da cura ali, de imediato, de acordo com seus propósitos insondáveis. É por isso que Tiago credita a cura não à unção com óleo nem à oração em si, mas ao Senhor: *e o Senhor o levantará*. “Promessa preciosa, mas não para um curandeiro profissional que zomba do uso de remédios e transforma a oração em negócio” (A. T. Robertson).

É preciso deixar bem claro que todos os cristãos têm de ter fé em Deus – senão, nem cristãos poderiam ser e não teriam como agradá-lo (Hb 11.6). Contudo, “a oração da fé” é algo dado por Deus, soberanamente, a quem ele deseja dar. O que temos aqui, provavelmente, é aquela fé mencionada por Paulo em 1 Coríntios: “ainda que eu tenha tamanha fé a ponto de transportar montes” (1Co 13.1), que ele considera um dom do Espírito: “a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, a fé” (1Co 12.8,9). O ponto aqui é que se trata de uma fé que é dada por Deus e que não é produzida pelo homem. Tiago já

¹⁰ No grego, *ἡ εὐχὴ τῆς πίστεως*. O artigo definido *ἡ* indica que nosso escritor se refere a um tipo definido de oração.

¹¹ Quase todas as versões mais recentes, em inglês e francês, traduziram “a oração oferecida em fé” (NAS, NVI, NIB, NLT, BFC).

¹² “Salvará”, *σώσει*, não no sentido da salvação dos pecados e, portanto, da alma, mas no de salvação da doença. O verbo *σῶω* é empregado várias vezes nos Evangelhos para se referir a curas físicas realizadas por Jesus. Via de regra, ARA traduziu como “curar”, “ficar são”, etc. (cf. Mt 9.21,22; Mc 5.23,28; 6.56).

havia mencionado essa fé em **1.6**, quando instruiu seus leitores a orar por sabedoria: “Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Não suponha este homem que alcançará do Senhor alguma coisa”.

Provavelmente foi a esse tipo de fé que o Senhor Jesus se referiu diversas vezes, ao falar sobre a oração, dizendo que, se pedirmos com fé, obteremos tudo que desejarmos (cf. Mt 11.22; 17.20; 21.21). Se não fizermos essa distinção, estaremos sujeitos a pensar que, toda vez que nossas orações foram recusadas, o motivo foi a incredulidade. Embora isso seja possível, é claro que por vezes nossos pedidos não são atendidos pelo fato de que a vontade de Deus é outra. Pessoas cheias de fé, como Jesus e Paulo, tiveram seus pedidos negados por Deus sem que o motivo tivesse sido falta de fé (cf. Mc 14.36; 2Co 12.7-9; compare com 1Jo 5.14).

Talvez possamos ilustrar esse ponto com a cura do coxo na entrada do templo (At 3.1-8). De acordo com o relato, ele jazia naquele lugar fazia tempo e era conhecido por todos que por ali passavam para fazer suas orações. Pedro e João, antes e após Pentecostes, tinham o costume de ir ao templo orar três vezes ao dia (cf. Lc 23.53). Eles já haviam passado pelo coxo diversas vezes. Mas foi somente naquele dia, quando o coxo lhes pediu uma esmola, que Pedro sentiu que tinha a fé necessária para curá-lo. E em nome de Jesus restaurou-lhe a saúde. Talvez fosse por isso, pelo fato de que não sabiam quando iriam curar, que os apóstolos nunca marcavam reuniões de cura com antecedência nem faziam promessas de cura a ninguém. Simplesmente dependiam da vontade soberana de Deus, que lhes concedia a fé necessária para efetuar milagres e curas. Em outra ocasião, Paulo percebeu que um aleijado tinha essa fé para ser curado e curou-o em nome de Jesus (At 14.9). Em todos esses casos, vemos que a fé curadora é algo “dado” por Deus, quando lhe apraz.

Além da promessa de que o Senhor levantará o enfermo, Tiago acrescenta: *e se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados*.¹³ Nosso escritor já havia tratado do tema do pecado antes. O pecado é resultante da nossa cobiça e gera a morte (**1.15**). Consiste na transgressão da lei de Deus e nos faz ser argüídos por ela como transgressores (**2.9**). Pecado é também deixar de fazer aquilo que sabemos que devemos fazer (**4.17**). Quando os cristãos se tornam amigos do mundo, são tratados como pecadores que precisam purificar as mãos (**4.8**). O perdão prometido não é obtido de forma mágica. Há uma série de coisas nessa passagem que estão implícitas, como certamente o fato de que o enfermo re-

¹³ Tanto a ARA quanto a ARC seguiram uma variante pouco atestada, ἀφεθήσονται, que foi traduzida como “ser-lhe-ão perdoados”. A leitura adotada pelo texto crítico e pelo majoritário é ἀφεθήσεται, que significa “será perdoado”, conforme a NVI seguiu e traduziu.

conheceu e confessou, arrependido, seus pecados, voltando-se para o Senhor. Agora, aprendemos aqui três coisas sobre a relação entre o pecado e a doença na vida do cristão.

Primeira: um pecado específico pode ser a causa de doenças e enfermidades. A conexão entre os pecados cometidos, o perdão deles e a cura do enfermo sugere esse ponto, muito embora Tiago não faça essa conexão de forma explícita. As doenças que em geral afligem a humanidade, bem como a morte, fazem parte dos sofrimentos que vieram sobre a raça humana por conta da Queda no Éden (Gn 3.17,18). O ponto que Tiago parece sugerir é que enfermidades *podem* ser causadas por pecados específicos, como castigo direto vindo de Deus. É nesse contexto que ele menciona confissão e perdão de pecados (5.15,16). Ou seja, há casos em que, de fato, Deus castiga determinados pecados mediante doenças. Foi o que ele disse que faria aos judeus se fossem desobedientes à Palavra de Deus. As doenças mencionadas por Deus aos judeus como castigo da desobediência foram pestilência, tísica, febre, inflamação, tumores, sarna, pruridos, cegueira, perturbação do espírito, úlceras malignas incuráveis nos joelhos e nas pernas, da planta dos pés ao alto da cabeça, entre outras (Dt 28.15-45). Não se mencionou a lepra, mas foi com lepra que o Senhor feriu Miriã quando se rebelou contra Moisés (Nm 12.10), Uzias quando profanou o sacerdócio (2Cr 26.19,21) e Geazi quando tomou enganosamente dádivas de Naamã (2Rs 5.27). Herodes foi comido por bichos enviados por Deus, por causa de sua arrogância (At 12.23). E o falso profeta Elimas ficou cego por resistir a Deus (At 13.11). Havia cristãos na igreja de Corinto que estavam adoentados por profanação da Ceia do Senhor. Na verdade, alguns já haviam morrido, como resultado do juízo de Deus sobre eles (1Co 11.28-30). Todas essas evidências nos mostram que enfermidades podem ser resultado do juízo de Deus contra determinados pecados cometidos.

Segunda: nem toda doença, contudo, é castigo de Deus. Homens de Deus, de vida santa e irrepreensível, cheios de fé, foram acometidos de enfermidades que não eram resultantes de pecados específicos por eles cometidos, como o justo Jó (Jó 2.7,8), o profeta Eliseu (2Rs 13.14) e Timóteo, que tinha constantes enfermidades (1Tm 5.23). Também, lembremo-nos de que, ao curar as pessoas, nem sempre Jesus condicionou a cura à confissão de pecados. O melhor exemplo é a cura dos dez leprosos, dos quais somente um voltou para agradecer, manifestando fé em Jesus (Lc 17.12-19). No caso mencionado por Tiago, é implícito que os presbíteros, antes de orar pelo doente, ungindo-o com óleo, devem fazer uma inquirição acerca de sua vida espiritual. Há pecados não tratados em sua vida? Há coisas que precisam ser trazidas à luz? Nas Escrituras, as curas são frequentemente usadas como metáforas do perdão de pecados, como no caso em que Jesus curou aquele aleijado, após perdoá-lo diante de todos, e para fúria dos escribas e fariseus (Mt 9.6).

Terceira: Deus está pronto a perdoar os pecados de seu povo. O leito da enfermidade pode ser um local excelente para que essa reconciliação aconteça. Os presbíteros deveriam ver a doença não somente como um momento em que conforto e cura do corpo eram necessários, mas como uma oportunidade de quebrantamento, de acertar contas com Deus, de colocar a vida em ordem diante dele. Mais uma vez, isso não quer dizer que os presbíteros, ao visitar os doentes que os convidam, devam presumir que eles se encontram enfermos por castigo de Deus. Mas, sem excluir essa possibilidade, devem agir como pastores de almas, sondando a consciência do enfermo e oferecendo o perdão de Deus, além da oração pela cura.

5.16 Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo. Tiago aplica, agora, a consequência prática do que havia dito no verso anterior.¹⁴ Assim como o enfermo deve confessar seus pecados aos presbíteros para o obter perdão e a cura, se for a vontade de Deus, mediante a oração da fé, devemos também confessar os nossos pecados e orar uns pelos outros, para sermos sarados de nossas enfermidades.

Está subentendido na determinação de Tiago que ela se destina aos cristãos que estão adoentados, pois o objetivo da confissão e da oração mútua é “para serdes curados” (“para que sareis”: ARC). A “cura” referida é física, e não espiritual, apesar de que o verbo “curar” aqui às vezes é empregado na cura da alma (cf. Mt 1.15; 1Pe 2.24; Hb 12.13). A busca da cura pela confissão de pecados e pela oração da fé não elimina o uso de remédios, como os antigos movimentos de cura pela fé e algumas recentes seitas paraevangélicas ensinam. Temos vários exemplos na Bíblia de uso de remédios para a cura de doenças, sem que isso represente incredulidade. Paulo recomenda a Timóteo um remédio caseiro contra as suas freqüentes enfermidades estomacais, que era adicionar vinho à água (1Tm 5.23). E o profeta Isaías empregou um emplasto feito de figos para curar a úlcera de Ezequias (2Rs 20.7; Is 38.21). Na parábola que Jesus conta, o samaritano trata com óleo e vinho as feridas do judeu assaltado (Lc 10.34). Por outro lado, as facilidades médicas e a disponibilidade de remédios que temos hoje não eliminam a necessidade e o dever de orarmos a Deus pela cura de nossas doenças.

De que maneira isso deve ser feito? Primeiro, *confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros*. A determinação de Tiago sugere que foi isso que o enfermo fez, no verso anterior, diante dos presbíteros. “Confessar” significa al-

¹⁴ “Pois”, οὖν, faz essa relação de seqüência. Contudo, está ausente no texto majoritário, de forma que a ARC traz: “Confessai as vossas culpas uns aos outros”. Mesmo que “pois” esteja realmente ausente no original, ainda assim fica muito claro que a exortação de Tiago é decorrente da afirmação anterior, de que Deus perdoará o enfermo.

gumas vezes concordar, admitir, consentir e até mesmo prometer. Quando se trata de pecados, significa uma confissão pública e aberta, como aquela das multidões que vinham a João Batista (Mt 3.6). O copeiro-chefe do Faraó um dia lembrou-se de suas ofensas contra José e as declarou publicamente (Gn 41.9). O ponto fundamental do conceito da confissão é o de concordar.¹⁵ Isto é, concordar abertamente com o veredicto de Deus sobre nós, que erramos e somos pecadores. É isso que “confessar os pecados” significa.¹⁶ “A confissão dos pecados a Deus já está presuposta. Alguém pode confessar ao pastor sem confessar a Deus ou à Igreja, o que não trará benefício a ninguém” (A. T. Robertson). O que deve ser confessado são “os vossos pecados”.¹⁷ Quando os efésios se converteram a Cristo, “vieram confessando e denunciando publicamente as suas próprias obras” (At 19.18). Pecado é a transgressão da lei de Deus. Algumas vezes, o castigo do pecado vem sob a forma de doenças (ver comentário no verso anterior). A confissão dos pecados cometidos deve ser feita “uns aos outros”, o que mostra que a confissão de pecados exclusivamente a um sacerdote ou presbíteros, prática que veio a se tornar sacramento na Idade Média, não era conhecida na Igreja apostólica. A doença é uma excelente oportunidade para colocarmos nossa vida em ordem diante de Deus, pela confissão de nossos pecados a irmãos preparados e espirituais (cf. 2Rs 20.1; Is 38.1). Além da confissão, os cristãos devem *orar uns pelos outros*, intercedendo a Deus em favor da cura. O objetivo é que os enfermos “sejam curados”. Está implícita a promessa da cura, mediante a oração da fé (5.15). Talvez devamos, nesse contexto, lembrar-nos das instruções do Senhor Jesus, de que devemos dar aos irmãos que pecaram a oportunidade de reconhecer e confessar seus pecados, para que sejam “ganhos” de volta ao Senhor (Mt 18.15-17).

Tiago acrescenta um encorajamento à oração: *muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo*. Ao lembrá-los de que a oração do justo é “poderosa e eficaz” (NVI), Tiago os encoraja a orar pela cura uns dos outros. Diante das doenças, especialmente das terminais, os cristãos podem se sentir impotentes e desanimados, sem ousadia para orar a Deus pela cura. Tiago aqui nos relembra de que o “justo”, isto é, aquele que foi justificado pela fé em Cristo e anda nos caminhos do Senhor, terá suas orações respondidas. “A oração de uma pessoa obediente a Deus tem muito poder” (BLH). Tiago já havia falado da eficácia da oração da fé, e da fé na oração: Deus dará sabedoria aos que pedirem com fé

¹⁵ O verbo ἑξομολόγῃω é composto da preposição ἐκ, que significa “para fora”, e de outro verbo, ὁμολόγῃω, literalmente “dizer a mesma coisa”. Daí, “confessar”.

¹⁶ A ARC traz “vossas culpas” em lugar de “vossos pecados”, seguindo a variante τὰς παραπτώματα, do texto majoritário.

¹⁷ “Vossos”, ὑμῶν, está ausente no original, tanto no texto crítico quanto no majoritário; contudo, ocorre em manuscritos inferiores. Outra variante é ἐαυτῶν, também pobremente atestada.

(1.5,6); ele dará o que lhe pedem, se pedirem da forma correta (4.2,3); os sofredores devem orar (5.13) e os presbíteros devem orar pelos enfermos, quando convidados (5.14). A oração da fé produzirá o efeito desejado (5.16). E agora nos encoraja a orar com base nas promessas de que Deus ouvirá o clamor do justo. Há vários casos nas Escrituras de pessoas que foram curadas em resposta à oração do justo. Abraão orou e Deus sarou Abimeleque e suas mulheres (Gn 20.17). Ezequias orou e Deus sarou o povo (2Cr 30.20). Moisés orou e Deus curou Miriã (Nm 12.13,14). O homem de Deus orou e a mão ressequida do rei foi curada (1Rs 13.6). Elias orou e Deus trouxe à vida o filho da viúva (1Rs 17.22). Como exemplo da eficácia da oração do justo, Tiago menciona no próximo versículo o profeta Elias, em consonância com sua prática de citar os profetas como modelo para os cristãos (5.10).

Aqui temos uma recomendação que tem sido largamente esquecida pela Igreja cristã moderna. Cristãos adoentados podem confessar seus pecados e pedir as orações de outros cristãos, em busca da cura divina. Deus não somente está pronto para nos atender, como também nos encoraja a fazer esse tipo de oração. Por causa dos abusos cometidos pela Igreja Católica com o sacramento da extrema-unção e da confissão auricular a um sacerdote e os abusos cometidos pelos movimentos de cura pela fé e seitas neopentecostais, que rejeitam o uso de remédios e transformam em comércio a cura pela fé, os cristãos bíblicos têm reagido com paralisia e inércia, têm ficado confusos e têm perdido o privilégio prometido por Tiago, que é o da possibilidade da cura mediante confissão e oração mútuas.

5.17 Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu. Para ilustrar o que havia dito no versículo anterior – “muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” –, Tiago menciona o episódio do Antigo Testamento em que o profeta Elias, pela oração, fechou e abriu os céus, provocando seca e chuvas (5.17,18; cf. 1Rs 17.1; 18.45). De acordo com o relato de 1 Reis, o profeta Elias entra em cena determinado por sua palavra de que não haveria chuva em Israel, em decorrência dos pecados do rei Acabe (1Rs 17.1). O texto não diz que Elias orou a Deus para que isso ocorresse, conforme Tiago afirma.¹⁸ Contudo, registra que ele orou com muita persistência para que voltasse a chover (1Rs 18.41-45). Tiago percebe que a mesma coisa deve ter ocorrido no início, quando Elias pediu a

¹⁸ Outra aparente discrepância é quanto ao tempo da estiagem. O relato de 1 Reis sugere que o período de estiagem foi de três anos (1 Rs 18.1). O acréscimo que Tiago faz de seis meses (5.17), também mencionado por Lucas (Lc 4.25), corresponde provavelmente ao tempo decorrido entre o anúncio de que Deus daria chuva sobre a terra (1Rs 18.1) e o tempo em que isso de fato aconteceu (1Rs 18.45). Nesse período ocorreu, entre outros eventos, o enfrentamento dos profetas de Baal.

Deus que não chovesse. Daí dizer que ele orou “com instância” para que não chovesse.¹⁹ O zelo de Elias em orar por uma estiagem se deveu às grandes iniquidades cometidas por Acabe, a maior delas sendo seu casamento com a ímpia Jezabel (1Rs 16.29-33). Um dos castigos com os quais Deus ameaçou os judeus em caso de idolatria foi exatamente a seca (cf. Dt 28.23,24). Confiado na Palavra de Deus, Elias orou insistentemente para que não chovesse, para que os judeus percebessem os grandes pecados que haviam cometido. Certo de que Deus o havia atendido, ele declarou que não haveria chuva nos próximos anos (1Rs 17.1). O livro de Apocalipse provavelmente se refere a esse feito do profeta em 11.6: “elas têm autoridade para fechar o céu, para que não chova”.

Tiago deseja trazer encorajamento aos seus leitores, na oração pela cura de suas enfermidades, ao dizer que *Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos*. O feito extraordinário do profeta não decorreu de sua perfeição ou plena santidade. Tiago usa uma expressão que pode significar que Elias tinha sentimentos, experiências ou paixões similares aos nossos. A ARA preferiu “sentimentos”. A ARC seguiu “paixões”. A NVI resumiu tudo no ponto central: “Elias era humano como nós” (cf. BLH). Ou seja, Tiago deseja cortar a oportunidade de alguém dizer que a oração de Elias era mais poderosa do que a nossa por ser ele um profeta. De fato, os profetas e apóstolos foram especiais; contudo, eram seres humanos pecadores e sujeitos às tentações e paixões comuns a todos. Paulo usou a mesmíssima palavra que Tiago usa aqui para dizer à multidão estupefata com a cura do coxo que ele e Barnabé eram pessoas comuns: “nós também somos homens como vós, *sujeitos aos mesmos sentimentos*” (At 14.15). Pedro, da mesma forma, levanta Cornélio de seus joelhos, dizendo: “Ergue-te, que eu também sou homem” (At 10.26). O segredo da oração de Elias não estava nele, mesmo que no versículo anterior Tiago o tenha chamado de “justo” (5.16), mas no Senhor, que levanta os enfermos e fecha os céus. “Tiramos menos proveito do exemplo dos santos porque imaginamos que eles foram semideuses ou semi-heróis, que tinham uma relação toda especial com Deus. Com o objetivo de despojar esta superstição da mente de seus leitores, Tiago relembra-os que os santos de outrora também tinham suas enfermidades espirituais, para que aprendessem a atribuir o que recebiam de Deus à eficácia da oração, e não aos seus méritos” (J. Calvino).

Lamentavelmente, o evangelicalismo brasileiro atribui o poder da oração a amuletos, objetos ungidos e pessoas que se consideram especiais, bispos e apósto-

¹⁹ Literalmente, Tiago diz que Elias “em oração, orou”: προσευχῇ προσήύξατο, uma expressão idiomática grega, muito comum na LXX (e similar ao uso do infinitivo absoluto hebraico) para determinar a intensidade da ação mencionada. Daí a ARA traduziu que Elias orou “com instância”. Igualmente, a NVI traduziu: “Elias orou fervorosamente” (cf. “Ele orou com fervor”: BLH). A ARC, equivocadamente, não refletiu no português essa nuance do grego.

los autoneameados. Há igrejas que falam da oração poderosa feita por 318 pastores, no alto de montes santos, usando água do rio Jordão e terra de Israel, e tudo isso por um bispo ou pseudo-apóstolo. Nada mais longe que o ensinamento de Tiago aqui.

Em resumo, Tiago nos ensina que a oração faz o impossível, quando é feita com base nas promessas de Deus. As promessas de Deus quanto à oração não se limitam às personagens bíblicas conhecidas por sua fé, mas se estendem a todos os filhos de Deus neste mundo. O Deus de Elias é o nosso Deus. E aprendemos ainda que devemos orar com base na Palavra de Deus. Tudo isso deve servir de encorajamento, diante das enfermidades que nos afligem.

5.18 E orou, de novo, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos. Esse versículo é o complemento do exemplo de Elias que Tiago apresenta aos seus leitores, no que respeita à eficácia da oração dos crentes diante das enfermidades. Essa eficácia se percebe não somente no fato de que Elias orou e os céus se cerraram durante três anos e seis meses (5.17; cf. Lc 4.25), mas também no fato de que *orou, de novo, e o céu deu chuva*. Tiago está usando a linguagem das aparências, pois a chuva cai dos céus como se estes a produzissem. Contudo, as chuvas são vistas na Bíblia como uma dádiva de Deus ao mundo que ele criou (cf. Jr 14.22: “podem os céus de si mesmos dar chuvas?”; At 14.17; 1Sm 12.17). Sabemos hoje de que modo as chuvas são produzidas. E sabemos que não se torna necessária nenhuma intervenção divina no processo, que segue os princípios e as leis naturais que o próprio Deus criou. Contudo, mesmo que a chuva não seja em si um milagre, certamente é um milagre quando chove em resposta à oração. É o caso aqui.

Tiago diz que Elias “orou de novo” (“outra vez”: ARC e NVI). Fechar os céus em princípio, pela oração, não foi um evento isolado. O mesmo Elias, pela oração, repetiu o feito, três anos e meio mais tarde, dessa feita trazendo chuva, conforme relatado em 1 Reis 18.41-46. Nesse episódio, o profeta, após anunciar ao rei Acabe que a chuva já estava a caminho (1Rs 18.41), subiu ao monte Carmelo e orou por sete vezes, até que as nuvens se formaram no horizonte e a chuva veio com abundância sobre a terra de Israel (1Rs 18.42-45). O ponto de Tiago não é ressaltar a santidade de Elias, conforme visto no versículo anterior, mas o fato de que Deus responde às orações diante de situações que parecem impossíveis aos homens. Tiago deseja inspirar em seus leitores – e, dessa maneira, em todos os cristãos ao longo da história da Igreja – a plena confiança no Deus Todo-Poderoso, que abre e fecha os céus, guia e controla o curso da história, mas, contudo, atende aos pedidos de seus servos.

Tiago acrescenta que *a terra fez germinar seus frutos*, uma provável referência ao que Elias disse ao rei: “sobe, come e bebe, pois já se ouve ruído de abundante chuva” (1Rs 18.41). Não se pode deixar de perceber uma possível relação entre o exemplo escolhido por Tiago para incentivar seus leitores à oração e o fato de que eram agricultores, ceifeiros e trabalhadores do campo. Quem sabe o poder da oração de Elias para fechar e abrir os céus serviria de consolo para aqueles ceifei-

ros oprimidos por patrões injustos? Deus tinha tudo sobre controle, e em resposta aos seus clamores (5.4), poderia em breve executar juízo sobre aquelas fazendas, fechando os céus e dando uma prolongada estiagem. Ou, quem sabe, já estavam passando por uma estiagem prolongada, o que agravava a situação, com perda de colheitas e conseqüentemente de oportunidades de trabalho? Pela oração, à semelhança de Elias, eles poderiam abrir os céus para as chuvas. Contudo, por mais que essas relações entre o exemplo de Elias e o *sitz-im-Leben* de seus leitores sejam atraentes, o fato é que não há nada no texto que nos permita fazê-las com certeza. O fator motivador para o exemplo de Elias não parece ser outro senão o poder da fé diante das enfermidades. Da mesma forma que Deus ouviu Elias, ouvirá também seus servos que oram uns pelos outros para que sejam curados. Esse é o ponto.

Resgatando os desviados da verdade (5.19,20)

5.19,20 Meus irmãos, se alguém entre vós se desviar da verdade, e alguém o converter, sabe que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados. Temos aqui a instrução final da carta, sobre o resgate de pessoas desviadas (5.19,20). Tiago a inicia com o seu costumeiro apelativo, *meus irmãos*, que na sua carta marca novos assuntos ou funciona como sinal da importância do assunto tratado (cf. “meus irmãos”: 2.1,14; 3.10,12; 5.12; “meus amados irmãos”: 1.16,19; 2.5).²⁰ O assunto aqui são as implicações da conversão de um desviado.

Tiago reservou para o final uma das passagens mais difíceis da sua epístola (5.19-20). A dificuldade reside principalmente em entender com suficiente clareza a situação que nosso autor tem em mente. A melhor abordagem ao texto é lembrar que Tiago escreveu a judeus que haviam se convertido ao Cristianismo (1.1). Eles passavam por grandes dificuldades trazidas, entre outras coisas, pela opressão de patrões ricos (2.5-7; 5.1-8). Embora Tiago não mencione explicitamente na carta, é possível que, à semelhança de outras comunidades de judeus cristãos (como aquela a que Hebreus foi destinada), eles sofressem perseguições da parte dos patrícios judeus por haverem deixado o Judaísmo e aceitado Jesus como o Messias (cf. 1Ts 2.14; At 8.1,3; 12.1-3; 17.1-8; Hb 10.33,34). Acrescente-se a isso o fato de que eles eram superficiais e imaturos em vários aspectos da fé cristã, o que teria levado Tiago a escrever-lhes para corrigir deficiências doutrinárias e práticas. Numa situação dessas, poderia haver casos de desvios, isto é, judeus abandonando a fé cristã e retornando ao Judaísmo. Se esse é o contexto correto, como nos parece, podemos depreender que Tiago está se referindo em 5.19,20 a quem traz de volta

²⁰ A ARC omite “meus”, trazendo apenas “irmãos”, seguindo o texto majoritário: Ἀδελφοί.

à fé cristã um judeu cristão que havia abandonado a verdade do Cristianismo. Quem fizer isso, explica Tiago, fará algo muito mais importante do que simplesmente trazer de volta um membro desviado da igreja: salvará uma alma da morte e cobrirá uma multidão de pecados. Tomando a situação descrita como o contexto correto de **5.19,20**, entendemos que Tiago aqui encoraja os irmãos a buscar aqueles que dentre eles se haviam desviado.

Vejamos agora os principais pontos dessa passagem. Em primeiro lugar, a apostasia de membros das igrejas locais: *se algum entre vós se desviar da verdade*. Esta tem sido uma ocorrência comum desde o início do Cristianismo: algumas pessoas ligadas às igrejas cristãs eventualmente abandonam o convívio das demais, e se afastam, geralmente por terem abandonado as crenças do Evangelho. Nas Escrituras encontramos alguns exemplos dessa triste realidade. Os cristãos da Galácia estavam à beira de se desviar da verdade apostólica de que a justificação é pela fé somente, sem as obras da lei (Gl 3.1; 4.8-10; 5.7). Há casos individuais, como os de Himeneu e Alexandre (1Tm 1.20; 2Tm 4.14) e Demas (2Tm 4.10). O próprio Senhor Jesus se referiu a essas pessoas, na parábola do semeador, como a semente que caiu em solo rochoso: “a que caiu sobre a pedra são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria; estes não têm raiz, crêem apenas por algum tempo e, na hora da provação, se desviam” (Lc 8.13). Contudo, enquanto tais pessoas participam da vida comum das igrejas locais e não se manifesta de forma completa e definitiva a apostasia, são tratadas pelos autores bíblicos como cristãos, irmãs, membros da irmandade que é a Igreja.

A julgar pelo que Tiago diz em **5.20**, que o retorno dessas pessoas representa a salvação da alma delas, está implícito que nosso autor considera o seu desvio como evidência de que não eram salvas, apesar de estarem entre “os irmãos”. É nesse sentido que Tiago se refere a alguém desviado *de entre os irmãos*. “Irmãos”, nesse caso, é o termo normalmente usado para descrever os que confessavam Cristo, sem referência à genuinidade ou não dessa confissão.

Tiago menciona “desviar-se da verdade”. A palavra “verdade” é comumente empregada pelos escritores do Novo Testamento como referência ao Evangelho de Cristo. A origem desse uso, mais uma vez, está no próprio Jesus. Ele empregou o termo para se referir a si próprio (Jo 5.33; 14.6), às suas palavras e à sua mensagem (Jo 8.32,40,45,46), enfim, à revelação de Deus que ele, Jesus, veio trazer (Jo 18.37). Por sua vez, os apóstolos de Cristo igualmente se referiram ao Senhor e aos seus ensinamentos como “verdade” (cf. Jo 1.14; Gl 2.5,14; Ef 1.13; Cl 1.5; Hb 10.26). O próprio Tiago emprega o termo em **1.18**, dizendo que a nossa regeneração foi efetuada mediante *a palavra da verdade*, que é a verdade evangélica das boas novas em Cristo, a mensagem dos apóstolos (cf. 2Co 6.7; Ef 1.13; Cl 1.5).

“Desviar da verdade”, assim, significa abandonar a fé cristã ou alguns de seus fundamentos, e daí vagar sem destino, sem um alvo claro e determinado (A. T.

Robertson). Jesus usou o termo “desviar” no sentido de “extraviar” na parábola da ovelha perdida (Mt 18.12). Paulo se refere a alguns que “se desviaram da fé” (1Tm 6.10,21). Portanto, “desviar-se da verdade”, aqui em Tiago, tem necessariamente um conteúdo doutrinário e teológico, apesar do tom prático da carta (Lenski), o que reforça nossa hipótese de que Tiago está tratando de judeus cristãos.²¹ Paulo se refere a alguns que “se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição era já feita, e perverteram a fé de alguns” (2Tm 2.18). Tudo isso aponta para o fato de que Tiago cria que Deus havia revelado uma verdade, única e exclusiva, e que, desviando-se dela, o pecador só poderia esperar a morte (5.20). Esse versículo é um excelente corretivo para a tendência atual dos meios evangélicos brasileiros de adotar uma postura eclética para com posicionamentos e linhas teológicas que declaradamente se afastam dos fundamentos da fé bíblica revelada nas Escrituras.

O segundo ponto é o trabalho de resgate dos desviados. Tiago continua: *e se alguém o converter*. Aparentemente, Tiago via o desvio da verdade como apostasia, como uma evidência de que a pessoa, mesmo estando entre os irmãos, estava perdida. Contudo, ele não vê esse desvio como final e definitivo, como aquele pecado para a morte pelo qual nem orar devemos (1Jo 5.16). Há possibilidade de retorno para os judeus que abandonam a fé no Messias, desde que não permaneçam nessa desobediência. “Converter” significa fazer com que uma pessoa mude de crenças ou de conduta e se volte para outras crenças ou tenha outro comportamento. No nosso caso, que um desviado da verdade retornasse, e viesse a crer como um cristão verdadeiro. Tiago não usa o termo “converter” teologicamente, mas apenas descritivamente, para se referir a essa mudança perceptível, externa e verificável pela qual o desviado passou. Na teologia reformada, a conversão é um ato humano precedido pela regeneração, que é um ato divino. Na conversão, o pecador, já regenerado, deixa o pecado e se volta para Deus, em arrependimento e fé. Tiago, obviamente, ao empregar o termo aqui, não faz esse tipo de distinção. E muito embora ele atribua a conversão do desviado à ação de outra pessoa, como se fosse possível para qualquer um de nós mudar o coração dos pecadores, apenas se refere ao fato de que, com muita frequência, Deus usa a agência e a instrumentalidade humana para mudar a vida de outros humanos, de forma que se pode falar da instrumentalidade do agente como se fosse o autor da ação (cf. Jd 22).

O terceiro ponto é o encorajamento aos que trazem um desviado de volta à verdade: *sabei que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará*

²¹ Há variantes gregas a esse texto. Alguns manuscritos trazem simplesmente οδοῦ, “do caminho”; outros, οδοῦ τῆς ἀληθείας, “do caminho da verdade”. Mas são testemunhas inferiores, refletindo provavelmente a interpretação dos escribas quanto ao que seria a “verdade”. Ver *Sabedoria* 5.6: “Portanto, nós temos nos desviado do caminho da verdade”. Talvez os escribas quisessem ajustar o texto de Tiago ao desse livro apócrifo.

da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados (5.20). Aqui Tiago chama o desviado de “pecador”. Embora encontremos nos escritos neotestamentários cristãos se chamando de pecadores (Lc 5.8; 1Tm 1.15), o termo nunca é usado nesses escritos para descrever um cristão verdadeiro, ainda que em erro doutrinário ou moral. Geralmente se refere ao incrédulo, ao ímpio, ao não regenerado (cf. Mc 14.41; Lc 15.7; Rm 3.7; 5.19; 1Pe 4.18; Hb 7.26). A única exceção é o próprio Tiago, que chama os crentes a que escreve de “pecadores”, ao exortá-los ao arrependimento: “Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, *pecadores*; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração” (4.8). De qualquer forma, o ponto de Tiago aqui é que o benfeitor “saiba” o bem eterno que fará ao converter um pecador do seu caminho errado.²² São duas as implicações mencionadas da conversão do desviado. Primeira: “a salvação de sua alma”. Tiago já havia dito em 1.21 que a Palavra de Deus é poderosa para “salvar a alma” daqueles nos quais é implantada. “Salvar” é o verbo regularmente usado no Novo Testamento para se referir à salvação dos pecados mediante a fé em Jesus Cristo. Esse ponto é enfatizado por Tiago ao dizer que é a *alma*²³ que será salva.

Segunda: uma multidão de pecados será coberta. Tiago aqui está, provavelmente, ecoando Provérbios 10.12: “O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões”. Essa mesma passagem é citada por Pedro: “Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados” (1Pe 4.8). Em nenhum desses casos se pretende dizer que são os pecados do que ama, ou do que converte o pecador, que são cobertos, mas sim os pecados do pecador que é convertido. Pois, ao converter-se e passar da morte para a vida, aquela multidão de pecados que o condenavam foi coberta, isto é, jamais esses pecados aparecerão no dia do juízo final contra ele. “Que conforto saber que mesmo uma multidão de pecados pode ser perdoada!” (M. Henry). Essas são, em última análise, as implicações da conversão daquele que se desviou da verdade. Saber essas coisas é um poderoso encorajamento a que busquemos os perdidos e desviados e a que nos dediquemos a ganhar almas.

²² “Sabei” é a tradução da ARA para γινώσκετω, um imperativo na terceira pessoa do singular. A tradução mais exata seria “saiba”, como ARC. A NVI traduziu inexplicavelmente como “lembrem-se disto”. Há uma variante ao texto, que é γινώσκετε, um imperativo na segunda pessoa do plural, que poderia, se fosse original, justificar a tradução da ARA e, em parte, a da NVI.

²³ “Alma”, ψυχή, também significa vida e daí a idéia do ser humano. A NVI traduziu “salvará a vida dessa pessoa”, que pode confundir o leitor comum, por tirar de foco a questão da salvação eterna. Embora a tradução da NVI seja legítima, bem como a idéia de que a salvação é para o ser humano completo, aqui, como em 1.21, é melhor traduzir como “alma” mesmo, pois ressalta o lado espiritual e material da personalidade humana em contraste com o homem exterior, que estava sujeito às tribulações e angústias (cf. 2Co 4.16).

BIBLIOGRAFIA

Existem muitos comentários sobre Tiago. Menciono aqui apenas os que foram efetivamente consultados.

BLUE, J. Ronald, "James", em Walvoord, J. F., Zuck, R. B., & Dallas Theological Seminary, *The Bible knowledge commentary: An exposition of the scriptures* (Victor Books: Wheaton, IL, 1983).

CALVIN, John, "Commentary on the Epistle of James", em *The Comprehensive John Calvin Collection* (AGES Software: Albany, OR, 1998).

GILL, John, *Exposition of the Entire Bible*, Online Bible, 1998.

HENRY, Matthew, "An exposition with practical observations, of the general epistle of James", em *Matthew Henry's commentary on the whole Bible* (Hendrickson: Peabody, 1996).

JOHNSON, Luke T., "James", em MAYS, J. L., Harper & Row, P., & Society of Biblical Literature, *Harper's Bible commentary* (Harper & Row: San Francisco, 1988).

LEAHY, Thomas W., "The Epistle of James", em BROWN, R. E., Fitzmyer, J. A., & Murphy, R. E., *The Jerome Biblical commentary* (electronic ed.). Prentice Hall: Englewood Cliffs, NJ, 1968; edição eletrônica de 1966 pela Logos Research Systems.

LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of the Epistle to the Hebrews and the Epistle of James* (Augsburg Publishing House, Minneapolis, Minnesota, 1966).

MOO, Douglas, "James", em ELWELL, W. A., *Evangelical Commentary on the Bible* (Baker Book House Company: Grand Rapids, MI, 1989).

ROBERTSON, A. T., *Word Pictures in the New Testament* (Broadman & Holman Publishers, 2000).

VINE, W. E., BRUCE, F. F., *Vine's Expository Dictionary of Old and New Testament Words: W. E. Vine; Old Testament Edited by F. F. Bruce* (electronic ed.). Old Tappan NJ: Revell, 1981; edição eletrônica de 1996 pela Logos Research Systems.

Por vários anos tenho pregado na carta de Tiago. Por vezes, tenho tido o privilégio de expô-la por inteiro. Contudo, o que o leitor tem em mãos não é tanto um comentário devocional-homilético baseado nessas exposições, como foi o caso do comentário da Primeira Epístola de João, inaugural desta série e que antecedeu o da Epístola de Tiago. Trata-se mais de uma análise exegética verso a verso da epístola geral de Tiago.

Em certa ocasião, Lutero escreveu que considerava a carta de Tiago como uma “epístola de palha”, por não conter muito “evangelho”. Equivocou-se o grande Reformador. Ao contrário da palha, Tiago é feita de material permanente, durável e que ao longo de gerações tem abençoado a Igreja e os cristãos, ateando em seus corações um fogo muito mais profundo e duradouro do que qualquer “fogo de palha”. Ou ainda, como disse outro comentarista, os palitos da palha que compõem a carta de Tiago são fortes e agudos o suficiente para espetar e ferir as consciências de todos os que a lerem. Meu desejo é que o presente comentário transmita este mesmo impacto ao leitor, como uma ferramenta útil aos que desejarem melhor compreender este extraordinário livro da Bíblia.

Da Apresentação



Augustus Nicodemus Lopes é pastor presbiteriano, casado com Minka Schalkwijk e tem quatro filhos: Hendrika, Samuel, David e Anna. É mestre em Novo Testamento pela Universidade Cristã Reformada de Potchefstroom, África do Sul, e doutor em Hermenêutica e Estudos Bíblicos pelo Seminário Teológico de Westminster, Estados Unidos. Fez cursos de Novo Testamento na Universidade Reformada de Kampen, Holanda. Foi professor de Bíblia e diretor do Seminário Presbiteriano do Norte, em Recife, professor de Hermenêutica e diretor do Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper, em São Paulo, pastor da Igreja Evangélica Suíça de São Paulo e da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, e atualmente é chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. É autor de vários livros, entre eles *O que você precisa saber sobre batalha espiritual*, *O culto espiritual*, *A Bíblia e sua família* e *A Bíblia e seus intérpretes* (todos da Editora Cultura Cristã).



EDITORA CULTURA CRISTÃ

www.cep.org.br

Bíblia/Comentário

ISBN 857622155-1

